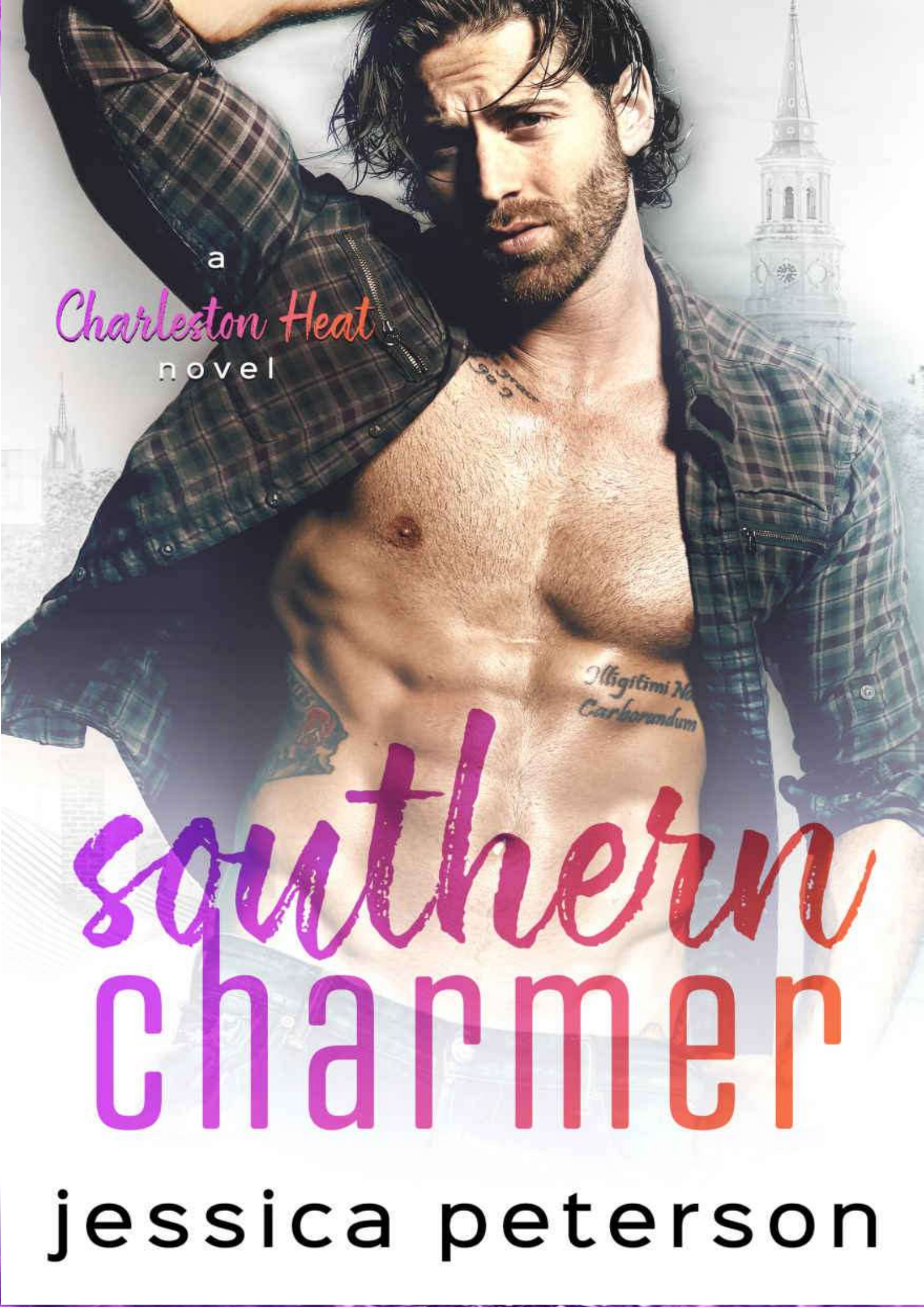




a
Charleston Heat
novel

southern
charmer

jessica peterson



Moderadoras

Meghan Williams, Jess Eagle , Kammy B. , Ana Ruiz

Staff

Tradução: Danny Bones

Revisão: RedDream

Leitura Final: Renatinha

Conferência: AnaLov

Formatação : Ana Ruiz

Disponibilização : GIRL POWER BOOK'S

2020



Ele é sexy. Ele é sulista. E ele não para de aparecer na minha porta seminu. Apresento-lhes Elijah Jackson, meu novo vizinho...

Se alguém exterior olha para mim? Eu tenho tudo. Trabalho de prestígio. Casa bonita. E um namorado perfeito que me pediu em casamento com o anel perfeito.

Eu deveria me sentir extasiada, mas em vez disso, sinto-me sufocada. Acabei com o meu namorado, entrei no carro e fui para sul.

Charleston, Carolina do Sul: lar de arquitetura deslumbrante, sotaques, e—oh sim—meu perpetuamente sem camisa e vizinho, Elijah Jackson.

Como se os **abdominais dele durante** dias e a deliciiosidade não fossem suficientemente atraentes, ele também me encoraja a perseguir os meus sonhos. E a química entre nós? Mais quente que a cozinha do restaurante de Eli.

Mas **ainda tenho uma** vida a milhares de quilómetros de distância. Um que trabalhei muito para construir. **E não sei se posso** deixar tudo para trás.

Tenho de escolher. Uma escolha que Eli não torna mais fácil ao me convidar para a cabana dele durante um longo fim-de-semana. **Só nós os dois.** E uma **cama**. Juro por Deus que este sulista anda atrás de mim. Só desta vez, talvez o **deixe...**

SOUTHERN CHARMER é um romance lento e independente sem batota. É parte da série Charleston Heat, que é uma série de romances independentes interligados ambientados na cidade de Charleston, Carolina do Sul.

The background of the entire page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with light spots of varying sizes creating a dreamy, ethereal atmosphere.

Dedicado a toda mulher que já quis mais.

Espero que você vá atrás dele com tudo o que tem.

***"Sinto que ter o que você quer é mais importante do que
ter tudo."***

- Judy Gagliardi Wagner

Capítulo Um

Olivia

Ao pegar a rampa de saída da I-26, eu abro as janelas. Aumento a música country no rádio. Um cara com um sotaque sensual do sul está cantando sobre ficar com sua namorada na traseira de sua caminhonete.

Parece apropriado para minha chegada em Charleston, Carolina do Sul. A cidade que chamarei de casa pelo próximo mês.

Enquanto espero o semáforo no fim da rampa, olho para a mochila no banco do passageiro. As bordas da caixa de joias que enfiei no bolso da frente esticam o nylon preto.

Meu peito aperta. Já está dolorido por mil oitocentos e trinta e um quilômetros de lágrimas.

E provavelmente pela mil oitocentos e trinta e uma vez, vejo a imagem de Teddy na minha cabeça. Excitação em seus olhos azuis escurecendo quando, depois de uma pausa excruciante, respondi à sua pergunta de quatro palavras.

Sinto muito, mas preciso de tempo para pensar sobre isso.

Naquele momento, eu podia imaginar minha família, meus amigos, *todos* colocando as mãos na cabeça, incrédulos e perguntando o *que diabos há de errado com você?*

O que *há* de errado comigo, *precisando de tempo para pensar* em me casar com o homem perfeito que quer me dar a vida perfeita?

“Mas você pode ter tudo!” Minha mãe disse, claramente confusa. Todo mundo amava Ted. Você não foge de um homem assim.

Mas aqui estou eu, fugindo.

Como uma covarde.

Como uma idiota.

Foi a única coisa que eu senti logo após a proposta explodir na minha cara na outra noite. Eu queria dizer sim para Teddy. Mas enquanto ele se ajoelhava ali, oferecendo-me o mais lindo anel de diamante da Terra, tive um pressentimento terrível de que tudo estava errado.

O que é ridículo, considerando quão perfeita foi a proposta de Ted. Ele fez todas as paradas: flores, jantar em um

restaurante com estrela Michelin, impecável diamante de quatro quilates. *Ele* era assim.

Mas isso seria em tudo para *mim*?

Ultimamente, lutei contra esse sentimento de sufocamento. Eu não entendia isso. Fui criada sob a bandeira de ‘ter tudo’ e trabalhei para fazer exatamente isso: ter o emprego dos sonhos, a casa dos sonhos, o cara dos sonhos. Estava tudo finalmente ao meu alcance. Eu só tinha que dizer sim para Teddy. Mas não pude. Tudo o que eu conseguia pensar enquanto olhava para o anel era uma conversa que ele e eu tivemos recentemente. Estávamos conversando sobre meu amor por romances.

“Como professora de feminismo nas obras-primas do século XIX, você não deveria se opor a tudo o que esses livros representam?” Perguntou ele, balançando a cabeça.

O romance é feminista. A resposta estava na ponta da minha língua. O romance é um dos poucos gêneros que explicitamente coloca os sonhos e desejos de uma mulher, sexuais ou não, na frente e no centro. É uma das muitas razões pelas quais adoro ler.

Mas eu não disse isso. Ted não apoia meu hábito de ler romances, eu leio pelo menos um por semana. Quando confessei bêbada meu desejo secreto de escrever um romance há alguns meses, ele riu e disse que eu tinha coisas melhores para fazer.

Quero dizer, eu entendi. Ted tem uma visão muito específica para o nosso futuro juntos. Como metade do casal poderoso que ele nos vê nos tornando, ele é um advogado corporativo, sou professora de uma universidade da Ivy League, tenho que me manter firme e na linha. Ted é sempre educado e organizado, e ele me incentiva a ser o mesmo. Ele gosta quando eu visto roupas caras. “Vista-se para o trabalho que você quer, não para o trabalho que você tem.” Dizia ele e insistia em que socializemos com outros casais bem-vestidos e afins, que moram no bairro em que recentemente nos mudamos para fora de Ithaca.

Estar com Ted me transformou na mulher de sucesso que sempre pensei que seria. Então, por que *ser* essa mulher me faz sentir tão sufocada às vezes?

É um problema muito privilegiado de se ter. Eu reconheço isso. Mas não consigo chutar esse sentimento. Superar isso.

Começo com o som de uma buzina atrás de mim. A luz está verde. Sigo as boas instruções da senhora do GPS e viro à direita na Meeting Street.

Eu nunca estive na Carolina do Sul antes. A primeira coisa que noto é como está *quente*. O ar que sopra pelas janelas é espesso com a umidade e o cheiro salgado do oceano. Tão diferente da sensação nítida do final de setembro no norte de Nova York.

Meu cabelo comprido chicoteia no meu rosto, já crespo. Geralmente isso me incomoda. Ninguém aprecia mais um secador de cabelo do que eu. Mas agora, o cabelo parece uma coisa boba para me preocupar. Então, apenas coloco meus óculos de sol na minha cabeça para mantê-los fora dos meus olhos.

A segunda coisa que noto é que toda a cidade parece estar em construção. Há guindastes e esqueletos de edifícios semiacabados em todo lugar.

Hippies elegantemente vestidos se misturam com turistas de tênis branco e chapéus de sol nas calçadas. Meu carro passa por cima da calçada irregular que brilha no calor do sol das cinco horas. Viro à esquerda na Calhoun Street e depois à direita na

East Bay, e toda essa nova construção dá lugar ao charme histórico que você vê nas fotos.

Minha cabeça está girando enquanto eu vou para o sul. Há o famoso mercado da cidade de Charleston à minha direita. À minha esquerda, há um enorme navio de cruzeiro no porto. Mais à direita, tenho um vislumbre tentador de um beco estreito de paralelepípedos. Está alinhado com uma série de enormes lâmpadas a gás, as chamas vivas como línguas de fogo. Um letreiro, pequeno e simples, está pendurado abaixo de uma das lâmpadas.

The Pearl.

Um restaurante?

Eu sinto um cheiro de algo delicioso. Carne defumada.

Alguma coisa defumada.

Meu estômago ronca. Ocorre-me que de repente estou com fome, faminta, pela primeira vez em dias. Felizmente, estou em uma cidade gastronômica. Eu li muito sobre a incrível cena de bares e restaurantes durante uma pesquisa emocionante no Google ontem à noite no The Holiday Inn Express em Harrisonburg. Ver fotos de camarão e grãos, biscoitos e

coquetéis artesanais e sanduíches de frango frito me fez sentir um pouquinho melhor.

Os turistas, e o tráfego, desaparecem quando, de acordo com o meu GPS, entro no bairro sul de Broad. É arborizado e bonito, e é diferente de qualquer outro lugar que eu já estive. As mansões pré guerra civil se alinham em ambos os lados da rua. Persianas, varandas e enormes caixas de janelas em abundância. Os jardins estão repletos de flores e fontes cobertas de musgo atrás de portões de ferro forjado.

Em algum lugar distante, ouço o som de cascos de cavalo.

Estou a mais de mil milhas da minha vida na pequena cidade dentro de Nova York. E enquanto a distância é real, sinto que estou ainda mais longe do que isso. Como se eu estivesse em um planeta diferente.

É aterrorizante.

Se estou sendo sincera, também é um alívio. Eu sinto que posso respirar novamente aqui.

A Longitude Lane fica à direita. Meu destino final.

Depois do meu surto durante a proposta, decidi que precisava apertar o botão de pausa no meu relacionamento com

Ted. Tirei algum tempo para mim depois do turbilhão dos últimos três anos. Nesse período, eu conheci e me mudei com Ted, publiquei minha dissertação e entrei no Departamento de Inglês da universidade onde ensino. Não tive tempo de dar um passo atrás e processar tudo.

Também não tive tempo de brincar com o romance que queria escrever. Não importa o quanto eu tente reprimir, a vontade de escrever essa coisa não vai acabar.

Então, eu estou tomando esse tempo agora. Vou escrever, apenas para provar a mim mesma que a grama não é mais verde e que minha vida com Ted é realmente a vida certa. Então eu estarei pronta para andar pelo corredor. Provavelmente, estou sofrendo de um caso clássico de esgotamento. Algum tempo fora é apenas o que preciso.

Surpreendentemente, Ted estava de acordo com a ideia. Concordamos em fazer uma pausa real, o que significa que estamos nos permitindo ficar com outras pessoas, se é disso que precisamos.

Parte de mim acha estranho que nós dois concordamos com esse acordo. Especialmente considerando o fato de que Ted apenas tentou colocar um anel no meu dedo. Mas ele está claramente ansioso para me dar o máximo de espaço possível.

Também quero dar espaço a ele, depois da maneira como reagi à sua proposta.

Além disso. Quero passar meu tempo escrevendo em Charleston. Não saindo com outros homens.

“Vá. Semeie sua aveia selvagem” Disse-me Ted. “Quando estiver pronta, volte para mim usando o anel.”

Sua confiança me acalmou um pouco. No final do mês, eu *estarei* pronta. Eu *estarei* usando o anel dele.

Eu terei tudo.

Enquanto isso, vou aproveitar minha liberdade. No dia seguinte à proposta, liguei para Julia Lassiter, uma das minhas amigas da pós-graduação. Ela é uma bela beldade do sul, que vem de uma família rica de Charleston e tem uma queda furiosa por escritores britânicos do início do século XX. Na verdadeira moda de Virginia Woolf, ela aceitou recentemente uma oferta de um quarto próprio em Barcelona em troca de lecionar em uma universidade lá durante o ano. Desde então, ela está me incomodando para usar sua casa de viagem vazia em Charleston.

“Afasto-se de todos aqueles universitários tensos e venha ao sul. Charleston é uma espécie de lugar maluco. E quero dizer isso como um elogio. Pode ser apenas a mudança de cenário que

você precisa para começar o romance que você sabe que precisa escrever.”

Julia ficou emocionada por eu finalmente aceitar a oferta.

Então liguei para a minha chefe, a chefe do departamento de inglês. Ela *não* ficou feliz com o meu pedido de emergência por um período sabático. Mas eu estava firme na minha necessidade de uma pausa. Não há como eu fazer justiça aos meus alunos agora. Ela finalmente cedeu quando eu a convenci de que minha assistente de primeira classe, Christine, poderia lidar com minha carga de aula; Christine concordou em assumir o cargo até ter seu bebê no final de outubro.

Então, tenho quase quatro semanas para redefinir, recarregar e mexer no meu livro.

Viro na Longitude Lane.

Imediatamente, piso no freio.

“Mas que po...”

Um punhado de pássaros gigantes perambula no meio do beco como adolescentes entediados. Eles se parecem com perus. Ou talvez sejam gansos? Eles se beijam. Bicam no chão.

Um deles tem coragem de me olhar nos olhos por uma batida completa. Como se *eu* fosse a responsável pelo tráfego.

Espero que eles se mexam, mas não o fazem. Eu começo a suar. Quero dizer, o que diabos você deve fazer quando encontrar pássaros do tamanho de bolas de praia no meio de uma rua da cidade?

Eu considero tocar minha buzina. Mas este pequeno beco é *legal*. Eu meio que espero Scarlett O'Hara vir tirando satisfação fora de casa para a minha esquerda, uma garrafa de bourbon em uma mão e uma espingarda na outra, me dizendo que ela não *dá* a mínima se eu estou cansada, com calor e irritadiça, *as pessoas aqui não buzinam*.

Pronta para o plano B. Talvez se eu sair do carro...

Mas então um homem aparece, me salvando do que tenho certeza de que teria transformado em uma cena de *Os Pássaros*.

Não é qualquer homem.

Um sem camisa.

Um homem sexy, sem camisa e tatuado.

Eu assisto, minha boca ficando seca, enquanto ele caminha pela rua, suas costas largas para mim. Ele afasta os pássaros com um braço, empurrando-os para o outro lado do beco.

Ele está descalço.

O cheiro de fumaça de charuto enche minhas narinas.

“Não seja idiota, Dolores.” Disse ele, apontando para o único pássaro branco do grupo. “Eu sei que você entende o que estou dizendo. Ande! Eu disse para você ficar fora da rua. Você quer morrer na rua? Hã?”

Ele tem um sotaque do sul. Mais aveludado que o cara no rádio. Sinto aquele veludo na parte de baixo do meu esterno. Meu coração bate contra ele, ronronando com a súbita suavidade.

Os pássaros finalmente serpenteiam até a calçada. Então o homem se vira para me olhar. Nossos olhos travam.

Juro por Deus que minhas funções corporais normais perdem a força. Até meus olhos param de piscar.

Ele é lindo. De uma maneira desalinhada. Ele possui uma barba cheia. Tatuagens escuras e gráficas. Seu cabelo escuro está molhado, como se ele tivesse acabado de tomar banho, e tempo

suficiente para ser retido por uma daquelas coisas elásticas na faixa da cabeça que eu só vi jogadores de futebol europeus quentes usarem.

O toco de um charuto está preso entre os dentes. Ele aperta os olhos, eles são castanhos, mais verdes que marrons, contra a fumaça.

Ele claramente malha. Torso e ombros grossos, cintura bem torneada. Antebraços tão fortes e perfeitos que me fazem querer morrer um pouco.

A definição de um BILF¹.

Eles não fazem homens assim na pequena cidade de Nova York.

Ele segura uma caneca do que eu suponho que é café em uma mão, mesmo que seja quase hora do jantar. Tenho a sensação de que ele está apenas começando o dia. *O que ele faz?*

Ele levanta a outra mão para mim.

“Sinto muito, senhora.” Disse ele em torno do charuto. Merda, agora estou olhando para os lábios dele. Seus lábios

¹ BILF - Beard I'd like to fuck (barba que eu gostaria de foder)

expressivos e cheios. “As malditas aves sempre estão causando problemas.”

Ah, então elas são *aves*, não gansos.

(Como se eu soubesse a diferença. Mas ainda assim.)

Inclinando-me um pouco pela janela, digo.

“Não tem problema. Sobre as aves. *Galinha*. Heh...” Eu resisto ao desejo de fazer uma careta. Quando foi a última vez que fiquei perturbada com um cara? Eu tenho trinta e dois anos, caramba. “Obrigada.”

“A qualquer momento.”

Eu o vejo seguir para a casa à minha direita. O tempo todo piscando de volta um forte senso de *onde diabos eu estou?* Um cara seminu com sotaque quente me salvou de algumas *aves* na *rua*. Ele parecia indiferente a isso. Como esse tipo de coisa acontece o tempo todo na Longitude Lane.

Talvez sim. Talvez pássaros selvagens e homens mais selvagens sejam comuns em Charleston.

Nesse caso, serão quatro semanas interessantes.

Capítulo Dois

Olivia

BILF sobe os degraus da casa dele. É pequena e velha, mas, pelo que posso ver, espetacular. Portas pretas brilhantes. Lâmpadas a gás. Trepadeiras subindo em uma das paredes.

Antes que ele abra a porta, ele olha na minha direção novamente. O olhar dele tem essa *intensidade*. Essa ousadia descarada e ele está totalmente ciente.

Me faz sentir como se tivesse cometido um crime.

Meu estômago afunda.

Desvio o olhar e acelero.

Longitude Lane é menos uma estrada e mais como um beco comprido, que não tem largura suficiente para caber em um carro. Meus pneus rodam sobre pavimentos irregulares de tijolos.

Meu GPS diz que cheguei ao meu destino depois que passei pela casa ao lado do BILF.

Julia não mencionou que tinha um vizinho super gostoso.

Jogando o carro em marcha à ré, verifico o número no pilar estuque ao lado de uma pequena entrada fechada.

Sim, esta é 7 ½ Longitude Lane.

Eu digito o código que Julia me enviou. O portão se abre e eu dirijo para dentro, estacionando meu carro na entrada de tijolos.

Eu olho para o prédio estreito na minha frente. É pequeno, de dois andares, com portas de garagem no piso inferior e janelas no segundo. Uma escada curva de ferro forjado leva à porta da frente no segundo andar.

A casa é pintada de branco com persianas azuis brilhantes. As caixas das janelas do segundo andar estavam repletas de vegetação e flores brancas e roxas.

Pode ser a coisa mais fofa que eu já vi.

O interior é ainda mais bonito. No verdadeiro estilo Julia, é decorado com requinte. Muitas antiguidades caras misturadas com móveis mais modernos. A cozinha reluzente é pequena, mas requintada, completa com uma variedade francesa e bancadas em mármore. Há um quarto, uma enorme entrada no armário, um banheiro minúsculo e uma varanda coberta na parte de trás.

O peso no meu peito alivia.

Mas então ele volta com vingança quando, enquanto estou desembalando no quarto, a caixa do anel cai da minha bolsa. Sento na cama e abro.

O enorme diamante pisca para mim da sua clássica banda de platina. Meu coração palpita. É tão bonito. E tão *grande*. Exatamente o tipo de diamante que Ted escolheria. Nada além do melhor para ele.

“Nada além do melhor para *nós*.” Ele gostava de dizer.

Fecho a caixa com um *estalo* agudo. Vou até a cômoda alta e abro a gaveta de cima. Coloco o anel lá dentro. A visão da caixa faz meu estômago doer. Então, cubro-o com um punhado de calcinhas e fecho a gaveta.

Vou me sentir melhor com tudo isso no final do mês.

Até lá, vou tentar esquecer o anel. Concentrar-me em mim e na minha escrita. Quanto mais tempo passarei fazendo isso, mais revigorada ficarei para meu retorno a Nova York.

Acordo na manhã seguinte e esqueço onde estou.

Instintivamente, viro a cabeça para procurar Teddy do outro lado da cama. Mas está vazia.

Desde que ficamos juntos, posso contar com uma mão o número de vezes que acordei sozinha. Não sei bem o que fazer comigo mesma.

Então eu vou para a cozinha para fazer um café. Sempre um primeiro passo sólido.

A máquina Nespresso que encontrei em um armário faz um zunido até parar. Eu levanto minha caneca de café espumoso da máquina e coloco no balcão, adicionando um pouco de leite de amêndoa que peguei ontem à noite na loja de conveniência a alguns quarteirões de distância.

Minha cabeça lateja. Passei a maior parte da noite olhando para o teto, os pensamentos correndo. Finalmente adormeci por volta das três ou quatro. Mesmo ficando na cama até as nove, tarde para mim, sinto-me grogue. Nocauteada.

Tomando um gole de café, eu faço uma careta. Tem um gosto tão amargo quanto cheira.

Estou impressionada com uma repentina onda de saudade de casa. Teddy fazia café para nós todas as manhãs. Uma mistura colombiana especial que ele descobriu na faculdade de direito.

Naquele momento, sentia falta dele. Tão malditamente.

Resisto ao desejo de pegar meu telefone e ligar para Ted, concordamos em não entrar em contato um com o outro para que eu tivesse o máximo de espaço possível, eu adiciono mais leite de amêndoa ao meu café e pego uma barra de proteína. Eu costumo ficar com o café da manhã leve. Eu tenho um armário cheio de roupas bonitas em casa que eu não poderei usar de outra maneira.

Meu laptop me olha de cima do balcão. Provavelmente devo verificar meu e-mail. Certificar-me de que Christine esteja lidando bem com minha carga de aula.

Eu quero sentir falta do trabalho. Eu quero, mas não tanto quanto sinto que deveria. Cresci amando Jane Austen, o que acabou gerando meu interesse pela literatura britânica do século XIX. Eu ainda amo Jane. Eu *realmente* amo meus alunos. Eles são de primeira qualidade, inteligentes e ambiciosos. Estar em uma sala de aula com eles é um verdadeiro prazer.

Mas, por mais que eu goste de ensinar, as políticas do nosso departamento têm sido difíceis de lidar. É definitivamente uma cultura impiedosa, sustentada por uma mentalidade de 'publicar ou perecer'. Na maioria das vezes, parece que tenho uma arma na minha cabeça, especialmente considerando o

quanto me esforcei para subir nas fileiras dentro do departamento.

Mesmo assim, não é como se eu iria deixar o trabalho. Reduzir os orçamentos significa que é ridiculamente difícil conseguir um cargo nas universidades hoje em dia. A posse, que obtive no ano passado, é o sonho de todo acadêmico. Ela vem com prestígio e segurança. Benefícios. Basicamente, abre as portas para um futuro muito brilhante na academia. Eu seria maluca de desistir disso.

Não dói que Ted esteja tão orgulhoso de tudo o que consegui. Meus pais também. Meus amigos.

Além disso. O que mais eu faria? Escrever livros o dia todo?

Mesmo isso não pode ser tão fascinante ou gratificante quanto parece.

Estou prestes a descobrir.

Coloco o computador debaixo do braço e vou para a varanda protegida do quarto. Julia chama isso de 'varanda do sono'. Um desses balanços de cama sofisticados, completos com suportes de corda elegantes e uma pequena montanha de travesseiros de estampa indiana, fica pendurado em um lado da

varanda. O outro lado é ocupado por um sofá antigo e uma mesa lateral.

Percebo que o teto do quadro de contas está pintado de azul claro. A mesma sombra do céu lá fora.

A manhã já está quente e abafada. Coloco o laptop e o café na mesa e alcanço o interior da porta para o interruptor da luz. Faço algumas tentativas, mas finalmente encontro o interruptor para o ventilador de teto. O ventilador ganha a vida silenciosamente, tornando o ar *apenas* suportável. Outro grau ou dois e eu vou derreter.

Sento-me e abro o laptop. Senha, Wi-Fi, fechei os aproximadamente duzentos documentos que abri. Geralmente sou bem organizada. Mas, graças à agenda lotada de aulas que tive nos últimos semestres, ainda estou tentando recuperar o atraso.

Entro em contato com Christine por e-mail. Parece que ela tem tudo resolvido. Eu digo a ela para entrar em contato comigo para qualquer coisa que precisar e, em seguida, saio do meu e-mail e abro o documento do Word em que estou trabalhando em segredo há alguns meses. A primeira linha me faz sorrir.

(Provavelmente estúpida) Ideia para Romance Antigo que é um cruzamento entre Romeu e Julieta e Game of Thrones. Mesma quantidade de loiras e peitos gostosos, mais comentários sobre papéis familiares e, claro, mais pênis.

Eu zombo, curvando minhas pernas debaixo de mim. Escrevi isso em uma noite, algumas semanas atrás, tarde, quando evitava uma discussão do departamento por e-mail sobre a publicação de agendas.

Quando decidi escrever minha dissertação sobre Jane Austen, reli todos os seus livros. Então comecei a ler a montanha de literatura inspirada por sua mistura de humor, comentários sociais e romance. Georgette Heyer me levou a Elizabeth Hoyt. Elizabeth Hoyt me levou a Sherry Thomas e Sherry Thomas me levou a Tessa Dare. Jo Beverly. Joanna Bourne. Julia Ann Long...

Eu poderia continuar por dias.

Claramente, eu me apaixonei perdidamente pelo romance histórico. Até hoje, eu amo nada mais do que me enroscar em um sofá, em uma piscina ou em um avião com a mais recente versão suculenta de um dos meus autores favoritos.

Um lançamento que eu sempre compro no meu Kindle para que ninguém possa ver o que estou lendo. Os romances são

totalmente meu prazer culpado. Às vezes me senti culpada por... bem, me sentir culpada. Mas é uma obsessão que realmente não posso compartilhar com muitas pessoas. Muito menos todos os meus colegas da universidade. Lembro-me claramente de um dos meus orientadores de tese que chamou os romances de 'estripadores inúteis do corpo que fazem mal à sua cabeça'.

Ele não precisava dizer que eles seriam ruins para a minha carreira. Entendo isso. Um fato.

Tomo um gole de café. A cafeína está começando a me atingir. Meu coração bate forte no meu peito. Eu li meu esboço novamente. Na verdade, é meio bom. Eu gostaria de ler este livro.

Eu penso no herói.

Ele vem a mim, de repente, totalmente formado e glorioso. Ele está sem camisa. Antebraços com linhas, cabelos selvagens, olhos castanhos penetrantes que são mais verdes que castanhos. Ele tem um passado sombrio e um fraquinho por bebês.

Meus dedos começam a se mover sobre o teclado. Eles tremem um pouco de emoção.

Foda-se.

Eu vim aqui para escrever essa coisa, e vou fazer isso, mesmo se me matar. Quão difícil poderia ser escrever um romance? Escrevi um tratado acadêmico de trezentas páginas sobre Jane Austen, pelo amor de Deus. Escrever uma história de amor seria uma divertida caminhada depois disso.

Uma hora depois, destaco a totalidade do que consegui escrever, 323 palavras escassas, e bato na tecla Delete, apagando tudo.

Isso é péssimo.

Eu sou péssima.

Eu tinha razão. A grama *totalmente* não é mais verde.

Não consigo acertar a voz do meu herói. Ele está saindo muito idiota. Eu quero que ele seja confiante. Comandante. Afinal, ele é herdeiro de um ducado. Mas como faço isso sem torná-lo um idiota total?

Estou tão frustrada que minha garganta começou a se fechar. Também está ficando muito quente aqui. Estou suando.

Olho para o som de um carro se aproximando, grata pela distração. Olhando por cima do ombro, vejo um Jeep Wrangler preto estacionando na casa do Sr. BILF abaixo. Uma mulher alta e linda de pele escura sai, vestida casualmente com jeans desleixados e uma camiseta.

Ela nem bate na porta dele. Ela apenas sobe os degraus, abre a porta e entra.

“Sou eu.” Ela chama, fechando a porta atrás dela.

Namorada do BILF?

Não sei por que sinto uma pontada de decepção. Eu vim para Charleston para dar um tempo dos homens. Não para encontrar um.

Além disso. Mesmo se eu estivesse com disposição, duvido que tivesse uma chance no inferno com aquele cara. Aposto que ele namora modelos. Artistas. Modelos que *são* artistas. Eu sempre atraí mais tipos corporativos de linha reta, de qualquer maneira.

Mas meu coração ainda dispara quando duas portas francesas no primeiro andar da casa de BILF se abrem. Sou atingida pelo cheiro de bacon.

Meu estômago ronca. Olho para a minha barra de proteínas pela metade.

Uma batida depois, ouço uma série de palavrões que quase me fazem pular.

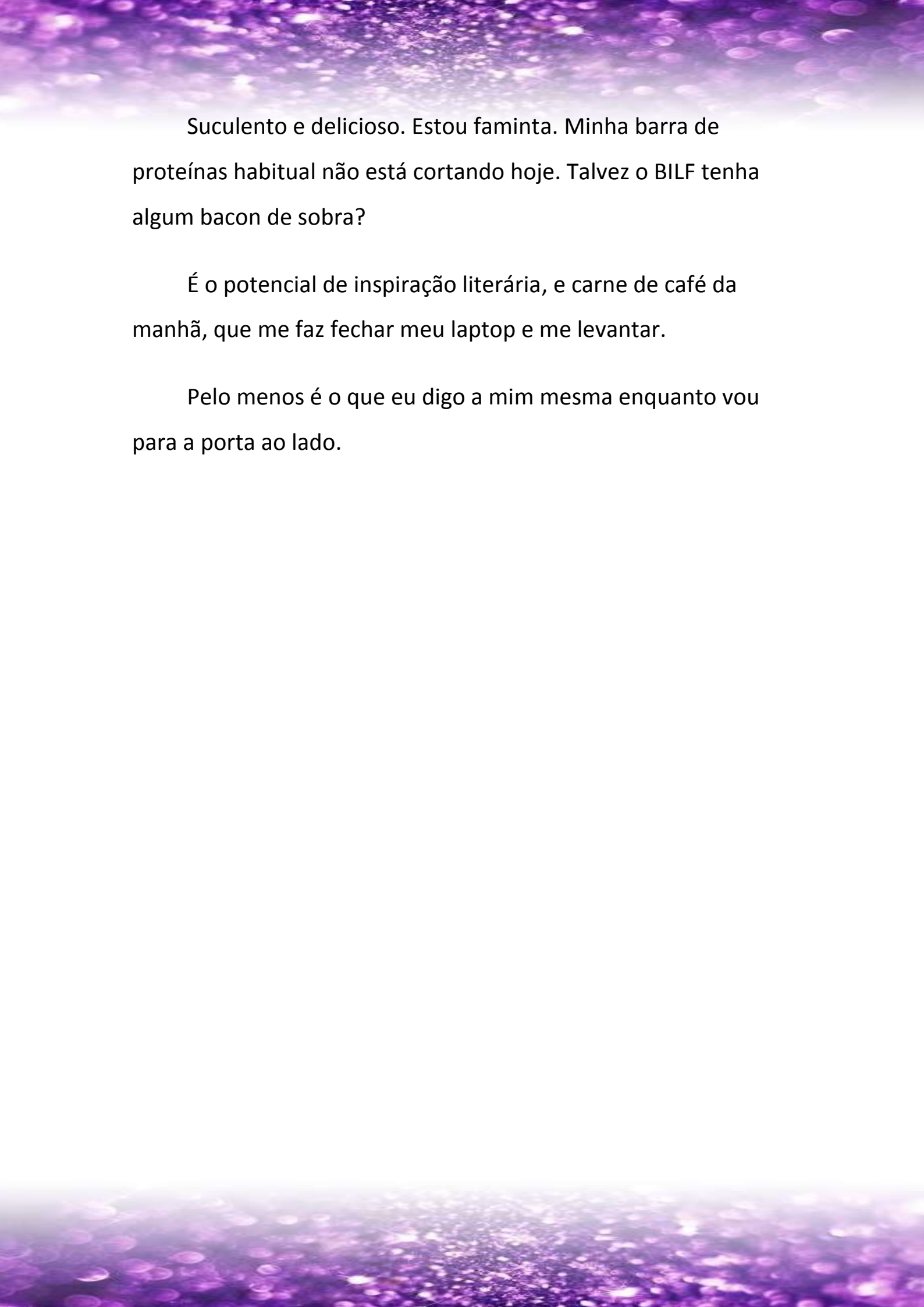
“Você pode dizer para aqueles idiotas para irem se foder.” Eu reconheço o estrondo da voz de BILF. Suas palavras são iradas, mas seu tom não é. Ele fala devagar, uniformemente, como fez ontem na rua. “Quem se importa com os críticos, afinal? Tenho orgulho da comida que fazemos por lá. Então é simples. Esse é o ponto de merda. Eu faço comida do jeito que minha mãe fazia, e sua mãe antes dela. Eu sou quem eu sou, Naomi, e não vou mudar por ninguém. Muito menos por um maldito estranho.”

Naomi. Claro que ela teria um nome lindo assim.

Eu ouço o murmúrio de sua voz. Não sei dizer o que ela está dizendo.

Outro cheiro. Algo fritando *na* gordura do bacon.

Talvez seja a romancista iniciante em mim. Mas não posso deixar de sentir que algo succulento está acontecendo na casa do meu vizinho quente.

The background of the page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and white, creating a dreamy, ethereal atmosphere.

Suculento e delicioso. Estou faminta. Minha barra de proteínas habitual não está cortando hoje. Talvez o BILF tenha algum bacon de sobra?

É o potencial de inspiração literária, e carne de café da manhã, que me faz fechar meu laptop e me levantar.

Pelo menos é o que eu digo a mim mesma enquanto vou para a porta ao lado.

Capítulo Três

Eli

Dou nas cebolas que estão na minha panela de ferro fundido uma última virada. Elas chamam e estalam em fogo alto, dourando com pedaços de bacon que eu fritei mais cedo.

Gracioso, isso cheira bem.

Fui criado no templo da culinária simples do sul. Minha fé em poucas palavras: todas as coisas boas começam com gordura de bacon, manteiga ou bourbon. Pontos bônus para todos os três. Significa que tenho que passar um tempo extra no estúdio de ioga. Também significa que sou abatido por críticos de vez em quando.

Ambos valem a pena. Embora eu nunca tenha tido críticas na verdade, e nem tentei levantar um restaurante que está à beira da falência antes.

Afasto o pensamento da minha cabeça. Muito deprimente.

Despejo milho doce, fresco da espiga e maravilhosamente suculento, na panela, junto com um punhado de feijões-de-lima

do meu jardim nos fundos. Limpando as mãos em uma toalha de cozinha, eu a jogo por cima do ombro.

“Esperando companhia?” Naomi pergunta de seu poleiro habitual em um banquinho na ilha. “Você está produzindo succotash² suficiente para alimentar um pequeno exército.”

Deslizo a panela para a frente e depois a afasto rapidamente. As cebolas, o succotash crescem juntos em uma onda organizada e depois caem de volta no ferro fundido com um chiado satisfatório. Eu adiciono uma pitada generosa de sal Kosher. Dou outro giro.

Normalmente não cozinho assim para mim. Mas eu tinha muita coisa em mente, e cozinhar ajuda a esclarecer todas as besteiras. Ajuda a limpar o forte sentimento de ansiedade que me sobrecarregava ultimamente.

“Nah.” Eu respondo. “Só você.”

“Por mais tentador que seja esse convite *adorável*.” Ela diz sarcasticamente, “Sergio e eu temos um encontro. Estamos almoçando em Shem Creek.”

² Succotash - é um prato típico da culinária dos índios da América do Norte, mas popular na culinária sulista, que consiste num guisado à base de milho e feijão, cozinhados com vários vegetais e condimentos

É segunda-feira. Meus restaurantes estão fechados. Significa que meus funcionários, como Naomi e Sergio, tiram o dia de folga.

“Mas eu pensei que estávamos no modo de crise.” Digo, sem levantar os olhos da panela. “Você sabe, críticos-comendo-o-meu-novo-restaurante-estamos-todos-condenados-e-salvar-nossas-almas. Vocês realmente têm tempo para um encontro quando o mundo está acabando?”

Naomi calmamente pega um cubo de gelo de seu chá, extremamente doce, exatamente como nós dois gostamos, e atira em mim. Eu levanto meu braço um segundo tarde demais. O cubo me bate diretamente na minha testa.

Eu estremeço. Naomi, sendo Naomi, ri. Ela trabalha na minha cozinha no The Pearl há quase cinco anos, praticamente desde que eu abri o local. Cozinhamos lado a lado até promovê-la a chef do meu novo restaurante, The Jam, que abri no início deste ano. Mesmo que ela agora administre sua própria cozinha, ainda brigamos como crianças.

“As meninas precisam transar, mesmo que o mundo esteja acabando.”

“Eu já te disse.” Digo, chutando gentilmente o cubo de gelo no chão para Billy, meu labrador de dez anos de idade e Deus sabe o que mais na mistura. Billy fareja, não impressionado. Ele suspira. *Eu entendo você, amigo.* “Ignore o que os críticos estão dizendo e continue fazendo o que você está fazendo. Há uma razão pela qual te fiz chef de cozinha. Você sabe o que é importante e se apegar a isso. Enquanto estamos fazendo comida *que* amamos, e enquanto os clientes amam essa comida e saem felizes, inferno, Naomi, você sabe que essas são as únicas coisas que importam.”

Olho para a capa brilhante da revista de comida descansando ao lado do cotovelo de Naomi. Eles imprimiram mais uma crítica contundente do The Jam. Uma linha foi particularmente brutal. ‘Talvez Elijah Jackson seja capaz apenas de fazer um restaurante funcionar. Adicionar um segundo à lista nem sempre é uma aposta inteligente para um chef como ele.’

Chef como ele. Significa que administrar dois restaurantes é claramente ambicioso demais para um simples rapaz do interior com gostos despretensiosos como eu.

Sério, foda-se esse crítico por toda a vida.

Eu nunca comprometi a fé que tenho na minha culinária. Nem uma vez. Apesar de críticas terríveis, não pretendo começar agora.

Por outro lado, também nunca planejei fechar um restaurante. Especialmente depois do sucesso fenomenal do The Pearl. Algo sobre o Jam simplesmente não clicou com as pessoas. Eu não entendo. Sim, o mercado de hoje é muito diferente de quando abri o The Pearl. Mas as pessoas sempre gostaram da minha comida. Isso é honesto. É feito com coração.

Sinto ansiedade, tingida de pânico, se aproximando de mim novamente. Não quero deixar isso chegar muito perto. Estou preocupado que isso me engula por inteiro. E depois o que? O Jam ainda não está falido. Ainda temos a chance de trazê-lo de volta. O que significa que não posso me dar ao luxo de ter por um colapso no momento. Eu preciso dar o exemplo. Manter-me positivo e otimista, para que meus cozinheiros, lavadoras de pratos e minha equipe de garçons também o façam. A ideia de que todas essas pessoas correm o risco de perder o emprego por minha causa...

Não vá lá.

Eu rapidamente volto para o fogão. Grãos estão borbulhando em uma panela ao lado do succotash. Agarrando a

toalha do meu ombro, levanto a tampa com ela e misturo um pouco mais, de pouco a pouco e adiciono bastante manteiga para obter os grãos agradáveis e cremosos. Como mamãe os fazia.

Os pensamentos pesados recuam.

“Eu sei.” Naomi coloca as mãos em volta do copo suado. “Mas quero ter certeza de que estamos na mesma página aqui, E. As pessoas não vão mais ao The Jam. Talvez nossa comida seja *muito* simples. Especialmente quando você considera todas as coisas realmente legais e diferentes que os chefs estão fazendo aqui na cidade.”

Naomi fez um bom argumento. Admiro os chefs de Charleston por sua criatividade. Há John Melrose, cujo restaurante moderno serve clássicos asiáticos e comida caseira, com um toque do sul da América Central. Abigail Edmonds está servindo um prato fresco da Nova Inglaterra em frutos do mar do sul em sua casa. E em seu restaurante, Hank Havens está desenterrando receitas de cem anos atrás e adaptando-as para um menu moderno e elegante.

“Eles definitivamente estão empurrando o envelope.” Eu digo. “Mas também mantemos as coisas simples. Isso por si só é radical.”

Naomi assente.

“Eu acredito. Honestamente. Eu não tenho que responder ao dinheiro, no entanto. Esse é o seu trabalho.”

Uma das minhas partes menos favoritas sobre ser chef executivo. É também um lembrete doloroso da boa parte de dinheiro que eu pessoalmente investi no The Jam. Se tudo der errado, nunca verei um centavo desse dinheiro de volta. No início desta manhã, eu estava analisando o saldo da minha conta, tentando não surtar com a ideia de que ela não será reabastecida como eu planejei. Ela está *muito* mais baixa do que estava nesta época no ano passado.

“Eles não ficarão felizes com a crítica.” Respondo, referindo-me ao grupo de investimentos em hotelaria com o qual tenho parceria. “Mas eu vou apontá-los na direção do The Pearl, e eles voltarão a estar felizes.”

Por algum milagre, a má imprensa que o The Jam recebeu não prejudicou os bons negócios que realizamos no The Pearl. Por mais orgulhoso que eu tenha ficado com meses de antecendência, isso significa que a maioria das pessoas não consegue comer lá. Parte da razão pela qual eu abri o The Jam (eu sei, eu sei, é bonitinho demais, mas eu amo Eddie Vedder e

não peço desculpas por isso) é para que mais pessoas possam experimentar minha comida.

“Agora você está apenas se gabando.” Diz Naomi com um sorriso.

Eu dou de ombros, acendendo outro queimador. Hora de esquentar os ovos.

“Porra, estou certo.”

As etiquetas no colarinho de Billy tilintam quando ele levanta a cabeça. Ele olha para as portas abertas. Então ele se levanta.

Billy não se levanta por *ninguém*.

Viro minha cabeça para ver uma mulher parada na porta. Ela está com um vestido de seda esvoaçante, muito arrumada para Charleston em qualquer dia da semana. Ainda mais para uma manhã de segunda-feira. Sandálias brilhantes. Jóias. Enormes e extravagantes tons de preto, designer se eu tivesse que adivinhar, que cobrem metade de seu lindo rosto.

A única parte dela que *não* está impecavelmente arrumada é o cabelo. É uma bagunça escura, selvagem e emaranhada.

É apenas cabelo de foda.

Eu gosto disso.

Eu a reconheço como a garota que quase atropelou a famosa galinha Guiné de nosso bairro na noite passada. Se sua placa de Nova York não a denunciasses como uma pessoa de fora da cidade, sua expressão meio horrorizada e meio confusa teria. Você pensaria que eu era um yeti do jeito que ela olhava para mim.

“Oi.” Disse ela, colocando a mão hesitante no batente da porta. “Eu estou... ficando na porta ao lado. Ouvi alguns gritos e queria ter certeza de que tudo estava bem.”

Seu sotaque de Nova York mergulha na *porta*. Sai soando como *pôrta*.

É fofo.

Os olhos de Naomi disparam para encontrar os meus.

“Eli não grita.” Diz Naomi. “Mas ele certamente tem jeito com palavrões, não tem?”

Eu olho para ver a mulher soltando um suspiro. O que ela esperava encontrar? Eu ameaçando Naomi ou algo assim?

Meu estômago afunda.

“Merda, eu sou tão... *merda*, eu não posso nem pedir desculpas corretamente, posso?” Eu digo, segurando meu cabelo na mão. - Me desculpe se te assustei. O xingamento... é um mau hábito.

“Um de que você tem muito orgulho.” diz Naomi.

“Bem, sim.” Eu digo. “Quero dizer, ainda não tomei meu café. Não posso ser responsabilizado pelas coisas que saem da minha boca.”

Os lábios bem torneados da mulher se curvam em um pequeno sorriso. Grande o suficiente para eu pegar um flash de dentes brancos e uniformes.

“Então você está dizendo que sempre chama as pessoas de idiotas e faz bacon antes do café.” Ela responde.

Soltei uma gargalhada.

“Apenas às segundas-feiras.” Atravesso a cozinha, Billy atrás de mim, e estendo minha mão. “Eu sou Eli. Eu vi você ontem à noite na rua, certo?”

A mulher pega minha mão e dá um aperto firme. Eu sinto o cheiro do perfume dela. Cheira sexy. Caro.

Muito caro para você pagar.

Eu pisco. Esse é um pequeno pensamento desagradável. Todo esse negócio com o Jam realmente me fez sentir completamente diferente.

Eu ignoro isso. Não é como eu sou, me preocupando com coisas assim. Não preciso impressionar as mulheres com dinheiro para me sentir bem comigo mesmo. Nunca, nunca serei.

“Prazer em conhecê-lo, Eli. Eu sou a Olivia. E certo... era eu a noite passada. Obrigada pelo resgate das aves. Eu estava preocupada que eu tivesse me perdido. Charleston é definitivamente... interessante.”

Quando largo a mão dela, ela coloca os óculos escuros na cabeça. Seus olhos prendem no meu peito nu. Eles são azuis pálidos e largos. Inteligentes.

Há marcas roxas embaixo deles.

Percebo que ela está meio pálida. Muito magra.

Minhas cozinhas estão cheias de almas perdidas, desajustados e personagens torturados. Conheço um fugitivo quando vejo um.

E essa garota bonita em suas roupas caras é definitivamente uma fugitiva.

A culpa é do garoto sulista excessivamente amigável que minha mãe me criou. Mas quero saber qual é a história dela. Do que ela está fugindo.

E sim, esse cabelo fodido também não dói. Nem a ideia de ter alguma companhia no café da manhã. Eu não quero ficar sozinho agora. É difícil manter a ansiedade afastada quando estou sozinho.

“Você ainda parecia perdida.” Eu digo.

Ela limpa a garganta, piscando, e encontra o meu olhar.

“E você ainda não está vestindo uma camisa.”

É a vez de Naomi rir.

“Amém. Estou tentando fazer Eli se vestir há anos como um cavalheiro. Ou se vestir. Ainda está em andamento, o homem nunca veste camisa em casa.”

Olivia parece um pouco alarmada, e um pouco divertida, com a ideia.

“Realmente?”

“Sério.” Concordo, cruzando os braços.

“Estou sempre coberto quando estou no trabalho. Se um homem não pode ser livre em sua maldita casa... bem, isso é uma situação lamentável.”

Ela está sorrindo agora.

“As aves certamente não pareciam se importar. Você tem nomes para todas elas? Ou apenas Dolores?”

“Apenas Dolores.” Eu respondo, sorrindo de volta. “Ela é minha favorita.”

O estômago de Olivia ronca. Audivelmente. Ela rapidamente coloca a mão na barriga, como se quisesse abafar o som.

“Cheira tão bem aqui.” Diz ela um pouco timidamente. “Esta *cidade* inteira cheira bem.”

Naomi olha para mim. Eu olho para Naomi. Ela sabe o quanto eu gosto de alimentar as pessoas.

Ela também sabe o quanto eu gosto de morenas.

Eu não sou um cão de caça. Nunca fui. Mas depois de terminar um relacionamento de longo prazo no ano passado, estou com um bom tempo. Eu praticamente joguei a normalidade pela janela quando decidi me tornar um chef.

Manter um relacionamento normal com as horas que mantenho e o ambiente em que trabalho é quase impossível.

Quase. Eu ainda acredito que pode funcionar se eu encontrar a pessoa certa. Uma mulher que é tão apaixonada pelo que faz como eu. Imagino que é a única maneira de alguém entender por que eu trabalho e cozinho da maneira que faço.

Billy está olhando para Olivia agora, abanando o rabo. Ela se abaixa para dar um leve puxão na orelha dele.

“Por que você não fica para café da manhã, Olivia? Estou acostumado a cozinhar para uma multidão, e fiz muito, como sempre,” digo, apontando para o punhado de tachos e panelas no fogão.

Os olhos de Olivia se desviam para a succotash. Então eles se mudam para Naomi.

“Eu não quero interromper...”

“Querida, você não está interrompendo nada.” Naomi desliza para fora do banquinho. “Tão delicioso quanto Eli pensa que ele é sem camisa...”

“Ei.” Eu provoco, estendendo meus braços. “Eu *pareço* delicioso. Não é, Olivia?”

Olivia ri, mesmo quando um rubor se espalha por suas bochechas quando seus olhos varrem meu torso. Ela olha de volta para Billy e esfrega o pescoço dele.

“Sou comprometida. Mesmo se eu não fosse, eu nunca, *nunca* namoraria esse cara. Não querendo ofender.”

Abaixando meus lábios, eu aceno.

“Nenhuma ofensa.”

“Eu vou deixar vocês a vontade.” Naomi desliza o telefone no bolso de trás. E olha para mim. “Até amanhã, chef. Olivia, foi um prazer conhecê-la.”

“Você também.” Olivia diz para Naomi enquanto ela sai pela porta.

Então somos só eu e Olivia na cozinha. Ela se endireita, alisando o vestido sobre as coxas. Ela olha para qualquer lugar, menos para o meu peito.

Mordo um sorriso.

“Sente-se. O café da manhã está quase pronto.” Eu pisco para ela quando ela finalmente encontra meus olhos. “Garota, eu vou explodir sua mente.”

Capítulo Quatro

Eli

Olivia suspira enquanto se acomoda no banquinho de Naomi. Billy a segue. Deita-se com um *baque* aos seus pés.

Aparentemente, eu não sou o único cara na sala que percebeu o cheiro de Olivia.

Como ela é bonita.

“Todos os caras do sul são tão convencidos?” Ela pergunta.

“Alguns de nós, sim.” Encaro o fogão e mexo um pouco de vinagre em uma panela com água fervendo. Então eu apago o queimador. “Mas sou um dos poucos que pode manter isso. Já comeu grãos?”

“Não.”

“Ah sim. Você está realmente pronta para isso.”

Olivia ri. Um som pequeno e contido.

“Presumo que não tenha muitas ianques virgens de grãos na sua cozinha.”

“Você ficaria surpresa.” Eu a lanço um sorriso por cima do ombro. “Então você é uma ianque.”

“O que? Meu sotaque me denunciou?”

Agora Olivia também está sorrindo. Ela pisca. Como se a expressão não lhe fosse familiar.

“Entre outras coisas.” Pego duas tigelas do balcão e começo a preparar o café da manhã. Uma colher grande de grãos cremosos entra primeiro. Ainda por cima, com a succotash, depois esfarelo um pouco de bacon por cima. O cheiro, bacon defumado, feijão amanteigado e milho, grãos ricos em amido, é divino. Coloquei as tigelas de volta no balcão. Virando-me para o fogão, bato cuidadosamente um ovo na água fervendo.

“De onde você é?”

“Nova York.”

“Onde em Nova York?”

Uma pausa. Apenas o tempo suficiente para que eu saiba que ela está pensando em sua resposta.

“Norte do estado.” diz ela finalmente.

Observo a clara do ovo formar uma bolinha bem organizada. Mais algumas batidas do coração e estará pronto. Preparei um milhão de ovos na minha vida. Não tenho medo de dizer que sei como fazê-los da maneira certa.

“Todas as meninas ianques são tão tímidas?”

“Algumas de nós, sim.”

Eu sorrio para isso.

O ovo está pronto. Pego-o da panela com uma escumadeira e o coloco no meio da primeira tigela. Agora meu estômago está roncando. Estou animado para compartilhar uma refeição caseira com alguém. Faz muito tempo.

Agarrando um garfo, uma faca e um guardanapo, eu atravesso a ilha e coloco tudo, junto com a tigela, na frente de Olivia. Aqueles grandes olhos azuis bebês dela ficam ainda maiores quando caem na comida.

“Uau.” Diz ela. “Eli, isso parece incrível. Mesmo que eu não tenha ideia do que isso seja.”

Meu peito incha um pouco com o elogio. Eu vivo por essa merda.

Alimentando as pessoas com boa comida.

Soprando a mente de garotas bonitas, enchendo suas barrigas.

The Jam, falência, críticas ruins, eles pareciam a um milhão de quilômetros de distância agora.

“É uma tigela de café da manhã. Você abre o ovo”, digo, apontando para a tigela com uma mão enquanto limpo a outra na toalha do meu ombro. “Deixe a gema correr por tudo. Reúne tudo, os grãos, a succotash e o bacon.”

Os olhos de Olivia se agitam para encontrar os meus. Eles estão brilhando com...

Fome?

Meu coração pula uma batida.

Porra, se eu não quero saber mais sobre a estranha mistura de vibrações que ela está emitindo. O aperto de mão dela estava confiante. A risada dela contida.

Mas então há esse desejo selvagem e incerto em seus olhos.

Por fora, ela é calma, confiante e lindamente montada. Menos o cabelo ‘acabou de ser fodida’, é claro.

Por dentro, porém, sinto que ela está queimando.

“Uau.” Diz ela novamente, seu olhar passando rapidamente sobre o meu peito antes de voltar para a comida. “Obrigada. De verdade. Normalmente, só tomo café e meia barra de proteínas no café da manhã. Isso é um prazer.”

Eu cruzo meus braços.

“Sentar-se no café da manhã é um dos melhores prazeres da vida. Comer.”

Olivia faz o que eu digo. Ela cuidadosamente corta o ovo. Sorri quando ela recolhe um pouco de tudo no garfo, gema e bacon, feijão e grãos de manteiga, e coloca na boca.

Uma boca que de repente não consigo parar de olhar.

Piscando, eu assisto os olhos dela rolarem para trás de sua cabeça antes que ela os feche. Ela solta um pequeno gemido de apreciação enquanto mastiga.

“E?” Eu digo, limpando a garganta.

Olivia abre os olhos e encontra os meus.

“E, acho que não há palavras para descrever com precisão o quão incrivelmente, insanamente delicioso é isso.”

Ela tem um jeito interessante de falar. É de alguma forma inteligente como o inferno, quase refinado, sem ficar presa.

Eu sorrio.

“Eu disse que eu iria explodir sua mente.”

“O que são os grãos, afinal?” Ela pergunta, pegando uma colher grande com o garfo. “E como você os torna tão bons?”

Eu a vejo dar uma última mordida antes de voltar para o fogão. Se eu continuar a assistindo...

Bem. Isso me faria parecer malditamente assustador, por um lado. E por outro lado, quero que Olivia possa desfrutar da minha comida em relativa paz. Para apreciar os sabores, lembrar-se deles. Esta é sua primeira vez no templo.

Espero que ela volte. O entusiasmo dela, aqueles pequenos sons que ela faz, é um bom lembrete do porquê eu comecei a cozinhar em primeiro lugar.

Eu quebro outro ovo na panela de água.

“Para simplificar, pense nos grãos como milho seco moído. Eles têm sido um grampo no sul há séculos. Existem milhões de maneiras de fazê-los, mas eu gosto de simplificar. Adiciono muita manteiga, pouco a pouco. Às vezes queijo, se estou de ressaca.”

“São quase como aveia saborosa.” As palavras de Olivia são abafadas em torno de um bocado de comida. “Mas muito melhor. Você as faz todas as manhãs? Se o fizer, talvez eu precise dar uma passada com mais frequência.”

Ela está brincando. Percebo pelo tom provocador de sua voz. Mas continuo a olhar seriamente quando me viro com a tigela preparada um minuto depois. Eu *gosto de* tê-la na minha cozinha. Ansiedade e pânico não ameaçam mais. Somos apenas nós. Boa comida. Boa conversa.

“Eu vou fazer para você quantas vezes quiser, menina ianque.”

Os olhos de Olivia dançam.

“Não fique à frente, sulista... encantador.”

“Porra, que *programa*.” Digo, referindo-me a um popular reality show sobre um grupo rico e ridículo de residentes de Charleston se comportando mal.

“É tão horrível.” Diz ela. “Eu amo isso.”

“Eu também.” Eu digo, rindo.

Eu ando pela ilha e me acomodo no banquinho ao lado dela. Seu olhar passa por mim. Suas narinas se abrem uma vez.

Ela desvia o olhar.

Aos meus pés, Billy se anima. Ele sabe que há pedaços vindo em seu caminho.

“Então você é um chef.” Diz ela.

Concordo com a cabeça, dando uma mordida lupina de bacon, ovo e succotash. Porra, isso é bom.

“Sim. Trabalho nas cozinhas desde os quinze anos. Mamãe é uma cozinheira incrível e me transmitiu seu amor pela comida. Não foi difícil vir a Charleston da escola de culinária, eu cresci em Aiken, que fica a cerca de três horas daqui. Abri meu primeiro restaurante há cinco anos.”

Olivia assentiu.

“E o resto é história.”

Eu rio, balançando a cabeça.

“Não exatamente. Poucos meses atrás, eu abri meu segundo restaurante. Eu queria fazer algo mais simples. Mais casual. Os críticos *não* ficaram impressionados.”

“Por que não?” Ela diz, colocando outra colher de aveia na boca. Eu mordo de volta um sorriso. Garota não consegue o suficiente, consegue?

“Os bastardos estão me rasgando em um novo.” Dou de ombros. Por alguma razão, conversar com Olivia sobre esse assunto dói muito menos do que costuma acontecer. Embora eu ainda prefira falar sobre outra coisa. “Um dos caras chamou o meu cardápio de 'comida básica do sul'.”

Olivia pisca.

“Isso parece desnecessariamente duro.”

“Bem-vinda ao mundo dos restaurantes.” Eu digo.

“Não é à toa que você estava xingando.”

“Sim. Isso me fez xingar. E o café, merda, eu esqueci o café. Quer um copo?”

Ela sorri.

“Sim por favor.”

Eu trabalho com mais algumas mordidas antes de me levantar. Quando tenho tempo, gosto de fazer café da maneira italiana, usando grãos moídos na hora, minha irmã Gracie, uma

especialista em café, saiu da cafeteria dela e acabou com uma panela Moka no fogão.

Eu faço um trabalho rápido disso. Moo o grão, encho a panela moka. Coloco-o em fogo baixo no fogão. E imediatamente perfuma.

Antes de todo o fiasco com o Jam acontecer, eu costumava amar as manhãs em casa. Já faz um tempo desde que me senti satisfeito como agora. Tudo graças à menina faminta que apareceu na minha cozinha.

Eu volto para Olivia.

“Bem.” Ela empurra sua tigela vazia para frente.
“Claramente você sabe cozinhar. Acho que você não terá nenhum problema em mudar seu menu para impressionar os críticos.”

Coloco minhas mãos na beira da ilha e me inclino para elas.
Olho para a Olivia.

“Eu não irei mudar meu menu.”

Ela pisca novamente, sua sobrancelha se contraindo.

“Realmente? Não sei muito sobre administrar um restaurante, mas não consigo imaginar críticas ruins que sejam ótimas para seus resultados.”

“Elas não são.” Outro encolher de ombros. “No pior cenário, teremos que fechar o restaurante. Mas espero que não chegue a isso.”

Agora ela está me olhando de soslaio.

“Você não parece tão preocupado com a perda de um restaurante. Perder a oportunidade de abrir *mais* restaurantes. Você não... eu não sei, quer ganhar dinheiro? Ser um chef de celebridades e tudo isso?”

“É claro que eu quero ganhar dinheiro.” Eu digo, procurando os olhos dela. “Mas não à custa da minha felicidade. Eu não vou mudar meu menu. Eu realmente amo a comida que fazemos. Estou orgulhoso disso. Cozinhar assim me faz feliz. Mas mudar quem sou e o que cozinho para agradar um idiota atrás de um computador? Isso soa como meu próprio inferno pessoal. Por que na terra verde de Deus eu faria algo que me deixa infeliz?”

Olivia pisca. O olhar dela ficou pensativo.

“Mas o dinheiro...” Ela pressiona. “A imprensa. Sendo famoso. A segurança que compraria a você, a reputação que você teria...”

“Não vale a pena se não estou feliz.” Repito. “Não estou dizendo que dinheiro não é importante. O homem precisa de algo para viver. Mas tenho tudo o que preciso.” Faço um gesto para a sala ao nosso redor. “Eu poderia comprar um lugar maior se eu mudasse meu cardápio? Ter melhores críticas? Abrir mais restaurantes? Provavelmente. Mas eu amo minha pequena fatia de Charleston. Eu amo o que eu faço. E é algo que não estou disposto a comprometer.”

Parece autoexplicativo para mim. Mas Olivia está me encarando como se eu fosse algum tipo de espécie exótica que ela nunca viu antes.

Como se ela nunca tivesse *pensado* em colocar sua felicidade em primeiro lugar.

O que levanta a pergunta: o que ela coloca primeiro? Por que não é felicidade? Sim, eu posso não ser o cara mais feliz do planeta agora com tudo acontecendo. Mas isso não significa que não tente priorizá-lo o máximo que puder.

O café começa a fumar atrás de mim. Eu me viro para o fogão. Desligo o queimador. Pego duas canecas e uma caixa de leite da geladeira.

De frente para ela, seguro a caixa sobre seu copo.

“Meio e meio bem?”

Olivia hesita. Então.

“Claro. Por que não. Eu estou...”

Eu espero que ela termine. *Eu estou de férias. Sou procurada pelas autoridades e essa poderia muito bem ser minha última refeição como mulher livre. Concordo que laticínios gordurosos valem a pena viver.*

“Eu estou bem com isso.” Diz ela finalmente.

Oh, essa garota está fugindo de algo.

Escondendo algo também.

Mas não é meu lugar empurrá-la. Se ela quiser me dizer, ela vai. Quando ela estiver pronta.

Enquanto isso, vou alimentá-la.

Ela toma cuidado para não deixar nossos dedos roçarem quando ela pega a caneca.

“Jesus.” Diz ela depois de tomar um gole, sua voz uma oitava mais baixa com prazer. “Você faz o melhor de *tudo*? Este café tem gosto de veludo líquido.”

Eu sorrio para ela por cima da borda da minha caneca. O que começou como outra manhã de merda em uma série de manhãs de merda está realmente se tornando muito bom.

“É literalmente meu trabalho fazer a melhor comida do planeta, então... sim. Que bom que você está gostando.”

Olivia olha para Billy.

“Ainda não é meio-dia e já pode ser a melhor segunda-feira que já tive. Tudo graças à comida.”

“Não eu?” Eu digo, arqueando uma sobrancelha.

Ela ri, seus olhos azuis dançando de novo.

“Talvez se você vestisse uma camisa.”

“Nunca.”

“Você não renuncia a nada, não é?”

Eu lambo meus lábios.

“Não sobre coisas que importam.”

Olivia engole.

“Eu admiro isso, Eli.”

Coloque Robert Plant uivando aqui. Eu *gosto* quando ela diz meu nome. Talvez seja o sotaque dela. A voz sensual que ela ainda está usando enquanto termina o café.

“E eu admiro seu apetite, Olivia.”

Seu olhar pula sobre o meu estômago.

“Ao contrário de mim, você claramente mantém o seu sob controle.”

“Na verdade não.” Quando ela me lança com um olhar de ceticismo aguçado, eu sorrio. “Eu como muito. Mas eu também ando de bicicleta por toda a cidade e estendo meu tapete de ioga sempre que posso.”

“Você pratica ioga?” Ela diz, animando-se. “Eu também. Embora eu seja péssima nisso.”

“Deveríamos ter uma aula juntos algum dia.”

Eu olho para ela. Não é um convite para um encontro. Mas é bem perto. Ei, eu gosto de sair com ela. Como se ela me mantivesse fora da minha cabeça.

Espero que ela me rejeite. Diga-me que ela tem um namorado, um marido. Um marido e filhos.

Mas não estou vendo um anel em nenhum dos dedos dela.

Olivia passa a língua pelo lábio inferior.

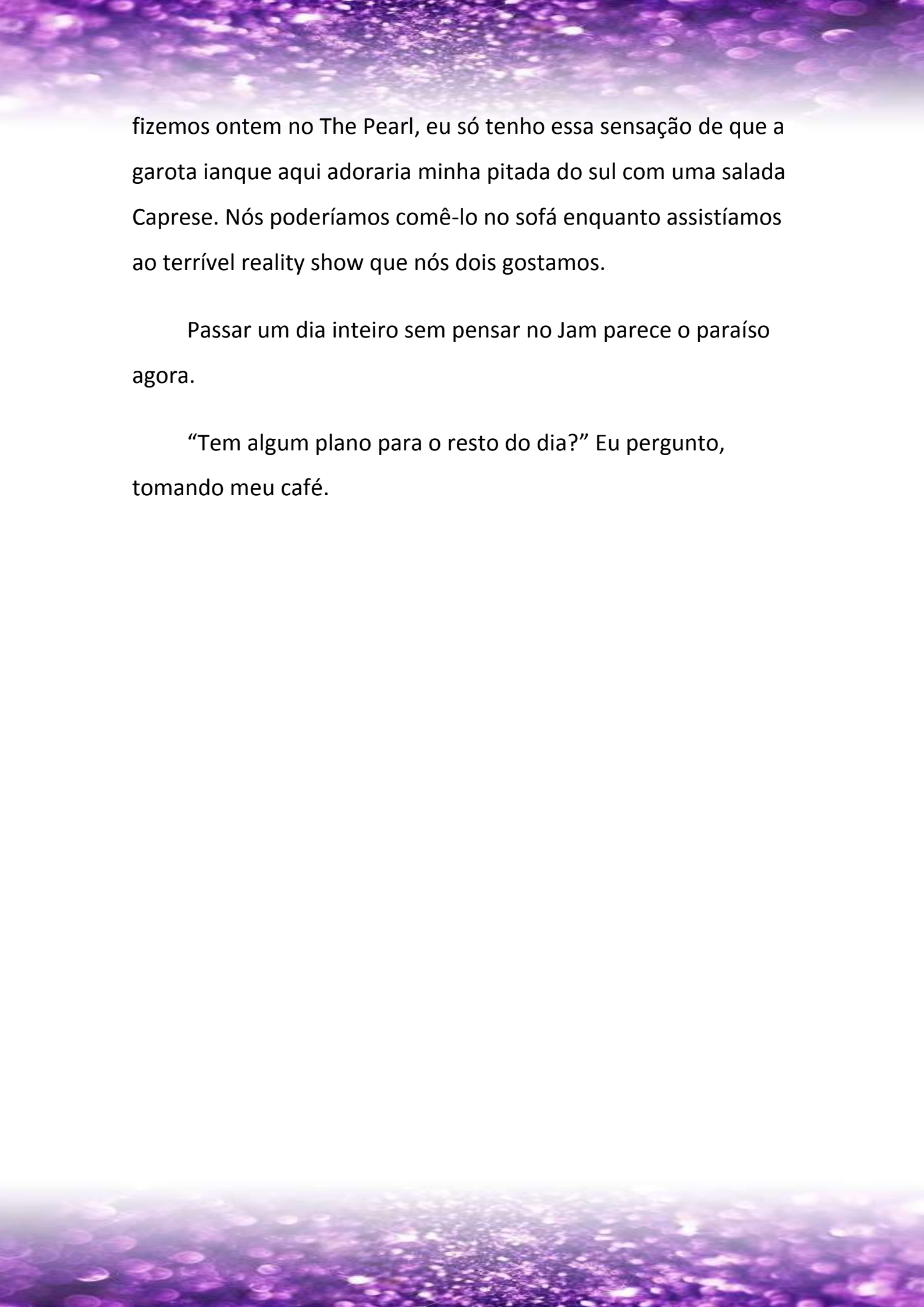
“Seria ótimo se você pudesse me apontar na direção de um estúdio por perto.”

“Considere isso feito. Temos muitos ótimos estúdios na cidade. O meu favorito é provavelmente o Yoga First, na Spring Street, yoga quente no seu melhor. Faça a aula de Peter, se puder.”

Seus olhos travam nos meus. Uma batida de calor inconfundível passa entre nós. Há quanto tempo ela está aqui? Meia hora? Metade do dia?

Eu quero que ela fique. Só falta uma ou duas horas para o almoço. Eu tenho manjerição e pêssegos frescos, talvez um dos meus colegas de preparação traga um pouco da burrata³ que

³ Burrata - é um queijo mozzarella recheado com massa fresca de mozzarella e creme de leite fermentado

The background of the page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and white, creating a dreamy, ethereal atmosphere.

fizemos ontem no The Pearl, eu só tenho essa sensação de que a garota ianque aqui adoraria minha pitada do sul com uma salada Caprese. Nós poderíamos comê-lo no sofá enquanto assistíamos ao terrível reality show que nós dois gostamos.

Passar um dia inteiro sem pensar no Jam parece o paraíso agora.

“Tem algum plano para o resto do dia?” Eu pergunto, tomando meu café.

Capítulo Cinco

Olivia

Meu estômago ridiculamente cheio revirou com a gentileza marrom-mel nos olhos de Eli.

Ele é assustador e bonito. E um inferno de um cozinheiro. E cheio de convicção. O que apenas contribui para o seu charme distinto e realista.

Ele pratica *ioga*.

E ele está olhando para mim como não fui olhada há muito tempo. Com interesse quente e nu.

O ar entre nós crepita de atração. Energia. Ele é tão fácil de conversar. Olhar.

Provavelmente é fácil de cair na cama também.

Minha excitação se ilumina. Eu posso estar em pausa com Ted. Mas isso não significa que estou pronta para pular na cama com outra pessoa. Eu ainda me sinto tão confusa por dentro. Tão crua e macia ao toque. Uma conexão não é uma boa ideia no momento.

E se for terrível?

E se não for?

Vou voltar para Nova York no final de outubro. Eu tenho uma vida realmente ótima esperando por mim lá, o trabalho que trabalhei uma década para conseguir, a casa que guardei, o relacionamento que sempre desejei. Nenhum cara, por mais delicioso que seja, vale a pena sacrificar tudo isso.

E tenho que lembrar por que vim para Charleston em primeiro lugar. Para trabalhar no meu livro. O que eu deveria estar fazendo agora, em vez de procurar este chef sexy e sem camisa.

Levanto-me, meu banquinho grunhindo contra as tábuas de madeira ásperas e desvio o olhar. Olho em volta da casa. É pequena. Mas é requintadamente renovada no que só posso descrever como estilo histórico-Charleston-encontrado-sul-Califórnia. No andar de baixo há uma sala grande, feita em tons masculinos de preto e verde militar, pontuados por pisos de carvalho pálidos e antigos e essas vigas de teto maravilhosas que parecem ter sido recuperadas de um celeiro muito chique.

Há uma estante gigantesca que reveste o comprimento de uma parede inteira. As prateleiras praticamente gemem sob o

peso de um zilhão de livros recheados a esmo aqui e ali. Existem também algumas caixas amarelas brilhantes, marcadas *Cohiba*, *Habana*, *Cuba*, espalhadas entre os livros. Os charutos dele.

Meu coração literalmente pula uma batida.

Claro que Eli lê. Porque a comida, o yoga e as tatuagens não eram sexys o suficiente.

Eu pego alguns nomes em lombadas bem gastas. Hemingway. McCarthy. *Diários de heroína* de Nikki Sixx.

Estou impressionada. Embora exista uma falta conspícua de autores e assuntos femininos nessas prateleiras. Algo que eu ficaria feliz em remediar.

Eu empurro o pensamento de lado. Provavelmente melhor se eu mantivesse distância desta casa. Este homem. Muitas oportunidades para distração.

Ainda assim, não posso deixar de olhar um pouco mais. Uma enorme variedade de estilo comercial ocupa a parede oposta. Uma enorme mesa antiga serve como uma ilha e, imagino, um ponto de encontro no meio da sala. Do outro lado do espaço, olho ansiosamente para o sofá de couro em frente à TV. Parece aconchegante.

E o cheiro aqui, cheira a bacon e homem delicioso. A colônia de Eli, talvez. Algo picante, escuro e amadeirado. O que eu imagino que Tom Ford usaria se *e/le* fosse um chef sexy do sul. É de dar água na boca.

Oh, eu *quero* ficar. Escolha o cérebro dele um pouco mais sobre a felicidade e compromisso, e a suprema confiança que ele parece ter em si mesmo.

Mas eu não deveria.

Eu realmente não deveria.

“Eu realmente deveria ir.” Eu digo. Percebo que ainda estou segurando minha caneca de café vazia. Coloco-a cuidadosamente na ilha, grata pela desculpa de não olhar para Eli. “Eu já superei as boas-vindas. Mais uma vez obrigada pelos grãos e pelo café, foi seriamente o café da manhã mais delicioso que já tive.”

Eu me viro para ver Eli me estudando. Ele é cético. Sabe que algo está acontecendo, mas é educado demais para me perguntar o que é.

Fico feliz que ele não faça. Eu me senti tão... *livre* enquanto estive aqui. Como se eu pudesse baixar minha guarda e apenas relaxar. Ser eu mesma. Não me lembro da última vez que me

senti assim, compartilhando uma refeição com Teddy. Eu acho que sempre sinto a necessidade de estar 'ligada' quando estamos juntos. Como se eu precisasse ajustar um certo molde dizendo as coisas certas, vestindo as roupas certas e saindo com as pessoas certas.

Mas Eli? Eli claramente não dá a mínima para nada disso. O que me faz não querer falar sobre isso. Ele me faz querer falar sobre coisas importantes, em vez disso. Coisas sobre as quais não conversei com ninguém, exceto, talvez, Julia.

Conversar com Eli assim seria perigoso. Então não vou.

Não posso.

“Você tem certeza?” Ele pergunta. “Desde que você goste de comer, você nunca será mais do que bem-vinda. Pare qualquer momento, Olivia. Bem-vinda aqui, sempre.”

Seu sotaque ridiculamente quente do sul faz o O em meu nome desaparecer. *Ôlivia*.

Um calafrio quente e feliz sobe pela minha espinha.

Eu tenho que sair daqui.

Agora.

“Obrigada.” Eu digo. Nós olhamos um para o outro por um instante. Como terminamos isso? Eu não posso abraçá-lo. Ele está seminu, pelo amor de Deus. Por isso, desajeitadamente, estendo minha mão como a idiota confusa e privada de sono que sou. “Desculpe por estar fugindo de você assim, mas eu... tenho muito o que fazer hoje. Foi um prazer conhecê-lo, Eli.”

Seus lábios se contraem em um sorriso divertido. Eu não acho que esse cara... esse cara grande, mal-educado e confiante, poderia ser estranho se tentasse.

Ele pega minha mão na enorme dele. A palma da mão está seca e calejada. Sinto a pressão de uma crista estranha ao longo do meu polegar, algum tipo de cicatriz na palma da mão. Eu resisto ao desejo de perguntar sobre isso.

“Prazer em conhecer você também.” Ele dá um aperto de mão que é *apenas* o suficiente firme. Uma corrente de eletricidade arrebenta meu braço, fazendo minha pele arrepiar. “Espero vê-la por aí.”

Dou um último puxão na orelha aveludada de Billy. Então eu me viro e saio da casa de Eli como se estivesse pegando fogo.

Estou pegando fogo.

Eu fecho a porta atrás de mim. Deixo escapar um suspiro agora que estou na segurança da casa de viagem. Meu rosto está quente.

O mundo inteiro está quente.

Estou completamente, desconfortavelmente, deliciosamente cheia.

Ao mesmo tempo, a cafeína do café chique de Eli está me atingindo. Estou com sono e nervosa, de uma só vez.

Ok, ok, ok.

O que eu devo fazer a seguir?

Escrever. Sim. É o que eu farei.

Pego meu computador e o coloco no balcão. Mas, em vez de abrir o Word, abro meu navegador de internet e o Google ‘Eli chef quente Charleston’.

Eu recebo cerca de quatorze mil acessos. O que significa que esse cara é um grande negócio aqui. Não que você perceba pelo jeito que ele se veste. Ou do jeito que ele fala. Do jeito que ele é.

No topo estão artigos de jornais e revistas nacionais.

Como a tarifa simples do sul de Elijah Jackson mudou a cena gastronômica para sempre.

O novo restaurante do chef estrela Eli Jackson é uma decepção para os críticos.

Uma mesa na The Pearl, a reserva ainda mais quente da cidade de Eli Jackson, apesar das lutas no novo.

Elijah Jackson. Existe um nome mais perfeito para um chef sulista sexy e doce?

Eu acho que não.

Então ele é dono do restaurante bonito que eu vi na entrada. Vou ter que dar uma olhada.

Eu li os comentários contundentes de seu novo restaurante, The Jam. Eles pareciam pessoais, de alguma forma. Talvez porque eu acabei de comer a comida que esses críticos estão destruindo. Comida que era incrivelmente deliciosa. Tão boa que eu quase diria que é uma experiência religiosa. Nunca mais vou olhar o café da manhã, nas manhãs de segunda-feira, da mesma maneira.

Me faz perceber o quanto eu odeio minha rotina habitual de segunda-feira de manhã. Recentemente, eu tenho piores assustadores domingos, o que sempre me mantém acordada metade da noite. Acordo segunda-feira de manhã com o meu alarme estridente com um nó no estômago e um único pensamento na cabeça: *como vou passar esse dia?*

Eu sei que não posso ter caras gostosos me preparando um café da manhã quente toda segunda-feira de manhã.

Essa não é vida real.

Não é assim que o mundo adulto funciona.

Segundas-feiras são péssimas para todos. Exceto, aparentemente, Elijah Jackson.

O que me faz pensar se o que eu tenho passado todas as manhãs de segunda-feira, todos os *dias da semana*, é apenas uma merda da vida, ou uma escolha consciente. Uma escolha *errada*. Todas as roupas caras, maquiagem e carros são indicadores de uma vida melhor? Ou são uma espécie de gaiola dourada em que me meti?

Por que na terra verde de Deus eu faria algo que me deixa infeliz?

Eli deu de ombros quando ele disse essas palavras. Como se todos seguissem sua felicidade. O coração deles. Não prestígio, perfeição ou expectativa.

Mas Eli é incrivelmente talentoso. Ele tem o luxo de viver essa vida selvagem e estranha. Esse não é o caso de pessoas normais como eu.

Eu tenho que ser prática.

Quanto posso pedir realisticamente ao universo? Eu tenho uma família solidária. Um ótimo trabalho. Um homem que me ama.

Eu sou incrivelmente sortuda. As pessoas matariam para ter o que eu tenho. Seria ganancioso querer mais. Não há mais coisas necessariamente. Mas mais satisfação. Mais liberdade para ser eu mesma, do jeito que eu estava agora com Eli. Parece bobagem querer *satisfação* com todas as dores e sofrimentos reais que estão acontecendo no mundo.

Eu tenho meu feliz para sempre. E se ocasionalmente me sinto sufocada por isso, bem... isso vem com o território. Ter tudo isso exige trabalho. Trabalho constante e exaustivo. Mas vale a pena.

Certo?

“Oláaaaa!”

Começo com o som de uma voz familiar. Julia está parada na porta, vestindo o que é sem dúvida um vestido floral de alta costura e um sorriso. Eu não acho que eu já vi ela *não* olhar como um milhão de dólares.

Saltando do meu banco, corro pela cozinha para envolvê-la em um abraço. Ver um rosto familiar depois de sentir todos aqueles desconhecidos... bem, *sentimentos* em Eli anteriormente faz meu coração parecer que vai explodir de gratidão.

“Oh meu Deus!” Eu digo. “Você não deveria estar na Espanha bebendo muita sangria e dançando nas discotecas ou algo assim?”

Julia se afasta. O sorriso dela diminui um pouco.

- Sim, sobre isso...

Deslizo minhas mãos pelos braços dela e aperto-os.

“Está tudo bem?”

Ela lambe os lábios.

“Mais ou menos. Infelizmente, tive que interromper meu semestre na Espanha. Meu pai não está indo tão bem.”

Meu coração pula uma batida.

“Sinto muito.” Eu digo. “Eu sei o quão próximos vocês dois são. O que eu posso fazer?”

Julia balança a cabeça.

“Nada que possamos fazer neste momento. Ele está bem desconfortável, mas parece se sentir melhor quando estou por perto. Então, eu vou ficar com ele por um tempo. Fazer o que puder para mantê-lo feliz.”

Eu a puxo para outro abraço.

“Estou aqui se precisar de alguma coisa, ok?
Egoisticamente, estou feliz que você esteja na cidade. Tem certeza de que não quer ficar aqui? Tenho certeza de que poderia encontrar outro lugar...”

“Nem pense nisso. Eu quero que você fique aqui e termine a porra do *livro* que você me contou. Como está indo, a propósito?”

Julia é uma das poucas pessoas em quem eu confiei sobre minhas tendências secretas e úmidas de escrita. Por muito tempo me arrependi, porque ela sempre mencionava quando nos visitávamos. Mas agora estou meio contente por ter dito a

ela. Talvez eu precise de um empurrãozinho. Um pouco de apoio moral.

Eu aceno para o meu laptop.

“Acabei de chegar aqui ontem. Escrevi uma página e meia, que apaguei porque eram lixo. Até agora, escrever romance não é tão mágico quanto eu pensei que seria.”

“Abençoe o seu livro sujo, coração amoroso. Claro *que* não é mágico. Oitenta por cento do tempo, escrever é uma merda, se você está escrevendo uma dissertação sobre o nascimento de valores aspiracionais da classe média no trabalho de Jane Austen, ou sexo fumegante, gráfico e delicioso em um romance.” Diz Julia. “Falando em sexo gráfico, mal posso esperar para ler o seu. Na verdade, estarei de volta ao College of Charleston neste semestre, fazendo algumas tarefas administrativas no departamento de inglês, se você quiser passar por aqui. Temos ótimos escritores de ficção na equipe. Não pode machucar escolher seus cérebros.”

Eu sorrio.

“Eu adoraria. Obrigada. Então você não vai ensinar?”

“Não até o próximo semestre.” Julia responde, balançando a cabeça novamente. “Então terei minha carga horária habitual.”

Julia ensina inglês para graduação aqui há anos. Ao contrário de mim, ela adora. Por outro lado, isso pode ter algo a ver com o fato de ela ter um fundo fiduciário, o que lhe permite dividir seu tempo entre ensinar e se entregar à sua verdadeira paixão, antiguidades em toda a Europa.

“Eu não te vejo há um tempo. Por que você não fica um pouco?” Eu aceno com a cabeça em direção à geladeira. “Peguei uma garrafa de Chardonnay que adoraria abrir. Eu *sou* uma escritora agora. Provavelmente significa que eu deveria tomar uma taça de vinho no meio do dia. Você sabe, para minha ‘musa’.” Digo, usando aspas no ar.

Julia sorri.

“Estou tão aqui para isso.”

“A propósito.” Eu grito por cima do ombro enquanto pego o vinho e um saca-rolhas. “Eu gostaria que você tivesse me dito que você tem um vizinho fofo que anda seminu o tempo todo.”

Ela se inclina sobre os braços no balcão e balança as sobrancelhas.

“Vamos, Olivia, nós duas sabemos que Eli não é fofo. Ele é malditamente gostoso. Você acha que vocês dois podem... você sabe?”

“Absolutamente não.” Eu respondo. “E você? Você já...”

“Não.” Julia pega o copo de Chardonnay que eu entrego a ela.

“Não é o meu tipo.”

“Ele também não é do meu tipo.” Digo, bebendo meu vinho. “Totalmente não é o meu tipo.”

Julia me olha.

“Você nunca sabe até tentar.”

“Absolutamente não.” Repito.

“A senhora está protestando demais.” Diz Julia, ainda sorrindo.

Eu olho para longe. O tempo todo pensando em como eu fui estúpida em ir ao Eli esta manhã.

Porque agora não consigo parar de pensar nele. Quero voltar a escrever meu livro, apenas para poder sair com meu herói de olhos castanhos e ombros largos.

Aquele que parece e soa muito como o meu novo vizinho quente.

Capítulo Seis

Olivia

Faço Julia prometer me ligar amanhã antes de deixá-la sair. Então eu pego meu laptop e tento escrever pelo resto da tarde.

Eu acordo cedo e escrevo na manhã seguinte também.

Às dez da manhã, estou pronta para arrancar meus cabelos. Meus ombros e pescoço doem por estarem curvados sobre o meu computador.

Gostaria de saber se o estúdio de yoga que Eli mencionou tem aulas de manhã.

Eu me pergunto se Eli as faz.

Ignorando o choque que essa ideia me dá, eu vasculho o estúdio e vejo que eles têm uma aula as onze horas.

Perfeito. Vou ter tempo suficiente para andar de bicicleta até lá. Eli disse que é assim que ele gosta de se locomover pela cidade. Acho que vou tentar.

E honestamente, quais são as chances de Eli fazer a mesma aula? Às *onze* da *terça*? Ele tem um império de restaurantes para

administrar. Eu imagino que isso deixa muito pouca oportunidade de espremer em algum exercício do meio-dia.

O estúdio fica em Spring Street, a pouco mais de um quilômetro de viagem da casa. Então eu pego a bicicleta de Julia, com uma cesta de vime extravagante, azul Carolina e alças de couro amanteigado, parece uma versão aprovada por Gwyneth Paltrow de uma bicicleta vivendo sua melhor vida, e subo a península. Eu vi muitas pessoas andando de bicicleta no meu caminho, então acho que vou me divertir.

O sol da manhã está ficando quente. Fico no lado com sombra da rua quando posso. Minhas pernas bocejam acordadas enquanto eu pedalo, meus músculos da panturrilha se esticando agradavelmente a cada rotação preguiçosa.

Decidi que enquanto estiver aqui, não vou me apressar. Por um lado, ninguém mais nesta cidade parece estar com pressa. Galinha incluída.

Por outro lado, sempre coloco o pé no acelerador em casa. Se não estou correndo para o trabalho, estou correndo para uma reunião. Se não for a uma reunião, vou ao ginásio ou ao supermercado.

E caramba, estou cansada de correr. Talvez seja a hora de começar a pensar por que faço tudo isso correndo em primeiro lugar. Por que todo mundo faz isso?

Eu culpo minha súbita mudança de ritmo na maneira lenta e intencional de Eli de se mover pela cozinha ontem de manhã. A maneira como ele me fez sentar e tomar um café da manhã de verdade com ele, como se fôssemos europeus, e a ideia de *não* nos sentarmos para uma refeição era um sacrilégio.

Como ele demorou a fazer a xícara de café perfeita.

Aquele *café*. Se eu tivesse que pensar em uma palavra para descrevê-lo, o orgasmo vem à mente. Tão diferente do de Ted. Tão *delicioso*. Eu nunca tive nada parecido.

Eu poderia ter usado um pouco disso hoje cedo. Meu talento para escrever é inexistente. Eu simplesmente não consigo chegar à *história* real. Tenho muita coisa acontecendo periférica, tentando capturar na página como os personagens parecem, cheiram e se comportam na minha cabeça. O que eles querem. Suas histórias. Suas fraquezas e posições e roupas sexuais favoritas.

Depois, há os temas que eu quero abordar. O feminismo. Combinando os arcos dos personagens, o herói e a heroína

tocam nos pontos doloridos do outro, o que os obriga a enfrentar seus demônios. E é claro que deve haver ótimos personagens secundários que jogam pepitas de sabedoria justamente quando o herói e a heroína precisam deles ...

Ufa. Quem diz que é fácil escrever um romance nunca *claramente* tentou o feito.

Embora eu deva admitir que gostei de vestir Eli mentalmente em uma jaqueta de montaria, sem camisa por baixo, naturalmente, e calções como um substituto para o meu herói.

Eu gostei de *despi-lo* mentalmente ainda mais. Mesmo sabendo que não deveria. Mesmo pensando em alguém que não fosse Ted estranho. Estranho e emocionante, se estou sendo honesta.

Tento não pensar no que isso significa.

Eu pedalo pela Meeting Street, aproveitando a brisa que está em movimento. Não me lembro da última vez que andei de bicicleta. Em Nova York, estou sempre dentro ou dentro de um carro.

É legal. Especialmente quando minha rota me leva pelo campus movimentado do College of Charleston. De repente

estou curiosa; eu não sei muito sobre isso, além do fato de que Julia ensina lá.

Eu passo o mais devagar possível sem atropelar nenhum aluno. É muito linda. Muito ao sul, muitos grandes carvalhos envoltos em musgo espanhol e edifícios em tons pastel sustentados por pilares altos.

Do nada, eu me pergunto se eles têm um programa de escrita criativa. Julia disse que eles têm escritores de ficção na equipe. Nos dias ruins de minha universidade, eu fantasiava abandonar minhas aulas de literatura do século XX e dar aulas de escrita. Na ficção. Romance.

Não que isso importe. Teddy cagaria um tijolo se eu fizesse algo tão impraticável e... bem, meio estranho. Eu posso imaginá-lo dizendo algo como: 'Você é capaz de mais do que isso'. Ou ainda: 'O que as pessoas dirão quando descobrirem que você passou das aulas de primeira classe dos melhores escritores da língua inglesa para os cursos de como escrever livros inúteis? Vamos, Olivia'.

Vamos, Olivia. Ted diz muito isso. Mas ele está certo. Eu tenho que manter minha cabeça esticada.

É uma viagem rápida até a Spring Street. A cidade é muito mais nova aqui em cima. Eu quase desmaio de alegria quando vejo o Yoga First alojado em uma adorável cabana rosa ao lado de uma pousada ainda mais adorável. Tranco minha bicicleta Gwyneth Paltrow na prateleira ao lado da porta e entro.

Não estendo o tapete com a frequência que gostaria. Teddy prefere o golfe, ele pertence a um clube local perto de nossa casa, e mesmo sendo péssima, tento brincar com ele o máximo que posso. Quando eu ficar boa nisso, vou começar a gostar. É o que ele me diz, de qualquer maneira.

Sou imediatamente atingida pelo cheiro de incenso. Eu sorrio. Quanto mais estranho o estúdio de ioga, melhor, na minha opinião. Preencho alguns papéis e alugo um tapete. Enquanto isso, várias pessoas fizeram o check-in. As aulas estarão lotadas.

A simpática mulher atrás do balcão me acompanha até o estúdio A na frente do prédio. Abrindo a porta, ela espia dentro, depois olha para mim e sorri.

“Um lugar vazio. Sortuda.”

Agradeço a ela e entro no estúdio.

Sim, está definitivamente lotado. O que sempre me deixa um pouquinho nervosa. Eu não sou exatamente uma iogue graciosa. Eu gostaria de poder dizer que nunca caí no meu vizinho enquanto tentava fazer pose de corvo, mas isso seria uma mentira.

Leva um segundo para encontrar meu lugar. Ah, aí está. Na frente. Ao lado de um homem.

Um homem enorme, sem camisa e tatuado.

Meu estômago aperta.

Ele está deitado de bruços sobre o tapete, joelhos dobrados. Eu reconheço o roteiro rodopiado tatuado nas costelas superiores, logo abaixo do peitoral esquerdo.

Eli.

Apesar do calor estridente do estúdio, meu sangue se transforma em gelo. Não sei se dou risada ou choro.

O professor, um homem sorridente e rasgado de vinte e poucos anos, com dreads na altura da bunda, olha para mim e aponta para o lugar vazio.

“Você ficará aí.”

“Obrigada.” Eu digo, piscando.

“Você pode tomar seu lugar agora.” Ele gentilmente cutuca. “A aula está prestes a começar.”

Eu pisco novamente.

“Sim. Entendi.”

Sinto como se estivesse entrando no fundo de uma piscina enquanto me dirigia para o local designado. Eli está olhando para mim, então ele tem que olhar em suas sobrancelhas para encontrar o meu olhar.

Quando ele o faz, ele sorri. Um meio sorriso maliciosamente bonito e totalmente masculino que ilumina seu rosto e transforma meus joelhos em geleia.

“Olivia!” Ele se senta. “Estou feliz que você veio! Você vai gostar.”

A emoção em sua voz é óbvia.

Ele não poderia estar tão feliz em me ver.

Não pode ser.

Ele poderia?

“Por que eu vou gostar?” Eu pergunto, olhando para o outro lado enquanto estendo minha esteira. “Por que eu posso praticar ao seu lado?”

Ele ri, o som é um estrondo profundo no peito e estende a mão para ajudar a achatar a borda enrolada do meu tapete. Pelo canto do olho, noto a mulher ao lado dele olhando-o.

Eu não a culpo. O cara é lindo. E quase nu.

“Isso...” ele diz, “e o fato de Peter estar dando a aula. As aulas dele são difíceis, mas você se sente tão bem depois. Como se seu corpo e sua mente fossem arrancados, entende.”

Sento-me no meu tapete, tomando cuidado para não deixar meu joelho tocar o de Eli.

“Exatamente por isso estou aqui.” Eu digo, virando minha cabeça para olhar para ele.

Eli tem um braço apoiado no joelho dobrado, fazendo o bíceps já inchado aumentar ainda mais. Até um grau quase pornográfico.

O bíceps pode mesmo *ser* pornográfico?

Eu começo a suar. Espero... oro... que eu não me faça de boba praticando ao lado dele.

“O que você tomou no café da manhã?” Ele pergunta.

Enfio minha língua na minha bochecha, lutando contra um sorriso.

“Barra de proteínas. Café da máquina Nespresso.”

“Agora isso é simplesmente triste.” Ele balança a cabeça, clicando em sua língua. “Deveria ter ido à minha casa. Preparei uma média de ovos de tomate verde frito Benedict. Fiz o suficiente para dois, mas como você não apareceu, tive que entregar seu prato a Billy.”

Eu desisto da luta contra o meu sorriso.

“Sorte de Billy.”

“Poderia ter sido você, garota ianque.”

Peter chama a atenção da classe. Eli me dá um último meio sorriso, um último lampejo de olhos cor de avelã, e então ele se ajoelha e se põe na posição de criança. Meu coração dispara com a forma como os músculos de suas costas ondulam sob sua pele.

Começo a me perguntar se vou conseguir sair desta aula com vida.

O fluxo é familiar, graças a Deus. Começamos com uma série de saudações ao sol. Eu sempre lutei para não me apressar. Eu mantenho toda a minha tensão nos ombros e no pescoço, e é fácil para meus braços se cansarem de tantas chaturangas⁴ seguidas.

Não posso deixar de notar como Eli, com paciência, se move em sua esteira. Pelo canto do olho, vejo-o fluir de uma pose para a outra com a mesma facilidade que a água que corre por um riacho. Ele está respirando fundo, até o guerreiro respira pelo nariz.

Meus olhos pegam os músculos do braço dele. Eles se amontoam e ondulam contra a pele tatuada que brilha com um fino brilho de suor.

Se meus ombros estão queimando como costumam fazer, não sinto.

Peter nos faz fazer um cão voltado para baixo. Debaixo da pirâmide formada pelo corpo lindo de Eli, encontro olhos com a mulher do outro lado dele.

Uau, ela murmura, olhando rapidamente para Eli.

Eu suprimo um sorriso.

⁴ Chaturangas – posição do ioga ‘posição de prancha’.

Eu sei, eu murmuro de volta.

“Apenas um lembrete para manter os olhos no seu próprio tapete.” Diz Peter enquanto caminha atrás de mim. “Encontre o seu *drishti*”, seu ponto de foco.

Certo. Estou aqui para limpar minha mente. Não conferir sulistas quentes sem camisa.

Eu faço o meu melhor para manter meu *drishti* no meu tapete. Mesmo assim, estou ciente de Eli se movendo ao meu lado. Sua prática é realmente bonita. Paciente.

Eu me pego me movendo pacientemente também, respirando através do puxão apertado em meus tendões e o fogo em meus quadris enquanto Peter nos conduz através de uma série interminável de séries de cadeiras. Eu não sou graciosa. Mas me mover mais devagar me permite chegar em todas as poses e ficar lá pelo tempo que Peter nos indicar.

Uma vez, durante uma torção na cadeira, eu torço para o lado errado, e Eli e eu acabamos encarando um ao outro. Seus olhos são gentis quando encontram os meus. Minhas sobrancelhas se erguem quando percebo meu erro. Ele sorri.

Eu me pego sorrindo de volta, apesar da maneira como minhas pernas começaram a tremer.

Sua gostosura está se tornando menos intimidadora. Provavelmente tem algo a ver com esse charme generoso e realista.

Pela graça de Deus, passo pela aula sem me envergonhar. Eu até tento posar de lado, algo que nunca fiz antes, e consigo voar por aproximadamente meio segundo. É claro que Eli manteve a pose por dez minutos. Sentado no meu agachamento de sumô, vi as veias e os tendões grossos estalarem contra as costas de suas mãos enquanto ele equilibrava as pernas nos tríceps.

Eu imagino como seriam essas mãos em mim.

Pare. Eu preciso parar de pensar nele assim. Essa fantasia não leva a lugar algum.

Eli e eu saímos do estúdio juntos quando a aula acabou.

“Você gostou?” Ele diz, abrindo a porta da frente para mim.

Eu saio para o sol. Esse *calor* é irreal.

“Muito. Eu precisava resolver esses problemas de ontem”, eu respondo. Eu aceno para o suporte de bicicletas, onde a bicicleta enganada de Julia aguarda. “Esta é a minha.”

“Você andou de bicicleta aqui? Bom para você. Não tive tempo esta manhã. Tenho que estar no restaurante em meia hora.”

“Oh?” Deslizo meus óculos de sol no meu rosto. “O que há no menu hoje à noite?”

Ele enfia o tapete debaixo do braço e olha para mim, um olho preso contra o sol.

“Por que você não vem e descobre?”

Eu corro de prazer com o convite.

“Eu li algumas coisas sobre você ontem.”

“Uh oh.”

“Apenas os bons artigos.” Eu provoco. “Mas todo mundo diz que o The Pearl é a reserva mais difícil de se conseguir na cidade, que você deve reservar com meses de antecedência. Tem que ser tarde demais para conseguir um para esta noite.”

Eli apenas sorri, balançando a cabeça.

“Olivia, você só tem que dizer a palavra e eu te pego a qualquer momento, a qualquer hora.”

Eu digo a mim mesma que ele está sendo apenas um bom vizinho. É muito emocionante, muito desconcertante, pensar que há algo mais por trás de sua bondade.

Não consigo pensar que exista algo *mais* entre nós.

“Ok.” Eu digo. “Gostaria disso. Eu estou... eu estou praticamente livre a noite toda, então... sempre que você pode me encaixar, é ótimo.”

“Que tal sete?” Ele diz. “Esse é o momento para a degustação do chef.”

“Degustação do chef?”

“O Pearl tem oitenta lugares. Mas todas as noites, selecionamos dez convidados aleatoriamente para fazer a degustação do chef. Você se senta em uma grande mesa comunitária ao lado da cozinha e nós lhe damos cinco pratos do que diabos nos der vontade de cozinhar naquele dia. É uma experiência que você não quer perder.”

Meu estômago afunda. De um jeito bom.

“Parece chique.” Eu digo.

“Não é.” Ele responde. “Mas a comida é ridiculamente boa. Meu melhor trabalho.”

“Melhor do que a tigela de grãos?”

Eli ri disso.

“Se eu explodi sua mente, então... bem, eu só poderia empurrá-la para o limite hoje à noite.”

Estamos perto.

Estávamos esse tempo todo parados tão perto? Eu posso sentir o cheiro do suor em sua pele. Sal. Aquela colônia amadeirada e esfumaçada.

Eu engulo. Gerencio um sorriso.

“Sete então. Muito obrigada pelo convite, nunca fiz uma degustação de chef antes.”

A luz do sol captura seus olhos, transformando-os em poças translúcidas de verde.

“Eu não quero fazer uma piada sobre estourar sua cereja, porque acabamos de nos conhecer e tudo, mas...”

É a minha vez de rir. Traz uma leveza ao meu peito que não sinto há muito tempo.

“Faz um tempo desde que eu estourei uma cereja.” Eu digo.
“Eu poderia usar um pouco de emoção.”

“Feliz por fazer o trabalho.”

Ele está sorrindo, e eu estou sorrindo, e nos olhamos por tempo demais.

Merda.

“Então.” Eu digo finalmente, piscando. “Hoje às sete.”

“Sim.” Ele passa a mão na parte de trás da cabeça. “Sete horas. Você gosta de vinho?”

Eu reviro meus olhos provocativamente.

“Eu gosto de vinho.”

“Então eu vou te servir para o vinho também. Meu sommelier é um tiro certo. Ele sempre sabe como preparar a refeição.”

Jesus Cristo, ele é implacável. Da melhor maneira.

“Parece ótimo.” Eu digo. “Vejo você à noite.”

“Vejo você hoje à noite, Olivia.” Seu olhar é firme enquanto segura o meu. “Estou ansioso por isso.”

Então ele se dirige para o estacionamento atrás do estúdio.

Minhas mãos tremem um pouco quando destravo minha bicicleta. Yoga sempre me deixa um pouco instável. Mas acho que também estou trêmula de emoção. Um pouco de descrença.

Não sei que ação boa fiz para merecer um vizinho (temporário) como Eli. Se alguma coisa, eu me sinto a vilã da minha própria história agora. Como se eu estivesse jogando a balança cármica contra mim mesma por escapar de uma vida perfeitamente agradável. Uma vida *que escolhi*.

Eu não entendo nada disso. Não pelas razões de Eli. Não é minha.

Mas meu instinto está me dizendo que a chave para desvendar meus sentimentos não é esconder e lamber minhas feridas em particular.

Está me dizendo para *sair*. Algo que não faço com bastante frequência, especialmente sozinha, na pequena cidade de Nova York.

Então hoje à noite eu vou sair.

Capítulo Sete

Eli

Ainda estou suando da aula quando chego ao The Pearl. A temperatura de trinta e três graus não está ajudando. Estamos no final de setembro, mas o calor ainda está diminuindo. Quando está quente do lado de fora, é um inferno dentro da cozinha.

Cumprimentando meus colegas de preparação que estão ocupados fazendo estoque, cortando legumes e carnes, eu abaixo minha cabeça na geladeira para garantir que tenhamos um suprimento de toalhas limpas e molhadas esfriando em sua prateleira de sempre. Os cozinheiros e eu vamos envolvê-las em torno de nossas cabeças e pescoços hoje à noite, na tentativa de não morrer durante o serviço. Então eu vou para a cozinha.

Meu lugar feliz.

Ainda fico com borboletas toda vez que entro, mesmo que tenha passado anos desde que abri o local. Eu sabia desde o momento que eu podia andar que queria ser um chef. Minhas primeiras lembranças são sobre comida: sentado no colo do avô, enfiando na boca a famosa salada de batata da minha mãe com os dois punhos. Observando meu tio defumar um porco inteiro

em um buraco em nosso quintal, e depois ajudá-lo a cortá-lo em uma mesa de piquenique. Ficar quieto enquanto mamãe fazia maionese do zero porque 'o barulho a arruinava'.

Eu amo comida e amo família. Na minha cozinha, eu tenho as duas coisas diariamente, pois os funcionários do The Pearl se juntaram à nossa família não tão pequena ao longo dos anos. Temos muito, muito pouca rotatividade. As pessoas, sejam cozinheiros, servidores, subchefes, barmen ou ajudantes de garçom, gostam de trabalhar aqui. Eu gostaria de pensar que é porque eles se sentem conectados a um propósito maior. Não estamos apenas enchendo a barriga das pessoas. Estamos enchendo seus olhos, suas cabeças, suas almas também. Há um tipo requintado de beleza em sentar-se para comer boa comida com bons amigos. Conectando-se a coquetéis, esquecendo as preocupações enquanto saboreia uma xícara de sorvete de pêssego perfeito (agitada a mão, é claro).

Tento não pensar na família do The Jam. O que eu provavelmente vou ter que terminar em breve. Ainda nesta manhã, eu coloquei mais do meu dinheiro nos cofres do The Jam, uma infusão emergencial de dinheiro para manter as portas abertas. As coisas não estão bem por lá. Então, além do dinheiro, estou fazendo longos turnos na cozinha ao lado de Naomi sempre que posso. Estamos nos esforçando para ajustar o menu

enquanto aderimos à minha filosofia 'simples é melhor'. Mas não importa quantos itens de menu ajustemos, ou quantas horas passo despejando livros ou trabalhando na cozinha, nada parece ajudar.

Sinto um peso familiar pousando no meu peito. Piscando, eu começo a trabalhar.

O trabalho sempre ajuda a afastar a ansiedade.

O mesmo acontece com ioga e sair com Olivia. Eu estava mais animado do que deveria estar a encontrando na aula esta manhã.

Assim como eu estou mais animado do que deveria estar cozinhando para ela novamente.

Puxando uma prancheta e uma caneta de uma gaveta próxima, começo a anotar ideias para as especialidades da noite e o menu de degustação. Eu reservo um ou dois pratos para minha linha de cozinheiros. Por mais que trabalhem, é importante permitir que eles flexionem seus músculos criativos.

Eu sempre alimento minha equipe antes do serviço, então faço algumas anotações sobre o que cozinhar para eles também.

Eu tomo meu tempo com todos os meus menus. Mas hoje, sou especialmente cuidadoso. O que pode ou não ter a ver com o fato de que eu quero alimentar a garota ianque com a maldita melhor refeição de sua vida. Apesar do sorriso bonito que Olivia me deu durante as aulas esta manhã, ainda havia dor nos olhos. Tristeza.

Tristeza que desapareceu, por um minuto ou dois, enquanto ela comia a tigela de grãos que fiz ontem. Uma barriga cheia é capaz de fazer as coisas parecerem um pouco menos pesadas.

Uma maneira de fazer você se sentir um pouco menos perdido.

De qualquer maneira, o yoga aumenta o apetite. Caso em questão, eu estou faminto. Mais do que o habitual.

A culpa é de praticar muito, porque estava ao lado de uma mulher linda com um corpo quente e forte. Garota não perdeu uma pose. E a maneira como os músculos de suas panturrilhas se flexionavam durante os gafanhotos

“Você já está suando?” Um cara de boné de beisebol e camisa suja aparece no meu cotovelo, deixando cair uma caixa

cheia de produtos no balcão. “Não são nem duas! Droga, chef, se eu não soubesse melhor, diria que estava nervoso.”

Sorrindo, largo minha caneta.

“Nervoso? Eu? Nah. Só estou começando a me estressar com os meus vegetais não chegarem.” Estendo uma mão e ele a pega, me puxando para um abraço.

“Como você está, irmão?” Ele pergunta.

Luke é um dos meus amigos mais antigos. Ele e eu estávamos lavando louça juntos em um acampamento local de peixes quando cheguei a Charleston pela primeira vez dezessete anos atrás. Eu fiquei no negócio de restaurantes, mas Luke passou a jogar beisebol na liga principal. Depois de uma lesão que o afastou algumas temporadas, ele voltou à cidade para jogar pelo nosso time da liga menor, o Charleston Pirates.

Agora, Luke divide seu tempo entre tocar a primeira base e cuidar da enorme horta orgânica em seu quintal na ilha de Sullivan. O homem tem um dos polegares mais verdes que eu já encontrei. Sua produção, de todas as variedades locais que crescem na região há séculos, é inigualável. Eu compro o que ele estiver disposto a me vender.

Hoje, parece uma bela couve, enormes cabeças de alho roxo, batata doce granada e um monte de alho-poró. Inspiro o cheiro rico e doce do sol e da sujeira que sai da caixa.

“Melhor, agora que estou vendo isso.” Eu digo, acenando com a cabeça para as batatas. “O que você acha? Batata doce frita? Nhoque? Talvez um xarope simples para coquetéis?”

Luke sorri com orgulho.

“O nhoque, definitivamente. Talvez jogue alguns desses alhos-porós em um molho, eles parecem muito bem, se eu posso dizer.”

“Tudo isso parece incrível. Não há surpresa por aí.”

“E o Jam?” Ele pergunta. “Alguma novidade?”

Meu humor escurece.

“Nós estamos pendurados lá. Como estão as coisas com você?”

Ele encolhe os ombros, enfiando as mãos nos bolsos do jeans bem gasto.

“A horta está boa, o beisebol... nem tanto. Temos 27 a 81 para a temporada.”

“Ai.” Eu digo com um sorriso.

“Começando a pensar que meus dias de jogo podem estar contados.” Ele pega uma batata doce, virando-a na mão.

“E por que isto?”

Ele encolhe os ombros novamente.

“Eu não sei. Você conhece aquela garota que eu tenho visto?”

Eu zombei.

“Luke, você está vendo metade desta cidade.”

“Verdade.” Diz ele, sorrindo. Um sorriso que desaparece rapidamente. “De qualquer forma. Essa garota me disse que eu estava acabado.”

“*O quê?*” Eu me afasto em descrença. “Espero que você tenha dito a ela para se foder.”

Ele ainda está olhando para a batata-doce.

“Definitivamente, saí de lá o mais rápido que pude. Tanto faz. Eu sei que devo tomá-lo com um grão de sal. E parte de mim faz. Mas outra parte... eu não sei.” Luke balança a cabeça,

finalmente olhando para cima. “E você? Ouvi dizer que você teve uma estranha fofa no café da manhã de ontem.”

Eu reviro meus olhos.

“A palavra viaja rápido nesta cidade.”

“Diz o cara que não apenas ama Andy Cohen, mas também gosta de fofocar como ele.”

Rindo, vejo Luke jogar a batata de volta na caixa.

“Isso é justo. Você sabe como eu gosto de alimentar estranhos. E Olivia estava com fome, então...”

“Olivia.” Luke enfia a língua no lábio inferior, sorrindo.

“Você não menciona o nome de uma garota há algum tempo, E. Você quer me dizer alguma coisa?”

Ele tem razão. Não mencionei o nome de uma garota nesta cozinha desde que terminei com minha namorada no ano passado. Eu não sou do tipo que beija e conta.

Mas Olivia e eu não nos beijamos.

Ainda.

“Ela é uma ianque.” Eu digo, voltando para a minha área de transferência. “Não sei qual é a história dela além disso.”

“Mas você vai descobrir, não é, seu bastardo presunçoso?”

Minha vez de sorrir.

“Espero.”

“Boa sorte.” Luke me dá um tapa no ombro. “Eu tenho que ir, nós temos um jogo hoje à noite que provavelmente vamos perder. Volto na quinta-feira com outra entrega. Tenho uma abóbora chegando que parece muito saborosa.”

“Eu vou levá-las. Seja bom, está ouvindo?” Eu o falo quando ele sai da cozinha.”

Luke me retruca por cima do ombro.

“Não poderia ser bom nem se eu tentasse.”

Isso não é verdade. O homem tem um livrinho preto tão grosso quanto todos os romances de Harry Potter juntos.

Balançando a cabeça, pego minha caneta. Olho para as batatas na caixa.

Hora de preparar essas belezas e começar o nhoque.

Espero que a garota ianque goste de macarrão.

“Merda, chef. Isso está fora deste mundo.”

Os olhos da minha chefe de cozinha Maria quase rolam para a parte de trás de sua cabeça enquanto ela mastiga.

Eu sorrio, virando-me para passar uma toalha úmida ao redor da borda da tigela rasa de macarrão. Nele, o nhoque de batata doce laranja brilhante, pequenas almofadas de massa, brilham no molho leve de gorgonzola que misturei. Adicionei um punhado de rúcula picante e outro punhado de avelãs terrosas e levemente doces, picadas.

Simples. Salgado. Satisfatório.

Exatamente o que eu estava procurando.

“Bom, certo?” Eu digo.

“Bom? Chef, acabei de molhar minhas calças. Felizmente, mantenho um par extra no meu armário.”

Eu sorrio mais. Maria pode ser apenas uma das duas mulheres na minha cozinha aqui no The Pearl, mas ela tem a boca mais suja de longe.

Limpendo as mãos, cruzo os braços.

“Meu trabalho aqui está feito.”

“Chef.” Olho para o som da voz do meu gerente Kip.

“Nossos convidados para a degustação das sete horas estão todos aqui.”

“Todos?”

Os lábios de Kip se contraem.

“Sim. Incluindo sua convidada *pessoal*, Olivia.”

“Convidada pessoal?” Maria arqueia uma sobrancelha.

“Você está fodendo essa garota, chef?”

“Se ele não está, então ele definitivamente quer.”

Acrescenta Kip, um brilho malicioso nos olhos. “Não recebemos uma convidada pessoal de Eli há algum tempo.”

“É por isso que você colocou ostras no cardápio.” Diz Maria, assentindo. “Você quer deixá-la de bom humor, não é?”

Eu passo a mão pelo meu cabelo.

“Falem baixo, está bem? E minha vida pessoal não é da conta de todos. Mas se vocês *querem* saber, não, eu não estou transando com ela. E não, eu não estou tentando deixá-la de bom humor. Ela é nova na cidade, e eu só quero dar a ela a

melhor comida que ela já teve. Nada mais. Nada menos. É tão difícil de acreditar?”

Maria bufa em resposta.

“As ostras falam por si.” Diz Kip. “Vou em frente e colocarei todos em seus lugares. E sim, chef, antes que você pergunte, Olivia vai conseguir o melhor assento.”

“Melhor assento?” Eu pergunto.

Kip balança as sobrancelhas, inclinando a cabeça em direção à sala de jantar.

“Um onde ela possa ver você. Para que vocês possam olhar um para o outro a noite toda ou o que for.”

“Olhar de foda.” Maria ainda está assentindo. “O melhor tipo de preliminares que existe.”

Capítulo Oito

Olivia

Olho descaradamente ao meu redor enquanto Kip, o gerente alegre que se apresentou imediatamente quando entrei no The Pearl há alguns minutos, nos leva à nossa mesa.

O restaurante é deslumbrante. Há um grande senso de lugar sobre isso. Você *sabe* que está em Charleston assim que entra. Para que você não esqueça, existem paredes de tijolos expostos, vigas de madeira antigas e quilômetros de banquetes de couro ásperos para lembrá-lo. É como um bar ilegal de 1920 e um clube de cavalheiros modernos possuindo um bebê especialmente elegante.

Há tinta escura por dias. Luminárias artísticas em latão. Um bar enorme com uma adega espelhada ao lado.

Eu vejo o toque de Eli em todos os lugares.

Toda a vibração é tão sexy que está literalmente me excitando. Pressiono minhas pernas juntas, desejando que meu corpo se comporte.

A sala de jantar está cheia de uma multidão bonita, mas com roupas casuais. Todas as mesas estão ocupadas; o bar tem duas ou três pessoas na maioria dos lugares. Eu ouço o barulho de gelo em uma coqueteleira, seguido de um *estalo* distinto quando o barman, barbudo, como qualquer outro cara que eu já vi nesta cidade até agora, abre e derrama uma bebida.

Cheira ridiculamente bem aqui. Como carne assada em um forno a lenha.

Meu estômago ronca.

O barulho da multidão diminui por um segundo, e eu pego uma música. *Daughter* de Pearl Jam.

Não sei por que isso me faz sorrir. Mas faz.

Afastamo-nos do bar e a cozinha branca e brilhante aparece. Uma grande janela aberta é cortada na parede entre a cozinha e a sala de jantar, permitindo que os clientes observem a equipe da cozinha trabalhando.

Lá, na frente e no centro, está Eli. Usando uma jaqueta branca de chef, ele a preenche com perfeição, JACKSON bordado em simples letras pretas acima do bolso do peito. Tatuagens espreitando por baixo das mangas. Cabelo escuro penteado para trás ordenadamente de seu rosto bonito.

Um rosto que é uma máscara de concentração enquanto segura uma garrafa de plástico sobre um prato e a aperta rapidamente.

Meu estômago dá uma cambalhota. Só que em vez de aterrissar, ele continua caindo.

Eli parece tão bonito que *dói*. Aquelas *mãos, antebraços e ombros*.

Tão diferente dos caras gananciosos em camisas de colarinho nítidas com as quais jantei no passado.

Eu poderia estar a um milhão de milhas de casa. De quem eu sou lá.

Sinto uma pontada de culpa que estou prestes a desfrutar do que com certeza será uma refeição extraordinária sem Ted. Este é exatamente o tipo de coisa que faríamos juntos.

Mas então me lembro que não estou aqui para pensar em Ted. Estou aqui para escrever. Para *experimental* as coisas que irão inspirar minha criatividade.

E acho Eli e sua comida todo tipo de inspiração.

Kip nos aponta para uma longa mesa de cavalete que corre paralela ao comprimento da cozinha. Quando tento me sentar

do outro lado, ele me agarra e me senta bem no meio da mesa. Estou de frente para a cozinha.

Enfrentando *Eli*. De cabeça erguida. Dez pés, provavelmente menos, a única coisa que nos separa.

Como se ele soubesse que eu estou olhando para ele, Eli ergue os olhos. Ele sorri para mim. Piscando.

Eu sorrio de volta, meu rosto ficando quente.

Minhas mãos tremem quando eu pego o menu. Eu me sinto como uma adolescente novamente. Um pouco doente de desejo.

Desejo que não quero sentir. Mas aí está.

Imagino que esse seja o tipo de saudade que a heroína do meu romance sente pelo herói. É proibido. Emocionante *porque* é proibido.

Uma cena já está tomando forma na minha cabeça. O herói e a heroína encontrando os olhos através de uma sala lotada. Tudo e todos os outros desaparecem à medida que o entendimento primitivo e sem palavras passa entre eles. Sons, visões, cheiros, é avassalador e distante, ao mesmo tempo. O tempo diminui e passa muito rápido.

A antecipação engrossa o ar.

Talvez, apenas por esta noite, eu ceda a esse desejo. Não *ceder*, como no sentido bíblico. Mas talvez eu me permita sentir isso. Talvez eu finja que sou realmente escritora, e realmente moro aqui, e sou realmente livre para cobiçar Elijah Jackson da mesma maneira que minha heroína cobiça seu herói.

Eu tento isso.

Eu desisto, encontrando os olhos de Eli através do restaurante. Para fins estritamente literários, é claro. Ele sorri. Eu também.

O sommelier serve o vinho no nosso primeiro prato. É um Albariño, um vinho branco espanhol que tem gosto de maçãs verdes na minha língua.

Depois, há a comida. Prato após prato de uma comida fresca, criativa e extremamente satisfatória. Começamos com biscoitos servidos com algo chamado queijo e pimentão, feito em casa. É tão bom que eu literalmente não consigo parar de comê-los. Quando ficamos sem biscoitos, imploro ao nosso garçom que não traga mais nada. Estou preocupada que estrague meu apetite pela refeição real.

Depois dos biscoitos, vêm ostras em meia concha e uma salada de camarão em conserva e feijão verde. Em seguida,

aspargo local assado em uma cama de couve cozida no leite de coco. A seguir, nhoque feito de batata-doce, servido molho de creme amanteigado, gostoso e cremoso, que é tão bom que tenho que resistir à vontade de lambar meu prato.

Sinto que meus sentidos estão voltados para cima. É tudo demais. O vinho, a comida e Eli segurando a quadra na cozinha. Encontro-me fechando os olhos, desejando me lembrar desses momentos, desses sabores. Essa felicidade pura e fugaz de apenas me sentar, apreciar e *desejar*.

E muitas vezes encontro Eli me observando quando os abro. Quase sempre que eu o vejo trabalhando na cozinha.

Não consigo parar de observá-lo. Está cheio de pornografia de competência. Eu olho fixamente quando ele pega uma pinça enorme do bolso do peito e as usa para colocar meticulosamente um raminho de hortelã em uma colher perfeitamente redonda de creme.

Eu me sinto ficando molhada.

Há algo tão forte nele enquanto ele trabalha. Seus movimentos medidos. A maneira firme como ele prepara cada refeição. Não há pressa. Sem adivinhação. Eli está claramente em seu elemento; vê-lo trabalhar ao lado dos outros cozinheiros,

todos eles juntando esses pratos lindos sem dizer uma palavra, é como assistir a uma dança.

Eu bebo meu vinho, meu zumbido tão feliz que sinto formigamento atrás dos meus joelhos. Quanto mais eu bebo, mais eu assisto. Menos eu me importo em ser pega assistindo.

Não é surpresa que Eli me pegue novamente. Desta vez, ele balança a cabeça, provocativamente, como se estivesse tão cansado de ser o centro da minha atenção. Seus olhos, no entanto... eles piscam com o calor.

Com um desafio.

Continue olhando, garota ianque.

O cara é incrivelmente sexy do lado de fora da cozinha.

Mas nela? Ele é um deus.

O tipo que só encontrei nas páginas dos romances que amo.

Terminando meu vinho, sinto uma renovada onda de inspiração. *Isto* é como você capturar a força de um herói. A virilidade dele.

Esta é a forma como ele deve olhar. Mover. Existe dentro de seu mundo.

Pego meu telefone e abro o aplicativo de anotações. Anoto todas as ideias que tive hoje à noite até agora. Mal posso esperar para voltar para casa para trabalhar nelas.

Quando o nosso garçom retira nossos pratos de sobremesa, algo chamado bolo de folha de Coca-Cola com cobertura de ganache que é tão bom que como todas as migalhas, mesmo que esteja além do recheio, já é tarde, e o restaurante encerrou.

Percebo que todos na minha mesa estão assinando suas contas e se levantando.

Olhando em volta, não consigo encontrar minha conta.

“Com licença.” Eu digo, sinalizando nosso garçom. “Eu aceito minha conta quando você tiver um segundo.”

Ele sorri.

“Eu volto já.”

Meu vizinho não terminou o bolo. Dando uma olhada rápida para ter certeza de que ninguém está olhando, eu bato a ponta do dedo na cobertura e a levo à boca.

“Eu vi isso, menina ianque.”

Eu pulo com o som da voz familiar e estridente bem atrás de mim.

Virando-me, vejo Eli parado ali, parecendo maior, mais amplo e mais quente do que nunca. Os músculos dos antebraços se enrolam e ele cruza os braços sobre o peito.

Ele está sorrindo. Ted ficaria horrorizado se ele me pegasse comendo com os dedos. Especialmente se estivéssemos em público.

Mas Eli, ele adora.

A asfixia que tomou conta da minha garganta e apertou nos últimos tantos anos parece tão distante que poderia muito bem não existir. Eu posso *respirar* aqui. Ser eu mesma, meu eu bagunçado e levemente bêbado, sem ter medo de embarçar ou desapontar alguém.

Uma garota pode ficar viciada em se sentir assim.

“Culpada.” Eu digo, pegando um guardanapo para limpar meu dedo. “Se você não queria que eu fosse rude, não deveria deixar sua comida tão deliciosa.”

“Você gostou então?” Ele diz. Há uma pitada de incerteza em seu tom. Uma pitada de esperança.

É fofo.

Um sinal de aviso toca na parte de trás da minha cabeça. Mas eu estou muito longe de vinho, comida e *nele* para prestar atenção.

“Odiei.” Eu respondo com um sorriso. Ele solta o ar que está segurando. “Tanto é assim que quero pegar minha conta e sair daqui, para nunca mais voltar. Falando de...”

“A conta foi resolvida.” Diz Eli, acenando para mim.

Eu olho para ele.

“Pare com isso. Eli, você tem que me deixar pagar.”

“Ver o olhar em seu rosto enquanto você comia foi pagamento suficiente. Você usa seu estômago na manga, Olivia.”

Uma nova e mais potente onda de calor no meu rosto.

“Oh, Jesus, de que tipo de aparência você está falando?”
Pergunto.

Os lábios dele se contraem.

“Do tipo que eu gosto. Vamos, vamos tomar uma bebida no bar.”

Eli estende a mão. Eu hesito. Então, lembrando-me de ceder pela arte, aceito. Quando ele me ajuda a descer do banquinho, uma carga inconfundível de luxúria passa por mim do lugar onde minha palma toca a dele.

Eu não posso ser a única que sente isso. Mas ele não faz nenhum sinal externo de reconhecimento. Apenas sorri para mim, olhos encontrando os meus, e me acompanha pelo restaurante.

Provavelmente para o melhor.

Ele puxa um banquinho para mim no bar e vai para o outro lado. Os barmens, que estavam ocupados carregando as máquinas de lavar louça e limpando o balcão, agora acenam para Eli e desaparecem de vista.

Meu coração está batendo forte. Eu sei que devo ir para casa. Encerrar a noite. Mas eu não quero.

Ainda não.

“O que você gostaria de beber?” Eli pergunta, pegando uma coqueteleira.

Olho para a parede de bebida na minha frente.

“Estou *realmente* cheia, nada muito pesado. O que você recomendaria?”

Ele estreita os olhos de brincadeira, procurando meu rosto.

“Entendi. Espere.”

Observando Eli trabalhar com uma coqueteleira, do jeito que ele casualmente conhece o bar, o licor, os copos...

Eu estou suando. Esta cidade está me transformando em uma bagunça perpetuamente pegajosa, suada e *sensual*.

Meu corpo está praticamente latejando quando ele desliza um copo pesado sobre o balcão. Ele está segurando outro na mão.

“Saúde.” Diz ele, segurando-o. “Obrigado por vir hoje à noite.”

Eu toco meu copo no dele.

“Você está de brincadeira? Obrigada por me receber. E por me tratar com a melhor refeição da minha vida. Sericamente. Eu nunca experimentei algo assim. A comida aqui, a atmosfera, é especial, Eli. Estou impressionada.”

Ele sorri, trazendo a bebida para os lábios. Seus olhos estão em mim enquanto eu saboreio o meu. Como se ele estivesse um pouco nervoso para saber o que eu acho.

Um sabor doce e esfumaçado atinge minha língua, cortado com uma ponta refrescante de algo frio e espumoso e um pouco azedo.

“Pare de explodir minha mente, por favor?” Eu digo, batendo meus lábios. “Uma vez é suficiente.”

Eli ainda está sorrindo.

“É o Mezcal. Ultimamente tenho me obcecado com isso, é um licor mexicano feito de agave e tem uma fumaça incrível e sexy, da qual não me canso.”

Sexy. É exatamente assim que esta bebida tem gosto.

É exatamente assim que me sinto quando Eli olha para mim.

Capítulo Nove

Olivia

“É delicioso.” Eu digo, olhando para longe. “Tudo o que você faz é delicioso. Observar você trabalhando na cozinha me deu muita inspiração.”

“Inspiração?” Ele arqueia uma sobrancelha. “Para quê?”

Eu congelo, segurando meu coquetel no ar.

Eu não quis dizer isso.

Eu encontro os olhos de Eli. Eles são escuros. Bonito.

Sério.

Penso no que Ted disse quando contei a ele sobre minhas aspirações de escritora de romance.

Então penso no que Eli disse na outra manhã no café da manhã. As coisas sobre fazer o que o faz feliz.

Talvez ele entenda por que eu quero escrever.

Ou talvez ele não queira.

De qualquer maneira, eu quero experimentar a escrita como uma profissão. Só desta vez. Se não posso fazer isso aqui, em um lugar onde literalmente ninguém me conhece, nunca o conhecerei. Não há amigos para deixar desconfortável. Nenhum colega para ir ao meu chefe de departamento com a notícia alarmante de que uma de suas estrelas acadêmicas em ascensão está escrevendo um corpete estripador. Nenhum namorado para decepcionar ou envergonhar.

Não é como se eu estivesse mentindo sobre isso também. Eu *estou* escrevendo um livro

Meu coração bate uma vez. Duas vezes.

“Inspiração para o meu romance.” Eu digo, quadrando meus ombros. “Eu estou escrevendo romance histórico.”

Eli pisca. Então seu rosto se abre com o maior e mais brilhante sorriso que já vi nele.

Meu coração, de repente leve, vibra ao redor do meu peito como uma borboleta bêbada.

“Você escreve romances?” Ele diz. “Essa é a coisa mais legal do mundo! Não sei se você viu a estante de livros na minha casa...”

“Eu vi.” Eu digo, sorrindo.

!Mas eu amo ler. Conheci muitos escritores de revistas da época, mas nunca tive o prazer de conhecer uma *romancista*. Menos do que quem escreve sobre amor. Você oficialmente ganhou o prêmio de *Profissão mais Foda de todos os tempos*.”

Eu rio, levando meu coquetel aos lábios para esconder a onda de calor nas bochechas e no peito. Sua excitação é contagiosa. Tão intensamente lisonjeiro que não sei ao certo o que fazer comigo ou a quantidade insana de prazer que sinto por *estar* com esse cara. Ele é autêntico em todos os sentidos da palavra. O que me faz querer ser autêntica também. Autêntica para o meu lado secreto de escrever romances que oculto há tanto tempo.

“Obrigada.” Eu respondo. “Eu diria que esse prêmio realmente pertence a você. Escrever romance é muito menos fascinante do que parece.”

Não que eu tenha muita experiência com isso. Ainda não.

Eli encolhe os ombros.

“Isso vale para ser um chef. Mas você está fazendo algo *diferente*, o que exige coragem. Muitas pessoas, elas não entendem o diferente.”

Minha vez de piscar. Minha garganta engrossa, repentina e inesperadamente.

Olho para a minha bebida.

“Eles não.”

“Quando abri este lugar, todos pensaram que eu estava fora do meu balanço por manter meu cardápio, e minha comida, tão simples. Eles ficaram esperando que eu caísse no meu rosto. Mas eu ainda estou aqui. Ferido. Pior para o desgaste. Mas ainda aqui.” Ele diz, erguendo os olhos para a sala ao nosso redor.

“Sim, bem. Não dói que você seja extraordinariamente talentoso.” Digo.

Eli balança a cabeça.

“Não sou mais talentoso do que qualquer outro idiota com um diploma de escola de culinária. Eu sempre fui um trabalhador esforçado. Eu continuo indo quando todo mundo sai. Eu também queria desistir. Toda vez que algo dava errado, eu ficava tão tentado a pendurar meu chapéu e encerrar o dia.”

“Mas você não fez.” Estou me inclinando para o bar agora, a bancada cortando meu estômago. “Por quê?”

“Porque eu amo o que faço.” Ele diz simplesmente, suavizando os olhos com emoção. “Cozinhar em si pode ser difícil, quente e estressante, como todos sabem. Mas quando vejo uma casa lotada saboreando esses belos pratos que montamos, voltando várias vezes para comer a comida que gosto de fazer, é gratificante. Profundamente satisfatório, de uma maneira que não consigo descrever de verdade. Isso me enche. É liberdade.”

Eu quero ser preenchida assim.

Faz tanto tempo desde que me senti *livre* assim. O que é irônico, porque pensei que finalmente estaria livre depois de ter tudo. Mas agora que o faço, minha vida parece mais uma prisão do que um céu aberto. Me faz pensar que, por mais que eu queira ser a outra metade altamente bem-sucedida do casal de poder de Ted, talvez eu não seja essa mulher.

Talvez eu seja *essa* mulher. Quem escreve romance, pratica ioga e flerta livremente com chefs bonitos, interessantes e talentosos.

E se eu estiver querendo as coisas erradas? Coisas que não me deixam tão feliz assim?

“Então, em que período você escreve?” Ele pergunta.

Tomo um longo gole da minha bebida.

“Regência. Início do século XIX. Eu sou uma otária total para salões de baile e calças. Eu simplesmente adoro o romance daquele período. Todas as regras rígidas que eles tinham naquela época compõem algumas tramas deliciosas. O romance proibido é provavelmente o meu favorito, inimigos para amantes é um segundo próximo. Eu amo uma heroína que realmente lida com convenções e vira o sexismo desenfreado desse mundo de cabeça para baixo. E os heróis, nada me excita como um duque, um libertino ou um boxeador de joelhos sem camisa que é um cavalheiro nas ruas, mas uma loucura *total* nos lençóis.”

Espero não estar indo longe demais. Eu simplesmente não posso me ajudar. Eu nunca fui capaz de falar com ninguém sobre isso. Agora que estou falando sobre isso, e com um sulista bonito e sorridente, não consigo calar a boca.

Mas, a julgar pela maneira como os olhos de Eli estão dançando, eu não fui longe o suficiente.

“Merda.” Diz ele. “Agora eu gostaria de ter entrado no boxe sem manga.”

Eu ri, a pura tontura de ter alguém para trocar piadas sobre o romance histórico, inundando cada centímetro do meu ser.

“Não é tarde demais.” Eu respondo. “Então sim. Basicamente, escrevo da mesma maneira que Jane Austen, apenas com cenas de sexo *muito* mais explícitas.”

“Então, *basicamente*, você passa a portas fechadas com o Sr. Darcy e Lizzie Bennet.”

Oh, Deus, como se esse cara não fosse quente o suficiente.

Agora ele deve nomear os personagens do *Orgulho e Preconceito*.

Apenas o meu livro favorito de todos os tempos. Nada demais.

“Você conhece Austen.” Eu digo, olhando para longe, para que eu não entre espontaneamente em uma bola de magma quente e gritante. “Estou sinceramente surpresa, não vi muitas mulheres em suas prateleiras. Escritoras ou personagens.”

Eli levanta as mãos em falsa rendição.

“Você me pegou aí. Eu não sou perfeito, Olivia. Mas estou disposto a aprender. Que tal começar com seus livros? Apenas me dê os títulos e terei meus amigos na encomenda do Rainbow⁵ para mim.”

Seramente.

Esse cara.

Eu não esperava que Eli estivesse tão entusiasmado com a minha escrita.

Eu definitivamente não esperava que ele quisesse *ler* minha escrita. Mesmo que ele seja um grande leitor, os caras não leem romance. Eles tiram sarro disso. Diminuem isso. Pelo menos na minha experiência.

Mas olhando para Eli, vendo aquele brilho sincero em seus olhos lindos, sinto que ele não tiraria sarro da maneira como Ted fazia.

Ele o devoraria.

Assim como ele está *me* devorando agora. Ou talvez seja eu quem o esteja devorando.

⁵ Rainbow – Empresa de distribuição autorizado.

Eu continuo dizendo isso. Mas nunca conheci um cara como ele. Um homem que cozinha para ganhar a vida, que está arrasado até um centímetro de sua vida, que gosta de ler, fazer yoga e conversar apaixonadamente sobre grandes ideias, como romance, liberdade e propósito.

Ele é único.

Um tipo que deixaria as pessoas que eu conheço em casa desconfortáveis. Eles não seriam pegos mortos socializando com alguém que trabalha em uma cozinha. Eles reviravam os olhos para suas tatuagens e seu sotaque. Nem me fale sobre como eles se sentiriam sobre o hábito de andar pela cidade sem camisa.

Mas agora, Eli está me fazendo sentir como um milhão de dólares.

Fico impressionada com a ideia selvagem de que *isso* é tudo o que importa. Não é o que as outras pessoas pensam. Não é o que as outras pessoas esperam. Mas como *me* sinto e o *que* quero.

É uma ideia estúpida. Eu posso imaginar Ted balançando a cabeça e suspirando. Um suspiro cansado e desapontado que ele seguiria com algo como *não seja ridícula, Olivia, você é uma*

adulta, não um espírito livre de adolescente que está sofrendo uma queda.

Mas. Por que não experimentar enquanto estou aqui?
Fazendo as coisas porque eu quero, por que eu sinto vontade?

Culpe a minha emoção. O vinho. A maneira como Eli fala comigo como se eu não sou louca por escrever romance. Mas sinto vontade de me arriscar. Talvez ter algum tipo de prestação de contas, digamos, transformar dez páginas em Eli todas as noites, seja o impulso necessário para que esse romance seja lançado.

É corajoso. Mas se não for agora, então quando?

“Na verdade.” Eu digo, envolvendo minhas mãos em volta do meu copo de coquetel. “Eu poderia usar alguma ajuda com um manuscrito no qual estou trabalhando. Eu continuo batendo nesses obstáculos. Não consigo passar de algumas milhares de palavras. Eu sei que você está ocupado, então eu entendo totalmente se você...”

“Estou dentro.” Diz Eli. “Não sou editor e não conheço o caminho do romance. *Ainda*. Como eu disse, estou disposto a aprender. Eu ficaria feliz em ler o que você tem.”

“Sério?” Eu estou lutando contra um sorriso tão grande que realmente dói. “Você faria isso?”

Ele sorri. Aquela peculiaridade levemente devastadora e totalmente bonita de seus lábios.

“Claro. Talvez você pare na minha casa para tomar café da manhã com mais frequência.” Diz ele.

Uma onda quase violenta de calor formiga em minhas bochechas. Entre minhas pernas.

Lembro-me de que, com uma personalidade tão grande e quente quanto a dele, Eli provavelmente flerta com todos, homens, avós e bebês. Não sou nada especial nos olhos dele. Com toda a probabilidade, eu sou a quinquagésima pessoa que Eli deitou com seu charme apenas na última hora.

Eu não sou nada de especial.

Mesmo que ele me faça sentir a mulher mais sexy e interessante do mundo por ser apenas eu mesma.



Eli é chamado à cozinha para lidar com uma crise, algo sobre

uma máquina de lavar louça e um garçom sendo pego *em flagrante* no vestiário, então ele me coloca em um táxi ('Olivia, você está maluca, se acha que eu estou deixando você ir para casa sozinha no escuro'), com a promessa de procurar as primeiras dez páginas do meu manuscrito que eu disse que teria na porta dele no dia seguinte.

Subo as escadas alegremente para a casa. Em algum lugar no fundo da minha mente, eu sei que estou exausta. Não durmo direito há anos. Mas do jeito que eu flutuo pela cozinha até o banheiro, mesmo fazendo um pequeno giro rápido enquanto limpo a maquiagem dos olhos, você pensaria que estou cheia de energia.

Eu *estou* cheia de energia. Eu não senti essa empolgação para escrever... há séculos. Enrolada na cama de pijama, abro meu laptop e conecto meus fones de ouvido. Eu desligo a Internet, primeiro para mim, e abro um novo documento do Word.

Minha musa está *cantando*.

Eu não acho. Eu não edito enquanto vou. Eu apenas escrevo, deixando as palavras caírem e tropeçarem enquanto meus dedos se movem furiosamente sobre o teclado.

MEU INIMIGO, O DUQUE

Por Olivia Gates

ROMEO E JULIETA encontra Regência da Inglaterra

(atende ao mínimo parte de GAME OF THRONES)

Os herdeiros das famílias opostas alimentam um antigo conflito ao se apaixonarem.

Inglaterra, 1813

Castelo Oeste, Nortúmbria

Mesmo em um salão cheio de guerreiros de cabelos escuros e ombros largos, Gunnar Danes, conde de Garrick, se destacava. Ele era enorme, ainda mais com as grossas brafoneiras⁶ de couro que cobriam seus ombros, o estojo de metal esticado sobre o peito. Era apenas um traje, mas nele parecia emocionantemente real.

Ele usava um longo cabelo no alto da cabeça, enfatizando as linhas afiadas das maçãs do rosto. Linhas que brilhavam na luz cor de mel da sala. A barba por fazer de uma barba descuidada,

⁶ Brafoneiras - peça da armadura que cobria a parte superior do braço e era também usada nos cavalos armados.

mais vermelha que seus cabelos, também captava a luz. Um pelo espinhoso.

E os olhos dele, eram um tom marcante de avelã, mais verde que marrom.

Eles estavam nela.

Ela, Catherine Woodville. Solteirona. A filha do seu grande inimigo e tudo isso. Suas famílias estavam na garganta um do outro por gerações.

Razão número cento e oitenta e nove, por que entrar no baile anual de São Miguel da família Dane, era uma má ideia.

Mas aqui estava ela, vestida com um vestido emprestado e uma máscara, encontrando os olhos com o homem na Terra que ela precisava para ficar longe.

Esse Romeu era muito, muito diferente do italiano apaixonado de 13 anos na peça de Shakespeare. Na verdade, Gunnar Danes era o tipo de guerreiro medieval de aparência áspera que deixava Cate tonta. Ela agarrou a borda da mesa de bebidas, preparando-se para o ataque enquanto ele se aproximava dela do outro lado do salão lotado...

Capítulo Dez

Eli

Faço uma parada rápida no caminho para o trabalho na manhã seguinte.

Rainbow Row Books, a livraria indie mais antiga e famosa da cidade, está alojada em um pequeno lugar de Charleston que, graças ao grande terremoto de 1889, está precariamente inclinado para um lado. Não há como você se levantar na varanda do segundo andar; é inclinado a tal ângulo que você escorregaria e aterrissaria no estacionamento abaixo.

Seu exterior esquisito dá lugar a um primeiro andar igualmente esquisito e cheio de luz, repleto de vigas com livros e gatos de resgate.

Charlotte, uma gata siamesa que está sem uma perna, é a primeira a me cumprimentar, esfregando minha panturrilha. Alice, Beverly, Ernest e George são os próximos. No espaço de meio minuto, meus jeans estão cobertos de pelos de gato e meus tênis praticamente vibram com todo o ronronar.

Fazendo uma piada de boceta silenciosa, eu sorrio.

“Elijah!” Louise, a proprietária, rapidamente fecha o livro atrás do registro na parte de trás da loja. Abaixando a cabeça, ela me olha por cima das lentes nubladas de seus óculos de leitura. “Estou sempre feliz em vê-lo, bonito, mas o Vonnegut⁷ que você pediu ainda não chegou.”

Com cuidado para não pisar em nenhuma cabeça ou patas perdidas, volto para Louise e dou um beijo na pele de papel de sua bochecha.

“Na verdade, não estou aqui para Vonnegut.” Digo. “Estou aqui porque preciso da sua ajuda.”

Louise se endireita com seriedade falsa.

“Fale comigo, chef.”

“Quero que você me dê um curso intensivo de romance.”

“Romance?” Louise pisca. “Como em amor romântico, ou...?”

“*Romances*.” Eu digo, rindo. “Gostaria de me concentrar no romance histórico, mas aceitarei qualquer coisa que você puder me dar.”

⁷ Kurt Vonnegut Jr. foi um escritor estadunidense de ascendência germânica. É autor de vários romances, ensaios e peças de teatro, entre os quais se destacam *Player Piano* de 1952, *Cat's Cradle* de 1963, *Slaughterhouse-Five* de 1969, *Breakfast of Champions* de 1973 e *Galápagos* de 1985.

Usando o primeiro dedo para empurrar os óculos, ela olha para mim, os olhos arregalados e corujas pelas lentes.

“Não teria associado a você um leitor de romance.”

“Por causa do Vonnegut?”

“Por causa do seu pau.” Diz Louise. Ela desliza do banquinho. “O mundo seria um lugar melhor se mais homens lessem romances. Vamos lá, bonito. Lamento dizer que não mantemos muito disso em estoque. Nós nunca tivemos essa base de leitores e muito desse mercado ficou digital nos últimos anos.”

Louise está certa. Sua seção de romance é lamentavelmente pequena. São as duas fileiras inferiores de uma estante de metal precária. Muitos dos livros são tão antigos que suas páginas são amareladas.

Eu me pergunto o que Olivia teria a dizer sobre isso. Ela estava tão contida na outra manhã no café da manhã e depois novamente no yoga. Mas quando ela falou sobre romance, foi como uma barragem. Seus olhos se iluminaram e suas bochechas coraram de rosa e ela riu, realmente *riu*, do tipo que sai de sua barriga.

Ela era tão linda naquele momento que tive que agarrar meu coquetel com força para não a alcançar. Beijando aquela boca bonita dela. O que teria sido uma má ideia em muitos níveis. Mais importante, eu não tinha a permissão dela. Eu também não conheço a história dela. Bem, a história sobre sua vida romântica, de qualquer maneira. Talvez ela tenha um namorado.

Talvez ela não tenha. Mesmo assim, talvez ela não esteja interessada em um beijo por qualquer motivo.

Tudo isso começou como uma curiosidade inocente sobre a bela estranha que apareceu na minha cozinha, com fome, cansada e escondendo alguma coisa.

Mas agora que estou conhecendo essa estranha, estou descobrindo que gosto dela. Muito. Estou intrigado com a dissonância entre o exterior calmo e frio e o fogo em seus olhos. Eu gosto que ela tenha segredos. Eu adoro que ela é escritora. Eu a admiro por ter uma chance e escrever romance. Eu também gosto de como pareço esquecer todas as minhas preocupações quando estou com ela. Ela tem essa maneira de ocupar toda a sala que limpa minha mente e clareia meu humor.

Eu definitivamente não me importaria de conhecer Olivia melhor. Como pessoa. Mas também na cama.

Ver se podemos recriar aquele cabelo fodido que ela usava naquela primeira manhã.

Eu sou apenas humano, gente.

Começo quando Louise guia um pequeno livro com uma capa turquesa nas mãos. *Diga sim ao marquês* de Tessa Dare.

“Comece com este.” Diz ela. “Oh! E então o mais novo Sarah MacLean, *O vilão e a flor solitária*. Tão bom...”

Meia hora depois, saio do Rainbow com uma pilha de livros e instruções para comprar um e-Reader, onde posso baixar a lista de títulos que Louise não tinha disponível na loja. Ainda bem que sou um leitor rápido. Eu costumo ler um livro ou dois por semana, mais, se eu conseguir.

Hora de conhecer esses caras de calça comprida, que Olivia tanto gosta.

Mais tarde naquela noite, quando chego em casa do restaurante, abro minha caixa de correio para encontrar um pacote bem organizado, as páginas mantidas juntas por um pequeno grampo preto.

A luz de uma lâmpada de gás próxima apanhando na primeira página, eu sorrio. *Meu inimigo, o Duque*, de Olivia Gates.

Gostaria de saber se esse é o nome verdadeiro dela ou se é um pseudônimo que ela usa para proteger os inocentes.

Um post-it está preso na página abaixo do nome dela. Sua escrita é uniforme e cuidadosa.

Eli

OBRIGADA novamente por ler isso. Animada (nervosa) para saber o que você pensa.

Definitivamente NÃO sou a romancista mais foda de todos os tempos.

Olho para a janela dela. Sinto uma pontada de decepção quando vejo que está escuro. Ela provavelmente está dormindo. A maioria das pessoas normais está às onze e meia da noite de quarta-feira.

Ainda desejo que ela estivesse acordada. Eu jogaria uma pedra na janela dela, no estilo colegial, e a convidaria para tomar uma bebida. Escolher o cérebro dela sobre esse Duque. A fazer rir de novo. A barriga meio que ri.

Pelo menos eu tenho este capítulo para ler. Depois do dia que tive, sou grato por qualquer tipo de distração. Recebi mais más notícias sobre o The Jam, estamos com pouco dinheiro, mesmo após minha infusão emergencial de dinheiro e o tempo que passo por lá, e teremos que fechar nas próximas semanas se as coisas não melhorarem. O que não parece provável.

Colocando o pacote debaixo do meu braço, vou para dentro. Billy se arrasta para dizer olá. Eu dou-lhe um bom arranhão atrás das orelhas. O deixo sair no quintal. Tiro a camisa, doce bebê Jesus, fiquei esperando o dia todo para fazer isso, e pego um copo de água antes de deixar Billy voltar.

Nós dois subimos para o meu quarto.

Acendendo a luz, uma imagem passa pela minha cabeça. Eu jogando Olivia na cama, o colchão mergulhando enquanto eu subo em cima dela. Ela ficaria sem fôlego, eu ficaria duro, estaríamos nus em cinco segundos.

Não, risque isso. Eu levaria meu tempo com ela. Beijando-a forte e profundamente. Colocar minhas mãos em cada centímetro do corpo dela. Abrir suas pernas e a saborear por uma hora, deixando-a tão selvagem que ela estaria arrancando meu cabelo, acordando os vizinhos.

Ela seria qualquer coisa, *menos* cuidadosa e arrumada.
Acenderia o fogo que vi nos olhos dela.

Eu pisco, a imagem de Olivia na minha cama se dissolvendo
em Billy, que pulou no colchão e agora está lambendo
alegremente suas bolas inexistentes.

“Cara, vamos lá.” Eu digo, tentando pressioná-lo para o
outro lado da cama.

Ele não se mexe.

Eu suspiro. O cachorro está ficando muito confortável aí em
cima.

Faz muito tempo desde que eu tive outro humano na
minha cama.

Tomo um banho rápido (frio), lavo o cheiro da cozinha e
escovo os dentes. Então eu pego uma caneta na gaveta da minha
mesa de cabeceira, me apoio nos travesseiros e começo a
trabalhar em *Meu inimigo, o Duque*.

Não sei o que estava esperando. Mas estou imediatamente
impressionado com a mistura sedutora de beleza e humor na
prosa de Olivia. Eu posso ouvir a voz dela, clara como o dia, na
estrutura de suas frases. Nas escolhas de palavras que ela faz.

Um dos meus parágrafos favoritos vem quando Gunnar, o herói, está olhando para uma estranha do outro lado do salão, uma estranha que ele descobrirá mais tarde ser Catherine, a filha do inimigo de sua família. A Julieta para seu Romeu.

Gunnar abriu os olhos, e a bela estranha estava lá. Alguns passos e ele estaria ao lado dela. Dentro de suas veias, seu sangue esquentou. Ele tentou lutar contra isso. Ele conhecia esse sentimento, o diabo dentro dele, fervendo de vida. Ele deveria correr, encontrar um lago gelado para pular, um padre.

Eu posso me relacionar com isso, cara.

A história me inspira. Tudo sobre este livro é *ardente*. Os personagens. A angústia. A tensão sexual.

A vulnerabilidade.

Este não é o trabalho da garota de óculos Chanel e vestido de seda.

Este é o trabalho da garota que parecia estar chegando enquanto comia minha comida. A garota cujos olhos brilharam, travessos e brilhantes, quando ela falou sobre duques que eram bons na cama.

A garota que está queimando por dentro.

Ela é tão talentosa. O que estranhamente me faz questionar se sou talentoso o suficiente para estar com ela. Se eu sou bom o suficiente para estar com alguém que claramente tem um futuro brilhante pela frente. Porque meu futuro está parecendo muito sombrio agora.

E se eu for muito simples, como aquele crítico implica? Estúpido demais para alguém tão inteligente quanto Olivia?

Segurando as páginas, olho para baixo e vejo que estou armando uma barraca. A inteligência sempre foi uma grande virada para mim.

Eu vou cuidar do meu pau em um minuto. Preciso descobrir o que acontece depois da primeira troca espirituosa de Gunnar e Cate.

Então eu tiro esses pensamentos desagradáveis da minha cabeça e continuo lendo. Quando folheio uma página, apenas para descobrir que é a última, caramba, Olivia me deu exatamente dez páginas, e nem mais uma frase, literalmente xinguei em voz alta.

“Você está brincando comigo porra?”

Billy ergue os olhos das bolas de mentirinha. Nós encontramos olhos.

“O que.” Eu digo. “Estava apenas ficando bom. Gunnar estava prestes a dar a Catherine um 'tour privado' - aspas no ar. - do castelo dele.

Se Billy pudesse dar de ombros, ‘*quem se importa?*’ ele faria agora.

Ele volta para sua bunda.

Reli as dez páginas. Então as li novamente.

Faço algumas anotações. Principalmente sobre cortar coisas.

Eu leio, escrevo e *desejo*. Abaixando-me, dou alguns golpes leves. Meu pau está quente e enorme na minha mão.

Eu quero ver mais dessa mulher. Aquela que escreve com tanta alegria, erotismo e habilidade óbvia.

Eu acaricio um pouco mais forte agora. Sinto meu orgasmo se aproximando na velocidade da luz. Eu estou tão duro que dói. Um, dois golpes cruéis, e então eu gozo, meus quadris pulando para fora da cama enquanto eu derramo na minha palma. Jato após jato de porra quente.

Depois de me limpar, volto para Gunnar e Cate.

Eu li exatamente zero romance até este ponto. Mas li romances suficientes durante a minha vida para reconhecer histórias de qualidade quando a vejo.

Meu inimigo, o Duque, é de alta qualidade.

Não posso deixar de notar como Olivia escreveu com desejo sobre liberdade e escolha. Parece alto e claro que sua heroína se sente presa por sua vida. Por convenção.

Cate se perdeu no mundo de Gunnar, imaginando como seria ser ele. Um homem bonito, cuja vida era liberdade e possibilidade. Uma vida muito, muito diferente da dela.

Eu continuo voltando a essa linha. Faço uma anotação para perguntar a ela sobre isso.

Por mais que eu sinta que estou conhecendo Olivia, a verdadeira Olivia, lendo seu trabalho, também sinto que tenho mais perguntas do que respostas sobre ela. Eu sei que Catherine é uma personagem fictícia. Mas quanto dela se baseia nas próprias experiências de Olivia? Por que escolher a *liberdade* como tema, se não era algo com o qual Olivia lutava na realidade?

Já passava das duas quando eu derrubei *Meu Inimigo, o Duque*. Estou cansado e ligado novamente. Frustrado e curioso. Esperançoso, mas cauteloso.

Estou conhecendo Olivia. Quanto mais eu conheço, mais eu quero.

Eu nunca sou de me negar nada. Se eu quero algo, alguém, eu vou em frente.

Mas e se Olivia não estiver presente? E se eu a alcançar, apenas para que ela escorregue pelos meus dedos? Estou prestes a perder um restaurante. Perder uma garota pode me levar ao limite.

Passando a mão pelo meu rosto, vou pensar em ir embora.

Eu estou sendo ridículo. Conheço a garota há três dias?

Apago a luz, decidido a adormecer neste segundo.

Determinado a parar de querer essa garota tão malditamente.

Eu estaria mentindo, no entanto, se dissesse que não estou pensando em que comida eu deveria trazer para ela amanhã de manhã, juntamente com minhas anotações.

The background of the page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and magenta. The bokeh is most dense at the top and bottom edges, fading into a lighter, more uniform white or light purple in the center where the text is located.

Alguém tem que mantê-la alimentada para que ela possa
terminar esta história.

Esse alguém vai ser eu.

Capítulo Onze

Eli

Subo os degraus da casa, o primeiro capítulo de *Meu Inimigo, o Duque*, em uma mão e dois sanduíches de biscoito de ovo e queijo e pimentão, ainda quentes do forno, na outra. O cabo de plástico de uma caneca de café está pendurado no meu dedo mindinho.

Batendo na porta com o cotovelo, mais como um baque, espero.

Meu coração está fazendo essa pequena dança engraçada no meu peito. Eu olho para ele, como se eu pudesse colocar a maldita coisa em submissão.

Estou cansado pra caralho, não durmo muito hoje em dia, graças a tudo o que acontece no Jam, mas me sinto estranhamente decente. Energizado, até. Como a paixão no texto de Olivia reacendeu a minha ou algo assim. Eu me encontrei bem acordado antes das sete, me perguntando se havia manteiga suficiente na geladeira para preparar um lote de biscoitos da vovó e da Mãe.

Eu tinha apenas o suficiente.

Então, aqui estou eu, duas horas depois, farinha nos meus cabelos e um sorriso idiota no meu rosto, esperando impacientemente Olivia abrir a porta.

Quando ela o faz, sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

Seus grandes olhos azuis acendem e ela sorri. Esse sorriso largo, desprotegido e totalmente lindo de surpresa. Ela está vestindo um moletom e esses minúsculos shorts de pijama que mostram suas pernas musculosas e flexíveis.

O cabelo escuro dela está em todo lugar.

Fico sem palavras. *Literalmente* sem palavras. Eu apenas olho para ela.

Ela. A garota que escreve de maneira tão vulnerável sobre desejo, sensualidade e liberdade.

A garota para quem estou sorrindo, como se estivesse pendurado na maldita lua.

Senhor do céu.

“Oi!” Ela respira, de repente um pouco tímida quando seus olhos voam para as páginas da minha mão. “Oh meu Deus, não me diga que você já leu.”

Eu limpo minha garganta.

“Primeira coisa que fiz quando cheguei em casa na noite passada. Você me manteve acordado até *tarde*, garota.”

“Isso é uma coisa boa?” O sorriso dela desaparece. “Ou ruim?”

Eu levanto as páginas.

“Isto? *Esta* é uma das melhores coisas que li há muito tempo.”

Olivia pisca, seus lábios se abrindo em feliz descrença. Suas bochechas ficam vermelhas de prazer.

“Realmente?”

“Realmente. Vou lhe contar mais, se você me deixar entrar e lhe dar um café da manhã.” Digo, assentindo.

Ela morde o lábio, abrindo mais a porta.

“Você realmente precisa parar de ser um ótimo vizinho. Eu nunca vou poder te pagar de volta.”

“Eu não quero ser pago de volta.” Eu a sigo até a cozinha pequena, mas elegante. Todo o lugar é realmente muito elegante. Nenhuma surpresa aí. Eu conheci a dona deste lugar, Julia, e ela me disse que gostava de antiguidades. “Eu só quero que você coma. E para escrever mais. A química de Gunnar e Cate queima diretamente da página. Por favor, diga-me que eles se entenderão em breve.”

Olivia ainda está sorrindo quando se vira para pegar alguns pratos e alguns guardanapos.

“Eu tenho que torturá-los um pouco primeiro.” Ela responde.

Ando ao lado dela, abrindo armários até encontrar duas canecas de café.

Seu braço roça o meu quando ela pega colheres em uma gaveta. Minha pele pica para a vida.

O ar entre nós aperta. Tambores com baixa corrente de eletricidade.

“Desculpe.” Diz ela, recuando rapidamente para a segurança da pequena ilha.

Eu olho para ela. Ela está cuidadosamente desembulhando os biscoitos, sem olhar para mim.

Suas bochechas estão mais rosadas do que eram um segundo atrás.

Ela está desconfortável? Envergonhado? Despertada?

“Torturar os personagens realmente aumenta a tensão.” Continua ela, ainda sem tirar os olhos dos biscoitos. “Por mais delicioso que seja o sexo, acho que as coisas que o levaram podem ser ainda mais suculentas.”

Solto a tampa da caneca de viagem e despejo o café nas canecas. Eu já coloquei meio e meio nele, caso Olivia não tivesse.

“Teoria interessante. De que tipo de coisas suculentas estamos falando?”

“Todos os *tipos* de coisas suculentas.” Ela olha para os biscoitos, pedaços de queijo e pimentão derretido escorrendo pelos lados. “Cristo, Eli, estes parecem incríveis. Não me diga que você...”

“Fiz eles do zero esta manhã?” Eu sorrio. Entregando-lhe uma caneca. “Se você acha que eu lhe serviria qualquer coisa de um freezer, então você não me conhece, menina ianque.”

Olivia olha para sua caneca, a expressão em seus olhos se apertando.

“Eli.” Ela diz lentamente. Ela olha para cima. “Por que você está sendo tão gentil comigo? Primeiro a tigela de grãos, depois a degustação do chef. Agora biscoitos caseiros e uma crítica brilhante para o meu romance. Não posso deixar de sentir que estou tendo um momento no *Clube da Luta*.”

Minhas sobrancelhas franzidas.

“Isso tem algo a ver com aqueles boxeadores que você gosta? Porque sou um aprendiz rápido...”

“Não.” Diz ela rindo. “Eu apenas... eu sinto que você é tão gentil e tão...” Seus olhos se desviam para o meu peito nu. “Sem *camisa* que eu devo estar inventando você.”

Pego um prato e entrego a ela.

“Este sanduíche de biscoito que eu fiz para você é real. Eu também sou.”

“Você promete?” Seus olhos azuis brilham para encontrar os meus. Meu estômago cai.

“Eu prometo.” Eu respondo. “Tenho que admitir, Olivia, sua pergunta me preocupa um pouco. As pessoas não são legais com você em Nova York? É assim que somos aqui.”

Os lábios dela se contraem contra os lábios da caneca.

“Semi nu?”

“Hospitaleiro. Vizinho.” Coloquei minha mão na ilha e me inclinei nela. “Veja. Eu sei que você não quer falar sobre isso... porque se você quisesse, você faria... mas eu vejo a dor em seus olhos. Você está passando por algo. Algo que dói. Se eu puder fazer doer um pouco menos, alimentando você, fazendo você sorrir... inferno, eu vou fazer isso. Se isso te deixa desconfortável, me diga para parar. Eu nunca vou incomodá-la novamente. Mas gostaria de ajudar se você me deixasse.”

Olivia engole, o som audível. Ela pisca.

“Obrigada.” Diz ela finalmente. “E você não precisa parar. Eu realmente aprecio tudo o que você está fazendo por mim. A comida *definitivamente* me faz sentir melhor. Eu acho...” Ela encolhe os ombros. “Acho que não tenho o hábito de aceitar ajuda. Não posso deixar de suspeitar disso.”

Tomo um gole de café, os olhos ainda presos nos dela.

“Quero deixar claro que não espero nada em troca. Exceto, talvez, mais alguns capítulos de *Meu inimigo, o Duque*, se você os escrever. O que você deveria.”

Olivia sorri, a tensão em sua expressão derrete.

“Somos amigos então?” Diz ela.

Eu concordo.

“Amigos com uma apreciação compartilhada por grãos e bons livros.”

Não mencionei que gostaria de ser mais do que isso. Por razões óbvias.

Nos instalamos nos bancos da ilha e cavamos os biscoitos. No verdadeiro estilo Olivia, seus olhos rolam para a parte de trás da cabeça enquanto ela come e ela faz esses pequenos barulhos, gemidos de apreciação, que me fazem cobrir meu colo com o guardanapo. Eu sinto que estou no sexo na oitava série novamente, escondendo um tesão inconveniente debaixo da minha mesa.

Se o fato de ela escrever um romance apaixonado e angustiado não a denunciou, isso acontece.

A menina tem um lado sensual.

“O que *tem* no queijo e pimentão?” Ela diz, lambendo um pouco o lábio com a língua.

Eu mordo o interior da minha bochecha. Jesus me *leve* agora.

“Todo mundo tem sua própria receita. Mas o básico é queijo cheddar ralado, pimentão picado e maionese. Acrescento bourbon e um bom punhado de parmesão ao meu e deixo descansar por um dia ou dois. Deixo os sabores realmente se fundirem. Sempre mantenho um litro à mão em casa para essa ocasião.” Eu aceno para nossos pratos.

Olivia já terminou seu sanduíche de biscoito. Ela está usando a ponta do primeiro dedo para passar as migalhas no prato.

“Uau.” Diz ela, engolindo. “Eli, apenas... *uau*.”

Pego o primeiro capítulo de *Meu Inimigo, o Duque e o* *coloco* entre nós. “Tudo certo. Chega de comida. Vamos falar sobre Gunnar e Cate. Quem me conhece sabe que eu não elogio facilmente. Falo sério quando digo que isso é *bom* pra caralho, Olivia. Um capítulo e eu já estou viciado.”

“Obrigada.” Usando as duas mãos, ela limpa a boca com um guardanapo. Então ela o dobra, colocando-o ordenadamente

no balcão. “Eu reescrevi este primeiro capítulo um milhão de vezes. Eu nunca consigo entender direito. Na minha cabeça, eu estou manipulando arcos de personagens, temas, simbolismo. Estou pensando no que os revisores podem pensar sobre essa escolha de palavras ou esse ponto da trama. É paralisante.”

Pego meu café e tomo um gole, encontrando os grandes olhos azuis de Olivia. Eles estão cansados, em conflito e *pegando fogo*.

“Obviamente nunca escrevi um livro.” Respondo. “Então leve isso com um grão de sal. Mas quando estou na cozinha, quer esteja cozinhando ou inventando novas receitas ou o que seja, aprendi a manter as coisas simples. Eu me concentro na comida e é isso. Eu gosto de fazer isso? Eu gosto de comer? Essas são as únicas perguntas que me faço. Tudo o resto é apenas barulho. Ruído que eu bloqueio de modo que *eu* posso dizer a *minha* história, simplesmente eu estou te dizendo isso com comida em vez de palavras.”

Os olhos de Olivia ainda estão nos meus enquanto ela absorve isso. Eu posso praticamente ver as rodas girando em sua cabeça.

“Mas como você bloqueia assim? Você é uma das poucas pessoas que conheci que realmente não parece se importar com

o que as outras pessoas pensam. Toda a minha *vida...*” a voz dela trava. “Bem. Definitivamente, lutei em agradar as pessoas.”

“Eu notei que você tocou muito na ideia de liberdade. A falta disso. O anseio por isso.” Abro o pacote e viro para uma passagem que sublinhei.

Mas como solteirona, Cate não tinha nada a perder. Isso, flertar livremente atrás de uma máscara com Gunnar Danes, como se ela fosse bonita e jovem e ele não fosse proibido, fora de seu alcance, era divertido.

Era divertido ser outra pessoa, ser outra coisa que não uma dama de verdade, para variar.

“Sim.” Diz Olivia, assentindo. “Cate está definitivamente presa às regras da sociedade. Ela é uma mulher, nascida de uma boa família, então ela sempre deve ser uma dama. Além disso, ela é uma solteirona e meio que parece uma nata. Naquela época, todos viam solteirões como esses, como trágicos encargos para suas famílias. Então, ela sente essa necessidade de ajudar o máximo possível a compensar o fato de que ela é basicamente uma perdedora aos olhos de todos. Ela tem pavor de decepcionar as pessoas, principalmente seus pais. Ela tenta ser bem comportada, quieta e inofensiva. Mesmo assim, no fundo, ela é tudo menos isso.”

Eu concordo.

“Então, o que está prendendo *você*?”

Olivia pisca.

“Você sabe, ninguém nunca me fez essa pergunta.”

Eu levanto as páginas.

“Ninguém nunca leu seu livro.”

Ela engole novamente, devagar, e revira os lábios entre os dentes.

“Não faz muito tempo, se você me perguntasse se eu estava pronta, teria rido na sua cara. Sinto que trabalhei tanto para ter tudo, tudo que uma mulher com trinta e poucos anos deveria querer. Ótima carreira. Ótima casa e carro e um armário cheio de ótimas roupas. E eu tenho. Mas depois de um tempo...” Olivia balança a cabeça. Suspirando. “Eu não sei. Comecei a me sentir sufocada por todas essas coisas que deveria querer. Todas essas coisas que eu trabalhei *duro* para conseguir. Eu as tinha, e eu estava... estava... eu *estava* orgulhosa delas. Mas nada disso realmente parecia certo. Eu senti como se estivesse vivendo no *mundo* dos sonhos de outra *pessoa*. Eu acho que é porque eu tive que me esconder tanto para me encaixar nesse mundo. Eu

pensei que se eu apenas tentasse o suficiente, a pessoa que eu escondi iria meio que... desaparecer. Quero dizer, realmente, quem em sã consciência não quer o melhor de tudo? Mas estou percebendo que talvez eu não possa *mudar* quem eu sou, tanto quanto eu quero. E eu realmente, *realmente* quero ser a mulher que tem tudo isso. Quero tanto que não tenho certeza se posso deixar passar.”

Sua voz oscila um pouco nessa última frase. Eu resisto ao desejo de pegar a mão dela. Ela provavelmente poderia usar um pouco de apoio moral no momento.

“Parece muito com expectativa é o que está segurando você como refém.” Eu digo, escolhendo minhas palavras com cuidado. Olivia está se abrindo para mim e não quero assustá-la. “As pessoas... seus pais, talvez, seus colegas, esperam que você viva de uma certa maneira. Você quer agradá-los, e foi isso que você fez. Você é responsável. Prática. Obediente. Mesmo no fundo, você é tudo menos isso.”

Um fantasma de um sorriso brinca nos lábios de Olivia.

“Talvez. Mas não sei se tenho coragem de ser outra coisa senão responsável. De onde eu sou, as pessoas estão obcecadas em acompanhar os Jones. Eles não... eles não valorizam a autenticidade...” Ela balança a cabeça e se endireita. “De

qualquer forma. Obrigada pelo conselho sobre como manter as coisas simples.”

“Olivia.” Eu digo, olhando-a com um olhar. “Você está mudando de assunto.”

Ela encontra meus olhos. Os dela estão molhados. Suplicando.

Meu coração torce.

“Não estou acostumada a conversar sobre isso com ninguém, Eli. Antes de tudo, um estranho sem camisa. Me de tempo. Por favor.”

Não quero lhe dar tempo. Quero descascar suas camadas, derrubar suas paredes e chegar ao centro de quem realmente é essa mulher talentosa, interessante e *torturada*.

Mas esse não é o meu lugar. Ela não é minha garota.

Embora quanto mais eu a conheço, mais penso que gostaria que ela fosse.

“Leve o tempo que precisar, menina ianque. “Eu ofereço a ela um sorriso. “E eu não sou mais um estranho. Sou amigo, lembra?”

Olivia sorri com isso. Sorri genuinamente.

“Sim.” Ela cava os dentes no lábio inferior. Seu olhar passa pela minha boca por meio segundo. “Você é o primeiro amigo que fiz aqui.”

Eu ofereço a ela um sorriso.

“Estou honrado. Você é algo especial, Olivia.”

Eu olho para ela. Ela olha para mim. O espaço entre nós crepita. Implora que eu diminua, dê um passo à frente e pegue seu rosto em minhas mãos e beije-a suave, profunda e bem.

Ela está atraída por mim. Percebo pela cintilação do calor branco quente naqueles grandes olhos dela.

Mas ela apenas pediu tempo. Ela não está pronta para mim.

Ainda não.

Levanto-me, recolhendo nossos pratos e canecas vazias.

“Tenho que ir ao Jam daqui a pouco.” Digo.

Olivia me leva até a porta. Paramos no limiar, sem jeito. Ela está tentando não olhar para o meu peito.

Tentando e falhando.

Enfio minhas mãos nos bolsos traseiros do meu jeans para não a alcançar.

“Quando posso esperar a próxima parcela de Gunnar e Cate?” Pergunto.

Isso a faz sorrir.

“Tenho planos de encontrar uma cafeteria e escrevê-la esta tarde.”

“Precisa de uma sugestão para um bom lugar?”

“Eu adoraria uma.”

“Holy City Roasters. Lindo lugarzinho na Wentworth Street. O café gelado deles é inigualável, e você pode caminhar daqui. Por acaso conheço a proprietária, ela é minha irmã. Diga a Gracie que eu te envie.”

“Sua irmã é dona de um café? Que legal! Obrigada pela dica.” Olivia olha para mim, subitamente tímida. Antes que eu saiba o que ela está fazendo, ela está passando os braços em volta do meu pescoço e me puxando para um abraço. “E obrigada pelo café da manhã. E por ler meu romance. *E* por me

ouvir. Basicamente, obrigada por ser um ser humano tão incrível e por me deixar ficar com você.”

Por um segundo, apenas fico ali, estupefato com as palavras dela, com a pressão do corpo dela contra o meu, para formular um pensamento coerente.

Ela não está usando esse perfume caro hoje.

Em vez disso, ela cheira a café. Lençóis limpos. Um cheiro que enche minha cabeça e afugenta qualquer ansiedade que pairava nas bordas.

Envolvo meus braços em volta de sua cintura e a puxo o mais perto que ousar. Ela é todas as curvas e suavidade contra mim.

Fecho os olhos e a respiro. Sua cabeça está dobrada na dobra do meu pescoço. Ela se encaixa perfeitamente lá.

Droga. Eu a *quero*.

Eu quero levá-la para casa e fazê-la gozar até tarde, conversando, comendo e fodendo. Só posso imaginar o quão boa Olivia seria na cama uma vez que o fogo interior dela se soltasse.

Mas não posso levá-la comigo. E isso está me matando agora.

The background of the page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and white, creating a dreamy, ethereal atmosphere. The bokeh is most prominent at the top and bottom edges, fading into a lighter, almost white center.

“A qualquer momento.” Eu digo, me forçando a dar um passo para trás. “Vou procurar o capítulo dois hoje à noite.”

Capítulo Doze

Olivia

Hoje não faz tanto calor, por isso a caminhada de quinze minutos até Holy City Roasters é realmente agradável.

Eu vou para o norte na King Street. É a artéria principal de Charleston, cortando a península ao meio longitudinalmente. Estou começando a reconhecer certos pontos de referência. Certas casas coloridas. A antiga loja masculina na esquina da King and Broad, que marca o fim da área residencial e o início do longo e movimentado corredor comercial. A galeria de arte fofa que eu gostaria de conferir quando terminar de escrever para o dia.

Penso no que escrever enquanto caminho. O ar fresco deve ser bom para a minha imaginação, porque ideias enxameiam dentro da minha cabeça como abelhas em uma colmeia.

Ou talvez seja a empolgação de Eli sobre Cate e Gunnar, sua certeza sobre os méritos de sua história e minha habilidade, que está fazendo minha musa cantar.

Não preciso do selo de aprovação dele. Eu estaria escrevendo este livro com ou sem a ajuda dele. Eu queria escrever por um longo tempo. Levei anos, e uma proposta mal sucedida, para finalmente enroscar minha coragem no lugar difícil e fazê-lo. Estou tomando essa decisão por conta própria.

Mas é bom ter Eli como meu apoio. É muito fácil para eu ficar presa dentro da minha cabeça. Desistir de mim mesma e apenas fazer o que todo mundo está fazendo. Inferno, eu construí uma vida inteira em torno disso. Mas Eli não vai deixar. Ele está me pressionando para dar aos meus sonhos, *meus* sonhos, não o de todo mundo, algum espaço para respirar. E talvez eu só precisasse desse empurrão, aquele aceno de encorajamento, para fazer a bola rolar. Eu precisava ver como outra pessoa criativa tirou a cabeça da bunda e começou a *criar*.

A criação real, no entanto?

Isso depende de mim.

Pendurados à esquerda na Wentworth Street, os turistas dão lugar a estudantes vestindo shorts e mochilas. Eu posso sentir a energia familiar de uma universidade no ar. Os alunos estão sorrindo quando eu passo. Eles estão conversando com seus amigos, diminuindo a velocidade para espiar dentro das vitrines de cães de estimação.

Isso me faz sorrir. O sol e o amplo céu azul certamente também não doem.

Nem o fato de escrever um *romance* na *quarta-feira* à tarde.

Me belisque.

Uma sombra se move sobre o meu clima ensolarado quando lembro que só tenho três semanas e meia antes de retornar a minha antiga vida.

Minha vida real.

Mas eu decido que hoje vou pegar uma página do que fiz na outra noite no The Pearl e *ceder*. Vou fingir que esta é a minha vida real. Vou fingir que moro aqui e que sou escritora e que os sonhos, sonhos ridículos e bobos, se tornam realidade.

Eu respiro fundo. Deixo sair. Essa sensação de liberdade, agora familiar, me envolve. Eu estou vestindo bermuda e uma camiseta grosseira. Não estou preocupada com quem me vê ou o que eles podem pensar. Não estou tentando impressionar ninguém. Eu não estou correndo por aí. Estou apenas fazendo o que quero fazer.

É muito, muito legal.

O Holy City Roasters pode ser o café mais bonito e legal que eu já estive. É do lado pequeno, cheio de estudantes e professores, charmoso e descolado. Casais paqueram com as canecas tão grandes que parecem tigelas. Uma mulher com as tatuagens mais lindas nos braços está rasgando um croissant de chocolate escamoso com os dedos enquanto observa algum tipo de design na tela do laptop.

O cheiro terroso do café paira tão pesado no ar que eu posso sentir o gosto.

Peço um café gelado e um cupcake, por que, por que não? para mulher atrás do balcão. Ela está usando óculos grossos de armação de tartaruga e batom vermelho brilhante. Encorajado por sua simpatia, pergunto.

“Você é Grace?”

Ela sorri, estendendo a mão.

“Eu sou. E você é?”

“Olivia. Eli... Elijah Jackson, ele disse para lhe dizer que me enviou. Ele é meu novo vizinho.”

“Sinto muito.” Ela brinca, seu sorriso se aprofundando.
“Meu irmão pode ser uma *tal* dor no saco. Obrigada por aturar ele.”

Eu ri.

“Sem problemas. Na verdade, ele tem sido um ótimo vizinho até agora. Ele me salvou daqueles pássaros... você sabe, aqueles que andam pela rua?”

“As aves de Guiné! Sim!” É a vez de Grace rir. Eu reconheço o jeito que ela ri com os olhos. Eli também faz isso.

Meu pulso pula uma batida.

“De onde diabos elas vieram?” Pergunto.

“Ninguém realmente sabe. Mas acho que existem jardins e árvores suficientes em sua parte da cidade para fornecer um pouco de habitat improvisado para elas, porque elas já existem há um tempo e continuam tendo bebês.”

“Elas são destemidas.” Eu digo. “Quase as atropelei quando cheguei à cidade, alguns dias atrás. Acho que ainda estaria sentada no meu carro, jogando uma galinha no para-brisa com elas, se Eli não as tivesse enxotado.”

Grace revira os olhos.

“Ele é um show. Você já comeu em um de seus restaurantes?”

Eu sorrio.

“Na verdade, fiz a degustação do chef ontem à noite no The Pearl. Provavelmente foi a melhor refeição da minha vida.”

“É ridiculamente bom.” Diz ela, assentindo. “Eu não o vejo quase o suficiente, porque ele está sempre trabalhando. Mas estou super orgulhosa dele. A comida dele é a melhor da cidade.”

“Você deveria estar. Ele é um chef muito talentoso e um cara ainda melhor.”

Grace me estuda por um segundo, seu sorriso conhecedor agora. Quase melancólico. Eu me sinto começando a corar.

“Bem, bem-vinda a Charleston.” Diz ela. “Por favor, sinta-se em casa e não hesite em me encontrar, se precisar de algo. Fico feliz que Eli tenha encontrado uma nova amiga.”

Amiga. Eu sei que fui eu que coloquei esse rótulo no meu relacionamento com Eli. E por mais agradável que pareça, por mais *seguro* que pareça, fico surpresa ao descobrir que meio que odeio quando alguém diz isso.

Não me permito pensar no que isso significa.

“Obrigada pela recepção calorosa.” Eu digo, e eu quero dizer isso. Seriamente. *Todo mundo* nesta cidade é tão amigável? Tão disposto a ajudar um total estranho?

Está rapidamente se tornando aparente que as coisas são feitas de maneira diferente aqui.

As prioridades são diferentes.

Sento-me em uma mesa ao lado de uma janela lateral. Abro meu laptop, esperando uma repetição da sessão de escrita mágica e super produtiva da noite passada.

Colocando meus fones de ouvido, começo a escrever o capítulo dois.

No começo, é uma sessão super mágica. O capítulo começa com essa cena sexy e angustiada de beijo, onde, depois de Gunnar fazer um tour por seu castelo, Cate o empurra contra uma parede na capela medieval. Ele sorri. Ela queima.

Ele era seu inimigo.

E ela estava indo para beijá-lo.

Gunnar estava olhando para ela, o ângulo de seu pescoço muito dobrado, muito atraente. Fios de cabelos escuros ondulados emolduravam seu rosto.

Cate queria beijá-lo.

Pela primeira vez, ela não pensou. Ela fez o que queria.

Mas então, depois que o beijo termina e Gunnar e Cate vão para casa em seus respectivos castelos, eu bati em uma parede.

Que porra eu escrevo a seguir?

Começo uma nova cena, uma em que os dois se encontram na manhã seguinte na igreja, como na Regência na Inglaterra, mas cada palavra é como arrancar dentes. Algumas linhas atrevidas de Shakespeare sobre lombo fatal e virgindade flutuam na minha cabeça. Eu tento incorporá-los de maneira inteligente no diálogo interno de Cate, mas isso me atrapalha tanto que acabo levando duas horas para escrever dois parágrafos.

Nesse momento, estou tão frustrada com minha falta de progresso, minha falta de direção, que abro meu velho amigo a Internet. Eu imediatamente caio em um buraco de fofoca de celebridade em que, como alguém possuído, eu caço todos os comentários hilariantes do Instagram que Chrissy Teigen já postou.

E ela postou *muitos* comentários hilariantes no Instagram.

Quanto mais tempo eu ando por aí, mais frustrada fico comigo e com minha escrita.

Minha dissertação foi dolorosa de escrever. Mas eu estava esperando isso. Escrever romance, no entanto, o tipo de romance delicioso, sexy e angustiante que adoro ler, achei que seria divertido.

Fácil.

Especialmente porque a história me veio tão fortemente no começo. Eu atravessei aquele primeiro capítulo em uma explosão de inspiração.

Escrever este livro não deve parecer trabalho. Supõe-se que isso pareça um sonho se tornando realidade, diante dos meus olhos.

Sonhos não deveriam fazer você querer jogar seu laptop do outro lado da sala.

O desejo de sair do dia é forte. Eu poderia dar um passeio. Raspar minhas pernas. Fazer qualquer coisa além de trabalhar nessa maldita história.

Sinto um arrependimento. Talvez a grama não seja realmente mais verde. Talvez eu realmente *não* queira ser escritora no fundo.

Espero que o pensamento me faça sentir melhor. Isso significaria que todas as escolhas que fiz até agora foram as corretas. Isso significaria que eu poderia voltar para Nova York e dizer sim a Ted sem hesitar. Sem nenhuma das incertezas que senti quando ele propôs.

Mas, em vez disso, o pensamento me deprime. Acho que queria amar essa coisa de escrever mais do que me permiti admitir.

Por outro lado, talvez Julia estivesse certa quando disse que escrever é o oitavo por cento do tempo, não importa em que você esteja trabalhando. Escrever requer foco. Seu cérebro precisa estar disparando em todos os cilindros. Ao mesmo tempo, pode ser chato pra caralho. Pelo menos foi o caso da minha dissertação.

Eu pensei que esse tipo de escrita seria diferente, mas talvez não seja.

Talvez toda a escrita seja difícil e chata. Mas talvez também valha a pena no final. Ao redigir minha dissertação, odiei cada

minuto em que estava acorrentada ao meu computador, digitando, me preocupando e digitando um pouco mais. Quando terminava o dia, porém, sentiria uma enorme sensação de realização. Três quartos das vezes, eu odiava escrever. Mas depois escrito?

Melhor sensação do mundo. E se me senti assim depois de terminar uma dissertação sobre os costumes sociais do século XIX, só posso imaginar como me sentirei depois de terminar o livro do meu coração.

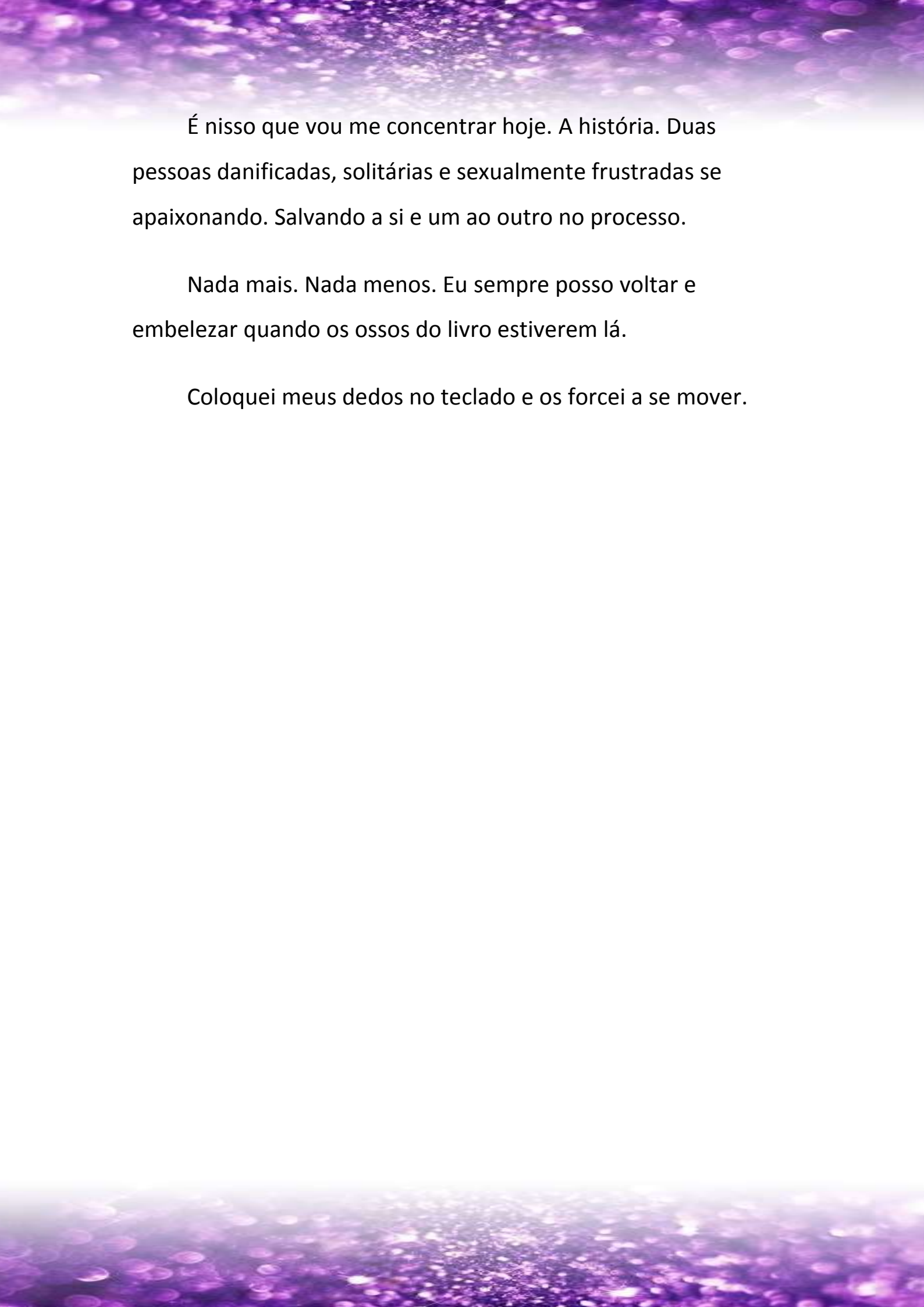
Portanto, como claramente não tenho autocontrole, faço o download de um aplicativo que impede você de acessar a Internet por um determinado período. Duas horas apenas comigo e uma página em branco.

Mantenha isso simples.

As palavras de Eli ecoam na minha cabeça.

Simples. Certo.

Esqueça o Shakespeare. Nerds da literatura como eu podem apreciar isso. Mas todos os leitores apreciam uma história bem contada.

The background of the page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and white, creating a dreamy, ethereal atmosphere.

É nisso que vou me concentrar hoje. A história. Duas pessoas danificadas, solitárias e sexualmente frustradas se apaixonando. Salvando a si e um ao outro no processo.

Nada mais. Nada menos. Eu sempre posso voltar e embelezar quando os ossos do livro estiverem lá.

Coloquei meus dedos no teclado e os forcei a se mover.

Capítulo Treze

Olivia

Levo a tarde toda para terminar o próximo capítulo. Cada frase é uma luta. Mas saber que Eli está esperando a próxima parte da história de Cate e Gunnar hoje à noite é uma motivação incrível.

Quando terminei, o sol começou a se pôr. Estou derrotada. Eu sinto que corri uma maratona mental. Eu posso praticamente ver o vapor saindo dos meus ouvidos quando entro no banheiro antes de sair do Holy City Roasters.

Tão cansada quanto eu estou, no entanto, foi bom ouvir todas essas palavras. Como se estivessem construindo dentro de mim. Descongestionando. Me deixando ansiosa. Mas agora que elas são liberadas, sinto-me satisfatoriamente vazia, satisfeita, *calma* de uma maneira que não fazia há muito tempo.

Acenando adeus a Grace, esses sulistas amigáveis devem estar me contagiando, saio para o pôr do sol e respiro fundo e limpo.

Eu nem sei que horas são.

Eu não ligo. Tudo o que sei é que estou faminta e poderia realmente tomar um copo gigantesco de vinho gelado.

Eu *poderia* voltar para a casa de viagem. Lavar roupa. Responder alguns e-mails. Tomar uma taça de vinho lá. Talvez Julia tenha acabado.

Mas é uma noite tão bonita. O céu é um arco-íris de rosas, laranjas e roxos. Impecável. O ar está quente, a umidade está caindo.

Decido tirar outra página do livro de Cate e fazer o que eu quero.

Eu quero explorar a cidade. Conhecer seu povo e provar seus sabores.

Então eu entrei na galeria de arte pela qual passei anteriormente. Acontece que há uma pequena exposição acontecendo neste bairro, o French Quarter. Aceito a taça de champanhe que um proprietário pressiona na minha mão e bebo devagar enquanto navego ao lado de clientes casualmente vestidos, conversando em sotaques. Conheço um pintor, um promotor imobiliário. Um ginecologista que se destaca como guia turístico pirata.

O bairro é lindo. Um pouco zozza pelo champanhe, me perco andando por uma rua de paralelepípedos. Encontro uma adorável loja de vinhos e queijos. Mergulho dentro para uma fatia decadente de queijo de cabra francês e um copo de rose deliciosamente fresco.

Estou aprendendo que Charleston é um lugar muito fácil de se apaixonar.

Eu continuo vagando, me aproximando do The Pearl. Por um segundo, considero entrar para tomar uma bebida. Eli estará lá.

O pensamento faz meu estômago afundar e meu coração pular uma batida.

Mas, tanto quanto eu gostaria de ver Eli, o deus da cozinha, trabalhando novamente, estou gostando da minha própria companhia. Eu meio que quero experimentar a cidade sozinha.

Passo por The Pearl e vou até o bar em outro restaurante próximo. Peço uma salada e, por recomendação do barman, codorniz, que nunca comi antes. É tudo insano. Termino a refeição com um atirador de ostras, vodka, Bloody Mary mix feita na casa e uma ostra crua, e volto para a noite.

A lua está no meu caminho para casa. É tarde para uma quarta-feira, dez e dez, e enquanto a cidade está quieta, ainda há essa energia no ar quente do outono. Esse senso de história e movimento. Estou cheia. Os galhos de uma árvore de Magnólia próxima bloqueiam a lua. Um homem desce o lado oposto da rua, andando com dois cães de caça gordinhos em trelas de couro.

Uma lâmpada de gás pisca ao lado de uma porta lustrosa.

O cheiro do oceano permeia tudo, soprando uma brisa fácil.

Eu poderia morar aqui.

O pensamento é ridículo, eu sei. Estive em Charleston por alguns dias. Este é o período da lua de mel. É claro que vou me apaixonar por ela quando for tão nova, emocionante e *diferente*.

Também não é a vida real.

Mas hoje foi o dia perfeito. Biscoitos e Eli de manhã. Escrevendo à tarde. Boa comida e bom vinho à noite. Eu posso respirar aqui. Ser eu mesma.

Sinto um sentimento de culpa, o mesmo que senti ontem à noite no jantar. Aqui estou eu, de olhos estrelados, me

divertindo, enquanto Teddy está em casa esperando por mim. Sim, ele concordou em fazer uma pausa. Mas nos últimos três anos, todas as viagens que fiz foram com *ele*. Todas as boas refeições que comi estive com ele.

Quase sinto que estou fazendo algo errado me divertindo sem Ted.

Então, novamente, eu não ficaria chateada se Ted se divertisse sem mim. Eu *espero* que ele esteja se divertindo agora.

Isso significa alguma coisa?

Eu senti falta de estar sozinha? Nos meus dias de solteira antes de Ted, lembro-me de estar desesperada por ter alguém com quem experimentar coisas. Eu me senti tão sozinha. Quando ele e eu começamos a namorar, eu mergulhei de cabeça primeiro. Nunca procurando ar até agora.

Eu quero sentir falta do Ted. Mas eu não sinto. Assim como eu quero ser sua outra metade perfeita. Mas talvez eu não seja.

Estar longe, escrevendo meu sexo, comendo sozinha, eu meio que amo isso.

Talvez o fato de Ted e eu estarmos bem em fazer uma pausa, com cada um de nós potencialmente dormindo com

outras pessoas, significa que não nos amamos o suficiente para nos casar.

Merda.

Merda, merda, merda.

Tenho a sensação de que estava errada em pensar que estar em Charleston me faria perceber o quanto estou feliz em voltar para casa.

Em vez disso, estar aqui está me fazendo perceber o quão *infeliz* eu estava.

Parece tão estúpido. Como eu poderia não saber se estava infeliz ou não? Mas então penso em como a felicidade de outras pessoas e a minha estão inexplicavelmente ligadas dentro da minha cabeça. Tenho uma enorme sensação de prazer por agradar as pessoas. Adoro os elogios que recebo por ser uma boa filha, uma boa funcionária. Uma boa namorada. Sinto-me muito satisfeita quando atendo ou supero as expectativas das pessoas.

Mas uma vez que a onda de satisfação diminui, *eu* estou feliz?

E por que essas expectativas são tão importantes para mim em primeiro lugar?

Eu me pergunto se a razão pela qual me sinto tão sufocada é porque eu constantemente, até o ponto em que é uma segunda natureza, coloco as necessidades e expectativas de todos os outros acima das minhas. Especialmente Ted.

Minha vida, minha própria *vida*, nem me pertence. Se isso acontecesse, seria mais frequente. Eu seria capaz de ser eu mesma. Sinceramente. Destemidamente. Eu faria o que queria sem me questionar. Sem pedir desculpas.

Talvez, mesmo sem saber, vim para Charleston para retomar minha vida. Não apenas como um experimento. Não apenas como um 'reset'. Mas como uma escolha real e permanente. Se for esse o caso...

Eu fecho meus olhos contra a queima de lágrimas.

Não quero pensar no que isso significa. É aterrorizante. Eu não acho que sou forte o suficiente para fazer uma manobra como essa de qualquer maneira.

Respirando fundo, continuo andando. Um pé na frente do outro. É tudo o que tenho que fazer agora.

Eu só tenho que continuar.

De volta à casa de viagem, imprimo o capítulo dois de *Meu inimigo, o Duque*, e vou até a casa de Eli. Eu secretamente espero que ele esteja em casa. Eu poderia usar alguma companhia. Eu preciso sair da minha cabeça um pouco. Mas as luzes da casa dele estão apagadas. Quando bato, tudo o que recebo é um som de arranhar do outro lado da porta. Billy. Eu deveria me oferecer para ficar com ele para Eli. Imagino que o Chef Jackson passe longas horas no The Pearl, o que significa que Billy fica aqui sozinho o dia todo.

Largo as páginas em sua caixa de correio e vou para casa.

Eu ligo para Julia, que atende no primeiro toque. Ela está comendo alguma coisa, batendo nos lábios enquanto fala.

“Desculpe.” Diz ela. “Jantar tarde. E aí?”

Eu solto um suspiro. Então eu deixo escapar tudo.

“Você já teve a sensação de estar escondendo quem realmente é para se encaixar? Você já quis mais? Não mais coisas, mas uma vida que é mais *você*, sabe? Eu me sinto um idiota dizendo isso, porque já tenho muito, e me sinto como um gluttona por querer alguém... não, espere, alguma *coisa*, eu

pretendia dizer alguma *coisa*... mais. Mas esse desejo por mais não desaparece. Quero que vá embora, Julia, porque acho que está me impedindo de ser feliz com o que tenho. Deus, eu realmente sou uma glutona, não sou?”

Julia para de mastigar. Eu a ouço engolir.

“Olivia.” Diz ela, abaixando a voz. “Você fumou maconha? É legal se você tiver, mas nós duas sabemos o quão paranóica você fica...”

“Sem drogas.” Olho para meu (muito) copo cheio de vinho. “Apenas vinho de uma caixa.”

“Oh, Deus, isso é ainda pior. Despeje essa merda na pia. *Agora*. Antes eu tenho que chamar o controle de veneno. Jesus Cristo, Olivia, você vai me dar um ataque cardíaco. Estarei aí em dez com algumas garrafas do porão do papai. Seja bem-vinda.”

Dez minutos depois, Julia e eu estamos sentadas juntas na cama, uma garrafa de vinho caro no meu colo, um sanduíche de 30 centímetros do Jimmy John's no de Julia.

“Tivemos um dia agitado.” Diz ela. “Não tive tempo de comer. Então, eu estou tendo dois substitutos para o jantar. Por favor, não me julgue.”

“Nenhum julgamento aqui.” Vejo-a enfiar metade do sanduíche na boca. “Como está seu pai?”

“Está bem.” Diz ela diz com a boca cheia de bacon e peru. “Mas vamos lá, Olivia, não mude de assunto. Estou aqui para falar de você. Por que você não acha que merece ser feliz?”

Minha garganta aperta. Tomando um gole diretamente da garrafa, muito melhor do que as coisas de caixa, limpo a boca com as costas da mão.

“Eu não disse isso.”

“Sim, você disse.” O papel pardo em seu colo enruga quando ela deixa cair os restos de seu sanduíche nele. Ela limpa as mãos em um guardanapo e olha para mim. “Você disse que se sentia uma gluttona por querer ser você mesma. O que é uma grande parte de ser feliz. Diga-me por que você acha que é uma pergunta tão enorme ao universo.”

“Porque...” eu digo, minha voz espessa. “Eu já tenho tudo.”

Julia franze a testa.

“De acordo com quem?”

“Todos. Sociedade. Urso de pelúcia. Minha vida é perfeita. Por fora, pelo menos.”

“Então o interior não conta?”

Eu respiro fundo. Deixo sair. Júlia nunca foi de se mexer. Ainda assim, eu não esperava que sua honestidade doesse tanto. Eu não esperava que ela encontrasse minhas feridas tão facilmente.

“Olha, eu estou apenas bancando o advogado do diabo aqui.” Diz ela, colocando a mão na minha perna e apertando-a. “É importante esclarecer suas razões. Eu acho que vai ajudar.”

“OK. Vou tentar.” Eu engulo. “Acho que pensei que o interior seguiria o exterior, se isso faz algum sentido. Como se eu tivesse todas essas coisas que todo mundo estava me dizendo que eu deveria querer, eu começaria a querer elas eu mesmas, sabe? Tinha que haver uma razão pela qual todos queriam as mesmas coisas. O grande trabalho chique, a grande casa chique.”

“Grande diamante chique.” Acrescenta Julia. “Você ainda não me mostrou, a propósito.”

Eu aceno para a cômoda do outro lado da sala.

“Está lá. Eu não quero olhar para isso agora.”

“Justo. Então agora você tem todas essas coisas...”

“E eu tenho orgulho disso. Eu trabalhei duro para isso. Mas agora que estou encarando o fato de me comprometer com isso pelo resto da minha vida, sinto...”

Julia olha para mim.

“Você sente o que, Olivia?”

Pego a palavra certa para capturar esse sentimento de asfixia. De dúvida.

“Abafada.” Digo finalmente. “Eu me sinto sufocada. Mas então penso, ei, talvez isso seja apenas parte do acordo. Todo mundo se sente assim às vezes. A vida é difícil. Sim, talvez eu tenha me sentido pressionada a viver dessa maneira. Mas sou eu quem realmente *escolheu*. Há uma voz na minha cabeça que me diz para calar a boca sempre que me sinto infeliz, porque a culpa é minha. Talvez o problema não seja a sociedade. Sou eu. Por que não posso ser feliz? Inferno, eu tenho tudo.”

Os olhos de Julia se suavizam.

“Você realmente pensa dessa maneira?”

Lágrimas inundam meus olhos. Eu pisco, duro, fazendo-os caírem pelas minhas bochechas.

“Eu sempre fui dura comigo mesma.”

“Isso é diferente.” Ela balança a cabeça. “Ser dura consigo mesma pode ser uma coisa boa. Como quando você está tentando escrever o melhor romance dos romances que você puder. Mas também pode ser tóxico. Como quando você se diz repetidas vezes que é fundamentalmente falha quando realmente é o mundo que está fodido. Não tenho certeza de que você percebe que está fazendo isso, Olivia, mas você realmente internalizou essa mensagem de que felicidade e autenticidade não são para você.”

Eu limpo meu olho no meu ombro.

“Por que elas seriam? Estou longe de ser perfeita. O que meu 'eu autêntico' poderia oferecer ao mundo? Estou fugindo do meu namorado, escrevendo sexo o dia todo, andando pela cidade bêbada.”

“Felicidade é para você porque você é humana.” Julia envolve os dedos em volta do meu pulso e me olha nos olhos. “Ninguém é perfeito. Mas todo mundo merece ser feliz. Incluindo você. E se sua vida em Nova York não está fazendo você feliz, então você deve pensar muito, muito seriamente em mudar isso. Quem se importa se você tem a casa perfeita e o cara perfeito? Talvez sua mãe e seus amigos estejam impressionados com essa porcaria. Mas você é melhor que isso.”

Você é *mais esperta* que isso. Eu acho que no fundo você sabe que não é quem você é. Então *seja quem você é*. Se não agora, quando?”

Lágrimas escorrem dos meus olhos, esquerdo e direito, escorregando pelo meu pescoço na colcha. Tomo outro gole de vinho.

“Não posso simplesmente deixar minha vida em Nova York.”

Julia ainda está olhando para mim.

“Por que diabos não?”

“Vou partir o coração de Ted.” Respondo calorosamente.
“Eu vou partir o coração de todos.”

“Você vai partir seu próprio coração se voltar para ele.”

Eu sei que ela está certa. Mas parte de mim prefere partir meu coração a decepcionar as pessoas que amo.

Envolvo minha mão na de Julia.

“Eu não sei se sou corajosa o suficiente.” Eu sussurro.

“Você não precisa fazer isso sozinha.” Ela responde. “Nós podemos descobrir isso juntas. Mas você precisa ser a única a fazer a ligação.”

Eu concordo. Engulo novamente.

“Apenas pense sobre isso.” Diz Julia. “Você ainda tem tempo. Ei, poderia ser pior. Você poderia ser eu... viciada em sanduíches de peru e me masturbando sem parar porque não consigo encontrar um pênis real no qual remotamente me interesse.”

Isso me faz rir. Coloco minha cabeça no ombro de Julia.

“Nós vamos descobrir juntas.” Repito.

Ela sorri com força.

“Eu sei que vamos. Estou tão feliz que você esteja aqui.”

“Eu também.” Eu digo.

E mesmo que vir para Charleston possa muito bem ser o impulso para explodir minha vida, eu quero dizer isso.

Capítulo Quatorze

Olivia

Acordo com a cabeça pesada e o coração doendo. Parte de mim ainda está em alta desde o dia quase perfeito que tive ontem. E parte de mim está atingindo um nível baixo agora que estou percebendo que preciso fazer algumas escolhas difíceis se quiser consertar o que há de errado na minha vida.

Estou quase com medo de checar minha porta em busca das edições de Eli. Sua grandiosidade não está facilitando meu processo de pensamento. Se eu não o conhecesse, talvez eu não estivesse tão distorcida por dentro. Talvez eu nunca soubesse o que estava perdendo.

Se eu não o conhecesse, seria fácil voltar para Nova York e continuar exatamente de onde parei. Mas agora essa escolha é muito mais difícil.

Não sei se fico com raiva ou grata.

Aperto a maçaneta, com o coração batendo forte. *Por favor*, eu silenciosamente imploro. Embora eu não tenha ideia do que estou implorando. Por favor, deixe a porta estar vazia? Por

favor, deixe Eli estar lá para que eu possa puxá-lo para dentro e arrancar suas roupas e esfregar contra ele pelo resto do dia?

Respirando fundo, abro a porta. Acho o capítulo editado no tapete, um Post-It preso no canto.

No topo das páginas, embrulhada em papel alumínio, está esta mini quiche vegetariano perfeito.

Claramente, minha culinária trabalhou um pouco de magia em sua musa, diz uma nota. Adorei esse capítulo ainda mais que o primeiro. Continue comendo. Continue escrevendo. Ligue para 843-234-8769 se tiver alguma dúvida - E

Borboletas voam no meu estômago. De repente, sinto uma dor não apenas no meu peito, mas por toda parte.

Um tipo bom e delicioso de dor.

Eu olho para cima. Olho em volta. Eu não quero ver Eli. Vê-lo vai me fazer querê-lo mais. E não tenho certeza se estou pronta para tê-lo. Eu apenas tenho esse sentimento, esse forte senso de que estar com Eli mudará tudo. E não sei se sou corajosa o suficiente para aceitar essa mudança.

E se causar um efeito dominó? E se eu não apenas deixar Ted, mas acabar deixando meu trabalho também? Meus pais? Eu estaria queimando minha vida inteira no chão.

Olho para as páginas editadas na minha mão. Algo sobre seu cuidado com minhas páginas faz meu estômago dar um salto mortal.

Eli pode ser perigoso. Mas eu tenho que agradecê-lo por isso. Ele é um cara ocupado. É incrivelmente generoso da parte dele reservar um tempo para editar meu romance e fazer o café da manhã para mim.

Entro e ligo para o número dele.

Ele atende no segundo toque.

“Olá?”

“Oi. Eli? Sou eu. Olivia.”

“Garota ianque!” Ele diz, a emoção em seu tom irradiando através do meu esterno. “Você pegou o quiche?”

Eu sorrio.

“Eu peguei. Obrigada. De verdade. Você realmente não precisa continuar me fazendo o café da manhã.”

“Eu quero fazer seu café da manhã. Preciso abastecer você para que você possa passar pelo capítulo três hoje.”

“Você é implacável.” Eu digo, mordendo meu lábio. “Você sabe disso?”

“Eu sei.” Uma pausa. “Como você está se sentindo hoje?”

Confusa. Aterrorizada.

Alegre.

“Eu estou bem.” Eu administro. “Você?”

“Cansado. Você tem me mantido acordado até tarde, Olivia, com esses seus capítulos.”

“Sério, você não tem...”

“Eu *quero*. Você tem que me deixar ajudá-la. Estou gostando. Verdadeiramente. É bom usar outra parte do meu cérebro de vez em quando.”

Oh, Deus, se houve um tempo em que pensei que meu coração literalmente explodiria, é agora.

“Então deixe-me ajudá-lo.” Eu digo. “Eu sei que você trabalha horas loucas. Posso andar com Billy por você? Sair com ele um pouco durante o dia?”

“Billy sortudo. Ele adoraria isso. Eu mantenho uma chave na panela perto da porta dos fundos... é aquela com o tomateiro nela. Sinta-se à vontade para vir quando quiser.”

Too-matateiro.

Seu sotaque é especialmente aveludado esta manhã.

“Então, capítulo três? Posso esperar hoje à noite, então?”
Ele diz.

“Sim.” Eu consigo. “Esta noite. Vou colocá-lo na sua caixa de correio.”

“Vamos lá, garota.”

Eu faço.

Durante a próxima semana, eu me acomodo em uma boa e pequena rotina. Pela primeira vez em todos os meus trinta e dois anos nesta terra, não preciso de um alarme. Levanto-me cedo, praticamente pulando da cama para descobrir que guloseimas Eli me deixou no degrau da frente. Um dia são ovos mexidos e linguiça. Outro, é uma tigela de grãos coberta com bacon e cebolinha. Aveia com nozes cristalizadas e açúcar mascavo. Um

B.O.A.T, bacon, ovo, alface e tomate, em fatias grossas de pão sovado, ensopado em maionese.

O guarda-roupa de grife que eu trouxe comigo fica apertado ao ponto da dor. Compro um par de jeans boyfriend rasgados, inspirados em Eli, e alguns vestidos esvoaçantes, e os visto em seu lugar.

Eli sempre deixa um capítulo impecavelmente editado ao lado da comida. Ele edita em caneta azul com ponta de feltro, suas cartas todas em letras minúsculas. Ele me diz do que gosta, *a reação de Cate é ótima aqui*. Ele me diz o que não faz, *o diálogo é interrompido. Deixe-os flertar!*

Ele faz um comentário no capítulo seis, algo sobre tornar Gunnar um herói beta fora do quarto, mas um herói alfa nele, que me dá uma pausa. Esses termos são termos *românticos*. Coisas que eu só sei por que li muito.

Me faz pensar no que Eli está lendo. De jeito nenhum ele está lendo outro romance além do meu.

Certo? O pensamento é adorável demais para considerar.

Eu passo as edições de Eli enquanto como. Depois tomo café, faço algumas pesquisas sobre publicação online. O tempo está ficando melhor a cada dia que passa, a temperatura e a

umidade caem apenas o suficiente para nos deixar esses dias levemente nítidos e ensolarados. Então, quando termino de comer, pego Billy, e juntos fazemos longas caminhadas ao longo da bateria. Fora os seus cocôs gigantesco, ele é um ótimo companheiro de caminhada.

Há dias em que eu faço aulas de ioga.

Depois tomo um banho e vou para o Holy City Roasters durante a tarde. Grace e eu conversamos um pouco sobre o café dela e meu livro. Meus capítulos têm em média cerca de dez páginas, duas mil palavras, mais ou menos, e sentando-me à minha mesa de costume junto à janela, não saio até terminar um capítulo inteiro novo para Eli editar naquela noite. Às vezes, leva-me uma hora e meia para terminar. Outras vezes, ainda estou digitando na hora de fechar.

Nos dias em que termino em uma hora decente, saio para aproveitar a cidade. Vou aonde quero, quando quero. Eu olho lojas. Faço tour em casas históricas. Apareço em bares. Experimento novos restaurantes.

As pessoas não estavam brincando sobre a comida aqui. É insano. Cada refeição é melhor que a última. Justamente quando acho que encontrei um novo local favorito, um lugar italiano na Upper King Street, que serve pizza com a melhor e mais crocante

massa de todos os tempos, ou o minúsculo restaurante franco-espanhol que serve o mais delicioso gaspacho que já comi, eu como outra refeição incrível em um novo restaurante.

Às vezes, encontro Julia para jantar ou sobremesa. Ela me apresenta a alguns de seus colegas do The College of Charleston. Eu tenho uma ótima conversa com o chefe do Departamento de Inglês sobre o programa de escrita criativa (sim, existe, mas não, eles não estão contratando). Uma das professoras titular, Kathryn Score, na verdade escreve romances que ela publica independente. Eu a encontro duas vezes para pegar seu cérebro. Ela escreve romance contemporâneo, o que significa que seu mercado é um pouco diferente do meu. Mas ela me conecta via Facebook com alguns autores históricos que também estão publicando seus livros autonomamente. Eles são um tesouro literal de informações.

Aos poucos, lentamente, estou me costurando no tecido da vida nesta cidade. Começo a reconhecer rostos pela cidade. As pessoas param para dizer olá. Encontro-me com Kathryn no Holy City Roasters, e decidimos ter um encontro de escrita permanente lá todos os dias.

Eu tenho minha loja de smoothies favorita. Meu lugar favorito para pedidos de comida. Meu bar favorito (bem, meu bar favorito depois do bar do The Pearl).

Eu ando por toda parte. Meu carro chique fica parado na calçada. Eu não sinto falta disso.

Ando tanto que, quando finalmente caio na cama no final de cada dia, desmaio com força. Estou tão cansada que mesmo os pensamentos que pesam tanto em mim ultimamente não têm chance de entrar em minha mente antes de dormir.

Mas eu tenho um pensamento quando acordo.

Esse pensamento é sempre sobre Eli.

O que ele achou do capítulo da noite passada.

Porque eu tive um sonho explícito sobre ele. De novo.

Quando eu vou vê-lo. Por mais que eu goste das edições dele, sinto falta *dele*. Estar perto dele. Eu gosto de quem eu sou quando estamos juntos. Ele está trabalhando, eu sei. Tentando salvar o The Jam. Não significa que não desejo que nossos horários correspondam um pouco melhor.

Ele está me fazendo esquecer de mim mesma.

Me fazendo perder o controle do fato de que essa não é a minha vida. O que me faz pensar se poderia ser.

Na segunda-feira seguinte, acordo com uma varanda vazia.

Confusa, eu imediatamente olho através do beco. A casa de Eli está trancada: portas fechadas, luzes apagadas. Eu tenho que admitir que eu estava realmente esperando vê-lo hoje. Ele me disse que tem segundas-feiras de folga.

Ele está bem? Ele não gostou do capítulo oito?

Ele não conseguiu porque levou alguém para casa ontem à noite? Alguém que ele provavelmente está adorando com aquelas mãos grandes, sensíveis e conhecedoras...

Eu tremo, surpresa pela pontada de ciúmes no meu estômago. Não tenho o direito de ficar com ciúmes. Sou eu que tenho um noivo em potencial esperando por mim em casa. E eu conheço Eli há um pouco mais de uma *semana*?

Caras lindos, talentosos e tatuados como ele provavelmente gostam de garotas que se parecem com Gisele e pintam como Picasso de qualquer maneira. Garotas que usam

Levi's vintage, que têm bronzeados e talentos e o tipo de cabelo grosso, ondulado e de cor dégradé que é *feito* apenas para o Instagram.

Eu não sou essa garota. Eu sou amiga dele. Ele disse isso na outra manhã.

Mas quando volto para dentro para ver meu telefone acendendo com uma ligação de Eli, as borboletas voam na minha barriga de qualquer maneira.

Eu atendo.

“Eu estava começando a ficar preocupada.” Eu digo. “Não encontrei nenhuma edição ou café da manhã na minha porta esta manhã.”

Eli ri, o som profundo e estridente fazendo meu coração gaguejar. Parece que ele acabou de acordar.

A imagem aparece dentro da minha cabeça e fica lá. Eli de costas na cama, nu. Uma mão sobre a cabeça dele. Lençóis voando baixo sobre seus quadris. Sua barba ainda mais robusta que o normal. Cabelo espetado de todas as formas.

Coloquei a mão no balcão para me equilibrar.

“Isso é porque eu os estou mantendo reféns.” Diz ele. “Eu estou de folga hoje. Venha tomar o café da manhã, podemos conversar sobre edições com café e panquecas de batata doce.”

Uma onda de alívio me bate.

Então Eli *não estava* com uma pintora de cabelos escuros ontem à noite.

Eu sorrio.

Merda. Não quero que essa informação me faça sorrir. Não quero que me faça sentir ou fazer *qualquer coisa*.

Mas sim.

Oh faz.

“Eu tenho tempo para tomar banho?” Eu digo, correndo um pé sobre os cabelos espinhosos na minha canela.

“Leve o tempo que precisar, Olivia.” Responde Eli. “Apenas entre quando estiver pronta.”

Capítulo Quinze

Olivia

Eu demoro muito para me arrumar. Eu não quero vestir-me, mas eu quero parecer bem.

Infelizmente, o visual 'descuidado, casual, mas fofo' que eu estou procurando exige muito esforço. Tento cada item de roupa que comprei recentemente. Eventualmente, me acomodo no jeans boyfriend e em uma camiseta de manga comprida. Simples, mas confortável.

Quando saio pela porta, estou absolutamente morrendo de fome.

Já é um dia glorioso. O outono está realmente no ar esta manhã, as folhas das árvores se transformando em tons quase violentos de amarelo, vermelho e laranja. Eu ando ao lado, meus cabelos esvoaçando com uma brisa suave e fresca.

Eu respiro profundamente. É perfumado com sal e sol. Viro meu rosto para o céu aberto e fecho meus olhos por um minuto, apenas absorvendo-o.

Apenas *estar* neste momento perfeito e perfeitamente contente.

Nunca pensei que minhas manhãs durante a semana fossem assim ou parecidas. Normalmente eu odeio dias da semana, pavor sentado como um tijolo no estômago desde o segundo que eu me arrasto para fora da cama até o segundo em que caio nela, exausta demais para ler.

É assim que as coisas são, minha mãe diz.

Ser adulto é péssimo, dizem meus amigos.

Pense no nosso futuro, Teddy me lembra.

Mas, de pé aqui ao sol, ideias para os meus romances tomando forma dentro da minha cabeça, um dia de boa comida e bom tempo de escrita pela frente, sinto uma sensação premente e urgente de que talvez eu possa realmente fazer as coisas de maneira diferente.

Que talvez haja uma maneira diferente de viver.

Talvez eu queira viver uma vida como *esta*. Feliz, livre e animada com o meu dia, em vez de temer.

Mas isso é mesmo real? Esse sentimento pode durar? Ser fiel a mim mesma é apenas um exercício de autoindulgência

idiota? E quanto a todas as pessoas que terei que magoar ou decepcionar para ficar aqui?

É um risco tão grande. Um enorme, *enorme* risco. Um que não tenho certeza de estar preparada para fazer.

Por outro lado, *alguém* já está preparado para dar um salto no grande desconhecido, sem rede de segurança, sem garantia de que não cairá em seus rostos?

Você já está pronto para se olhar nos olhos e reconhecer quem você realmente é? Isso exige coragem.

Eu nunca fui uma garota corajosa. Eu fui criada para ser uma *boa* garota.

E agora estou começando a perceber o que se tornou uma prisão.

Também percebo que não pensei muito em Ted na semana passada.

Olho para a bonita casa de tijolos, com as portas abertas para a manhã, à minha direita.

Pensava em Eli.

Eli e Gunnar. Um chef e um conde fictício. Ambos bonitos. Perigosamente talentosos com as mãos. Inteligentes.

Nenhum deles é o homem cujo anel está guardado na minha gaveta.

O cheiro de bacon me puxa de volta ao presente. Meu estômago ronca.

Apesar da queda de pensamentos dentro da minha cabeça, eu sorrio.

O café da manhã está esperando. E não vou deixar minha confusão, minha indecisão arruinar uma refeição feita pelo chef Elijah Jackson.

Billy me cumprimenta quando entro na cozinha, mas Eli não está em lugar algum.

Há algo aquecendo no forno. Cheira tão bem que quase me deixa tonta.

Eu chamo o nome de Eli, mas não recebo resposta. Eu ando pela casa, olhando para a esquerda e para a direita. Somente quando olho pelas janelas para o pequeno quintal eu o encontro.

Ele está deitado em uma rede, sem camisa, é claro, com os tornozelos cruzados. Toda a pele lisa. Bíceps. Pelos no peito.

Ele está lendo um livro de bolso.

A porta está aberta. Eu saio, a grama farfalhando sob meus pés.

Quando chego mais perto, vislumbro a capa. É amarelo brilhante.

O duque da meia-noite, de Elizabeth Hoyt. Um dos meus favoritos de todos os tempos.

Virando uma página, Eli ri. Um estrondo baixo e masculino.

Meu coração aperta dentro do meu peito. É como se o vento me derrubasse, vendo esse homem, esse homem lindo, talentoso e seminu, numa rede lendo Elizabeth Hoyt e rindo por puro prazer.

Billy aparece ao meu lado. Eu dou um tapinha na cabeça dele, um silencioso agradecimento por seu apoio moral neste momento de extrema angústia provocada por muita alegria, luxúria e desejo.

“Eli.” Eu digo, um pouco sem fôlego. “O que você está fazendo?”

Ele ergue os olhos do livro. Seus olhos, claros e quentes sob esta luz, capturam-me. Ele sorri.

“Apenas passando por cima todos os grandes nomes do seu gênero.” Ele responde. “Acho que vai me ajudar a fazer Gunnar e Cate realmente brilharem.”

Ele dobra o canto da página e fecha o livro, levantando-se.

Sinto como se estivesse vivendo dentro de um filme enquanto o observo atravessar o gramado, peito nu, sorrindo e indo em minha direção.

Segurando o livro que ele está lendo por *mim*. Para *me* ajudar a tornar meu romance o melhor possível, porque esse é o meu sonho e ele quer que meus sonhos se tornem realidade. Não importa o quão estranho ou difícil eles possam ser.

Eli é um sonho se tornado realidade.

Ele me envolve em um abraço e diz meu nome e conta uma piada sobre sexo oral no século XIX. Se eu não sabia disso antes, agora sei que estou me apaixonando por esse homem.

Duro.

Rápido.

Eu não quero. Eu não quis. Mas aqui estou eu, abraçando seus braços enormes, querendo mais do que tudo estar com ele. O dia todo. A noite toda.

Meu corpo pula. Meu coração também.

Talvez eu tenha dado o grande salto sem sequer saber. Faz sentido: ele é a única pessoa com quem já fui capaz de ser eu mesma.

Eu me agarro a ele. Assustada e excitada demais para deixá-lo ir. Seu corpo se sente *tão bem* contra o meu. Tão certo.

“Você está bem, garota ianque?” Ele murmura no meu pescoço, sua barba raspando contra a pele sensível logo abaixo da minha mandíbula.

Um raio de desejo cai bem entre as minhas pernas, espalhando calor líquido por todo o meu corpo.

Nunca, em toda a minha vida, fiquei tão atraída por alguém quanto por Eli. Eu sempre pensei que química como essa só existia em romances. Mas agora sei que é real, também sei que é aterrorizante, e tão dolorosamente doce, parte de mim pensa se morri e fui para o céu.

Teddy e eu estamos em pausa. Concordamos que estava tudo bem estar com outras pessoas. Eu não estaria fazendo nada errado se conectasse a Eli. Eu só...

Eu estou assustada.

Nós já nos damos tão bem fora do quarto. E se nos darmos bem também? E se o sexo for ótimo? (Tenho a sensação de que seria muito, muito bom). Continuarei me apaixonando por ele, como não poderia? e de repente será o fim de outubro, e não poderei voltar para Ted porque estou apaixonada por Elijah Jackson.

Estou realmente pronta para fazer essa escolha?

“Eu não sei.” Eu digo, mais para mim do que para Eli.

Ele me abraça um pouco mais. Me puxa um pouco mais contra ele.

“Quer falar sobre isso?”

“Eu ficarei bem.”

“Você não parece bem.”

Como posso ficar bem quando estou me apaixonando por um cara e uma vida que estão completamente em desacordo com tudo que eu já trabalhei?

“Estou impressionada.” Ofereço, aliviada por não ter que olhá-lo nos olhos agora. Eu não acho que eu poderia lidar com isso. “Como sempre, Eli, você está me sobrecarregando com sua grandiosidade.”

Ele começa a acariciar levemente o polegar nas minhas costas. Eu não posso evitar; eu arqueio nele, querendo mais. É um movimento minúsculo, mas está me excitando bastante.

Eu amo a sensação de suas mãos em mim.

Eu simplesmente amo o jeito que ele me faz sentir, ponto final.

“Se precisar ir, Olivia, apenas me diga. Eu odeio estar incomodando você.”

“Você não está...” *Me chateando. Você está me virando do avesso.* “Não é isso. Você não foi nada além de excelente, Eli.”

Eli se afasta, os braços ainda enrolados no meu meio e olha para mim, as sobrancelhas unidas em preocupação.

“Eu nunca vou te pressionar, Olivia. Mas um dia desses, eu realmente gostaria de saber o que está acontecendo nessa sua cabeça.”

Eu engulo, procurando seus olhos. Como Julia disse, eu preciso descobrir isso sozinha. É óbvio que sou muito influenciada pelas opiniões de outras pessoas. Não quero envolver Eli na minha tomada de decisão. Eu não quero a opinião dele. Ainda não.

Eu preciso aprender a confiar em mim.

“Eu sei. Eu sinto muito. Preciso de um tempo. Eu apenas... acho que não estava esperando você e eu... não esperava que chegássemos tão perto. Eu não estava preparada para você.”

Eli sorri, estendendo a mão para enfiar um pouco de cabelo atrás da minha orelha.

O simples gesto, a beleza de seus dedos pontudos e pontiagudos, envia meu pulso em uma queda livre.

“Ainda bem que eu estava preparado para você. Eu sempre faço comida extra, para o caso de mulheres bonitas aparecerem na minha porta.”

Eu ri. Sempre tão charmoso.

“Vamos.” Diz ele, inclinando a cabeça em direção à cozinha.
“Vamos comer. Você vai se sentir melhor com a barriga cheia.”

Capítulo Dezesseis

Eli

Olivia limpa o prato em tempo recorde. Observá-la apreciar minha comida me faz sentir melhor do que durante toda a semana. Tem sido uma tempestade de merda atrás da outra no trabalho. O Jam está no suporte de vida. É óbvio que teremos que fechá-lo. Eu estava bem com isso em teoria, mas agora que está acontecendo, é uma pílula amarga de engolir.

Mas estar com Olivia afugenta todos esses pensamentos pesados. Quando ela pede outra panqueca e depois a recheia com manteiga e xarope, tenho que me impedir de dizer o que tenho pensado muito ultimamente.

Eu quero ser mais que seu amigo, garota ianque.

Quero levá-la para cima e tirar sua roupa. Fode-la por uma semana seguida. Acordar ao lado dela.

Mas ela apenas pediu tempo. Quando estiver pronta, ela me avisará. Essa coisa toda parece tão delicada. Um movimento errado, e estou preocupado que a faça fugir.

Enquanto isso, vou aproveitar a sua companhia. Vou levar o que ela estiver disposta a me dar.

“Então você nunca realmente me disse por que escreve o que faz.” Eu digo, enchendo a caneca dela com mais café. “Por que romance?”

Olivia coloca o garfo no prato e suspira. Um suspiro contente, sexy como o inferno. Meu pau toma nota. O que é perfeito, considerando que eu estou usando moletom agora. Você pode ver tudo. Eu quero dizer *tudo*.

Olho para baixo para confirmar. Sim. Até a crista na cabeça do meu pau é visível através do tecido fino.

Porra.

Eu saio do outro lado da ilha para que Olivia não possa ver a madeira óbvia que estou usando.

“Eu vim para o gênero como leitora primeiro.” Ela diz, colocando a caneca nas mãos e apoiando os cotovelos no balcão. “Ler romances meio que me fez passar dos vinte anos. Eu vasculhei tudo o que pude colocar em minhas mãos. Adorei a aventura nas histórias. A maneira como as heroínas tinham uma atitude real, uma opinião real sobre como suas vidas acabaram, apesar da sociedade terrivelmente repressiva em que viviam.”

Eu aceno, bebendo meu próprio café.

“A coragem delas é admirável. O mesmo acontece com a vontade delas de fazer escolhas difíceis. Eu acho que é o que eu mais gosto no romance. Como os personagens principais nunca seguem o caminho mais fácil.”

Os olhos de Olivia amolecem quando encontram os meus. Por um segundo, acho que a aborreci novamente. Mas então ela pisca, limpando a garganta e toma um gole grande da caneca.

“Você é um leitor muito perspicaz.”

Eu sorrio.

“É o que me torna um bom editor.”

Ela zomba, sorrindo e revirando os olhos.

“Enfim.” Ela continua. “Os poucos amigos que contei sobre meu hábito de ler romances não apoiaram exatamente. Eles acharam que era uma piada. Eles chamaram isso de lixo escapista.”

“Bastardos de mente pequena.”

“Certo? Mas eu sou tipo, espere, acho que a fuga realmente melhora nossa realidade. Sei que minha vida é mais

completa, melhor e mais interessante porque li romances. Não temos muito a aprender com um dos poucos gêneros que abraça abertamente a ambição e a sexualidade femininas? Não é legal ver mulheres em livros com vidas assassinas e orgasmos assassinos? Eu também amo que o romance sempre termina com um feliz para sempre. É um lembrete tão bom para ficar esperançosa, sabia?”

Eu olho para ela, meu coração batendo forte no peito. Sua menção ao orgasmo não está fazendo nada para me ajudar com a situação.

“Eu entendo. É um bom lembrete de que felizes para sempre existem. Isso é possível, não importa o quão ruim seja a sua situação.”

“Exatamente.” A garganta de Olivia se move enquanto ela engole. “Eu amo a *variedade* de felizes para sempre. Isso me mostrou que existem milhões de tipos diferentes de finais felizes para as mulheres. Não apenas os que vi na minha própria vida.”

Isso desperta o meu interesse. Ela não falou muito sobre sua vida antes.

“Que tipo de finais você estava vendo?”

Ela encolhe os ombros.

“Todos os meus amigos em casa, minha família, bem. Nenhum deles realmente perseguiu qualquer tipo de interesse ou paixão. Que sempre foi meio difícil, porque eu *tenho*, tem essa coisa que eu realmente estou apaixonada. Quero dizer, eu sei que nem todo mundo vai ser um esquisito que lê compulsivamente romance e deseja que o Sr. Darcy seja uma pessoa real que realmente se pareça com Colin Firth. Mas eu apenas... vir de onde venho me fez pensar que perseguir minha paixão era bobo, porque nunca tinha visto isso antes. Então eu li sobre uma heroína apaixonada por justiça, então ela se tornou uma agente do FBI que derruba todos esses bandidos. Ou a heroína cujo felizes para sempre dirigia um caminhão de taco com o namorado com o qual ela não precisava se casar ou ter filhos.”

“Então, o romance deu a você a chance de ser quem você é.” Eu digo. “Para procurar sua própria versão do felizes para sempre.”

“Mais ou menos.” Ela responde, olhando rapidamente para encontrar os meus. “Eu ainda estou descobrindo essa parte. Ver esse tipo de paixão no trabalho na realidade está definitivamente ajudando.”

Eu dou a volta no balcão e fico ao lado dela. Eu não posso evitar. Ela é magnética quando fala assim. Cheia de calor, verdade e emoção.

“Oh sim?” Sento-me no banquinho ao lado dela. Nossos cotovelos roçam. Meu sangue salta quando ela não se afasta. “Onde você está vendo esse tipo de paixão?”

Os olhos de Olivia ainda estão nos meus. Eles irradiam calor. Desejo.

“Bem aqui.” Sua voz está quase acima de um sussurro. “Nesta cozinha. Na cozinha do The Pearl. Você é claramente *você mesmo* quando está trabalhando. Você está fazendo algo que ama, algo que te ilumina. Eu quero ser iluminada assim.”

Seus elogios, sua crença em mim, me enchem de satisfação. É muito bom ouvir que alguém ainda tem fé no que faço e em quem sou. Ultimamente tenho sido atormentado por tantas dúvidas. Duvidando do meu futuro. Minha habilidade. Meu caminho. Nos meus momentos mais sombrios, duvido da minha capacidade de sustentar uma garota como Olivia. Ela merece o mundo. Mas e se eu não puder dar isso a ela?

Agora, porém, sua confiança *me* faz sentir confiante. Aos olhos dela, eu ainda sou o chef capaz e bem-sucedido em que trabalhei a vida toda para me tornar.

Me faz querer tanto que eu estou doente com isso.

“Você quer encontrar o seu felizes para sempre...” Eu digo, “...então faça isso. Comece a procurar.”

Estamos sentados perto. Bem perto. Ela está olhando para mim *assim*. Olhos passando rapidamente para os meus lábios.

Faça isso, eu imploro silenciosamente. *Pelo amor de Deus, me beije.*

Por meio segundo, acho que ela vai. Ela se inclina um pouco, suas pupilas dilatando até seus olhos ficarem mais pretos que azuis.

Sua boca parece madura e macia. Como um pêssego fresco.

Ela é tão suave entre as pernas também?

Não me inclino, mas também não recuo. Não posso assustá-la.

Nós encontramos olhos. Compreensão, relâmpago rápido e quente, passa entre nós.

Desejo.

Olivia respira fundo, piscando.

Então ela cai para trás e coloca a palma da mão no meu peito. Ela quer me afastar.

Estou arrasado.

Porra *esmagado*.

Eu não aguento mais.

“Olivia...”

“Eu deveria ir.” Diz ela, de pé. “Sinto muito, Eli.”

Eu não posso nem formular uma resposta. Eu apenas a vejo pousar a caneca, enfiar as mãos nos bolsos e se virar para sair.

Passando a mão pelo meu cabelo, solto um suspiro longo e baixo.

Pelo amor de Deus, por que essa mulher não me deixa entrar?

Capítulo Dezessete

Olivia

Estou tremendo quando volto para a casa. Eu fecho a porta atrás de mim e ando na pequena cozinha, incapaz de ficar parada.

Eu quase acabei de beijar Eli.

Eu queria, mais do que queria meu próximo suspiro. Aquela *boca* dele. É succulenta. Infinitamente beijável. E o jeito que ele estava olhando para mim, o jeito que ele estava fazendo perguntas inteligentes e interessantes sobre romance e finais felizes...

Pego as costas de um banquinho. Oh Deus, eu sou uma idiota. Eu totalmente deveria ter beijado ele.

Teria sido apenas um beijo.

Com quem estou brincando? Teria sido muito mais do que isso. Teria sido um salto. Uma escolha que mudaria tudo.

Eu só não quero machucar ninguém. E se eu beijar Eli, machucarei Ted. Vou decepcionar todo mundo que conheço em Nova York.

Mas poupar Ted significava magoar Eli. O olhar em seus olhos quando eu me afastei, isso foi machucar, cru e real.

Estou machucando o cara que não foi nada além de maravilhoso para mim.

Eu não posso continuar fazendo isso com ele. Eu preciso fazer minha escolha já. Eu sei disso.

Eu só queria ter mais tempo.

Eu só queria o querer menos.

Eli

Yoga geralmente limpa minha mente. Mas depois de uma aula de uma hora e meia especialmente intensas, naquela tarde, cortesia de Peter, ainda não consigo parar de pensar em Olivia.

Estou morrendo de vontade dessa garota. Não me lembro da última vez que quis tanto alguém.

Eu quero o corpo dela, sim.

Mas também quero dentro da cabeça dela. Quero saber o que a deixou toda torcida.

Quero saber quais partes íntimas dela inspiram tanta paixão.

Ela está sofrendo. Estou fazendo tudo o que posso para ajudá-la a se sentir melhor. Mas até que ela me conte a história toda, não apenas partes dela, não apenas o que ela quer que eu saiba, não há muito que posso fazer.

Olivia é tão *gostosa*. Tudo nela é quente. O corpo dela. Os olhos dela. O jeito que ela está perseguindo esse sonho dela para escrever um romance.

Ela queima.

Droga, eu quero queimar com ela. Sinto falta de queimar assim. Eu estive tão envolvido no negócio de comida que esqueci a alegria de apenas criar.

Linhas do *Meu Inimigo, o Duque*, nadam através dos meus pensamentos.

O diabo em Gunnar queria mais, queria descascar as camadas das roupas de Cate e fazê-la florescer com as mãos e o corpo dele...

Os músculos da barriga de Cate se apertaram sob as palmas de Gunnar, o corpo dela se contorcendo forte, curvando-se em sua carícia ...

Naquela noite, Cate ficou acordada em sua cama, se tocando. Ela imaginou Gunnar fazendo isso, os dedos dele nela e dentro do corpo dela...

Não posso deixar de me perguntar, tolamente, se Olivia está escrevendo sobre nós. Sobre eu fazer essas coisas com ela. Cate e Gunnar são fictícios. Mas Olivia admitiu ter explorado sua própria experiência em busca de inspiração.

Ela estava pensando em mim enquanto escrevia sobre Cate se tocando?

Ah, porra, eu estou duro.

Estou tão excitado tão perdido em pensamentos, que quase atropelo alguém quando entro na Longitude Lane sem olhar.

“Jesus Cristo.” Eu digo, passando a mão pelo meu cabelo molhado.

Eu preciso de algum alívio. Agora mesmo. Antes que alguém se machuque.

Dentro da minha casa, eu viro a maçaneta do chuveiro até o frio. Mas a água não faz nada para acalmar minha fúria.

O que você está fazendo comigo, garota ianque?

Minha pele está latejando enquanto eu me ensaboo. Cada centímetro do meu corpo parece excessivamente sensível. Carente.

Afastando-me da cabeça do chuveiro, respiro fundo entre os dentes quando minha palma roça a cabeça do meu pau. Instintivamente, empurrei minha mão em espera.

Eu vejo estrelas do caralho.

O sabão fornece lubrificação apenas o suficiente para me deixar deslizar facilmente dentro e fora do meu aperto. Minhas bolas apertam; a sensação já está se acumulando na minha cabeça, ameaçando explodir.

Eu fecho meus olhos. Respiro fundo pelo meu nariz. Estou no limite. E apenas o pensamento de Olivia é suficiente para me empurrar para o abismo.

Eu imagino que é a boceta dela que está me segurando apertado e quente. Eu a imagino abrindo sua mente e suas pernas para mim, confiando em mim.

Eu quero que essa garota já *confie em mim*. Não sei por que, mas preciso disso.

Apertando minha mão em volta do meu pau, manuseio a costura na parte inferior da cabeça. A água bate no meu pescoço. As lâminas dos meus ombros.

Olivia se encarregaria da cama? Ou ela iria derreter em calor e suavidade?

Coxas moles, ruídos suaves e boceta macia, inchada e perfeita.

Céu. *Me ajude.*

Começo a apertar minha mão, golpes duros, bagunçados e bruscos que fariam meu eu de quinze anos revirar os olhos para ver como eles são sem arte.

Mas eu não ligo. Estou desesperado por alívio. De qualquer maneira que eu possa conseguir.

Meus quadris saltam para frente, empurrando meu pau em meu aperto firme uma última vez, e então eu gozo.

Eu gozo tão duro que é *doloroso*. Eu grito, apertando meus olhos contra pulso após pulso de sensação.

Estou profundamente envolvido com essa mulher. Mas ela não me deixa entrar. Não sei mais o que fazer para escalar suas paredes. Derrubá-las.

Eu sou um homem paciente. Você tem que ser, se você quiser subir a escada no negócio de restaurantes.

Mas então eu conheço essa mulher e, de repente, sou um saco de merda ganancioso e desesperado, insaciável, impaciente e indescritivelmente excitado.

Coloquei as palmas das mãos no azulejo, frio ao toque, e inclino meu peso nos braços, pendendo a cabeça. Deixando a água fria correr pelas minhas costas enquanto tento recuperar o fôlego.

Capturo meus sentimentos antes que eles fugam com Olivia novamente.

Eu preciso de uma bebida

Muitas bebidas. Ainda bem que tenho a noite de folga.

Luke e eu temos nossas tradições. Entre elas, ficarmos bêbados quando estamos tendo problemas com garotas. Nada como bola de fogo e frituras para limpar a mente. Eu não aprovo necessariamente desmaiar. Mas se desmaiar significa esquecer Olivia por um minuto, um segundo, uma hora, significa fazer uma lâmpada acender que pode me ajudar a conquistá-la...

Bem.

Tempos desesperadores requerem medidas desesperadoras.

O barman, Jake, serve Luke e eu uma dose de Fireball⁸.
Então ele serve uma para si e a segura.

“Obrigado por visitar esta noite, Chef.” Diz ele.

Pego meu copo e toco no dele.

“Obrigado por nos ajudar a ficarmos fodidos.”

⁸ Nome de marca de whisky sabor canela

“É uma honra.” Diz Jake solenemente. Ele vira a dose.

Eu faço o mesmo. Já faz um tempo desde que eu bebi uma dose de Fireball. De alguma forma, é bem pior e bem melhor do que eu me lembro. O licor de canela doce pegajoso queima na minha garganta, deixando um rastro de calor adstringente e levemente picante.

Cubro minha boca com o punho para esconder uma careta.

“Oh, Deus.” Luke diz, estremecendo. “Estamos velhos demais para essa merda.”

“Sim, mas isso significa que já temos idade suficiente para saber a letra de quase todas as músicas que esses caras vão tocar.” Faço um gesto para Buns 'n Roses, uma banda de coitados de meia idade que estão montando do outro lado do pátio. A melhor banda dos anos oitenta cover da cidade, ou pensam que são.

É uma das razões pelas quais escolhemos ir ao The Spotted Wolf hoje à noite, meu boteco favorito no centro da cidade. Concedido, ficou menos pesado ultimamente. Mas a multidão, as bebidas e a música ainda estão do lado direito do detestável, e o pátio é o melhor da cidade. Na verdade, é o porão escavado de uma mansão antiga que costumava ocupar o local. Arcos de

tijolos originais estão abertos para o céu noturno; fios de lâmpadas Edison formam uma espécie de teto ao ar livre.

“Cruzem os dedos para eles tocarem um pouco de MJ.”
Luke gesticula para uma loira alta em um canto distante. “Dez dólares, que a garota se *refere* a 'Billie Jean'.”

Estendo minha mão.

“Eu aceito essa aposta.”

“Feito.” Luke aperta minha mão, depois acena para Jake por mais uma rodada.

A segunda dose cai mais fácil que a primeira. Reviro meus ombros. Rolo minha cabeça, liberando a tensão no meu pescoço. Eu pego uma mulher, fofa e peituda, me olhando. Ela sorri.

Eu pisco, esperando o formigamento familiar de interesse.

Nada vem.

Eu volto para Luke, confuso. Faz muito tempo desde que uma garota me arruinou para todas as outras.

“Então, Olivia.” Diz Luke. O homem tem uma habilidade estranha de ler meus pensamentos. “Acho que você ainda não descobriu a história dela.”

Agarrando os botões Bud Light Jake do outro lado do bar, dou um longo puxão.

“Não.” Eu digo. “Não por falta de tentativa.”

Luke bebe sua cerveja e encontra meus olhos.

“Já pensou que talvez ela não goste de você? Sem ofensa.”

Eu levanto um ombro em um meio encolher de ombros.

“Poderia ser. Mas eu só tenho esse *sentimento* por ela. O jeito que ela olha para mim. Sorri para mim. O jeito que ela escreve...”

“Ela escreve?”

“Sim. Romance. Romance inteligente, sexy e *quente*.”

Luke toma um gole de cerveja, de repente os olhos arregalados.

“Continue.”

“Eu poderia continuar por horas.” Eu respondo. “Mas basta dizer que eu amo a escrita dela. Ela está compartilhando comigo o que está escrevendo. Ninguém mais. Ontem ela se aproximou e conversamos a manhã toda sobre o livro dela, sobre outros

livros, a vida dela. Juro por Deus que ela iria me beijar no final. Eu pude ver nos olhos dela... o quanto ela queria fazer isso."

"Mas ela não fez." diz Luke, franzindo a testa.

Balanço a cabeça, dando outro gole na minha garrafa.

"Não. É como... quase como se ela estivesse se segurando. Lutando contra isso."

"E você deixou claro que queria que ela plantasse um em você." Diz ele.

"Pouco antes de enrolar, inferno, sim. Eu estava olhando nos olhos dela. Ela tem esses lindos olhos azuis, Luke." Eu balanço minha cabeça novamente. "Ela me chamou de amigo. Mas quero ser mais do que isso, e acho que ela também."

"Huh." Luke toma um gole pensativo. "Entendo que essa garota é especial. Mas o fato de que você quer que ela a beije tanto, que você está tão louco por essa garota, eu não sei. Me faz pensar que tem algo a ver com o seu restaurante estar com problemas."

"O quê?" Eu me afasto, sentindo uma onda de indignação. "O destino de lá já estava escrito há um tempo agora. Você sabe que fiz as pazes com isso."

Luke arqueia uma sobrancelha.

“Você realmente vai me dizer que está se sentindo *bem* com um restaurante em que você derramou seu sangue, suor e lágrimas, falhar? Não importa a tonelada de dinheiro que vocês vão perder. E todos esses empregos... vamos lá, E. Nesse lugar, no ano passado, você ficou neste mesmo local e me disse que o Jam era o restaurante que você sempre quis abrir.”

“Eu mantenho essa afirmação.” Digo calorosamente, antes de beber minha cerveja como se minha vida dependesse disso. “Fiquei chateado quando descobri que o Jam não foi o hit do Pearl? Sim. Mas ainda tenho orgulho da comida que fizemos lá. E eu ainda tenho o The Pearl. O que ainda está fazendo dinheiro entregar o punho.”

Luke coloca as costas contra o bar e me olha nos olhos.

Estou dizendo isso como amigo, E. Mas talvez você esteja ignorando o fato de que está se sentindo um pouco perdido agora. Você tem que se dar tempo para lamentar o The Jam. Parte de mim pensa que você quer que essa garota te beije para distraí-lo do fato de que você falhou. Porque vamos ser sinceros, Elijah, você nunca falhou em nada na sua vida até agora. Eu não acredito que você já tenha superado.”

Coloquei minha garrafa vazia no bar com mais força do que pretendo. Jake ergue os olhos do copo que está limpando. Ele assente quando eu aceno para outra cerveja.

Estou com raiva. O que significa que Luke provavelmente está certo.

Mas não significa que as coisas que sinto por Olivia não sejam reais.

Não a torna menos especial. Então, talvez eu acione um pouco os freios. Deixar nossa amizade se aprofundar. Mas não vou desistir dela.

Ainda não.

Coloco meu cotovelo no bar e solto um suspiro. Jake me entrega uma cerveja fresca.

“Luke, eu aprecio a honestidade. Não discordo do que você está dizendo. Talvez eu esteja pulando um pouco rápido com Olivia. Talvez ainda esteja um pouco chateado com o Jam. Mas essa é mais uma razão para me divertir esta noite. Prometo desacelerar, está bem?”

Luke abre a boca para dizer algo quando ouço uma voz familiar no meu cotovelo.

“Bem, bem, bem. Se não é meu irmão há muito perdido.”

Olho para ver minha irmãzinha Grace parada ao meu lado, cerveja na mão. Sorrindo, eu a puxo para um abraço.

“Ei, Gracie.” Eu digo.

“Ei, você.” Ela se afasta para examinar meu rosto. “Eu estava *tão perto* de registrar um relatório de pessoas desaparecidas, Elijah. Não te vejo há quase um mês.”

Eu passo a mão na parte de trás da minha cabeça. Gracie tem o olhar de morte da mamãe olhando por baixo.

“Eu sinto muito. Eu sei que tenho sido um irmão de merda ultimamente. Mas com tudo acontecendo no restaurante...”

“E tudo acontecendo com sua nova *amiga*, Olivia.”

Eu pisco.

“Como você soube que Olivia e eu somos... o que somos?”

“A palavra viaja rápido nesta cidade.” Grace sorri. “Além disso, ela fala muito de você quando entra na loja. Tipo, um *monte* de muito.”

Meu coração pula uma batida.

“Ela fala?”

O sorriso de Grace se aprofunda.

“Oh, você caiu *duro* por essa garota, não é?”

“Isso não é da sua conta.” Eu saboreio minha cerveja. “Mas se você deve saber, então sim, eu gostaria muito de ver mais de Olivia.”

Luke se aproxima de mim.

“Grace.” Diz ele. “Você parece bem.”

Ainda sorrindo, ela responde.

“Oi, Luke. Eu não *te* vejo há séculos. Como você está?”

“Eu estou bem.” Ele responde. “E você? Ouvi dizer que você está fazendo sucesso no Holy City Roasters.”

O sorriso dela se torna provocador.

“Claro que estou.”

Ela aceita um abraço. Ele a deixa. Quando ele dá um passo para trás, ele olha para ela por um tempo muito longo.

Grace está corando. Luke está a observando.

Ela só desvia o olhar quando o telefone começa a tocar. Ela olha para a tela.

“Desculpe.” Diz ela. “Eu tenho que aceitar isso.”

Virando-se, ela se afasta de nós e leva o telefone ao ouvido.

Aproveito a oportunidade para lançar Luke um olhar.

“O quê?” Ele diz, bebendo nervosamente sua cerveja.

“Você sabe o que. Eu vi o jeito que você estava olhando para ela.”

Ele fica vermelho brilhante.

“Sinto muito, E.” diz ele. “Eu não quis dizer nada com isso.”

“Olha.” Eu digo, virando-me para ele. “Grace é uma mulher adulta. Ela pode fazer suas próprias escolhas. Eu não costumava interferir em coisas assim. Mas ela está namorando o mesmo cara há um tempo e diz que está realmente feliz com ele. Então deixe-a em paz, está bem? Eu não quero você fodendo com a cabeça dela.”

Luke passa a mão pelos cabelos. Não consigo ler a expressão dele.

“Claro. Gracie é uma amiga. Nada mais.”

Eu olho para ele.

“Bom. Você entende né? Que eu só quero que minha irmã seja feliz?”

“Claro.” Ele repete. “Quero a mesma coisa para ela, Eli. Sempre quis.”

Eu mantenho meus olhos nele por outra batida, tentando descobrir o que está acontecendo. Ele parece um cachorrinho perdido. É lamentável.

Tanto faz. A vida amorosa de Luke não é da minha conta.

Viro as costas para o bar e me inclino contra ele enquanto examino a multidão.

É quando eu fecho os olhos com uma morena linda que passa pela entrada lateral próxima.

Meu coração pula uma batida *novamente*.

É ela.

Putá merda, ela está aqui.

“Eli!” Olivia diz, olhos arregalados de surpresa.

Capítulo Dezoito

Eli

“Olivia!” Não posso evitar. Meu olhar percorre seu corpo.
“E... *ei.*”

Claro.

É *claro que a* garota ianque aparece com o The Spotted Wolf parecendo muito quente cinco segundos depois que eu decidi *acionar os freios.*

Que piada doentia.

Obrigado por nada, universo.

Olivia, abençoe-a, está vestindo jeans azuis que são bem justos, *justos*. A camisa branca seria formal se não fosse parcialmente transparente. O sutiã de renda vermelha que ela está usando por baixo... Não posso.

Eu foco meu olhar em seus pés. Ela está usando Chuck Taylors fofos que estão um pouco desgastados.

Seus cabelos caem soltos, ondas rebeldes em volta dos ombros. Eu mordo o interior do meu lábio inferior, com força,

para não enrolar uma mecha em volta do meu dedo. Eu imagino como seria sedoso. Como seus lábios se abriam e suas bochechas coravam quando eu dava um puxão.

Sinto o cheiro do xampu dela. Algo limpo e com ervas.

Ela cheira bem o suficiente para comer.

“Terminei meu capítulo hoje cedo, então pensei em explorar. Vi as luzes da calçada e entrei para uma bebida rápida...” Olivia franze a testa. “Eli? Você está bem?”

“Sim.” Eu mordo, piscando. “Desculpe, eu apenas... uh. Longo dia. Cerveja...” *Merda.*

Eu vou dar um abraço. É estranho, tudo graças a mim. Olivia tem que ficar na ponta dos pés para me alcançar, e eu meio que me agacho, meio que me inclino. Meu cérebro grita *devagar*. Mas meu corpo...

Bem. Há uma razão para manter minha região entrepernas afastada dela.

Eu recuo. Luke me dá uma cutucada não tão sutil.

“Não seja rude, Elijah.” Diz ele. “Apresente-nos.”

Eu passo uma mão pelo meu cabelo.

“Olivia, este é meu amigo Luke. Luke, esta é minha nova vizinha, Olivia.”

“Prazer em conhecê-la.” Luke diz, apontando seu sorriso de jogador de beisebol americano para Olivia enquanto estende a mão. “Ouvi dizer que você é nova na cidade.”

Ela pega a mão de Luke.

“Eu já estou apaixonada por ela.”

“Charleston é uma ótima cidade. A única desvantagem é que esse mal-humorado vive aqui.” Luke aponta o polegar para mim.

“Eu não sou mal-humorado.” Eu mordo.

Luke encolhe os ombros.

“Está vendo o que eu quero dizer?”

Eu resisto ao desejo de socar a sua cara bonita dele.

Grace dá um abraço em Olivia e elas conversam por um minuto. É óbvio que elas são amigas, as duas rindo e gesticulando descontroladamente enquanto se aproximam. Devo dizer que ver como elas se dão bem me faz sentir quente e mole

por dentro. Olivia é uma conversadora natural. Boa ouvinte, faladora atenciosa. Grace me lança um olhar, sorrindo.

Eu gosto desta.

Porque Olivia não era ótima o suficiente. Agora ela também deve ser maravilhosa com minha irmã.

Mais uma razão para pensar que eu talvez não mereça essa garota. Estou impressionado com a terrível ideia de que não tenho nada a oferecer a ela. O que, na minha mente racional, eu sei que é ridículo. Eu estou alimentando-a. Editando o seu livro. Incentivando-a a perseguir essa carreira incrível que ela quer. Estou inspirando-a da mesma maneira que ela está me inspirando.

Isso conta para alguma coisa. Tem que ser.

Tem que ser.

“Vamos pegar algo para você beber.” Digo a Olivia durante uma pausa na conversa. “O que você quer beber?”

Olivia olha para a minha cerveja, depois para os copos vazios no bar.

“Isso parece bom.”

Atrás do bar, Jake assente, olhando Olivia antes de se virar para pegar a dose de Fireball.

Meu aperto aumenta em minha garrafa. Eu não sou um cara ciumento. Mas, de repente, estou fantasiando em marcar cada idiota nesse bar que ousa olhar para Olivia.

Lancei Jake com um olhar quando ele se virou. Ele pega a dica, derramando rapidamente nossas doses e entregando uma cerveja a Olivia antes de se ocupar com a máquina de lavar louça.

Ela pega o copo e cheira seu conteúdo.

“Faz muito tempo desde que eu tomei uma dose. Que diabos é isso? Cheira a doce.”

“Tem gosto também.” Luke pega seu copo e bate no de Olivia. “Na verdade, isso é mentira. Tem um gosto de morte ardente. Mas faz o trabalho.”

Olivia arqueia uma sobrancelha, sorrindo.

“Morte ardente. Tudo bem então. Estou dentro.”

Tomamos a dose juntos, meus olhos colados no rosto dela o tempo todo. Ela estremece, piscando com força, depois de engolir. Os olhos dela lacrimejam um pouco. Eu posso dizer que

ela quer engasgar-se, ou talvez tossir, mas em vez disso, ela apenas balança a cabeça e pega sua cerveja, dando um longo gole.

“Ufa.” diz ela, pressionando as costas da mão na boca. “Isso é interessante.”

Eu também estou sorrindo agora. Caramba, ela é fofa.

“Sim. Você definitivamente vai se sentir interessante amanhã de manhã, com certeza.” diz Grace.

O pátio está realmente ficando lotado. As pessoas ficam na frente do palco, esperando a banda começar. Olho para cima quando o vocalista do Buns 'n Roses se apresenta ao microfone. Uma batida depois, a banda explode em uma versão alta e latejante de ‘Pour Some Sugar on Me’, de Def Leppard.

Imediatamente a metade da frente do pátio se transforma em uma pista de dança. As mãos estão no ar, há gritos e vaia e alguma humilhação bastante flagrante acontecendo.

Viro-me para Olivia, meio que esperando que ela tenha um olhar de nojo porque ela odeia música dos anos oitenta e/ou Def Leppard. Eu preciso de um motivo para querer ela um pouco menos. Um motivo para me ajudar a acelerar os malditos freios.

Em vez disso, seu rosto se ilumina com um sorriso enquanto ela canta a letra, acenando com a cabeça a tempo da batida.

“Você gosta de Def Leppard?” Eu digo, levantando minha voz para que ela possa me ouvir.

Olivia assente, cravando os dentes no lábio inferior.

“Amo. Embora Bruce Springsteen seja provavelmente o meu favorito. Dos anos oitenta, pelo menos.”

Meu tio me apresentou ao The Boss quando eu era criança. Sou obcecado desde então.

Encontro os olhos de Luke sobre a cabeça dela.

Meu Deus.

Estou com um grande problema.

Como se fosse uma sugestão, Buns 'n Roses toca ‘Dancing in the Dark’.

Olivia olha para mim. Eu olho para ela.

“Quer dançar?” Eu pergunto.

Ela morde o lábio inferior. Meu coração cai. Ela vai me recusar de novo. Deus, porque continuo fazendo isso comi...

“Adoraria.” Ela responde com um sorriso. Ela olha para Luke e Grace. “Vocês vão ficar bem? Eu odeio deixar vocês...”

“Vocês se divirtam.” Luke diz, mal dando uma olhada quando se vira para minha irmã.

Eu atiro a ele um olhar sombrio.

“Vocês dois se comportem.” Então eu aceno com a cabeça em direção à banda. “Vamos, menina ianque.”

Ela me segue enquanto eu tento abrir caminho através da multidão. Está indo devagar; o pátio está *realmente* lotado. Eu me viro para ver algum idiota cortando Olivia, colocando-a de lado.

“Ei!” Eu grito com o cara, dando um passo para trás.
“Cuidado.”

Então chego atrás de mim e agarro a mão de Olivia. Por um segundo, ela permanece relaxada na minha. Eu me preocupo por deixá-la desconfortável. Mas não quero que ela se perca na multidão. Merda...

Mas então ela firma seu aperto, dedos enrolando em volta da minha palma. Olho por cima do ombro e ela encontra meus olhos.

“Tudo bem?” Eu pergunto.

Ela assente, seu sorriso retornando.

“Tudo certo.”

Meu pulso tropeça. Sua mão está pequena e quente na minha. Ela está *confiando* em mim.

Eu sinto como se eu pudesse voar.

Eu me viro e vou para o palco, mantendo Olivia perto. Uma vez, quando paro inesperadamente, ela meio que colide com mim. Juro por Deus que quase mordo minha língua ao sentir seus seios pressionados contra minhas costas. Estou imaginando que ela fica lá por meio segundo?

Eu continuo andando. Eu não quero fazer algo estúpido. Abrimos caminho até um ponto no meio da pista de dança. O vocalista pegou um saxofone e todos ao nosso redor estão ficando loucos. Olivia vem para ficar ao meu lado, seu quadril roçando no meu quando ela treme.

Eu me arrisco e aperto a mão dela.

Olivia sorri, apertando de volta.

Eu não posso deixá-la ir. Ainda não. Eu desejo *isso*. Seja qual for esse sentimento.

Eu levanto meu braço e a giro. Então ela levanta o braço e tenta me rodopiar, e mesmo que eu dobre minhas costas, de alguma forma consigo estragar tudo, derramando cerveja por toda a frente da minha camisa de botão. Os olhos dela se arregalam quando caem na mancha. Ela coloca a palma da mão sobre ela. Sobre o meu estômago.

“Desculpe!” Ela grita.

Meu corpo inteiro se aquece com o simples contato. Eu não quero ler muito sobre isso. Que é ela quem está me tocando agora.

Mas eu faço.

Eu me *inclino* para isso. Na palma da mão.

Dentro dela.

E ela não se afasta.

“Não me dê uma desculpa para tirar minha camisa.” Eu respondo.

Olivia ri, dando um passo mais perto.

“Como você se precisasse de um.”

Eu levanto uma sobrancelha provocante, minha mão livre vai para o botão superior.

“Eu devo?”

“Eu não quero ser expulsa ainda. A banda é boa demais.”
Ela responde, afastando minha mão.

Seu toque brincalhão, seu flerte, está me levando até a parede. É uma merda de excitação. O sangue dentro da minha pele parece totalmente tonto.

Eu pego a mão dela, guiando-a na parte de trás do meu pescoço. Seus olhos brilham com o calor e ela entra em mim, deslizando o outro braço no meu ombro. Pressionando nossos corpos juntos.

A sensação sólida e suave dela contra mim é suficiente para me fazer querer gritar. Nossos corpos se encaixam perfeitamente.

Suas curvas estão sobre mim.

Meu pau começa a ficar pesado quando ela cava as pontas dos dedos nos cabelos na nuca do meu pescoço, arrastando suavemente as unhas pelo meu couro cabeludo.

Enrolo um braço em volta da cintura dela e a seguro mais perto. Abaixo minha cabeça para murmurar em seu ouvido.

“Eu gosto disso.”

O nariz de Olivia roça na linha do meu queixo. Não sei se é intencional ou não. Mas isso me excita de uma maneira muito grande.

“Pensei que você poderia gostar.”

A voz dela é diferente. Um pouco rouca.

A banda está tocando ‘Jesse's Girl’ agora. Olivia se afasta um pouco. Apenas o suficiente para encontrar meus olhos quando ela começa a mover seus quadris, seu corpo praticamente se contorcendo contra o meu.

Não fique com tesão.

Não. Fique. Com. Tesão.

Estou com medo de assustá-la. Ela nunca foi tão aberta comigo. Tão *livre*. Seu lado ardente finalmente saiu para brincar,

e eu não estou prestes a fazê-la voltar a se esconder cutucando-a com meu pau mal comportado.

Então eu a giro mais algumas vezes, esperando colocar alguma distância entre nós. Mas então ela se vira e pressiona sua bunda na minha virilha, rolando ao ritmo de '1999', a música que a banda toca a seguir.

Escovo o cabelo dela por cima do ombro para poder me inclinar novamente para a orelha dela.

“Você está tentando me matar, Olivia?”

Ela me lança o olhar mais atrevido, mais sexy e mais quente de todos os tempos. Por um segundo eu não consigo respirar.

“O que? Você realmente espera que eu *não* dance sujo para Prince?”

Jesus, se controle.

Por algum milagre, eu consigo manter meu corpo sob controle. A noite está quente e a música é alta, e Olivia e eu dançamos como se não tivéssemos nada a perder. Sem preocupações. Sem decepções. Somos apenas nós, Pat Benatar, U2 e Foreigner sob um céu noturno nublado.

A certa altura, olho para o bar. Solto um suspiro silencioso de alívio quando vejo Gracie lá com o namorado Nicholas. Luke está M.I.A.⁹.

Bom. Gracie está em boas mãos. Eu não preciso me preocupar. O que significa que posso me concentrar em Olivia.

Ela é uma dançarina infernal. Nunca teria imaginado que a garota de óculos dançaria as letras de 'Addicted to Love' em público enquanto tomava um gole de Bud Light. Mas aqui está ela, rindo, *me* fazendo rir, revirando os quadris, mordendo o lábio e jogando os braços no ar enquanto canta sobre as mentes de uma trilha.

Jogando os braços em volta de *mim*.

Começa a chover. Apenas poucas gotas. Ninguém parece notar. Muito menos Olivia, que está atrás de mim agora, com as mãos nos meus quadris enquanto incentiva *minha* bunda a pressionar *sua* virilha.

Agradeço a minha senhora e dou a ela o máximo de espólio possível, até que eu a puxe de costas para a minha frente e a seguro contra mim, nossos corpos se movendo em conjunto.

⁹ **M.I.A** eram uma sigla para frase Missing In Action, usada para expressar que algum soldado havia desaparecido no campo de batalha enquanto recrutado para uma missão.

Nós dois estamos suando. Ambos sem fôlego. Meu coração está disparado dentro do meu peito. Sinto como se tivesse sido conectado a uma tomada, com sangue elétrico, pele carregada. Nossa química é real.

Meus sentimentos por escritoras de romance, dançarinas sujas são reais.

Sentimentos que gostaria muito de expressar fisicamente. Estou muito quente e muito excitado. Eu a quero demais.

Começa a chover mais forte, seguido por um estrondo sinistro de trovão.

Olho para a nuca de Olivia. Ela passou as mãos pelos cabelos a noite toda, deixando-o bagunçado.

Exatamente como eu gosto.

A banda encerra a noite, culpando o trovão pela apresentação reduzida.

Sem uma palavra, pego a mão de Olivia e vou para o bar coberto. Mas não somos os únicos com essa ideia e, cerca de cinco segundos depois, o bar está lotado e estamos voltando para a chuva.

Percebo que Gracie ainda está aqui com Nicholas. Eu aceno para ela.

“Você está bem?” Eu grito.

Ela me dá um sinal de positivo.

“Vamos.” Eu digo, dando a Olivia um puxão suave. “Vamos sair daqui.”

“Tudo bem.” Ela responde, correndo atrás de mim.

Deixamos o bar, apenas para nos encontrar na calçada lotada. As pessoas estão no telefone, tentando pegar Ubers. A chuva está realmente caindo agora.

Começo a tirar meu telefone do bolso, mas Olivia puxa meu braço.

“Vamos apenas andar. Não é tão longe assim. Já estamos encharcados.”

“Você tem certeza?” Eu pergunto. Aproximo-me dela quando vejo que não sou o único que notou que sua blusa molhada está completamente transparente agora. “Ficaria feliz por ter um Uber.

Ela sorri.

The background of the page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and magenta, creating a dreamy, ethereal atmosphere.

“Tenho certeza. O último a chegar em casa é um ovo
podre.”

Então ela sai para a chuva.

Capítulo Dezenove

Olivia

Os passos de Eli estão certos e mesmo atrás de mim, batendo na calçada molhada.

“Espere, menina ianque!”

Eu continuo correndo. Continuo sorrindo.

Quando foi a última vez que meu coração bateu assim fora de uma academia? Provavelmente explica por que eu tinha minhas mãos em Eli hoje à noite. Eu definitivamente não esperava encontrar com ele. Eu estava apenas cuidando do meu próprio negócio, pegando uma bebida na segunda-feira à noite em um bar fofo que vi de passagem.

E então lá estava ele, parado no pátio em toda a sua glória desalinhada, e camisa xadrez.

Eu soube no momento em que o vi que eu era um caso perdido. A maneira como seus olhos se iluminaram quando caíram em mim, a maneira que escureceram quando ele me viu dançar...

Eu nunca me senti mais sexy. Mais desejada.

O toque começou inocentemente. Ele pegou minha mão e então eu coloquei minha mão em seu estômago. Seu estômago duro como uma pedra que literalmente ondulava com músculos embaixo da minha palma. Tocá-lo me fez queimar de vontade.

Ele, me tocando, me empurrou para o limite. Ter aquelas mãos grandes e capazes em mim me fez perder a cabeça.

O mesmo fez sua dança. Ele estava confiante. Mas ele ainda podia rir de si mesmo. Ainda mostra sua bunda bonitinha enquanto canta Kenny Rogers no topo de seus pulmões.

Estou começando a pensar que não há nada que o homem não possa fazer.

Eu estou ciente da presença dele atrás de mim. A chuva, fria e insistente, não faz nada para aliviar o calor que corre dentro da minha pele.

Minhas costelas doem de tanto rir. Eu me diverti muito hoje à noite com Eli. Adorei a dança, com certeza. Mas também foi legal conhecer seu amigo Luke e encontrar Grace.

Falando em Grace, eu a peguei de relance no bar quando estávamos saindo. Ela estava com um cara, não era Luke, e ela

parecia muito infeliz com ele. Até Eli acenando para ela, e então ela conseguiu sorrir. Está claro que os dois estão perto. Eu gosto disso. É doce.

Doce e sexy. Eli em poucas palavras.

Sinto meu batimento cardíaco em meus lábios. Eles estão formigando. Pesado. Cheio de sangue e vontade.

Eu já tenho que fazer minha escolha. Não posso continuar machucando Eli. Afastando-o assim.

Ele me alcança. Ele puxa meu cotovelo, atrasando nós dois. Seus dedos se movem pelo meu antebraço, capturando minha mão.

Eu olho para ele. Ele passa a outra mão pelo cabelo, afastando os fios molhados do rosto. Tenho aquela sensação engraçada de novo. O que eu recebi repetidamente na pista de dança. Aquele sentimento fraco de joelhos de *alegria*, apenas por estar com ele. Apenas sendo *eu mesma*, dançando, cantando e sorrindo como uma idiota.

Ele tem um entusiasmo ardente em tudo o que faz. Ele não tem medo do seu coração. Ou em seu corpo. Claramente, ele não os separou da vida em nome de tudo.

Ele os fez sua vida.

Tenho coragem de fazer o mesmo? Porque ele faz parecer bom.

Não é fácil.

Difícil.

Mas *bom*.

Então, novamente, e se isso for apenas uma loucura momentânea? Quem *não* seria seduzida por tudo o que este sexy chef do Sul representa? Tudo o que ele faz?

E por mais delicioso que este mundo seja, eu estou realmente pronta para deixar tudo o que tenho com Ted para trás?

Resumindo: como posso confiar em mim mesma para fazer a escolha certa quando posso estar fazendo coisas erradas o tempo todo?

As perguntas passam pela minha cabeça, de alguma forma apenas aumentando o *desejo* potente *que* corre através de mim.

“Por aqui.” Diz Eli, apontando para Longitude Lane.

“Eu sei.” Eu respondo.

Ele vira a cabeça para olhar para mim.

“Você já conhece o bairro.”

“Eu conheço.” Eu digo com orgulho. “Eu me diverti muito explorando na semana passada. Charleston é um lugar tão legal.”

Ele ainda está olhando para mim. A risada sumiu de seus olhos agora.

“Eu amo que você ame.”

A maneira como seus olhos procuram os meus vira meu coração de cabeça para baixo.

Viramos na Longitude Lane. A chuva está realmente caindo agora. A camisa de Eli está colada no peito e nos braços.

Uma pontada de desejo me bate bem no meio do meu peito e cai no meu clitóris.

É tão potente e estou tão impressionada com isso que preciso largar a mão dele. Estou preocupada que vou espontaneamente entrar em combustão. Começo a correr na frente de Eli. Corro para a casa e subo as escadas.

Meu coração dá um salto mortal quando ouço os passos de Eli batendo nos degraus atrás de mim.

“Tenho que ter certeza de que você entre, ok.” Explica ele.

Meu pulso bate forte na minha barriga.

O riso e o calor dos momentos anteriores se transformam em antecipação. Luxúria. Desejo como eu nunca experimentei antes.

Eu quero que ele entre. Meu Deus, eu quero isso, mais do que tudo. Meu corpo está *pegando fogo*. As chamas dentro da minha pele lambem mais alto quando imagino o peso sólido de seu corpo me pressionando no colchão, aqueles lábios carnudos dele nos meus, provocando, puxando, descendo do meu peito até os meus seios.

Mas não haverá volta se eu o convidar para entrar. Eli é fruto proibido. Tocar nele, e eu vou comer da árvore do conhecimento.

E todos sabemos o que isso resultou para Eva.

Será o mesmo para mim? Um desastre absoluto que termina em sua desgraça e minha queda?

Eli nunca foi nada além de paciente, cortês e fofo comigo. Mas apenas o fato de ele estar *aqui*, sua presença, está me

empurrando contra todas essas perguntas que tenho, me forçando a confrontá-las.

Me forçando a escolher um lado.

Ele me encurralou, me encostou na parede, e isso me aterroriza, me excita e me faz querer chorar.

Sinto o calor do corpo de Eli no degrau atrás de mim. Cheira a fumaça amadeirada de sua loção pós-barba.

Minha mão treme quando tento abrir a porta da frente. Não consigo colocar a chave na fechadura. A enorme lâmpada de gás acima da porta banha tudo em tons tremeluzentes de rosa e laranja.

Então o braço de Eli aparece acima do meu, e ele está cobrindo minha mão com a dele, firmando meu aperto. Juntos, orientamos a chave para onde ela precisa ir. Desliza facilmente na fechadura. Os músculos do antebraço estalam contra a pele quando giramos a chave, a trava deslizando para trás com um pequeno *clique*.

Minha respiração sai no mesmo momento.

Nenhum de nós se move. A sensação de sua pele na minha envia ondas de choque de luxúria por todo o meu ser. Ele é quente, suave e *grande*.

Estou molhada em todos os significados possíveis da palavra.

Inclino-me para trás, um pouquinho. Apenas o suficiente para que minhas costas se encontrem com a frente dele. Tocamos muito dançando. Mas isso foi emocionante. Toque do calor do momento.

Isto é diferente.

Fechando os olhos, me deleito com a sensação dele. O conhecimento de que ele está *bem ali*. Que ele é forte e sólido.

Que ele poderia ser meu.

Deixando minhas chaves penduradas na fechadura, Eli lentamente vira minha palma da mão para cima. Então ele pressiona a carne do seu polegar no meu pulso.

“Seu coração está acelerado, menina ianque.” A suavidade de sua voz é cortada com uma ponta de cascalho. Cascalho, posso sentir a vibração em seu peito. “E você está queimando.”

Eu viro minha cabeça para encontrar seus olhos. Eles são escuros com luxúria sem desculpas.

Ele também quer entrar.

Meu coração bate forte. Uma batida dura e decisiva.

Sim.

Esta poderia ser a decisão mais idiota que já tomei.

Ou poderia ser a melhor.

De qualquer maneira, estou tendo.

Bem aqui. Agora mesmo. Tudo muda.

Talvez eu queira. Talvez eu esteja realmente *pronta*, *merecedora* e *autorizada* a experimentar o que está prestes a se desenrolar.

Ah, mas estou tremendo. Tão difícil.

Minha voz também acontece quando finalmente encontro coragem para falar.

“Você gostaria de entrar?” Pergunto.

Está realmente chovendo agora, a chuva caindo em lençóis opacos.

Seus olhos estão escuros. Cabelo encharcado e selvagem.

“Eu gostaria disso.” Diz ele, sua voz uma oitava mais baixa que o normal. “Muito mesmo. Mas preciso que você saiba algo. Eu te adoro, Olivia. Eu queria tocar em você desde a primeira manhã em que você entrou na minha cozinha. Eu te quero muito, querida. Tão ruim que está me comendo por dentro. Mas você pediu tempo e pretendo respeitar isso. A menos que você me diga *agora* que está pronta. Você tem que dizer as palavras.”

Por um minuto, apenas fico ali, deixando o peso de sua confissão, sua preocupação e respeito, tomar conta de mim.

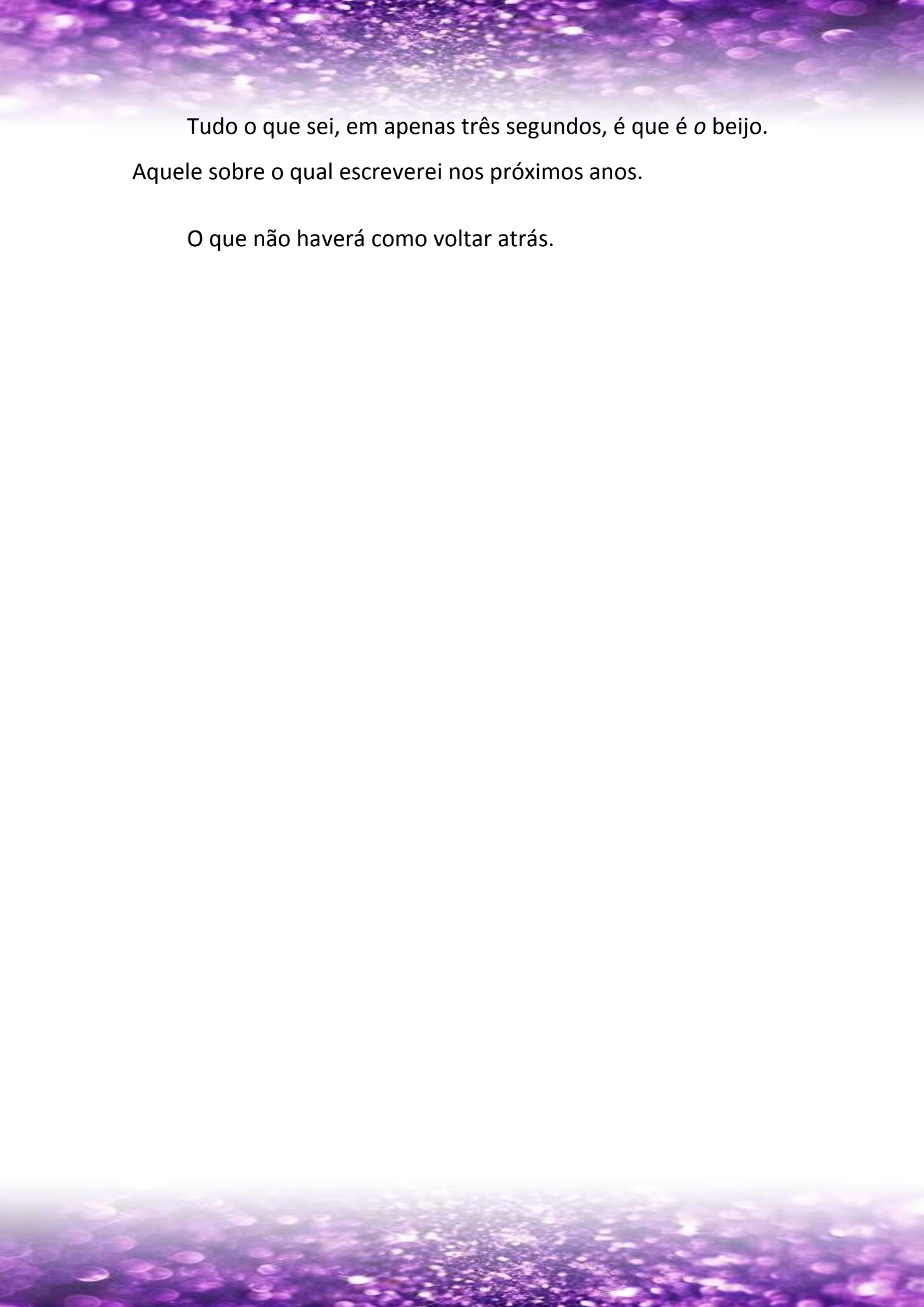
Deixando minha pele, meu coração e meus pensamentos absorvê-lo. Divertir-me com isso.

“Estou pronta.” Eu digo.

Então eu estendo a mão. Agarro-o pela frente da camisa e puxo-o contra mim.

Eli enrola os braços e desliza as mãos para o meu rosto em um movimento suave e rápido. Ele está inclinando a cabeça, dobrando o pescoço da maneira mais masculina e deliciosa possível. Ele guia minha boca até a dele.

E então ele me beija. Ou eu o beijo. É difícil dizer.

The background of the entire page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and white, creating a dreamy, ethereal atmosphere.

Tudo o que sei, em apenas três segundos, é que é o beijo.
Aquele sobre o qual escreverei nos próximos anos.

O que não haverá como voltar atrás.

Capítulo Vinte

Olivia

A boca de Eli é macia e faminta contra a minha. Sinto o cheiro de canela em sua respiração pelas doses de Fireball. Provo também nos lábios dele.

Lábios que se movem sobre os meus lentamente.

Eroticamente. Paciente, experiente e suculentos. Ele chupa suavemente meu lábio inferior. Faz isso de novo antes que a ponta da língua lamba minha boca. Seu polegar acaricia minha bochecha, a crista agora familiar de sua cicatriz iluminando minha pele.

Estou derretendo contra ele, segurando sua camisa molhada nos meus dedos.

Eu posso sentir seu coração pulsando. Vivo e forte e batendo *por mim*.

Eu. A *verdadeira* eu. Não a professora da Ivy League perfeitamente organizado. Mas a escritora de romance bagunçada, complicada e apaixonada por café da manhã.

Eli inclina minha cabeça um pouco e aprofunda seu ângulo. Ele usa a língua para abrir minha boca um pouco mais. Então sua língua encontra a minha, lambendo-me com intenção. Ele me bebe. Leva o seu tempo. Me beija com luz. Fome.

Paixão. O tipo reprimido.

O tipo que literalmente faz meus dedos enrolarem.

Sua barba arranha o meu queixo. Eu levanto uma mão para tocar sua bochecha, sentindo o arrepio de cabelo lá. Surpreendida pelo fato de eu conseguir tocá-lo assim.

Que eu estou sendo beijada assim. Como se o mundo estivesse acabando.

Eu nunca fui beijada tão... *completamente* antes. Esse beijo... era suculento, quente e é a coisa menos prática que consigo pensar.

Pensar que quase deixei passar.

Pensar que eu estava *tão perto* de passar a vida sem conhecer beijos como este.

A dissonância entre as palmas ásperas e calejadas de Eli no meu rosto e a suavidade de seus lábios, sua língua, seu toque me fazem querer uivar.

Eu administro um gemido em seu lugar.

“Você está bem, baby?” Ele murmura na minha boca, os lábios se movendo sobre os meus como se ele não aguentasse se afastar, nem agora, nem por um segundo.

Desde que me lembro, odiei quando as pessoas usassem o *baby* como um termo carinhoso. Apenas me pareceu extravagante, eu acho. O que as boybands chamavam de objeto invisível de sua afeição nas canções pop açucaradas.

Mas quando Eli diz isso para mim, menos uma palavra do que um estrondo crescente, sou atingida por uma onda de excitação aguda.

Guio o tecido molhado da camisa de Eli sobre sua barriga. Ela fica ali, ainda colada ao corpo. Então deslizo minhas mãos um pouco mais até encontrar a fatia de abdômen nua sobre a cintura de sua calça jeans.

“Eu estou bem.” Eu respondo.

A pele dele estava quente. Ele era uma parede muscular aqui, ondulado... ondulado nos lugares certos. Tão diferente do meu próprio corpo.

Eu chego atrás de mim e de alguma forma consigo abrir a porta. Eu recuo e Eli vai comigo, pegando minha boca com a dele. Ele fecha a porta atrás dele.

Seu beijo se aprofunda. Ele está me beijando forte agora. Estamos respirando com dificuldade. Eu posso senti-lo ficando duro contra a minha coxa.

Oh, Jesus, ele parecia *grande*.

Realmente grande.

O peso entre minhas pernas palpita.

Eu corro meus dedos por uma trilha feliz de cabelos finos saindo do umbigo até a cintura esticada. Ele desaparece, tentadoramente, provocativamente, em seus jeans.

Deslizo minhas palmas de volta pelo torso e depois agarro a barra da camisa. Sem palavras, trabalhamos no peito dele, apenas quebrando nosso beijo quando ele a puxa pela cabeça. Ela cai com um barulho molhado em algum lugar no chão.

Só assim, ele está sem camisa.

De volta ao seu elemento.

Seus olhos encontram os meus. Eles são afiados.
Cintilantes.

“Então, minha garota ianque gosta de mim sem camisa, afinal.” Diz ele, meio sorriso brincando em um canto de seus lábios. Percebo que eles estão um pouco inchados.

Ele é tão sexy que eu provavelmente desmaiaria de olhar para ele se não estivesse tão excitada.

Deslizo meus braços em volta do seu pescoço, arqueando meu corpo contra o dele. O calor de sua pele queima através da minha camisa molhada.

Meus mamilos ganham vida através da minha camisa fina. Eli percebe, seus olhos passando rapidamente pelos meus peitos.

“Oh, você *definitivamente* gosta de mim sem camisa.” Seus olhos voltam para encontrar os meus. “Eu acho que também gostaria de você sem camisa.”

“Vou me juntar ao seu clube.” Minha voz está um pouco rouca. “Embora eu ache que não vou me comparar com você.”

“Shiiih.” Diz ele, pegando minha camisa. “Pare de comparar. Você é linda.”

Eu tremo quando ele puxa minha camisa sobre minha cabeça, nos separando novamente.

Mantendo meus olhos fechados, sinto o calor do seu olhar em mim. Faço uma silenciosa oração de agradecimento por usar um sutiã de aparência decente hoje. É vermelho, um pouco rendado. Nada louco, mas as taças são transparentes e fazem meus seios parecerem redondos e firmes (ish).

Eu escuto Eli soltar um longo suspiro pelo nariz.

A próxima coisa que sei é que ele está dando um beijo no meu pescoço, exatamente onde eu gosto. Apenas onde eu posso sentir isso no meu clitóris.

Eu aperto minhas pernas juntas. Abro meus olhos e enfio minha mão em seus cabelos quando ele se inclina para beijar o topo arredondado do meu peito esquerdo. A maneira como ele dobra o pescoço, os grossos cordões de veias e tendões que estalam contra sua pele, há algo de predominantemente masculino nisso.

“Estou querendo fazer *isso* desde que entrei na sua cozinha pela primeira vez.” Digo.

O fantasma daquele delicioso sorriso dele toca em seus lábios.

“Então faça isso.” Seus olhos estão um pouco nebulosos agora. “Faça o que quiser, querida.”

Enrolando na ponta dos pés, enrolo os braços em volta do pescoço de Eli e o puxo para baixo. Eu o beijo. Fecho os olhos, inclino a cabeça e o beijo.

Em meio segundo, o beijo é confuso, duro e profundo. Eu não consigo me cansar disso. *Dele*. O jeito que ele cheira e a sensação de sua pele.

Meu pulso está martelando. Uma nova onda de calor se instala no meu âmago quando as mãos de Eli se arrastam até minha bunda, me apertando antes de me pressionar suavemente em sua virilha.

Oh, eu definitivamente posso sentir sua ereção agora. Ele está muito duro.

Ele beija meu pescoço. A sensação dispara através da minha pele para pousar diretamente entre as minhas pernas, fazendo o peso lá pulsar.

E então ele diz meu nome.

Olivia.

Um meio rosnado, meio apelo. Esse sotaque dele se enroscando nas vogais, fazendo parecer algo totalmente novo, completamente diferente e totalmente sexy.

Meus joelhos dobram.

Eles malditamente *cedem*.

Eu vejo isso na minha cabeça. Eu afundando como um saco de batatas, arrastando-o comigo. Um de nós acaba com o nariz ensanguentado, o outro com o cotovelo quebrado.

Mas eu não caio.

Em vez disso, Eli me pega. Seu aperto se firma na minha bunda, movendo-se para as costas das minhas coxas antes que ele me levante, enrolando minhas pernas em volta de sua cintura.

Ele leva meu suspiro em sua boca. Me beija sem sentido, língua lambendo minha boca, dentes mordendo meus lábios picados de abelha.

“Eu não...” Eu consigo.

Eli me dá um golpe longo e preguiçoso de sua língua.

“Não o que?”

“Eu não fico tão vacilante assim.” Eu respiro. “Não com ninguém.”

O riso retumba em seu peito enquanto ele pega minha boca com a dele novamente.

“Você acabou de ficar assim comigo.”

Eu rolo meus quadris contra sua ereção. Ele rosna.

“Quarto.” eu digo, enfiando meus dedos em seus cabelos.
“Apenas... apenas continue recuando. Porta do balcão.”

Eli nos conduz pelo pequeno espaço da casa de viagem.
Seus lábios nunca deixaram os meus.

As tábuas antigas soam abaixo do nosso peso.

Eu estou no *fogo*. Sua barba fazendo cócegas no meu queixo. Seu pau pressionando minha boceta. A pele nua de sua barriga firme pressionada contra a minha.

Embora meus olhos estejam fechados, posso dizer que estamos no quarto pelo som suave da chuva batendo nas vidraças.

Ele enrola um braço debaixo da minha bunda. Ele desliza a outra mão pela minha espinha para cobrir a parte de trás do meu pescoço, me embalando.

“Você está pronta?” Ele pergunta, pressionando um beijo no canto dos meus lábios. “Eu vou te colocar na cama.”

Eu só posso acenar em seu ombro.

Estou sem palavras. Eu nunca fui segurada assim. Nunca me senti querida assim.

Ou talvez nunca me permitisse me sentir assim. Ser tão vulnerável com outra pessoa.

Apenas me sinto segura com Eli. Segura e muito sexy.

Eli me coloca gentilmente na cama, e eu desembaraço minhas pernas da cintura dele. Uma onda de ar frio se move onde o calor de sua pele costumava estar. Respiro fundo, tremendo e ponho os braços no peito.

A luz da janela pega o rosto de Eli ao pé da cama. Há um vinco entre as sobrancelhas reunidas.

“Estou aqui.” Diz ele, e então ele coloca as mãos na cama e lentamente sobe em cima de mim, o colchão mergulhando a tempo de seus movimentos.

A escalada. É tão sexy que acho que minha cabeça pode explodir. Os músculos de seus braços e ombros flexionam quando ele muda seu peso de um lado para o outro. Seu cabelo molhado cai nos olhos. Estendo a mão e escovo de volta.

Eu separo minhas pernas. Convidando-o para entrar.

O olhar de Eli afia.

Meus olhos quase rolam para a parte de trás da minha cabeça quando ele pousa sua virilha contra a minha, dando aos quadris esse pequeno rolar provocador e eviscerante antes que ele agarre minha perna e a guie em direção ao meu tronco, dobrando meu joelho. Seu corpo derrete no meu. Meu jeans molhado não quer permitir, eles apertam desconfortavelmente ao redor da articulação.

Mas quando ele inclina a cabeça e recolhe meu mamilo na boca, sugando-o com *força* pelo tecido do meu sutiã, todas as outras sensações desaparecem em segundo plano.

Eu arqueio em sua boca, puxando minhas mãos pelos cabelos. A luxúria sai do ponto endurecido do meu mamilo direto para o meu clitóris.

Como se ele pudesse ler meu corpo como um livro, Eli revira os quadris novamente, fazendo a costura da minha calça jeans me *acertar ali*.

“Eli.” Eu gemo.

Em resposta, ele se move para o outro mamilo, depois arrasta uma linha ardente de beijos no meu peito, meu pescoço. Minha mandíbula.

Então ele captura minha boca na dele, me cercando de calor e pele, depositando seu peso em mim enquanto ele puxa uma mão pelo meu lado nu e segura meu peito, apertando meu mamilo já sensibilizado.

Ele é gostoso. Enorme. Pesado.

Ele me implora que ceda a ele. Com a boca e o corpo, ele está pedindo permissão para assumir o comando. Para fazer o que ele queria fazer desde que me viu pela primeira vez há alguns dias.

“Sim.” Eu respiro.

Capítulo Vinte e um

Eli

Olivia dá um pequeno rolar nos quadris. Apenas o suficiente para me encontrar no topo do meu próprio rolar, para que a cabeça do meu pau acerte seu centro da maneira certa.

Eu grunhi, mordendo seu lábio inferior.

Inclinando todo o meu peso em um cotovelo, me levanto e alcanço entre suas pernas. Mesmo através do tecido grosso e molhado de seu jeans, posso sentir como ela é gostosa.

Eu posso sentir a batida do pulso dela também. Está ficando selvagem.

Ela está arranhando meu peito. Cavando suas unhas na minha pele quando pressiono meus dois dedos contra o comprimento de sua fenda.

Ela está *queimando*.

Olivia fazia isso, ela solta esses pequenos gemidos, tão calados que mal consigo ouvi-los sob a chuva lá fora, sempre que faço algo que ela gosta.

Ela está gemendo agora na minha boca.

Eu sinto que morri e fui para o céu.

Quero desabotoar esses jeans e tocá-la de verdade. Deslize meus dedos em seu calor suave e doce. Abri-la e a provar. Vejo se ela está tão gostosa e incomodada quanto eu.

Porque bom *Deus* eu estou duro. Meu pau está inchado e enorme dentro do meu jeans. Eu também gostaria de desabotoá-los.

Mas eu não faço.

Para começar, eu não quero que a nossa primeira vez seja uma merda molhada e impensada depois de algumas cervejas no The Spotted Wolf. Olivia significa mais para mim do que isso.

Eu quero dar a ela mais do que isso.

Mas mais importante, ela está me deixando entrar. Ela deixou o fogo em seus olhos se espalhar para seu corpo. Ela está sentindo as coisas apaixonadas sobre as quais escreve em *Meu inimigo, o Duque*, e está confiando em mim para impedir que elas a queimem.

Ela está sendo verdadeiramente vulnerável comigo pela primeira vez. Sua confiança envolve meu coração como uma mão e aperta, me fazendo sentir...

Capaz. Forte.

Coisas que não sinto desde que todo esse negócio com o The Jam começou.

E se eu sou tão capaz quanto Olivia parece pensar, então eu saberia não recompensar sua confiança, empurrando-a. Mesmo estando no topo, ela é a responsável.

É ela quem dá as ordens.

Então, por mais que eu queira tê-la nua, dar-lhe um orgasmo ou cinco e fazer amor com ela como Gunnar faria amor com Cate, eu não vou.

Não, a menos que ela peça especificamente.

Vamos nos agarrar por enquanto. O que eu certamente não me importo.

Na verdade, toda essa esfregação seca me leva de volta aos meus dias de adolescência no banco de trás do meu velho Ford batido. É divertido. Sinto que tenho dezessete anos de novo, fazendo toda essa merda pela primeira vez.

O jeito que Olivia congelou quando eu a beijei, o jeito que ela ficou desossada pouco tempo depois, me faz pensar que esta é a primeira vez que ela é devidamente beijada. A primeira vez que ela foi dominada pelo desejo.

Ou talvez já tenha passado um tempo para ela.

Seja qual for o caso, sigo o exemplo dela e faço o possível para dar o que ela quer. Quando as mãos dela percorrem meu corpo, tocando cada centímetro da minha pele com reverência, cuidado e curiosidade, faço o mesmo com ela. Eu ando meus dedos sobre sua barriga, seus seios, seu pescoço.

Olivia realmente gosta quando toco seu pescoço. Especialmente quando é a minha boca que está tocando. Minha boca, língua e dentes.

Ela é tão suave quanto eu imaginei que fosse.

Meu coração também é macio. Macio e já dolorido por tanto *querer*.

Eu quero fazer essa garota minha.

Acho que finalmente estamos seguindo na direção certa. Obrigado, porra.

Nós ficamos por horas.

Meus lábios estão crus. E assim é o meu pau de esfregar contra o zíper da minha calça a noite toda.

Mas ainda luto com uma pontada de decepção quando os beijos de Olivia se tornam menos ardentes e depois param completamente. Olho para baixo e a vejo cochilando, a cabeça pendendo no meu ombro.

Sua respiração se acalma. Enfio os cabelos atrás das orelhas. Meu braço está adormecendo, mas não me mexo. Eu não quero acordá-la. Ainda não.

Eu sei que preciso ir. Olivia não me pediu para ficar. Mesmo que eu queira.

Senhor, eu quero ficar. Enrolar seu corpo no meu e adormecer respirando o cheiro de sua pele. Acordar juntos. Fazer café da manhã. Conversar sobre livros. Talvez chegar à terceira base antes que eu tenha que ir ao restaurante.

Com um suspiro, balanço meu braço.

“Olivia.” Murmuro em seu ouvido. “Eu vou para casa. Mas você deveria tirar seu jeans. Eles ainda estão molhados, e eu não quero que você pegue um resfriado.”

Ela assente, sem abrir os olhos.

“OK.”

“Posso vê-la depois de amanhã?” Pergunto. “Eu tenho um longo dia no The Jam amanhã, mas devo ter algum tempo no dia seguinte.”

Uma pausa. Ela revira os lábios entre os dentes.

Meu coração se contrai enquanto espero sua resposta.

“Sim.” Diz ela finalmente. “Gostaria disso.”

Soltei o fôlego que estava segurando. Eu gentilmente a tiro do meu ombro e me sento. Rolo para fora da cama, tomando cuidado para não a incomodar.

“Prometa que você vai tirar o jeans. Eu faria isso por você, mas...”

Seus olhos ainda estão fechados quando ela assente novamente. Seus dedos se movem sonolentos para o zíper. Ela abre o botão, erguendo os quadris.

Mesmo no escuro, eu posso ver seus mamilos inchados e perfeitos, pressionando contra as xícaras de seu sutiã.

Porraaa.

“Dois dias.” Eu rapidamente beijo sua boca. “Eu quero te ver.”

Tirando o jeans, Olivia me oferece um sorriso preguiçoso. Vislumbro a minúscula tira de uma tanga, vermelha também, e me forço a me virar. Meu pau está gritando assassinato sangrento.

“Boa noite, Eli.”

“Noite, querida.”

Olivia

Na manhã seguinte, acordo na nuvem requintada. Finalmente dei o salto.

Eu fiz minha escolha. Eu vou ficar com Eli. De verdade.

Mas então eu imediatamente volto à terra quando lembro que fazer essa escolha significa que não voltarei a Ted.

Respiro trêmula, passando a mão no rosto.

Está na hora. Eu preciso ligar para Ted. Dizer a ele que nosso relacionamento realmente acabou.

Não sei se estou apaixonada por Elijah. Ainda não. Mas depois de me sentir tão livre e feliz em seus braços ontem à noite, sei que não há como me casar com Ted. Por mais que me mate machucá-lo assim, tenho que dizer a verdade. Não é justo da minha parte permitir que ele espere que voltemos a ficar juntos. Porque nós não vamos.

Ted é um *bom* rapaz. Eu teria uma *boa* vida com ele.

Mas não posso ser eu mesma com ele do jeito que sou com Eli. Ted não suporta meus sonhos. Ele não gosta das mesmas coisas que eu. Ele não me beija sem sentido. E ele merece que alguém seja tão louca por ele quanto eu por Eli.

Então eu preciso terminar as coisas. Antes de machucá-lo mais do que já o fiz.

Meu instinto está me dizendo que este é o movimento certo. Mas um novo raio de pavor se move através de mim

quando pego meu telefone e pego o número de Ted. Ele está sorrindo na foto que eu carreguei em seu perfil, parecendo bonito em seu suéter e calça cáqui.

Eu sei que tenho que confiar em mim. Eu preciso fazer esta ligação. Mas caramba, eu não quero esmagá-lo.

Respirando fundo, eu bato no número dele. O toque soa no meu ouvido, fazendo meu pulso disparar.

Sinto que estou tendo uma experiência fora do corpo. Estou realmente fazendo isso. Estou terminando com o cara com quem compartilhei uma vida bonita e bem-sucedida. O cara que gastou uma pequena fortuna em um lindo anel de diamante, ele escolheu apenas para mim. No papel, não faz absolutamente nenhum sentido.

Mas meu coração diz o contrário. O mesmo acontece com o meu instinto.

Não tenho ideia do que vai acontecer a seguir. Terminar um relacionamento de três anos é sempre assustador e perturbador. Se estou sendo sincera, também sinto esse sentimento de libertação. Abandonar Ted significa que minha vida é minha novamente.

Eu quero aquilo. Tão, tão mal. Vejo agora que estar com Ted me fez sentir amarrada. Presa.

Mas estar com Eli? Isso parece liberdade.

Quando Ted finalmente atende, sua voz soa diferente. Ou talvez eu esteja acostumada a ouvir a voz de Eli atualmente.

Trocamos nossas brincadeiras habituais. O tempo todo meu coração está batendo forte. Eu sinto que vou vomitar. *Sinto muito*, eu canto repetidamente na minha cabeça. *Me desculpe, eu tenho que decepcioná-lo assim.*

Há uma pausa em nossa conversa. Ele espera que eu fale, como se soubesse que tenho algo a dizer.

Respirando fundo, abro os olhos e solto.

“Sinto muito, Ted. Mas tenho que terminar nosso relacionamento. De verdade.”

Eli

O próximo dia

Levanto-me cedo, com o cotovelo na massa de biscoito antes que o sol se ponha.

Pela vigésima vez, olho para o meu telefone. Eu me pergunto se devo ligar para Olivia. Convidá-la para comer.

E pela vigésima vez, eu desvio o olhar. Nós mandamos uma mensagem ontem, mas eu estava muito ocupado no trabalho. Pensei em ligar para ela quando chegasse em casa, mas era quase uma da manhã e suas janelas estavam escuras. Eu não queria acordá-la.

Eu também quero dar a ela o espaço que ela precisa. Isso está se tornando cada vez mais difícil de fazer. Eu gosto do jeito que ela me faz sentir muito.

Jogo meu telefone no sofá. Melhor mantê-lo fora de alcance. Pelo menos até o sol nascer.

Usando um cortador para cortar a massa de biscoito em rodadas iguais, o velho truque da avó e Mae, meu coração dá um pulo quando me lembro da maneira como Olivia se rendeu a mim na outra noite. A vulnerabilidade nua em sua voz quando ela disse meu nome. *Eli*. Como se ela estivesse me implorando por algo que só eu poderia dar a ela.

Senti falta de sentir que tenho o que é preciso para fazer alguma coisa e fazê-lo bem.

Eu faria *tão* bem com Olivia. Libertei toda essa sensualidade reprimida dela com apenas um beijo. Aposto que eu poderia fazê-la uivar, se, quando, fizermos mais do que isso.

Pensar em todas as possibilidades é muito divertido.

“Você está realmente cantarolando ‘I Want to Know What Love Is’ agora? Acho que essa é uma maneira de lidar com as notícias.”

Eu começo, quase deixando cair a tigela que eu estava prestes a jogar na pia. Naomi está de pé no balcão, girando as chaves enquanto olha para mim com uma expressão levemente alarmada.

Eu acho que *estava* realmente cantarolando. Eu nunca vou viver isso.

“Uh.” Eu digo, piscando. “Não? Sim? Talvez?”

Naomi balança a cabeça.

“Quem é você e o que você fez com o chef de boca suja que eu conheço e amo?”

Reviro os olhos, fingindo estar absorvido na louça suja que amontoei na pia.

“De que notícias você está falando?”

“Você não ouviu?”

“Ouvir o quê?” Eu digo, abrindo a torneira.

Uma pausa grávida, se é que houve alguma.

“Oh, Eli.”

Seu tom, discretamente perturbado, me faz olhar para cima.

Os olhos dela estão molhados. Uma lágrima escorre por sua bochecha e ela desvia o olhar, limpando-a com a palma da mão.

Nos cinco anos em que trabalhamos juntos, nunca vi Naomi chorar.

Meu estômago cai. O calor agradável e feliz de um momento atrás se dissolve, e meu sangue de repente corre frio.

Naomi não precisa me dizer que o Jam está finalmente acabado.

Eu sei disso apenas pelo olhar em seu rosto.

Fecho a torneira e, sem me preocupar em secar as mãos, pego meu telefone no sofá. Com certeza, existem sete chamadas perdidas. Três de Naomi, um da gerente do The Jam, Katie, e o restante de membros do grupo de restaurantes que são meus parceiros de negócios desde que abri o The Pearl.

De pé na minha cozinha, apenas olho para a tela. Meu pulso bate. Há um zumbido nos meus ouvidos.

Meus olhos ardem e de repente sinto dificuldade em respirar. Meus pulmões não estão funcionando.

Eu pisco as manchas pretas que estragam minha visão.

Imagino que é assim que se sente ao ser atacado por um veículo com dezoito rodas.

“Sinto muito.” Diz Naomi, dando um passo em minha direção.

Eu respiro fundo pelo nariz. Tento sacudir a paralisia da minha cabeça. Meu coração.

Está bem. Nós ficaremos bem.

“Sabíamos que isso estava chegando. Eu digo, as linhas bem gastas saindo da minha boca. “Eu não me arrependo, e você também não deveria. Fizemos comida da qual sempre terei

orgulho. Mantivemos nossas armas e permanecemos fiéis a quem somos como chefs e como pessoas. Esta não é uma sentença de morte, Naomi. Aprendemos muito juntos, não aprendemos?”

O olhar em seus olhos agora, inferno, isso é *pena*?

“Você sabe que não precisa ser forte para mim, certo?” Ela diz. “Não me alimente suas besteiras. Não há problema em admitir que você está chateado com isso. Eu com certeza estou.”

Meus dedos apertam meu telefone.

“Claro que dói.” Eu respondo. “Mas não é um comentário sobre o nosso potencial. O fracasso não é uma sentença de morte, Naomi, é...”

“Uma oportunidade. Você ama essa frase, não é?”

Eu encontro os olhos dela.

“O que você quer de mim?”

Ela dá outro passo à frente.

“Chef, eu quero que você *sinta* isso. Não posso suportar toda essa mágoa e decepção sozinha. Quero que reconheça que

isso é uma perda e que é uma merda. Pare de fingir que está tudo bem. Porque eu te conheço e você não está.”

Sou tomado por uma repentina e aguda onda de raiva.

Eu não perco.

Eu não falho.

Passando a mão pelo meu cabelo, olho para o meu telefone. Outra ligação está chegando. Desta vez de Luke.

Como sempre acontece nesta cidade, a notícia está se espalhando rapidamente sobre o fechamento do The Jam.

Eu ignoro a ligação.

“Olha.” Eu digo baixinho. “Este é um novo território para mim. Eu tenho que processá-lo do meu jeito. Eu preciso...”

Bem. Não tenho certeza do que preciso.

Risca isso. Eu preciso da Olivia.

Eu preciso dela e preciso fugir.

Eu corro a semana toda na minha cabeça. Com o fechamento do Jam, posso enviar Naomi para o The Pearl.

Coloco-a em risco e deixo Maria me cobrir enquanto eu estiver fora.

Eu sei que estou correndo com o rabo entre as pernas. Mas não tenho folga, em tempo real, há mais de um ano. Talvez sair da cidade e sair da cozinha me dê algum tempo necessário para refletir.

Perspectiva muito necessário.

Olhando para Naomi, eu digo.

“Vou convocar uma reunião com todos hoje à tarde. Vamos resolver os detalhes. Faça com que você e a equipe se afastem e comece a bola vendendo qualquer equipamento que não desejamos para o The Pearl. Qualquer outra coisa, podemos lidar quando eu voltar.”

As sobrancelhas de Naomi saltam para o topo da testa.

“Voltar de onde?”

“A cabana.” Eu digo. “Onde mais?”

Capítulo Vinte e dois

Olivia

É fim de tarde quando eu tenho um capítulo pronto para Eli. Minhas mãos tremem um pouco quando reúno as páginas em uma pilha organizada e as prendo com um grampo. Estou nervosa por vê-lo novamente.

Também estou me recuperando um pouco da minha conversa com Ted. Eu não diria que ele estava *bem* comigo terminando com ele. Mas ele foi muito civilizado com a coisa toda. Calmo, até. Suspeito que sim. O que, novamente, me faz pensar que não nos amávamos o suficiente para ficarmos juntos. Muito menos para nos casar.

Meu instinto estava certo. Terminar para sempre foi a decisão certa. Acho que estou um pouco surpresa que isso esteja acontecendo, e está acontecendo tão rapidamente.

Mas tive um dia para me recompor. Sinto-me muito melhor com tudo depois de ontem após a ligação. Outra razão pela qual Ted e eu não somos certos um para o outro. Se eu puder me

recuperar no espaço de um dia de nosso rompimento permanente, é um bom sinal de que Ted não é *o único*.

Talvez Eli seja.

Ele nunca está em casa quando deixo meus capítulos. Mas imaginar que ele *pode estar* me enche do tipo de excitação nervosa que Cate sente quando Gunnar entra na sala. Eu posso ou não ter escrito uma nova cena de beijo mais cedo, se eu pudesse colocar em palavras todas as coisas que senti nos braços de Eli na outra noite.

Cate e Gunnar compartilharam algumas horas, um beijo, nada mais. Ela não o conhecia. Ela certamente não tinha direito às atenções dele.

Ela o seduziu. Ela o beijou. E então ela foi embora.

Sentir qualquer coisa além de ódio por Gunnar Danes era proibido.

Ainda assim, ela mal podia respirar pela intensidade dessa coisa decididamente proibida que sentia.

Lendo essas linhas, pressiono as pontas dos dedos nos lábios. Ainda posso prová-lo, a canela e a doçura masculina que é tão particularmente Elijah Jackson.

O fato de eu não conseguir parar de pensar nele garante que estou tomando a decisão certa. Acordei esta manhã com o sol dentro do meu peito, brilhante e ardente. Eu ainda podia cheirá-lo por toda parte. Nos lençóis. No meu cabelo.

Com ele em cima de mim, me senti livre, confiante e *viva*.

Meu coração doeu, ainda dói, quando penso em como ele me beijou.

A suavidade afiada em seus olhos quando ele me disse *te quero tanto que está me devorando por dentro*.

Meu estômago mergulha com força. Eu pressiono uma mão nele, respirando fundo.

Ninguém nunca me quis assim. Certamente não Ted, que é sempre responsável e imparcial.

Eu quero ver Eli novamente.

Meu instinto está me dizendo para fazê-lo. Para *ir para lá*.

Respirando fundo, eu faço.

Abro a porta e desço as escadas.

É quando eu sinto um cheiro de tabaco. Não é fumaça de cigarro. Algo mais terreno. Agradável.

Charuto de Eli. O mesmo tipo que cheirei quando ele espantou os pássaros na rua naquela primeira noite.

Putá merda, ele está realmente em casa?

Desço os degraus restantes, minhas pernas repentinamente entorpecidas. Virando para a calçada, meu coração pula na garganta quando o vejo empurrando um refrigerador para a traseira de uma caminhonete preta enorme. Ele vira. Pega uma mochila de lona e a joga na traseira também. Um charuto está preso entre os dentes.

Billy anda pelos pneus traseiros, abanando o rabo e ofegando.

É o fato de Eli estar vestindo uma camisa, uma camiseta branca rasgada que seus braços preenchem bem, que me dá uma dica.

Algo está errado.

Ele se arrepende do que aconteceu na outra noite? Eu o persegui fora da cidade com minha ridícula sessão de cinco horas de namoro?

Segurando o capítulo no meu peito como um colete salva-vidas, dou um passo à frente.

Eli olha para o mesmo momento. Seus olhos são tão, tão verdes na luz do fim da tarde.

Eles são tempestuosos. Sua testa está franzida.

Começo a tremer de novo.

“Ei.” Eu consigo.

Puxando o charuto da boca e equilibrando-o na beira da traseira, ele segue em minha direção.

“Ei você.”

Ei você. O que há no sotaque desse homem que faz com que tudo, mesmo o menor dos cumprimentos, pareça uma promessa de sexo e aventura?

Eli envolve seus braços em volta da minha cintura e me puxa contra ele. Uma pequena onda de alívio, excitação quente nos calcanhares, lava através de mim quando ele pressiona um beijo na minha bochecha.

Ele cheira a charuto e loção pós-barba.

Ele está me tocando com uma familiaridade e um desejo novo. Suas mãos estão seguras enquanto deslizam das minhas costas para descansar logo acima da minha bunda. Seus dedos

flertam com minha calcinha, que espreita por cima da cintura da minha calça jeans. E ele fica muito tempo com o rosto a meia polegada do meu. Seus olhos passam rapidamente para a minha boca.

O meu é dele. Eu realmente consegui beijar aqueles lábios lindos e cheios?

Posso fazê-lo novamente?

Parte de mim estava preocupada que Eli fingisse que nem cruzamos a linha que fizemos ontem à noite. Outra parte esperava que ele reconhecesse assim. Com tocar e provocar.

Ele não pode tirar as mãos de mim. E eu amo isso.

Enlaço meus braços em volta do pescoço e o abraço de volta, arqueando-me contra ele levemente. Uma lenta e quente batida de luxúria se desenrola entre minhas pernas.

“O que está acontecendo?” Eu murmuro em seu pescoço.

Seus dedos roçam minha bunda.

“Hum?”

“Isso.” Eu arranco a parte de trás de sua camisa. “Não é você.”

Uma batida de silêncio aquecido. Seu peito pressiona o meu enquanto ele respira. Deixa sair.

“O Jam está fechando.” Diz ele. “É oficial.”

Algo no meu peito pega. Ele parecia tão... indiferente, quase, quando falou sobre a possibilidade de perder o restaurante na primeira manhã em que nos conhecemos.

Mas agora? Agora ele parece derrotado.

Não é como o Eli que eu conheço. Pobre rapaz.

Eu o puxo para mais perto.

“Eu sinto muito. Isso realmente, realmente é uma merda.”

Ele engole.

“Sim. Sim.”

Me apertando uma última vez, ele se afasta. Ele ainda está de pé muito perto.

Ou talvez não esteja perto o suficiente.

“O que posso fazer?” Eu pergunto, olhando para ele.

“Estou saindo da cidade por alguns dias. Preciso de tempo para clarear minha cabeça. Eu tenho uma cabana perto da água.” Ele procura meus olhos. “Venha comigo.”

Meu pulso dispara. Eu pisco, ridiculamente lisonjeada, e ridiculamente feliz, que ele me pergunte.

“Eu estava prestes a bater à sua porta. Eu sei que é de última hora.” Continua ele. “Mas eu preciso de um tempo e você precisa de um lugar para escrever. A cabana é perfeita. É quieta. Bonita. Apenas coloque uma caixa de vinho na minha caminhonete. E será desnecessário dizer que vou lhe dar toda a comida que sua musa precisa para continuar escrevendo.”

Será desnecessário dizer que vamos foder.

Quero dizer, como não poderíamos? Seremos apenas nós dois. Em uma cabana. Com uma louca caixa de vinho.

Só isso me faz querer dizer que sim.

Mas mais do que isso, é a mágoa em seus olhos que realmente me empurra para ir. Ele está perturbado, mesmo que esteja fingindo não estar. Não sei muito sobre a indústria de restaurantes, mas sei que fechar um restaurante é um grande negócio. Especialmente após o sucesso do The Pearl. Ali estava Eli, pensando que estava no topo do mundo.

E então ele é derrubado na lama.

Eu me sinto terrível por ele. O homem não foi nada além de maravilhoso para mim desde que nos conhecemos. Eu quero retribuir o favor. Eu quero ajudá-lo a sair deste buraco do jeito que ele está me ajudando a sair do meu.

“Eu adoraria ir.” Eu digo.

Sua vez de piscar. Ele passa a mão na parte de trás da cabeça e sorri, deixando escapar um suspiro.

“Eu esperava que você dissesse isso. Quanto tempo você precisa?”

“Vou jogar algumas coisas em uma bolsa. Eu posso voltar aqui em dez minutos. Há algo que você precise que eu traga?”

Eli balança a cabeça, seus olhos ficando macios novamente quando eles se arrastam pelo meu corpo e depois se afastam.

“Só você, Olivia.”

Eu não estou preparada para o quão quente Eli fica quando ele está dirigindo.

Uma mão enorme no volante. A outra pendurada pela janela, segurando o charuto entre o primeiro e o segundo dedo. Ele está usando um par de aviadores de aro dourado que o fazem parecer um policial de folga especialmente atraente.

Ele guia o caminhão por uma série de estradas rurais com facilidade bem praticada. Ele é o mestre deste pequeno universo.

E eu estou molhada. Tão molhada que posso sentir encharcando minha calcinha.

As janelas estão abaixadas, mas isso não faz nada para esfriar o calor que se estende entre nós. O ar está denso com isso.

Meu cabelo está em todo lugar. 'I'm On Fire' está tocando, porque Eli é atencioso assim e coloca Springsteen antes mesmo de sairmos de sua garagem. Do lado de fora das janelas, um pôr do sol ardente pinta a paisagem pantanosa do interior, em tons de laranja, roxo e azul. Billy se deita no banco de trás atrás de nós.

O cheiro do oceano enche minha cabeça.

Oceano e Eli.

Atrevo-me a olhar na direção dele. Pego as linhas quadradas de sua mandíbula desalinhada. A curva sensual de seus lábios. Seus olhos estão pensativos atrás dos óculos, os pés de galinha se aprofundando quando dobramos uma curva e a luz do sol corta o para-brisa.

Ele geralmente não é tão quieto. Isso é contemplativo. Eu posso sentir a dor, a confusão, irradiando dele.

“Você sabe que não é educado encarar.” Diz ele, olhando para os meus olhos antes de voltar para a estrada. Uma extremidade de sua boca se curva em um sorriso.

Eu engulo.

“Sim, bem. Não é educado ser tão malditamente bonito.”

“Eu poderia dizer o mesmo para você.” Pelas lentes de seus óculos, eu posso ver seus olhos passando por minhas pernas nuas.

Uma carga de eletricidade se move através da minha pele.

“Agora, quem está encarando?” Eu digo, segurando meu cabelo para trás quando chicoteia no meu rosto.

Ele coloca o charuto em um recipiente de lata no console entre nós. Então ele fecha o contêiner com uma pequena *batida*.

“Eu.”

“Você não deveria dirigir distraído.”

Seu sorriso se aprofunda.

“Não posso evitar. Você é muito perturbadora.”

“Tente-me.” Eu digo, mexendo meu vestido um pouco mais.

O caminhão desvia. Eli endireita isso com um grunhido.

“Você *quer* que eu bata em uma árvore?”

“Se isso tirar sua mente das coisas, então sim. Talvez eu faça.”

“Você não é doce.” Diz ele, estendendo a mão para me dar um tapinha na perna de brincadeira.

Minha respiração pega. Eli se afasta. Limpa a garganta.

“Desculpe.” Ele coça a barba por baixo do queixo.

Meu coração está batendo forte. Eu *amei* a sensação da mão dele em mim.

Ele está sendo um cavalheiro. Mas eu quero o animal.

Estendo a mão e agarro sua mão. Coloco-a na minha coxa.

“Não sinta.” Eu respondo calmamente.

Ele se inclina para mim um pouco, virando a cabeça para encontrar meus olhos.

Uma mão no volante. Uma mão em mim.

“Quero reiterar que não estou esperando nada.” Diz ele, com a voz diferente. Mais rouca. “Eu quis dizer isso quando disse que vou levá-la aqui para escrever. Não sinta que precisa... fazer algo diferente disso. Comigo, quero dizer. A noite passada foi ótima. Realmente muito boa. Mas estou feliz em levar as coisas devagar.”

Eu mordo meu lábio. Então eu pego a mão dele e deslizo um pouco mais alto na minha perna. Meu sexo pulsa com a proximidade dele. Seu dedo mindinho fica a apenas três polegadas, provavelmente menos, de onde eu o mais quero.

“Eu quero que *você* saiba que eu gostaria muito de fazer outras coisas além disso.” Eu respondo. “Mas apenas se você quiser.”

Eli dá um aperto suave na minha perna.

“Você está brincando? Eu quero. Na outra noite, inferno, Olivia, não me divirto muito há muito tempo. Admito que hoje pensei muito em continuar exatamente de onde paramos.”

Eu pisco. Ainda não superei o fato de que esse homem me quer.

Não superei o fato de ser tão ousada em expressar meu desejo por ele. Há uma liberdade em ser franca sobre o que eu quero. Em cortar as besteiras e apenas *fazer o* que eu quero.

“Eu gostaria disso.” Eu digo.

Ele olha para mim antes de focar o olhar na estrada.

“Eu também.”

O dedo mindinho dele roça contra a virilha da minha calcinha.

Eu sorrio. Mesmo quando sinto um puxão de apreensão no peito. Isso é maravilhoso demais. Muito emocionante. Estou preocupada que vou queimar minha vida inteira por esse cara.

Eu sei que não vou voltar para Ted. Mas o que vou fazer com o meu trabalho? Minha situação de vida?

Eu estou *preocupada*.

The background of the page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and white, creating a dreamy, ethereal atmosphere.

Mas não estou preocupada o suficiente para que Eli se vire.
No fundo, isso parece certo.

Capítulo Vinte e três

Eli

Não consigo deixar de sorrir quando Olivia entra na cabana e fica parada.

“Uau.” Ela respira, deslizando seus óculos de sol em seus cabelos. “Eli, isso é incrível.”

Deixando cair as malas pela porta, ela caminha até as janelas dos fundos. Coloca as mãos nas costas enquanto observa a vista.

A Mãe Natureza deve saber que estou tentando impressionar uma garota, porque bom Deus, ela está fazendo um show hoje à noite. O pântano se expande para o horizonte, alternando ziguezagues de água escura e grama alta. Pegamos o sol antes de afundar na água para sempre. O céu é enorme, aberto e ardente. A luz pega na água, fazendo-a queimar ouro e prata.

Também pega no material transparente do vestido de Olivia, permitindo-me ver o contorno de suas pernas e quadris bem torneados. Lembro-me, com detalhes surpreendentes e

viscerais, de como eram aquelas pernas ao meu redor na outra noite.

A meia ereção que eu tenho ostentando durante as duas horas inteiras de carro está em uma saudação completa.

Mal posso esperar para colocar essa garota na cama. Deixa-la quente, macia e pronta para que eu possa cuidar dela do jeito que eu quero.

Se isso não clarear minha cabeça, se isso não me fizer esquecer a decepção que se assemelha a um maldito elefante no meu peito, nada o fará.

“Eu também acho.” Eu digo, ficando atrás dela. Eu quero beijar seu pescoço, seu ombro nu. Mas não pararia por aí. E quero seduzir Olivia adequadamente antes de tirar sua roupa. Vinho, jantar, sobremesa. *Depois* sexo. “Comprei esse imóvel quando recebi meu primeiro dia de pagamento real. Estive sonhando em acordar com essa visão toda a minha vida. Renovei a cabana ao longo dos anos em partes.”

O olhar de Olivia se move sobre o interior da cabana. É pequeno, um quarto, um banheiro, uma cozinha, sala de estar, muitas estantes de livros e depois o deck nos fundos, mas exatamente como eu quero.

Ela sorri para mim por cima do ombro.

“É você. Eu amo isso.”

Eu caio em seus lindos olhos azuis por um tempo demais.

“Fique confortável.” Eu digo, piscando. “Vou servir um pouco de vinho e começar o jantar.”

“Na verdade.” Olivia vai para a cozinha, onde coloco o refrigerador no balcão. Ela abre e olha para dentro. “Eu esperava poder fazer uma refeição para você pelo menos uma vez.”

Eu sorrio, o prazer enrolando em meu coração. Ela quer cuidar de mim.

É doce.

“Eu sou o cozinheiro.” Eu digo. “Eu não me importo de fazer isso.”

Ela deixa o topo do refrigerador cair e olha para mim.

“Eu sei. Mas você está sempre fazendo o trabalho enquanto estou relaxando. Deixe-me fazer isso para variar. Você teve um dia de merda. Então, levante os pés e relaxe. Eu vou cuidar de tudo.”

Eu ri.

“Você sabe que eu não sou do tipo que levanta os pés. Mas se você quer cozinhar, por todos os meios, a cozinha é sua. Posso ser seu subchefe?”

“O que é isso?” Ela diz com um sorriso.

Eu dou de ombros.

“Seu ajudante. Que tal eu picar e você cozinhar?”

“Combinado. Agora, por favor, me diga que você tem uma despensa.”

“Claro que sim.” Eu digo. Abro a porta estreita em frente à geladeira, revelando uma despensa que é bem abastecida até para os meus padrões.

Olivia se aproxima e pega uma caixa de macarrão espaguete e algumas latas de tomate esmagado.

“Perfeito. Farei uma versão rápida do molho de domingo da minha mãe.”

De pé debaixo do meu braço estendido, ela olha para mim. Estou impressionado com o desejo de beijá-la.

“Tudo bem, chef. Apenas me diga o que fazer.” Eu digo.

Eu abro as janelas. Abro uma garrafa de um bom Barolo.
Coloco ao fundo o som do Pearl Jam.

E então começamos a trabalhar.

Corto alho e cebola enquanto Olivia tosta a carne em uma
panela grande no fogão. Como o resto da cabana, a cozinha é
pequena e nos esbarramos com regularidade bem-vinda.

Com Olivia na minha cozinha, o cheiro do jantar no ar e
Eddie Vedder cantando ao fundo, o elefante sai do meu peito.
Afasto-me enquanto corto os legumes, balançando minha faca.
Movimentos calmantes que eu poderia realizar durante o sono.
Charleston e todos os meus problemas lá, desaparecem
lentamente, até que começam a parecer mais um pesadelo. Algo
que meu subconsciente inventou.

Olivia cuida de praticamente toda a refeição. Ela pede
ajuda uma vez, quando o molho sai salgado. Estou muito
lisonjeado com a confiança dela em mim para consertar isso, e é
bom ajudá-la dessa maneira pequena. Naquele momento, senti o
contrário do que sinto nos últimos seis meses. Eu senti como se

soubesse o que estava fazendo. Eu senti como se fosse necessário.

Eu me senti em casa na minha pele e na cozinha também.

Um pequeno lembrete de que nem sempre sou péssimo.

Nós comemos fora na mesa de piquenique no meu deck.

Olivia fala comigo sobre lugares que visitou e amou em Charleston. Dou-lhe todas as fofocas sobre restaurantes e bares. Proprietários de caloteiros. Quem está fodendo? Quem está traindo. Quem faz os melhores camarões e grãos da cidade.

Tenho a sensação de que ela intencionalmente mantém a conversa leve. O que eu aprecio, mais do que ela sabe. A última coisa que me convém falar é o meu próprio restaurante.

Minhas próprias merdas.

Eu também gosto de falar com ela. Ela poderia estar falando sobre os hábitos de acasalamento dos grilos que nos cercam, e acho que ainda ficaria encantado. As palavras que ela usa, as histórias que ela conta. Ela tem um jeito de comandar a conversa, essa confiança que realmente me lembra meus professores na escola de culinária.

Me faz pensar em quem, o que, ela era em sua vida anterior. Antes de se tornar escritora.

Eu sou um homem paciente. Mas quanto mais tempo passo com Olivia, mais faminto fico pela história dela. Eu quero saber tudo o que há para saber sobre ela. Eu quero saber do que ela está fugindo.

Quero saber se ela faz amor tão apaixonadamente quanto escreve.

As estrelas estão pulsando contra um céu escuro quando trazemos nossos pratos vazios e copos de vinho para dentro. Olivia coloca a dela na pia, já cheia de louça suja. Ela liga a água e começa a esfregar.

Eu me movo atrás dela. Coloco meus braços na borda da pia em ambos os lados de sua cintura, enjaulando-a.

Inclinando minha frente em suas costas, pressiono um beijo na nuca. Suas mãos ficam paradas. Uma onda de sangue endurece meu pau. Eu estive esperando a noite toda pra fazer isso.

“Deixe para lá.” Murmuro contra sua pele, beliscando-a com os dentes. “Eu quero te levar para a cama.”

Ela respira fundo. Depois de uma batida, ela fecha a torneira. Então ela me deixa trabalhar descendo a ladeira do pescoço até o ombro. Sua pele está coberta de arrepios. Inclino-me um pouco mais, inclinando meus quadris para que meu pau deslize entre suas bochechas.

Sua mão encontra a minha na pia e aperta.

Está quieto na cozinha. Os únicos sons saindo pela janela aberta. Grilos. A corrida distante do oceano.

“Eu estou tão...” Seus olhos se fecham quando eu belisco seu lóbulo da orelha. Ela respira fundo. “Jesus, Elijah, estou tão excitada que dói.”

Um sorriso puxa meus lábios. Ela já está caindo aos pedaços.

Ela já está desmoronando em minhas mãos, e eu mal a toquei.

Ela vai perder a cabeça quando eu a fizer gozar. Porque isso é algo que eu posso dar a ela. Talvez eu não tenha a maior conta bancária. Eu posso ter falhado.

Mas eu sei o que estou fazendo quando se trata disso.

Eu puxo a mão dela da pia e a seguro na minha, virando-a para que ela esteja de frente para mim.

“Então venha para a cama. Eu vou cuidar bem de você, bebê.” Eu procuro seus olhos. A confiança e o desejo que vejo neles me achatam.

Eu realmente tenho isso ruim para essa garota.

Muito ruim.

Os tendões de sua garganta se movem sensualmente enquanto ela engole.

“Eu sei que você vai.” Ela sussurra. Então ela empurra a pia e, virando-se novamente para que ela ainda esteja de frente para mim, me puxa lentamente para o quarto.

Capítulo Vinte e quatro

Eli

Meu coração está batendo forte quando chuto a porta do quarto fechada atrás de nós. Billy tem o mau hábito de aparecer exatamente quando eu não quero que ele o faça.

Quero ter Olivia sozinho esta noite.

Uma brisa sopra através das janelas. O ar está fresco. Um pouco legal.

Seus olhos nunca deixando os meus, Olivia deixa cair minha mão. Sai de seus chinelos. Puxa a gravata perto do quadril que mantém o vestido unido.

Minha boca fica seca quando se abre, revelando a pele de barriga branca e leitosa. Faz com que o sutiã vermelho-maçã que ela está usando seja realmente forte.

Ela está de calcinha diferente hoje. Uma tanga nude.

Olivia revira os ombros. O vestido desliza pelo corpo dela, formando uma bonita pilha de tecido aos pés.

Não consigo me mexer. Eu estou na frente dela como um idiota de queixo caído, devorando seu corpo com o meu olhar. Ela está tremendo, pequenos tremores nos músculos e braços das pernas. Mas ela mantém os olhos fixos nos meus. Olhos azuis iluminados com fogo.

Confiando.

Ela não está me tocando. Mas eu sinto que ela está alcançando dentro de mim de qualquer maneira, reorganizando cuidadosamente todas as partes moles da minha cavidade torácica. Sinto os fantasmas de seus dedos roçando meus pulmões. O polegar dela dando um soco no meu coração.

“Não é educado encarar.” Ela brinca, um pouco sem fôlego.

Dou um passo à frente. Coloco a mão em seu quadril, mergulhando a ponta longa do meu dedo indicador na tira rendada de sua calcinha.

“Eu só...” Eu engulo. “Eu preciso de um minuto.”

Olho o comprimento do corpo dela. Suas pernas finas e femininas. A curva de seus quadris, acentuada pelo corte travesso de sua calcinha. Eu posso ver a sombra escura de seus pelos pubianos através dela.

Linhas fortes de sua barriga.

Seus seios.

Não posso deixar de pegar um deles na minha mão.
Segurando seu peso macio, levanto os olhos e vejo a boca de Olivia se abrir quando aperto o mamilo com o polegar e o indicador. É duro até o ponto de pedra.

Tão sensível a mim.

Eu pressiono a palma da minha mão contra ela. As mãos de Olivia encontram meus ombros. Seus dedos cavam na minha pele. Como se ela estivesse se segurando pela vida querida.

Passando o dedo por baixo da calcinha, eu digo.

“Você vai me deixar?”

Hoje cedo no meu caminhão, ela já me disse que queria continuar de onde paramos ontem à noite. Mas não estou pedindo para ela me deixar transar com ela.

Estou pedindo para ela *me deixar entrar*.

Estou pedindo para ela compartilhar tudo comigo. Os segredos dela. Os suspiros dela.

A história dela.

Eu quero que ela me deixe ver tudo.

Seus olhos ficam turvos quando eu puxo a alça para baixo. Sua calcinha fica presa entre as coxas. Outro puxão suave. Ela cai com um sussurro em seus pés. Eu me inclino, pairando minha boca sobre a dela.

“Deixe-me.”

Meus dedos estão entre as pernas dela agora. Seus olhos procuram os meus. Lábios abertos e rosados e um pouco molhados.

Eu abaixo minha cabeça. Capturo esses lábios em um rápido sussurro de um beijo.

“*Deixe-me.*” Eu digo, deslizando meus dois primeiros dedos dentro de sua doce boceta.

Eu gemo. Ela está molhada. Quente. Tão macia e inchada que eu poderia morrer.

Uma onda de necessidade na minha virilha, repentina e enorme, me deixa tonto.

Deslizo meus dedos através de sua fenda, da frente para trás. Eu mergulho a ponta do meu dedo médio dentro dela. Quente e macio aqui também. Apertada.

Eu movo esse dedo para seu clitóris. Circulo devagar e com firmeza. Só uma vez.

Suas unhas roem meus ombros. Seus seios roçam no meu peito enquanto ela respira. Respirações rápidas e irregulares.

“Tudo bem.” Diz ela, com os olhos fechados.

“Nu-huh.” Eu pressiono meu dedo contra seu clitóris.
“Vamos, baby, você tem que olhar para mim quando diz isso.”

Respirando, Olivia abre os olhos. Eles estão molhados.

Ela está molhada em todos os lugares, está tão desesperada por mim quanto eu por ela, e eu amo isso.

Movo minha outra mão para as costas dela. Trilho meus dedos suavemente pelo sulco de sua espinha. Ela se enrola um pouco mais perto do meu corpo. Olha para mim. Vulnerável e quente.

Eu tenho que respirar. Meu coração vai explodir.

“Sim.” Ela diz firmemente. “*Sim*, Eli.”

Guio sua boca para a minha, inclinando minha cabeça para que eu possa ter um bom gosto de sua doçura. Vinho e Olivia.

Quero que ela confie em mim com sua história do jeito que ela confia em mim com seu corpo.

Eu quero isso mais do que qualquer coisa.

Olivia abre os olhos, os cílios se enroscando nos meus. A fé nua que vejo lá, inferno, eu sou um caso perdido.

“Toque-me como você disse que faria. Não posso... Deus, Eli, não *aguento* quando suas mãos não estão em mim.”

Eu não preciso ser informado duas vezes.

Eu mergulho meu dedo todo o caminho dentro de sua vagina dessa vez. Ela arqueia contra mim e aproveito a oportunidade para soltar o sutiã com a mão que tenho em suas costas.

Olhando para baixo, tomo sua nudez. Seus seios são lindos, cheios e redondos, seus mamilos rosados, inchados e duros.

De repente, minhas roupas parecem doze tamanhos menores.

Pressionando um beijo em seu pescoço, eu me afasto.

“Fique à vontade.” Eu digo, acenando com a cabeça antes de tirar minha camisa. “Vou pegar alguns preservativos da minha bolsa, ok? Acho que deixei no caminhão.”

“OK.”

Meio minuto depois, estou de volta ao quarto, camisinha em uma mão, meu cinto na outra. Jogo os preservativos na mesa de cabeceira.

Eu congelo quando vejo Olivia do meu lado da cama. Ela puxou as cobertas e está deitada nos lençóis brancos, a cabeça em um travesseiro, a mão entre as pernas. Seus dedos se movem lentamente sobre sua vagina. O joelho dela cai para o lado, abrindo-a para que eu possa vê-la. Rosa e lisa.

Perfeita.

Seus olhos travam nos meus. Ela morde o lábio, arqueando as costas quando atinge seu clitóris.

“Sinto muito.” Ela geme. “Eu estava morrendo sem você. Precisei.”

Meu pau *empurra*.

A menina ianque está na minha cama. *Brincando consigo mesma*. Porque ela está morrendo por mim.

“Oh sim?” Eu arranco meu cinto e jeans. “Diga-me onde você gosta. Diga-me como você quer que eu faça você se sentir.”

Olivia levanta a perna no peito, espalhando-se ainda mais. Ela passa as pontas dos dois primeiros dedos sobre o clitóris.

“Eu gosto daqui. E aqui.” Um desses dedos desaparece dentro de sua boceta. “Eu gosto ao mesmo tempo. Às vezes aqui também.” Seu dedo mindinho bate uma vez contra o sulco do seu rabo.

Eu rasgo minha boxer como um homem possuído.

A outra mão se move para o peito. Suas costas arqueiam novamente quando ela aperta o mamilo. Com os olhos fechados, e respira.

“Eli, eu estou... oh, estou perto.”

“Não se *atreva* a gozar sem mim.” Eu mordo. “Esse orgasmo é meu.”

Os olhos dela se abrem. Eles são tão azuis que eu me perco neles. Todo o meu ser fica parado.

“Então venha aqui.” Diz ela. “Eu preciso de você.”

Porra, certo, você faz.

Rasgo as cobertas de lado e subo em cima dela, puxando a mão dela entre as pernas. Reunindo os dois pulsos na minha mão, eu os guio acima da cabeça, descansando meu peso no meu cotovelo oposto. Inclino um pouco de peso nela. Apenas o suficiente para que nossos corpos se encaixem perfeitamente. Pele sobre pele sobre pele. Ela está respirando com dificuldade, olhos ao mesmo tempo provocadores e vulneráveis.

Meu pau balança entre nós, a cabeça deslizando contra a pele quente de sua virilha.

Por um segundo eu fantasio sobre fazer amor com ela nu. O último ato de confiança. Eu engancharia sua perna por cima do ombro e a beijaria com força e trabalharia meu pau contra sua boceta antes de encontrar sua entrada e me enterrar dentro. Cru. Estilo de fazer bebê.

Em breve, talvez. Mas ainda não. Mesmo no meu estado de luxúria, sei que é um pedido muito grande para Olivia agora.

Especialmente o bebê fazendo parte. De onde diabos *isso* veio?

Eu balanço o pensamento da minha cabeça. Eu culpo a loucura temporária que estou sentindo graças à senhorita Olivia Gates. Se esse é o nome verdadeiro dela.

Eu nem sei o nome verdadeiro dela.

Mas serei amaldiçoado se não a conhecer de outras maneiras hoje à noite.

Com as mãos presas nas minhas acima da cabeça, ela está à minha mercê. Eu trabalho minha boca em sua garganta, seu peito. Eu tomo o mamilo nos meus dentes. Eu continuo descendo até beijar sua barriga uma última vez. Então eu afasto as pernas dela com meus quadris e, movo-me entre elas, me acomodo novamente.

Soltando suas mãos, agarro suas coxas e a puxo bruscamente em minha direção. Ela engasga. Eu sorrio.

Pego o peito dela. Enrolo meus dedos em torno dele. Brinco com o mamilo.

Com a outra mão, chego entre as pernas dela. Usando meu polegar, eu gentilmente separo suas dobras e encontro seus olhos. Seu cabelo escuro está espalhado em uma auréola selvagem em volta da cabeça. Suas bochechas estão vermelhas.

“Você é linda.” Murmuro, rolando meu polegar uma vez, duas vezes, contra seu clitóris, como se estivesse trabalhando no mostrador em uma daquelas fechaduras à moda antiga, aquelas

em que você precisa rolar uma série de números para desbloqueá-lo. “E eu vou fazer você gozar.”

Olivia geme. Seus quadris se levantam para encontrar meus golpes suaves. Eu belisco seu mamilo e suas pernas começam a tremer.

“Tão rápido?” Eu digo, partes iguais presunçosas e surpresas.

Ela assente, seus olhos pegando meu pau. Eles escurecem.

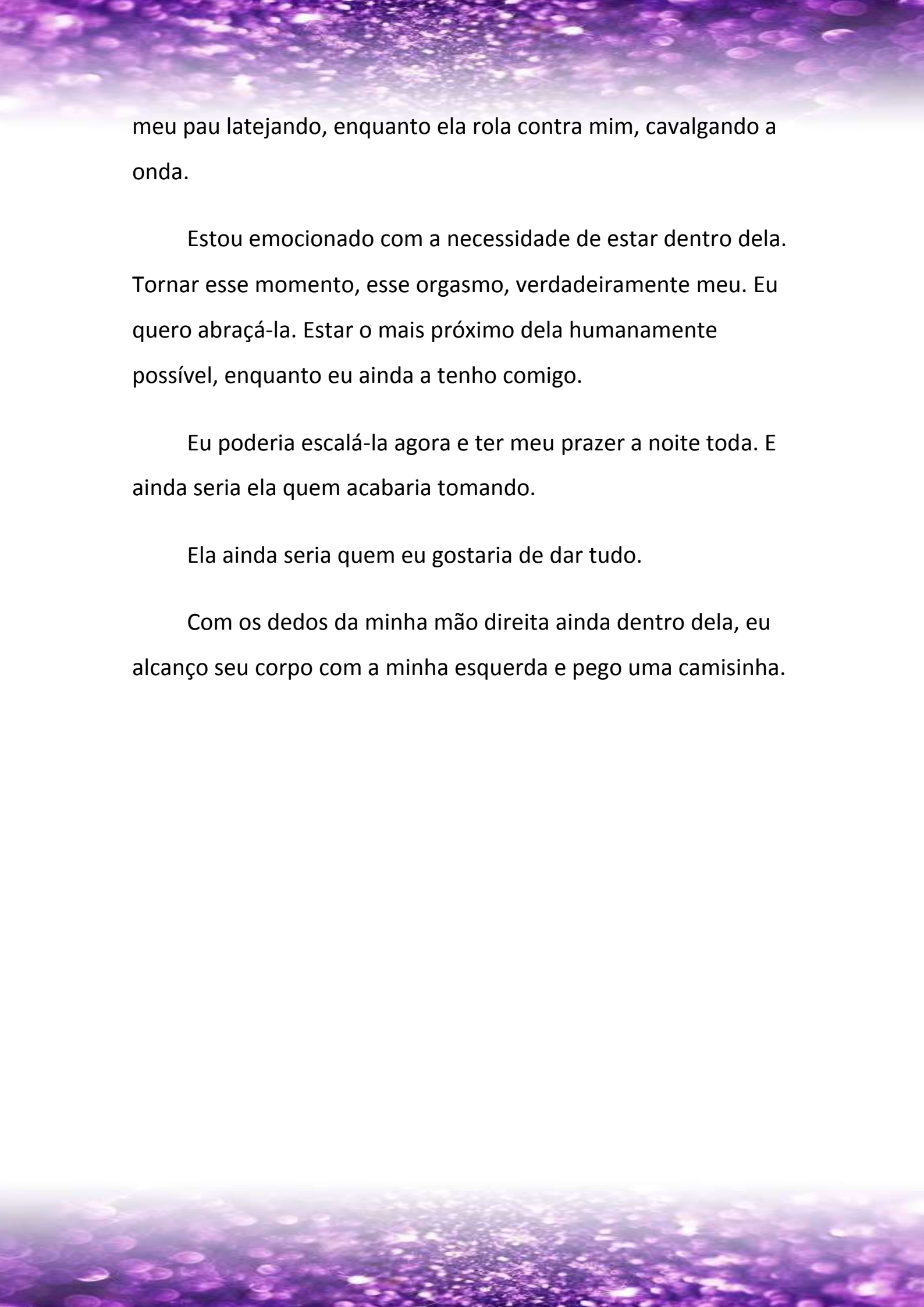
“Por você? Sim.”

Dou-lhe um aperto firme.

“Tudo bem bebê. Goze para mim, então.”

Eu continuo trabalhando seu clitóris com o polegar. Trago minha outra mão e afundo dois dedos em sua vagina. Eu os empurro uma vez, duas vezes. Três vezes. Suas paredes tremulam ao meu redor.

E então Olivia *explode*. Ela segura em volta de mim como punhos, arqueando as costas e gritando quando o orgasmo a atravessa. Pulso após pulso quente ordenha meus dedos. Ela me alcança, dizendo meu nome, e eu só posso assistir maravilhado,

The background of the entire page is a soft-focus, bokeh-style image of numerous small, bright purple and white light spots, creating a dreamy, ethereal atmosphere. The lights are more concentrated at the top and bottom edges, fading slightly towards the center.

meu pau latejando, enquanto ela rola contra mim, cavalgando a onda.

Estou emocionado com a necessidade de estar dentro dela. Tornar esse momento, esse orgasmo, verdadeiramente meu. Eu quero abraçá-la. Estar o mais próximo dela humanamente possível, enquanto eu ainda a tenho comigo.

Eu poderia escalá-la agora e ter meu prazer a noite toda. E ainda seria ela quem acabaria tomando.

Ela ainda seria quem eu gostaria de dar tudo.

Com os dedos da minha mão direita ainda dentro dela, eu alcanço seu corpo com a minha esquerda e pego uma camisinha.

Capítulo Vinte e cinco

Olivia

“Sim.” Eu consigo ver Eli abrir o pacote de alumínio com os dentes. “Eli, *por favor.*”

Eu estou sem ossos. Corpo ainda pulsando com os tremores secundários do orgasmo para acabar com todos os orgasmos. Eu só posso me deitar aqui, impotente, afundando de volta no colchão macio, e assistir, salivar e queimar enquanto esse homem enorme e lindo se rola em um preservativo.

Seu pau é tão lindo quanto o resto dele. Pele suave e rosa. Apontando para cima. Orgulhoso. Perfeitamente feito, se um pouco intimidante.

Percebo que as mãos de Eli tremem um pouco. Faz uma tentativa ou duas para colocar o preservativo todo o caminho.

Ele está nervoso? Por mim?

O pensamento transforma meu interior em mingau. Estou emocionada pelo desejo fervoroso de estar com esse homem de verdade.

Para guarda. Eu poderia realmente fazer uma vida com ele nela, uma vida em Charleston, onde sou escritora, funcionaria? Não tenho certeza se sou capaz disso.

Mas por favor, oh, *por favor*, neste momento, deixe-me imaginar que eu sou.

Deixe-me pensar na doçura da possibilidade.

Ele olha para cima, encontrando meus olhos. O seu escurece. Mais marrom do que verde hoje à noite. Eles arrastam calorosamente sobre o meu corpo. Meus mamilos picam a vida renovada. Eu me sinto tão *sexy* quando ele me olha assim. Como se ele estivesse morrendo de fome por toda a vida.

Com um grunhido, ele se inclina e beija minha boca. Eu subo em sua carícia, abrindo minhas pernas mais largas. Adoro quando ele coloca seu peso em mim. Amo a sensação quente e levemente ofegante de estar cercada por ele.

Sua pele está um pouco lisa. Suada.

Ele passa a mão no meu lado. Pega minha perna e leva sobre seu quadril. Derretendo seu corpo no meu, eu choramingo quando sinto sua ponta coberta de látex cutucando minha entrada. A pressão já é enorme. Minha boceta palpita com uma nova consciência dele.

Um novo senso de antecipação.

“Jesus, baby.” Ele murmura contra a minha boca. “Eu ainda posso sentir você gozando.”

Concordo com a cabeça, sobrecarregada demais para abrir os olhos. Eu apenas passo meus braços em volta do pescoço dele e o abraço.

Ele enterra o rosto no meu pescoço. *Céu.*

“Deixe-me retribuir o favor.” Eu digo, inclinando meus quadris para que ele deslize dentro de mim um pouco.

Ele assobia, os músculos do pescoço e da parte superior das costas flexionando contra as pontas dos meus dedos.

“Olivia...” Ele meio sussurra, meio avisa. “Se você fizer isso, eu não posso controlar, estou tentando ir devagar aqui, querida. Eu não quero te machucar.”

“Você não vai.”

“Você é tão pequena.” Diz ele.

“E você é tão perfeito. Por favor.” Não posso mexer meus quadris novamente. Ele está a meio caminho de mim agora, e

dói. Da melhor maneira. “Eu vou te dizer se é demais. Quero que você me dê tudo o que tem, Eli.”

Ele respira fundo. Ele não está convencido.

Então eu escovo meus lábios nos dele. Abro os meus olhos. Ele deve me sentir fazendo isso, porque ele abre o dele também.

Por favor, imploro com o meu olhar. *Por favor, por favor, por favor.*

Eli cutuca meu nariz com o dele. Macio e doce.

Seus olhos nunca deixando os meus, ele lentamente retrai seus quadris.

E então ele surge dentro de mim, um golpe longo, rápido e devastador que o enterra até o fim dentro de mim. Eu choro. Dor e prazer rasgam através de mim em partes iguais.

Não há nada de terno nisso.

Mas ainda é muito, *muito* doce.

Eli faz uma pausa. Só por um segundo. Esperando que eu diga que dói. Que é muito intenso, ele é muito grande. Eu estou com muito medo.

Todas essas coisas são verdadeiras.

Eu ainda quero mais. Eu quero beber o meu preenchimento dele. Quero conhecer o tipo de prazer requintado que eu li nos meus romances.

Ele procura meus olhos.

Mais, digo com o meu.

E é isso que ele me dá.

Ele empurra, seu corpo trabalhando acima de mim nesses deliciosos mergulhos masculinos. De novo e de novo e de novo. Me enchendo. Me esticando. Dói, mas eu bebo. Eu tento estar ciente de tudo. O cheiro amadeirado de sua pele. A sensação de satisfação afiada entre minhas pernas.

A maneira como meu coração parece ter se dissolvido em minha pele. Todo o meu ser palpita a tempo de seu ritmo.

Eli me observa o tempo todo. Sobrancelha franzida com concentração. Preocupação também. Ele toma nota de todos os meus movimentos. Quando mordo meu lábio depois que ele gira os quadris, o ângulo o fez bater no meu clitóris, ele faz isso de novo, apontando para o mesmo local. Quando ele empurra para dentro de mim especialmente fundo e meu corpo fica parado, ele estica a mão e segura meus seios, um de cada vez, brincando

com os mamilos e enviando uma nova onda de calor líquido à minha boceta, para que ele deslize um pouco mais suavemente.

Nem sequer é atenção. É adoração.

Eu amo o quão *amada* isso me faz sentir. Como se eu estivesse completa. Confiante na capacidade do meu corpo para enfrentar seu desafio.

Como se eu sou digna de experimentar uma sensualidade tão urgente e avassaladora.

Eu tenho que fechar meus olhos.

Ele captura minha boca com a dele. Seus golpes aceleram a um ritmo punitivo, nossos corpos batendo juntos. Ele está se perdendo em mim.

Sinto algo dentro de mim rasgar. Separar.

Encho os pés nas costas dele. Incentive-o a se aproximar.

“Tão bom.” Ele rosna, sua respiração quente nos meus lábios. “Vê como é bom quando você me deixa entrar?”

Lágrimas pressionam como polegares quentes contra as costas das minhas pálpebras.

Eu concordo. Parece bom.

Ele gira seus quadris contra mim uma última vez. Bate em mim, com *força*.

Eli engasga, depois fica parado, seu corpo enorme pesado no meu. Seu pênis pulsa dentro de mim quando ele goza. Sinto seus abdominais trabalhando contra a minha barriga. Ele está lutando para recuperar o fôlego.

Abro os olhos para vê-lo olhando para mim. Os dele estão derretidos. Suave.

Meu coração soluça.

Desviando o olhar, pressiono um beijo em seu pescoço. Mas então ele está usando o nariz para me levar de volta ao centro.

Esse cara é implacável.

Ele se inclina e beija minha boca. Um beijo lento e quente que me faz arquear debaixo dele. Não me canso dos beijos desse homem. Ele é sensual e completo em tudo que faz.

Se afastando, ele me olha nos olhos. O entendimento passa entre nós. Isso foi *bom*. Melhor do que deveria ser pela primeira vez.

Melhor do que nunca para mim.

Eu sinto que fui marcada. Eu sou diferente agora. Mudou de alguma maneira irreversível.

Posso me contentar com a *segurança* depois de experimentar o quão *selvagem* é?

Eu respiro tremendo.

“Está tudo bem, baby.” Eli sussurra, me beijando novamente. “Você vai ficar bem.”

Eu me agarro a ele.

“Eu não sei.” Eu sussurro de volta.

Ele olha para mim.

“Eu sei.”

“Por favor, fique.” Eu digo, puxando-o para mais perto com as minhas pernas. “Só por um minuto.”

Eli derrete no meu corpo, apoiando minha cabeça com os cotovelos.

“Como se eu pudesse te deixar agora. Olivia, você está tremendo como uma folha.”

Não consigo segurar meu batimento cardíaco. Meu rosto está pegando fogo, e minha boceta também. Sinto como se tivesse perdido minha virgindade novamente. Só que desta vez me machuquei porque o sexo era muito bom.

Tão, *tão* bom.

Eli me abraça. Me rodeia. Eu ouço quando a respiração dele se apaga. Inala profundamente. Exala profundamente. Como ele fez na aula naquele dia no estúdio de yoga, ele está tentando me acalmar. Eu espelho seus movimentos, inspirando, expirando.

Isso ajuda.

Eventualmente eu me acalmo.

“Eu vou me limpar bem rápido.” Ele sussurra, roçando os lábios na minha testa. “OK?”

Eu concordo.

Nós dois estremecemos quando Eli se puxa. Erguendo-se em um cotovelo, ele se estica entre nós para pegar a camisinha. Seu cabelo cai nos meus olhos quando ele olha para baixo.

Ele fica parado. Um músculo que liga o ombro e a clavícula aparece contra a tatuagem do pássaro ali. Ele sai de cima de mim.

“Você está menstruada?” Ele pergunta.

“O quê?” Eu pergunto, endurecendo. “Não. Por quê?”

“Você está sangrando, é por isso.” Ele olha para mim, as narinas queimando de raiva. *Merda*. “Jesus Cristo, Olivia, por que você não me disse que eu estava machucando você?”

Ele segura a camisinha, manchada de sangue.

Meu rosto pega fogo novamente.

Oh meu Deus, eu realmente *rasguei*. Isso não era apenas eu imaginando meu coração sendo rasgado em dois.

Eu fiz Eli me machucar.

Com ele me olhando assim, acusadoramente, com raiva, me sinto tão vulnerável. Tão *envergonhada*.

O que há de errado comigo, querendo ser fodida assim?

Querendo me empolgar, acabo sangrando?

“Sinto muito.” Eu digo, fechando minhas pernas. “Eu sujei a cama?”

Ele olha para mim. Depois de meio batimento cardíaco, ele *tenta*, passando a mão pelo cabelo. Sua expressão suaviza.

Apoiando-se em seu cotovelo, ele dobra o pescoço e beija minha boca. Minha testa.

“Vamos, Olivia, não é por isso que estou bravo. Estou bravo por machucá-la.” Ele coloca a mão entre meus joelhos. Senta-se. “Deixe-me ver, querida.”

“Eu dou conta disso.”

“Olivia. Deixe-me ver.”

Engolindo, deixei meus joelhos desmoronarem. Todo o meu ser queima quando ele me olha, olhos castanhos turvos de preocupação.

“Isso dói? E seja honesta.” Eli diz, gentilmente, muito gentilmente, pressionando a ponta do dedo na minha entrada. Dói.

“Sim.” Eu digo.

“Deus, *droga*.” ele morde. “Fique aqui. Vou pegar algumas coisas para limpar você e fazer você se sentir melhor.”

“Eu posso...”

“Olivia, *fique aí*. Por favor. Deixe-me cuidar de você, está bem? Eu me sinto péssimo o suficiente.”

Eu ainda fico com a angústia crua em sua voz. Eli está chateado. O que me chateia. Acabei de ter o melhor sexo da minha vida com esse homem. Não quero que isso estrague todas as coisas requintadas que senti em seus braços.

Meu estômago aperta. Eu preciso me explicar.

Eu preciso dizer a ele quem eu realmente sou.

Um ou dois minutos depois, ele volta do banheiro com uma toalha quente e uma garrafa de ibuprofeno.

“Sinto muito.” Diz ele, pressionando o pano entre as minhas pernas. Seu toque é dolorosamente sensível. “Eu odeio ter feito isso. Áspero geralmente não é o meu estilo.”

Geralmente não é meu também. Mas hoje à noite, parecia... certo.

Eu só preciso torcer cada gota de paixão dessas noites com Elijah Jackson. Não sei quantas terei. Não vou voltar para Ted, mas ainda tenho que voltar ao meu trabalho. Meus estudantes. Minha vida.

Eu agarro seu pulso. Trilho meu polegar sobre a pele lisa dentro dele.

“Não se desculpe. Era isso que eu queria. Adorei cada minuto.”

Seus olhos brilham com algo que eu não posso colocar quando ele olha para mim.

“Por que você quer que eu faça isso com você?” Ele pergunta suavemente.

Eu pisco. Desvio o olhar. Então me sento e fecho as pernas. Olhando para os lençóis, estou aliviada ao ver que não tem sangue neles.

Balançando as pernas sobre a beira da cama, é a minha vez de estremecer. Eu já estou dolorida. E ainda tão molhada, sinto que estou nadando nela.

Atrás de mim, ouço o barulho de comprimidos em uma garrafa.

“Tome estes.” Eli coloca duas pílulas na minha palma.

Coloco-os na boca e pressiono até os pés.

“Deixe-me me limpar.” Eu digo, tirando meu vestido do chão. “Depois conversamos.”

Capítulo Vinte e seis

Olivia

Estou pegajosa de sexo e suor, então depois de me vestir, vou para o convés. Eli me segue. O ar do outono é frio contra a minha pele. A noite está muito escura ao nosso redor. O mundo está quieto. Até os grilos ficaram em silêncio; a água mal se move. As ervas altas do pântano suspiram uma pequena brisa, uma vez.

Então somos apenas Eli, eu e as estrelas. O céu está tão preto que eu juro que posso ver a poeira cósmica entre ele. Ou talvez seja apenas as menores estrelas, distantes demais para fazer um alfinete na escuridão.

Sento-me em uma das cadeiras Adirondack resistidas que enfrentam o pântano. Eli aparece atrás de mim, colocando uma taça de vinho branco frio no suporte do meu braço antes de cair na cadeira ao lado da minha.

“Obrigada.” Eu digo, pegando o vinho.

“De nada.”

A palavra está abafada. Eu olho para vê-lo acendendo um charuto. Sua mão se enrolou no final, enquanto ele segurava um isqueiro de aço inoxidável. Suas bochechas se abrem quando ele chupa, encorajando as brasas.

Ele está descalço. Vestindo nada além de jeans. A pele em seus ombros nus brilha à luz do lado de dentro.

O cheiro agriçoce do tabaco atinge minhas narinas.

O calor me bate diretamente entre as pernas. Eu apenas tive esse homem. E agora eu o quero novamente.

Enroscando as pernas no peito, tomo um longo gole de vinho. É Chardonnay. Amanteigado e delicioso.

Um pouco de coragem líquida nunca machuca ninguém.

Não tenho muita certeza de como começar. Então, eu apenas mergulho direto no coração disso.

“Eu não sou escritora.” Eu digo.

Eli se recosta na cadeira, olhando para mim pelo canto do olho.

“Sim você é. Você escreveu, o que, meio livro agora? Você se senta no seu computador e escreve. Portanto, você é uma escritora. E muito boa nisso.”

Uma onda de emoção surge em mim. Não sei o que é isso. Mas eu sei que isso me faz sentir um formigamento. Feliz.

“Quero dizer, não é o que faço para viver.” Respondo. “Sou professora de literatura do século XIX.”

“No College of Charleston?” Ele pergunta, levantando uma sobrancelha.

“Eu gostaria. Eu adoraria ensinar escrita criativa lá. Mas não.” Eu respiro fundo. “Eu ensino em uma universidade em Nova York.”

A boca de Eli ainda fica em torno de seu charuto. Por fim, ele o tira dos lábios.

Meu coração começa a cair livremente enquanto vejo a realização lavar seu rosto.

“Então você não é apenas de lá.” Diz ele categoricamente. “Você *mora* lá.”

Concordo, tomando outro gole de vinho.

“Estou de licença agora. Minha assistente assumiu minha carga de classe. Mas seu bebê deve nascer no final de outubro. Então eu tenho que voltar antes ou...”

“Ou o quê?” Seus olhos brilham na escuridão.

Eu rolo meus lábios entre os dentes. Olho para baixo. Olho para cima.

“Ou perco o mandato que trabalhei durante toda a minha carreira. Eu perco meu salário. Seguro. Meu futuro como acadêmica.”

Ele coloca o charuto de volta na boca. Dá uma longa e lenta baforada, os olhos no chão.

“E a sua escrita?”

“O que tem isso?” Dou de ombros, as palavras azedas na minha língua. “No momento, é apenas um hobby. Algo bobo que eu sempre quis fazer.”

Ele me lança com um olhar.

“Não é bobagem, Olivia. É quem você é.”

Minha garganta fica apertada.

“O que você quer dizer?” Eu pergunto, minha voz apenas acima de um sussurro.

“Significa que li seu trabalho. E posso dizer pela maneira apaixonada que você escreve e pelo cuidado e dedicação que dedica a isso que isso significa algo para você.” Ele bate um pouco de cinza no chão. “Eu posso dizer que isso te faz feliz.”

Eu engulo em seco.

“Como você pode dizer isso?”

“No dia em que nos conhecemos, quando você chegou aqui, você tinha toda essa energia reprimida. Essa *paixão* reprimida. Eu vi nos seus olhos. Você estava segurando. Escondendo. Mas agora vejo você liberando essa paixão na página. Eu vejo você iluminando quando você fala sobre romance. Escrevendo Gunnar e Cate. Não sei como era sua vida antes de você vir para Charleston. Mas você escreve muito sobre se sentir presa. Sobre ser contida pelas expectativas de outras pessoas. Mas parece que você está livre de toda essa besteira aqui.”

Oh, Jesus, é como se eu tivesse engolido a lua, e agora está presa na minha garganta.

“Esses são os problemas de Cate.” Eu digo, minha voz tremendo. “Eles são fictícios.”

“A maneira como você os escreve, eles parecem muito reais para mim, querida.” Sua voz suaviza. “Então, do que exatamente você está fugindo, garota ianque?”

A maneira cuidadosa como ele pergunta, a preocupação sincera em sua voz, é demais. Eu continuo engolindo, esperando limpar o nó na garganta. Estou tendo problemas para respirar.

“Muitas coisas.” Eu administro. “Mas o ímpeto por vir aqui estava em me afastando do meu ex.”

Os dedos de Elijah apertam seu charuto.

“Ele machucou você?”

“Não, não, não é assim.” Eu balanço minha cabeça, olhando para baixo para pegar minhas calças de ioga. Eu respiro. Olho para cima e encontro os olhos de Eli. “Ele realmente propôs. Eu queria dizer que sim. Mas não pude.”

Não consigo ler a expressão nos olhos de Eli.

“Por que não?”

“Não parecia certo. A vida que eu diria sim é uma vida boa. Uma linda. Mas não tinha certeza de que era *minha*. Eu me senti tão sufocada por isso. Depois de estar aqui, entendo o porquê. Não posso ser quem sou nessa vida. Você sabe, a escritora de livros cheia de vapor que anda de bicicleta pela cidade e divide seu tempo entre ser péssima em ioga e ler romances.”

Isso ganha um pequeno sorriso de Eli.

“Você não é péssima em yoga.” Diz ele.

“Na verdade, sou a pior. Mas você é doce em fingir o contrário.”

Tomo um gole do meu vinho. Eli fuma um charuto.

“Minha vida em casa... todo mundo estava sempre me dizendo como era perfeita. Eu tenho tudo...” continuo. “Mas agora estou percebendo que nada disso me deixa muito feliz. Não há espaço para paixão ou criatividade na perfeição. É sem sangue.”

Ele me lança um olhar. Todos esses *olhares* malditos dele. Escuro, cheio de vapor e cortando da maneira certa.

Todas as maneiras *difíceis*.

“É por isso que você queria sangrar?” Ele diz. “Para sentir algo?”

Sim.

Eu luto para admitir isso em voz alta. Então eu digo a ele com meus olhos.

Ele puxa o charuto. A fumaça sobe de seus lábios, fazendo-o apertar os olhos.

“Eu sei que é fodido. Mas gostei, Eli.” Balanço a cabeça. “Jesus. O que há de *errado* comigo?”

Suas sobrancelhas franzem quando seus dedos ficam imóveis.

“Nada está errado com você. Você é humana. Você queria se sentir viva. Só não quero ter que machucá-la para chegar lá.”

“Talvez eu mereça me machucar.” Eu digo, olhando para longe. “Considerando todas as pessoas que estou decepcionando.”

Eu ouço Eli engolir.

Erguendo os olhos, digo.

“Admito que, quando cheguei aqui, tinha certeza de que voltaria para ele. Mas agora não posso. Não depois de estar com você.”

Os olhos de Eli brilham. Apaga o charuto no cinzeiro de vidro no braço da cadeira.

“Isso significa que estamos juntos?” Ele diz lentamente, olhando para mim. “Isso significa que você vai ficar em Charleston?”

“Sim.” É a minha vez de engolir. “E talvez. Não posso garantir, Eli. Ainda não. Mas eu quero estar com você. E eu adoraria nada mais do que ficar em Charleston, porque eu amo isso aqui. Só não sei o que vou fazer com o meu trabalho. É obviamente em Nova York. Sim, há algumas coisas que eu não gosto. Mas eu amo meus alunos. E eu tenho um futuro realmente brilhante no meu departamento.”

Eli estica as pernas na frente dele.

“Que tal dar aulas de redação criativa que você mencionou no The College of Charleston? Faça isso e escreva ao lado?”

“Eles não estão contratando. E mesmo se estivessem, duvido que eu consiga uma posição lá que ofereça estabilidade.” Digo, balançando a cabeça. “Provavelmente eu seria uma

professora adjunta. O que significa que vou trabalhar por muito pouco dinheiro. Não vou receber nenhum benefício. E não haverá garantias de emprego futuro. Eu tenho algum dinheiro em poupança, mas imagino que gastaria muito rapidamente vivendo com o salário de uma adjunta. No que diz respeito aos meus livros... quero dizer. Ainda nem terminei um. Muito menos pensei em como vou publicá-lo e comercializá-lo.”

Eli bate os dedos, levando-os aos lábios. Ele fica quieto por um minuto.

“Diga-me uma coisa.” Diz ele finalmente.

“Sim?”

“Quando estávamos na cama, conte-me as coisas que eu fiz você sentir.”

Lambendo meus lábios, respiro pelo nariz. Considero minhas palavras cuidadosamente antes que eu as diga.

“Você me fez sentir como se eu *pudesse*. Eu me senti tão... certa com você na cama. Tão confiante. Sem medo de ser eu mesma. De ultrapassar limites e arriscar, porque estávamos lá para nos encontrar se algo desse errado. Eu poderia comer meu bolo e comê-lo também, se isso fizer sentido.”

“Então, eu sou o bolo neste cenário?” Ele pergunta com um sorriso.

Meu olhar passa por seu torso nu.

“Eli, você é todos os bolos do mundo combinados. Você é tão delicioso que é meio ridículo.”

Ele ri.

“Veja, acho que você está vendo tudo errado.” Diz ele.
“Acho que você está se vendendo a descoberto, pensando que não pode criar uma vida gratificante para si mesma aqui que *funcione*.”

“Eli.” Eu digo. “Vamos. Você sabe o quão difícil é ganhar a vida como escritora?”

“Claro que é difícil.” Ele encolhe os ombros. “Não significa que você não deva tentar.”

“Não posso perder meu mandato.”

Eli inclina a cabeça.

“Você vai desistir de seu sonho pela sua *posição*?”

Minha garganta aperta.

“E se eu falhar?”

Eli zomba.

“Olhe para mim! Eu falhei. Inferno, eu apenas falhei espetacularmente. Na frente de todo o mundo também. Todos os meus colegas. A imprensa. A cidade. Mas eu ainda estou de pé. E ainda acordo todos os dias e passo meu tempo fazendo algo que amo.”

“Sim, bem. Eu não tenho seu talento.”

“Você não precisa de talento. Você precisa de confiança. E muita perseverança.”

Balanço a cabeça, uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. Eu a limpo.

“Estou com medo.”

“Junte-se ao clube. Estamos todos assustados, querida. Mas sentir medo porque você está perseguindo o seu sonho é melhor do que não sentir nada. Você apenas me deixou machucá-la para poder *sentir* alguma coisa. Pense nisso, baby.”

Eu penso sobre isso. Pergunto-me se o simples fato de estar *pensando* seriamente significa que as balanças estão se

reequilibrando dentro da minha cabeça. Estou com mais medo de sair? Ou com mais medo de ficar?

Posso mesmo deixar Eli? Tenho certeza de que poderíamos tentar namorar a longa distância. Mas ele trabalha horas loucas. E Ithaca está muito longe de qualquer dos principais aeroportos. Seria muito difícil fazê-lo funcionar.

“Quando exatamente você precisa voltar para Nova York?”
Ele pergunta.

“No final do mês.”

Os olhos dele brilham.

“Duas semanas.”

“Sim.”

“Tudo bem.” Diz ele, assentindo. “Duas semanas.”

Eli

Eu tenho duas semanas para convencer Olivia a ficar.

Duas semanas para convencê-la a tentar seus sonhos.

Convencê-la a *me* dar uma chance.

Capítulo Vinte e sete

Eli

O dia seguinte é lindo. O pântano brilha sob um céu de outono impecável. Está um pouco frio, então acendo uma lenha na lareira ao ar livre, envolvo Olivia em um cobertor e deixo que ela escreva.

Pego minha última leitura, um romance sobre um casamento de conveniência, rapidamente se tornando um dos meus favoritos, e me sento no sofá lá dentro.

Billy fica comigo por cinco segundos antes de passear no convés. Pela porta aberta, ouço Olivia cumprimentá-lo, e sua coleira tilinta alegremente quando ele se deita aos pés dela.

Eu sorrio. Olhe para nós três, ficando todos aconchegantes com essa merda.

O sol está fora. O fogo está começando a cheirar bem. Eu continuo sorrindo quando penso sobre o que eu vou fazer para o almoço. Tenho um pouco de peixe e uma salada de abacaxi e coentro, feitos a partir do zero, é claro, para juntar para tacos de peixe. Adicione uma Corona gelada, e eu *sei* que minha garota ianque será uma feliz campista.

Eu também. Um sentimento de satisfação toma conta de mim.

Por um segundo, é ofuscada por pensamentos incômodos sobre o The Jam. Não será divertido lidar com as consequências quando voltarmos à cidade. As pessoas vão perder o emprego. Eu já perdi uma tonelada de dinheiro.

As notícias provavelmente estão chegando aos jornais agora. Estremeço quando imagino quais devem ser as manchetes.

Não verifiquei meu telefone, os saldos da minha conta bancária, e não quero.

Concentro minha atenção novamente em Olivia. Nada que eu possa fazer sobre o Jam agora. O que significa que posso desfrutar da companhia do meu bebê.

Porque ela é meu bebê. Nós concordamos na noite passada que estamos juntos. Embora ainda tenhamos muito a descobrir. Ou seja, o que vamos fazer sobre o trabalho de Olivia. O pensamento dela partir em duas semanas me enche uma dor que eu não quero citar.

Eu já tenho algumas ideias sobre convencê-la a se arriscar. Porque se ela acreditar em sua escrita, em sua capacidade de

perseverar, então acho que ela concordará em ficar em Charleston. Não quero que ela volte ao trabalho e à vida que odeia. Eu quero que ela seja feliz.

Eu quero que ela seja feliz comigo.

Eu também realmente gostaria que ela se mudasse comigo. Parece loucura, eu sei. Mas eu gosto de tê-la por perto. Eu amo acordar ao lado dela. Esta manhã, eu quase morri quando acordei e a encontrei ao meu lado, nua, sonhadora e com fome.

Eu me sinto *bem* agora. Não estou pensando no Jam. Na verdade, não estou pensando em nada, exceto na garota sentada no meu deck.

Eu imagino fazer escapadas para a cabana uma coisa regular para nós. Até agora, Olivia parece adorar aqui. Poderíamos nos esgueirar uma ou duas vezes por mês. Ela escreve. Eu cozinho. Quando não estávamos fazendo essas coisas, estaríamos na cama.

Bom *Deus*, eu quero voltar para a cama com ela.

Eu devoro meu livro em grandes pedaços. De vez em quando, olho para Olivia. Ela mudou de cadeira para ficar mais perto do fogo e agora está de frente para mim. Eu assisto o seu perfil, seu rosto uma máscara de concentração.

Conforme as horas passam e seus dedos voam sobre o teclado, sua expressão começa a se suavizar.

E então ela começa a *brilhar*.

Ela sorri. Morde o lábio. Estala os dedos, os olhos se iluminando, imagino que ela acabou de encontrar algo bom. Talvez Cate e Gunnar finalmente tenham caído na cama um com o outro.

Talvez Olivia, deitada na cama comigo ontem à noite, tenha inspirado aquela lâmpada a acender. O pensamento acalma meu ego machucado.

Escrevendo ao sol, cabelos esvoaçantes à brisa, Olivia é radiante. O que diabos ela está fazendo trabalhando em um emprego em alguma universidade de esnobe em Nova York, quando ela está claramente tão feliz aqui?

Eu meio que adoro a ideia de ajudá-la a *chegar* a esse lugar de felicidade. Eu sempre gostei de orientar chefs mais jovens nas minhas cozinhas. Talvez eu esteja orientando Olivia de alguma maneira. Mostrando a ela as cordas para encontrar satisfação. Honrando a paixão. Arriscando.

Eu odeio a ideia de ela não se arriscar na escrita. Ela é boa demais para desistir.

Quero muito que ela não volte para Nova York. Seria uma coisa se ela amasse seu trabalho lá em cima. Eu nunca a afastaria disso. Mas não soa como se ela ama. Claramente, ela está mais feliz no sul.

Olivia me pega olhando para ela. Ela sorri, essa coisa fofa e bonita que vira meu coração de cabeça para baixo e traz meu pau em atenção.

“Com fome?” Eu falo pela porta.

Ela sorri.

“Voraz.”

“Por mim? Ou pelo o almoço?”

“Ambos.”

“Eu acho que posso ajudá-la com isso.” Eu digo, levantando-me. “Qual você quer primeiro?”

Olivia franze os lábios enquanto finge pensar sobre isso.

“Vamos almoçar primeiro. Então eu vou ter você.”

“Gosto do som desse plano. Vou pegar a grelha.”

Olivia suspira e geme através dos tacos de garoupa.

“Eli, isso é *ridículo*.” Diz ela, os olhos rolando para a parte de trás da cabeça enquanto ela dá a última mordida na boca.

“Obrigada.”

“De nada, baby.” Eu olho para ela. A pergunta sai da minha boca antes que eu possa pensar melhor. “Olivia Gates é seu nome verdadeiro?”

Olivia mastiga. Engole.

“Não é.” ela responde, tomando um gole de cerveja. “É o meu pseudônimo. Gates é o nome de solteira da minha avó. Aparentemente, ela era uma grande leitora, como eu.”

“Diga-me seu nome verdadeiro.”

Ela sorri.

“Você é sempre tão mandão depois do almoço?”

“Sim. Conte-me.”

Ainda sorrindo, ela diz.

“Meu nome verdadeiro é Olivia Josephine Wilson.”

Eu rolo as palavras em volta da minha boca.

“Bonito.” Eu digo. “Prazer em conhecê-la, Olivia Wilson.”

Ela estende a mão.

“Prazer em conhecê-lo também, Elijah Jackson.”

Pego a mão dela e dou um pequeno puxão. Rindo, ela se inclina para a frente e me deixa beijá-la.

Eu estou duro como uma porra de pedra. Lembro-me de como ela estava quente e apertada na noite passada. O jeito que sua boceta fechou em volta dos meus dedos.

Também lembro que a machuquei.

“Como você está se sentindo?” Eu pergunto, minha voz rouca.

Caindo na cadeira, ela coloca a mão na barriga.

“Cheia.”

Eu aceno para sua virilha.

“E lá?”

Uma faísca de calor acende em seus olhos.

“Estou um pouco dolorida. Nada muito ruim.”

“Ainda está sangrando?”

“Não.” Seus olhos percorrem o meu peito nu. Eu nunca, nunca visto uma camisa quando estou na cabana. Ela se levanta, largando o guardanapo no prato. “Eu acho que estou curada o suficiente. Vamos para a cama.”

Olivia já tirou o jeans e a camisa quando chegamos ao quarto. Ela chega atrás dela e abre o sutiã.

Ela não está usando calcinha.

Subindo na cama nua, ela parece tão bem que eu não aguento mais. Seus seios saltam quando ela cai contra os travesseiros. Os olhos dela estão em mim.

Tiro meu jeans e cueca. Olivia observa todos os meus movimentos, seu olhar escurecendo de fome quando ela pega meu pau inchado.

Pego na minha mão e dou um golpe lento e forte. A sensação sopra forte no meu estômago.

“Assim, baby?” Eu murmuro.

Ela lambe os lábios.

“Venha aqui.” Diz ela, dobrando o dedo enquanto se ajoelha.

Eu estou na beira da cama, e então ela está enrolando sua mão na minha no meu pau, seu polegar brincando com a cabeça enquanto eu me inclino para um beijo.

Guiando-a em outro golpe, ofego contra sua boca. Não vou durar muito nesse ritmo. Mas antes de fazermos sexo novamente, preciso ter certeza de que ela está realmente bem.

Com a outra mão, chego entre as pernas dela. Gentilmente, muito, muito gentilmente, eu separo seus lábios e deslizo a ponta dos dedos dentro de suas dobras.

Ela está encharcada e quente.

“Menina *ianque*...” Eu engasgo.

“Eu quis dizer isso quando disse que você me excita, Eli.”

Eu encontro os olhos dela. Estudo-os enquanto minha ponta do dedo se move sobre seu clitóris. Os olhos dela ficam enevoados. Meu pau aumenta.

Mas quando vou para a entrada dela, mal a tocando, aqueles olhos azuis brilham com dor.

Eu imediatamente recuo.

“Você ainda está machucada.” Eu digo.

“Não!” Ela diz, agarrando minha mão. “Não, está tudo bem, Eli, eu prometo. Eu *realmente* quero fazer isso. Eu quero você.”

Eu procuro seus olhos.

“Que tal tentar algo diferente? Dar a você um pouco mais de tempo para curar antes de nós... você sabe.” Eu digo, pressionando suavemente a cabeça do meu pau no osso pubiano.”

Eu sorrio quando vejo o calor voltar ao seu olhar.

“Algo diferente.” Diz ela, olhando rapidamente para o meu pau. “Estou apaixonada por isso.”

E então, antes que eu saiba o que ela está fazendo, ela literalmente cai.

Ela está de joelhos e mãos agora, agachada na minha frente no colchão enquanto eu estou de pé. Inclinando todo o seu peso na mão esquerda, ela me alcança com a direita. Vejo estrelas quando ela usa essa mão para guiar meu pau até sua boca.

Ela me leva, polegada a polegada, passando a língua na minha cabeça com movimentos lentos e sensuais. A necessidade rasga através de mim. Eu enterro meus dedos em seus cabelos. Ainda está quente do sol.

Olivia olha para mim. Olhos abertos. Meu pau na boca dela. Cabelos escuros por todo o lado.

“Doce menina.” Eu sussurro, rolando meus quadris um pouquinho.

Fechando os olhos, ela me leva mais fundo.

E então ela fica má.

Ela é tão má, acariciando e me deixando tão fodidamente louco que sinto meu orgasmo chegando, nem vinte segundos depois.

Estou na garganta dela agora, seu palato macio pressionando contra a minha cabeça. Ela geme, as vibrações enviando ondas de choque através do meu pau.

Ela é *boa* nisso.

Eu tenho que devolver o favor de alguma forma.

Suas pernas estão se abrindo agora, abrindo as nádegas. Corro a mão pela bonita encosta das costas dela. Lentamente, enrolo meus dois primeiros dedos entre as bochechas dela, deslizando-as para dentro de sua umidade por trás.

Olivia geme novamente, inclinando os quadris para me dar um ângulo melhor.

Eu vou direto ao seu clitóris, movendo-me através de suas dobras inchadas e escorregadias com cuidado. Ela começa a balançar a cabeça quando eu circulo meus dedos onde ela me quer. Ela está terminando forte, assim como eu.

Ela está cedendo. Sendo vulnerável.

Chupando-me com todo o ardor reprimido que vi nos escritos dela.

Isso me faz entrar.

“Baby, eu estou perto.” Eu digo entre dentes. Movo minha mão dos cabelos para o queixo, inclinando-a para que ela me olhe. “Deixe-me entrar na sua boca.”

Eu a deixo saber com meus olhos que é uma pergunta. É ela quem dá as ordens aqui. Sempre será.

Alguma parte neandertal de mim só quer marcá-la. Fazer dela toda minha. Eu odeio a ideia de que ela tenha esse ex-idiota em Nova York. Ela disse que não vai voltar para ele. Mas ainda vou fazer tudo o que puder para garantir que ela fique. Eu quero cruzar todas as linhas. Fazer todas as coisas erradas da maneira certa.

Eu só quero fazê-la minha.

O azul em seus olhos arde.

Em resposta, ela me leva ainda mais fundo, sua língua rodando suave e quente ao meu redor.

Eu rolo meus quadris. Rolo novamente, sacudindo um pouco dessa vez. Sinto meu orgasmo se aproximando de mim.

Meu corpo endurece e eu gozo. Difícil. Meus olhos se fecham, e atrás deles fogos de artifício neon explodem quando a sensação bate em mim. Sinto pulsos do meu esperma deslizando pela garganta dela.

“Olivia.” Eu engasgo.

Ela me ordenha com a língua e depois engole. Meus joelhos quase cedem.

Agora quem é o vacilante?

Meus dedos ainda estão entre as pernas dela. À medida que meu orgasmo desaparece, eu cuidadosamente dou vida a ela. Deslizo as pontas dos dedos sobre seu clitóris, de novo e de novo. Ela se move contra mim, me guiando para tocá-la exatamente onde ela precisa.

Estendo a mão para ajustar seus mamilos com a mão livre, um de cada vez. Eles estão inchados e tão perfeitamente macios nos meus dedos que eu gemo.

Meu pau ainda está na boca dela quando ela goza. Eu quero enterrar meus dedos dentro dela para que eu possa sentir seus espasmos. Mas eu sei que ela ainda está machucada, então me contento com seus gemidos e com o jeito que ela fica desossada quando as ondas de choque desaparecem.

Inclino meus quadris, puxando-a com cuidado. Ela cai pesadamente de costas, segurando os lençóis. Ela está respirando com dificuldade.

Subo no colchão ao lado dela.

“Vamos, baby.” Eu digo, passando um braço em torno de seu meio e enrolando-a em meu corpo. Colher grande e colher pequena. Uma brisa se move através das janelas abertas, e eu puxo as cobertas sobre nós.

Meu pulso está acelerado. O dela também.

Eu beijo sua garganta. Ela vira a cabeça e me deixa beijar sua boca. Eu posso me provar em seus lábios.

“Eu gosto de você assim.” Eu digo, beijando-a lentamente.
“Torcida. O meu gosto na sua boca.”

Ela choraminga no meu beijo.

“O que?” eu digo.

“Você.” diz ela.

Eu me afasto para encontrar seus olhos.

“Eu o quê?”

“Você me oprime, Eli.” Ela responde, me olhando. “Eu apenas sinto... Deus, sinto tudo quando estou com você assim.”

Meu coração incha.

“Espero que isso signifique que você ficará um pouco.” Eu digo.

Eu dou um beijo na têmpora dela.

Adormecemos assim. Emaranhados um no outro. Quente, aconchegante e contente.

The background of the image is a soft, out-of-focus purple bokeh effect, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and magenta. The text is centered in the upper portion of the image.

Eu quero fazer esta semana durar para sempre.

Capítulo Vinte e oito

Olivia

Os dias passam muito rapidamente na cabana. E as noites, essas nunca são longas o suficiente.

No final da semana, estou exausta. Nenhum de nós dormiu por mais de algumas horas consecutivas de cada vez. Eli e eu estamos com muita fome um do outro para dormir à noite toda.

Ele vai me acordar ao amanhecer, um sorriso malicioso em seus lábios quando ele coloca a cabeça entre as minhas pernas. Vou acordá-lo na calada da noite, encharcada e necessitada, e ele sem palavras rasga um pacote de papel alumínio e rola seu grande corpo em cima de mim, fazendo amor comigo lentamente. Sonolenta. Sua boca na minha boca, meus seios, meu pescoço.

Ele sempre me limpa depois, verificando se não há sangue. Satisfeito, ele vai me puxar contra ele, seu coração batendo forte no centro das minhas costas enquanto eu me afasto.

Eu me pergunto se algum dia vou conseguir adormecer novamente sem estar cercada por aquele som suave e confiante.

Sem estar cercada por ele.

Não tenho certeza se são as belas paisagens, a boa comida, o sexo incrível ou alguma combinação dos três, mas minha musa *canta* absolutamente aqui. Passo a maior parte do meu dia na cama com Eli ou em uma cadeira ao lado da lareira no convés, produzindo capítulo após capítulo. Eli edita enquanto escrevo. Ele está se apaixonando pelos meus personagens.

E eu estou me apaixonando por ele.

Não há nenhum ponto em negá-lo. Ao interpretar o cara durão. Sou tão suave e vulnerável sendo quem sou com ele. Há algo incrivelmente romântico em me abrir assim.

Penso muito nos conselhos de Eli para manter as coisas simples. Talvez isso faça parte disso, simplesmente deixar meus sentimentos serem o que são.

Simplesmente aceitando-os. Me aceitando.

Estar livre de toda aquela tortura autoimposta me faz sentir como se eu pudesse voar. Estou no alto da vida. Eli também, na maioria das vezes. De vez em quando eu o pego carrancudo quando ele verifica seu telefone. E ele às vezes tem esse olhar perturbado e distante. Como se ele estivesse em outro lugar completamente.

“Você está bem?” Pergunto uma noite durante o jantar. Estamos comendo fora do lado do fogo, como sempre fazemos. Estávamos conversando sobre o uso de uma carta francesa por Gunnar, a versão do século XIX de um preservativo feito de intestino de ovelha, quando Eli começou a zinear novamente.

Eli pisca, sacudindo o cenho do rosto.

“Eu sinto muito. Você está me desgastando, Olivia. Eu andei como um zumbi a semana toda.”

“No que você estava pensando?” Pergunto. “No Jam?”

Os olhos dele brilham. Endurecem. Quase como um portão caindo. Não sei dizer o que ele está sentindo.

“Um pouco, sim.” Ele passa a mão pelo cabelo.

Estendo a mão sobre a mesa para a mão dele.

“Eu sinto muito. A coisa toda é péssima. Eu queria perguntar sobre isso. Mas eu sei que é um assunto delicado, então eu meio que estava esperando você trazer isso à tona. Estou sempre aqui se você quiser conversar.”

“Eu sei. E eu aprecio isso, baby, eu realmente aprecio.” Ele vira a mão para agarrar a minha. “Não há realmente muito a dizer, honestamente. Fecharemos definitivamente na terça-feira.

Naomi está cuidando da maior parte do que precisa ser feito.”
Ele encolhe os ombros, apertando minha mão antes de ficar de pé. “Mas eu não quero pensar sobre essa merda. É deprimente. Eu quero você. Você me faz feliz.”

Eu olho para ele, o fogo refletindo em suas pupilas escuras.

“Eu quero você também. Claro que te quero. Mas se você não estiver se sentindo bem, gostaria que você me contasse.”

“A única coisa que me faz sentir melhor agora é estar com você.” Seus olhos estão implorando. “Então me deixe ficar com você. Do jeito que eu quero.”

Uma voz na parte de trás da minha cabeça me incomoda para empurrá-lo nisso. Estou encantada por fazê-lo se sentir melhor. Mas não estou fazendo isso abordando o problema dele. Conversando com ele sobre isso.

Eu estou fazendo isso fodendo nossos cérebros.

Algo sobre isso parece... estranho, eu acho. Eu sou algum tipo de curativo sexual?

Mas o sentimento passa quando ele sorri para mim e pega meu prato e me beija com força. O tipo de beijo intencional e abrasador que eu esperava dele.

Um homem não beija um curativo assim.

Então, faço uma anotação mental para perguntar a Eli sobre o Jam mais tarde. Enquanto isso, vou fazê-lo se sentir melhor.

Muito, muito melhor.

Enquanto arrumamos as malas naquele domingo, eu roubo uma das camisas de Eli, enfiando-a na minha bolsa. Ele não parece usar camisas com tanta frequência de qualquer maneira. E quero manter um pedacinho dele comigo. Quero usar a camisa dele na cama para que eu possa sentir o cheiro dele quando não estivermos juntos.

Dirigimos para casa ao pôr do sol. Minha mente divaga enquanto percorremos o país baixo, as árvores iluminadas em tons ardentes de laranja, amarelo e marrom. O medo de perder me manteve em um caminho reto e estreito. Medo de sentir falta de tudo.

Eu nunca me perguntei o que eu estava perdendo por estar *nesse* caminho.

Isso.

Eu perdi isso. A mão grande de Eli na minha coxa. Sentindo-me deliciosamente macia e dolorida em todos os cantos do meu corpo. O ar fresco do outono soprando pelas janelas, fazendo meu cabelo voar para todos os lados. Escrita boa e difícil atrás de mim. Boa, escrita dura pela frente. Nenhum domingo assustador aqui. Estou *animada* com o amanhã.

É isso que eu tenho perdido esse tempo todo.

Dói pensar em desistir.

Eu olho para Eli. Limpo, confiante e calmo. Bonito como o inferno. A dor dentro do meu peito e entre as minhas pernas se intensifica.

O ar frio é tão bom na minha pele. É esmagador.

É exatamente o que eu não sabia que queria até agora.

Já está escuro quando Eli entra em sua entrada estreita.

“Fique.” Diz ele, colocando a alavanca de câmbio no parque.

Por um segundo, eu acho que ele está me pedindo para *morar aqui*. O tipo de estadia para deixar Nova York e ficar em Charleston para sempre.

A resposta me chega com certeza rápida.

Sim.

Minha mão treme quando pego a maçaneta da porta. De repente, o barulho do motor do caminhão parece enorme, pulsando a tempo do meu coração.

Eu realmente acabei de tomar minha decisão?

Eu realmente vou deixar tudo para trás e começar de novo?

Por semanas, isso parecia impossível.

Agora parece inevitável.

Só não sei o que vou fazer com o meu trabalho. Não sei escrever em período integral. Pelo menos não até que eu tenha uma ideia melhor de como posso ganhar dinheiro com isso.

Christine tendo seu bebê também significa que não tenho ninguém para assumir minhas aulas em Nova York pelo resto do semestre. Há uma boa chance de que isso caia sobre mim. O que significa que vou ter que voltar para Ithaca, pelo menos até o final de dezembro.

Mas eu tenho contatos em Charleston agora. Estou desenvolvendo uma rede pequena, mas poderosa. Vou começar

a explorar isso. Ver se eu não consigo descobrir algo. Juntar os primórdios de uma nova vida.

Seja qual for o caso, acho que posso estar pronta para dar o salto. O grande.

A testa de Eli se torce quando ele percebe o que eu só posso imaginar é a expressão chocada que devo estar usando.

“Está bem se você não quiser.” Diz ele rapidamente, descansando o pulso no topo do volante. “Mas eu pensei que você e eu poderíamos acordar cedo amanhã. Talvez tome um café e fazer uma aula de ioga. Vou precisar suar antes de ir trabalhar e lidar com a tempestade de merda que está me esperando.”

Eu pisco.

Certo. Ele estava falando sobre passar a noite. Na casa dele.

Eu gerencio um sorriso.

“Eu adoraria.”

O rabo de Billy bate alegremente contra o encosto do meu assento.

Chegamos à aula de ioga de Peter logo na manhã seguinte.

“Algo em que pensar enquanto você pratica.” Diz Peter enquanto caminha para a frente da sala. “O yoga é uma união ou união de todos os seus vários seres ou seres. Seu ser mental. Seu ser físico. Seu ser espiritual. Quando praticamos ioga, praticamos a harmonia de todas essas partes de nós mesmos. Retiramos nossas camadas para chegar ao nosso eu mais essencial. Há uma frase em sânscrito para isso, *sat nam*. Ele significa 'verdadeiro eu'. Vamos fazer disso nosso mantra hoje. Diga essas palavras para si mesmo ao respirar. Com demasiada frequência, o mundo incentiva-nos a afastar-nos do nosso verdadeiro eu. O Yoga nos pede para irmos em *direção* a esse eu. Então tente isso hoje e veja como se sente.” Uma pausa. “Vamos começar na pose de criança.”

Sinto o calor do olhar de Eli em mim. É exatamente isso que falamos nas últimas duas semanas.

Sem olhar para ele, eu me acomodo na pose de criança. Sinto-me cansada e cheia. Não estou com vontade de fazer isso agora. Pensar na possibilidade muito real de que darei o maior salto da minha vida em breve, sem garantias. Nenhuma rede de segurança real.

Tudo em nome da busca desse verdadeiro eu.

No começo, eu odeio *sat nam*. Na minha cabeça, parece Satanás. O que, considerando como meus ombros e tendões queimam durante a sequência de abertura das saudações ao sol, parece apropriado.

Mas, enquanto me movo, encorajada pelos graciosos e constantes movimentos de Eli ao meu lado, minha mente começa a clarear. A queimadura começa a desaparecer. Eu apenas continuo cantando silenciosamente com a respiração.

Meio elevador. *Verdadeiro*. Arco. *Auto*.

Meu suor tamborila suavemente no meu tapete enquanto me sento em pose de cadeira.

Quanto mais eu canto, mais eu penso. Eu não tinha ideia de quem *eu* era antes de vir para Charleston. Eu estava ciente do conceito. Mas não achei importante.

Tendo um grande trabalho chique? Ser uma boa namorada? Mantendo-se com os Jones? *Essa* merda foi importante. Mas descobrir o que eu amo? Passando tempo fazendo isso?

Nah. Não havia horas suficientes no dia para fazer isso.

De pé aqui, torcida em pose de águia, respirando e cantando silenciosamente e descolando minhas camadas, não posso deixar de pensar que a maneira como eu ordenei minhas prioridades foi incrivelmente estúpida.

Qual é o sentido de tudo isso, se não gostar? Fazer um trabalho bom e significativo e rir com aqueles que conhecem e amam o verdadeiro você?

E eu sei, com esse profundo e estridente sentimento de certeza, que não posso aproveitar a vida do jeito que mereço se não confessar quem sou e o que quero.

Quando chegamos à parte torturante da aula, vamos fazer 200 flexões de bicicleta, não sei dizer se é o suor que cai no meu tapete ou as lágrimas.

O que, obviamente, me faz pensar em Cate. Todas as lágrimas que ela derrama enquanto Gunnar a empurra contra suas suposições sobre si mesma e sua vida de novo e de novo e de novo.

Eli está fazendo o mesmo comigo.

Estar em Charleston está fazendo o mesmo comigo.

Eu estava com medo antes. Mas agora estou agradecida.

Eli fica quieto na rápida volta para casa. Um músculo em sua mandíbula se contrai quando ele guia o caminhão para a garagem.

Eu posso dizer que ele está ansioso. Ele me disse que tem que deixar a maior parte da equipe do The Jam ir hoje.

Embora esteja encharcada e fedida, saio do carro e o puxo para um abraço.

“Eu vou ficar por aqui o dia todo.” Murmuro em seu ombro. “Se você precisar de mim, basta ligar, ok? Você vai superar isso. Você ainda é Elijah Jackson, e seus biscoitos ainda podem me fazer gozar.”

Ele zomba, me segurando um pouco mais apertado.

“Eles são tão bons?”

“Eles são tão bons.” Dou-lhe um beijo na bochecha.

“Mantenha-se firme. Suas feridas estão frescas agora. Hoje pode ser difícil, mas ficará mais fácil a partir daqui. Você só precisa de um tempo.”

“Eu só preciso de você.” Ele responde, pressionando um beijo quente e persistente no meu pescoço antes de se afastar

para olhar para mim. “Eu devo terminar até meia-noite. Quero que você esteja na minha cama quando chegar em casa.”

Eu levanto uma sobrancelha provocadora.

“Tão mandão. E se eu quiser que você esteja na *minha* cama?”

“Apenas deixe uma chave embaixo do tapete.” Diz ele, sorrindo. “Pensando bem, não faça isso, porque alguém pode encontrá-la e chegar antes de mim. Minha cama. Meia-noite. Pontos de bônus se você tiver um capítulo para eu ler. Você pode fazer isso acontecer?”

Sem por favor. Sem incerteza.

Sem vergonha.

Deus, eu amo isso.

“Eu deveria ser capaz de resolver algo.” Eu respondo atrevidamente.

“Não me deixe esperando.” Ele dá um aperto na minha bunda antes de se virar em sua casa. Sinto um pulso quente e puro de desejo entre minhas pernas enquanto o vejo partir. Falando em bunda, a dele é perfeito. Assim como o resto dele.

The background of the page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and magenta. The bokeh is most dense at the top and bottom edges, creating a frame-like effect around the central text.

Eu sorrio. E sinto com uma nova e abrangente certeza de
que essa louca decisão que estou prestes a tomar é a certa.

Capítulo Vinte e nove

Eli

“Você realmente não vai me dizer para onde estamos indo?” Olivia pergunta, olhando através das janelas enquanto avançamos no tráfego sempre presente na East Bay Street.

“Você sabe como as surpresas funcionam, certo?”

Ela me lança um olhar perverso. Meu pau se anima. *Maldição.* Adoro quando minha menina demonstra atitude. Faz uma semana desde que voltamos da cabana, mas minha sede por essa mulher só aumentou. Não suporto ficar longe dela, não estar dentro dela, por um maldito segundo.

“A última vez que você me surpreendeu, não saímos do seu quarto por vinte e quatro horas.” Ela responde.

Eu sorrio com a memória.

“Isso foi realmente ontem?”

“Oh sim.” Ela responde. “Acho que obtivemos o valor do nosso dinheiro com isso.”

O *que* ela está se referindo é o vibrador que comprei no caminho para o trabalho na véspera. Minha garota fica dolorida com muita frequência para o meu gosto. Considerando o que aconteceu na primeira vez que transamos, quero ter um cuidado extra com ela. Mas ainda quero fazê-la gozar. Frequentemente.

Esse brinquedinho divertido me permite fazer exatamente isso. Nenhum sangue. Sem dor. Apenas os gemidos satisfeitos de Olivia enquanto ela chega ao orgasmo de novo e de novo e de novo.

Merda. Estou ficando duro só de pensar nisso.

Eu *amo* pensar sobre isso. A única coisa que me faz passar o dia é saber que vou encontrar Olivia me esperando na cama à noite. Ela não poderia ter entrado na minha vida em um momento melhor.

Me faz pensar que o tempo é realmente tudo.

Coloquei minha seta. Dando a volta, guio minha caminhonete pelo arborizado bairro de Ansonborough. Olivia engasga enquanto passamos por mansões impecavelmente restauradas, carvalhos antigos erguendo-se sobre piscinas, casas de viagem e jardins secretos.

Nunca envelhece, vendo o quanto ela ama minha cidade.

Ela tem um pouco menos de uma semana antes de precisar voltar para Nova York. Eu tenho trabalhado duro, tentando convencê-la a ter fé em si mesma e em seus textos.

Tentando convencê-la de que ela pode construir uma vida aqui em Charleston para que possamos ficar juntos.

Desacelero para entrar no estacionamento familiar. Meu sangue vibra de emoção. Um pouco de nervosismo também. Tudo com Olivia parece vida e morte nos dias de hoje.

De certa forma, é.

Olivia abaixa a cabeça para ver melhor a pequena placa pendurada na frente.

“Rainbow Row Books.” Ela lê, apertando os olhos. Ela se vira para mim, os olhos brilhando. “Eli, este lugar é adorável.”

“Estou feliz que você pense assim.” Eu digo. “Mas essa não é a surpresa. Vamos, vamos lá dentro.”

Coloquei o carro no estacionamento e soltei o cinto de segurança. Olivia sai do carro antes que eu possa dar a volta no caminhão para abrir a porta, como eu costumo fazer.

Ela está praticamente pulando de pé. Ela caminha um ou dois passos à minha frente, permitindo-me olhar

vergonhosamente sua bunda. Seu jeans faz com que pareça nada menos que deliciosa.

É errado que eu mal posso esperar para levá-la de volta para casa e tirar esses jeans dela?

Limpando a garganta, dou um puxão discreto na minha virilha. Hoje é sobre livros. A carreira de Olivia como autora. Sexo pode esperar.

Pelo menos por um tempo.

Eu abro a porta para ela.

Olivia morde o lábio, olhando para mim.

“Você sabe, você sempre é muito educado em público. Mas em particular...”

“Eu sou mandão?” Eu seguro o canto da porta na minha mão e me inclino nela. “Rude em minhas demandas e necessidades?”

“Tão rude.” Ela se levanta na ponta dos pés e me beija, rápido e doce, nos lábios. Então ela sussurra: “Ainda bem que gosto.”

“Estou prestes a ficar muito rude se você não entrar.” Eu digo, acenando com a cabeça na livraria. “Esses jeans estão me matando.”

Atirando um último olhar aquecido do meu jeito, Olivia entra. Eu sigo.

Louise ergue os olhos do lugar de sempre atrás do balcão, repleto de livros de cores vivas. O rosto dela se abre em um sorriso.

“Eli! É essa a escritora de romances que eu já ouvi falar tanto?” Ela pergunta, deslizando os óculos na ponta do nariz para dar uma olhada melhor em Olivia.

“Claro que sim.” Eu digo. “Louise, essa é Olivia. Uma das melhores romancistas históricas malditas que trabalham hoje. Posso dizer isso agora, porque li muitos históricos nas últimas duas semanas.”

Coloco a mão nas costas de Olivia, guiando-a para frente. Ela entra na loja enquanto nos movemos. A pintura descascada. Os gatos. As estantes de livros que gemem sob arranjos aleatórios de best-sellers e recomendações da equipe. Ela respira fundo pelo nariz. Eu também, e juntos inalamos o perfume do papel. Poeira. Histórias fechadas.

Ela vira a cabeça e sorri para mim. Sinto sua alegria como uma flecha no meu coração.

Graças a Deus.

Louise pula da cadeira e anda pelo balcão, a puxando para um abraço apertado. Olivia ri.

“É um prazer conhecê-la.” Diz Olivia. “Sua loja é absolutamente linda.”

Louise sorri com o elogio.

“Obrigada. Estamos neste local desde 1982. Muita coisa mudou desde então, mas eu gostaria de pensar que ainda há alguma magia nessa antiga livraria. É por isso que estou feliz que você esteja aqui. Preciso da sua ajuda.”

Olivia olha para mim, arqueando uma sobrancelha.

“Ajuda?”

“Eu posso ter te voluntariado para um pequeno projeto.” Digo timidamente.

“Minha seção de romance é lamentável.” Explica Louise, empurrando os óculos de volta na ponta do nariz. “Não sei o que estocar e não sei como atrair leitores de romance para a loja.

Desde que você está escrevendo romance, achei que você poderia me ajudar a consertar isso.”

Olivia recua. Suas bochechas estão rosadas de prazer. Deslizo um braço em volta da cintura dela, mantendo-a perto.

“Eu? Sério?” Ela olha para mim. Olha de volta para Louise. “Mas eu nem fui publicada. Ainda não.”

Louise cruza os braços.

“Você leu muito romance?”

“Sim.” Olivia deixa escapar. “Acho seguro dizer que sou meio viciada nisso.”

“Então você sabe quais autores comprar. O que há de novo e emocionante. Estreia que vale a pena ler.”

“Bem. Eu não sou especialista. Mas tenho acompanhado o melhor que posso, especialmente agora que tenho interesse em publicar.”

Minha vez de levantar uma sobrancelha.

“Você faz, hein?”

“Sim.” Olivia responde facilmente, sorrindo. “Eu leio muitos blogs de romance, é uma boa maneira de descobrir os livros

sobre os quais todos estão falando. Eu me inscrevi para um perfil de autor no Facebook e Twitter, para poder seguir revisores e outros autores. Até cheguei a alguns com perguntas que tenho. E é claro que estou sempre vasculhando os gráficos no meu e-reader, procurando minha próxima leitura.”

Louise assente.

“Parece que você sabe muito mais sobre romance do que eu. Você gostaria de me ajudar a aumentar nossos leitores? Penso que juntas podemos elaborar um plano para divulgar e atrair leitores para a loja. Nós pagaríamos, é claro. E ajudaremos da maneira que pudermos quando você decidir lançar seu livro fabuloso.” Os olhos de Louise disparam para mim. “Eli falou sem parar sobre como é ótimo. Estou animada para lê-lo.”

Olivia está piscando, forte. Meu coração bate dentro do meu peito. Se ela se comprometer a ajudar Louise, pode muito bem estar se comprometendo a ficar em Charleston.

Ela poderia ficar comigo. Escrevendo seus livros. Perseguindo seus sonhos.

“Sim.” Diz Olivia, finalmente. “*Sim*. Eu adoraria ajudar! Estou tão... verdadeiramente, estou tão honrada que vocês pensaram em mim. Já tenho muitas ideias para começar.

Podemos fazer contratações, talvez alguns autores locais de romance apareçam. Podemos até montar um clube do livro local dedicado exclusivamente à leitura de romances...”

Meu coração incha. Então explode.

Eu resisto ao desejo de puxá-la em meus braços e a levantar do chão. Aperto o lado dela ao invés disso, puxando-a um pouco mais perto de mim.

Espero que isso signifique o que acho que faz.

A julgar pela maneira como Olivia está brilhando novamente, eu diria que as chances são boas.

Eu me pergunto se ela realmente iria morar comigo. Nós praticamente vivemos juntos esses dias de qualquer maneira. Eu sei que as coisas estão acontecendo rápido. Mas nunca tive mais certeza sobre uma garota.

Gostaria de pensar que Olivia também tem certeza de mim.

Talvez eu a traga na segunda. Meu dia de folga. Fazer um grande brunch. Fazer amor. Então faça a minha jogada.

Juntos, nós três nos sentamos atrás do balcão e conversamos sobre tudo e qualquer coisa sobre romance.

Comprar autores, novos livros importantes. Tópicos para tocar. Capas que chamaram nossa atenção.

Ver Olivia e Louise se darem bem com pilhas de livros de romance me enche de profundo sentimento de satisfação. Quando terminamos, elas já trocaram números e endereços de e-mail e fizeram planos para jantar ainda esta semana.

Olivia está vibrando com energia na volta para casa. Penso em como a garota sentada ao meu lado é diferente daquela que entrou na minha cozinha há algumas semanas. Aquela garota escondia sua paixão. Suprimiu.

Mas essa garota aqui? Ela está florescendo com isso. Está nos olhos dela. O sorriso dela. Seus dedos, sua mente e seu corpo.

“Então?” Eu digo, virando minha cabeça um pouco para olhar para ela em um sinal vermelho. “Boa surpresa?”

O olhar dela suaviza. Ela sorri, alcançando através do console para colocar a mão na minha bochecha.

“A melhor surpresa de todas. Bem. O vibrador também foi ótimo. Todas as suas surpresas são ótimas, Eli. Mas esta foi mais atenciosa.” Seus olhos se fixam nos meus. “Obrigada. Por tudo.”

Viro a cabeça e dou um beijo na palma da mão dela. A luz é verde. Eu volto para a estrada.

“De nada, baby. Estou orgulhoso de você por quão longe você chegou. E eu realmente acho que você é a pessoa perfeita para este trabalho. Acho que você pode aprender um pouco sobre o negócio dos livros e conhecer as pessoas certas, leitores, outros autores.”

Ela esfrega a ponta do polegar sobre minha nuca.

“Você realmente quer que eu faça esse livro acontecer, não é?”

“Eu realmente quero fazer *você* acontecer. A verdadeira você.” Eu a olho. “Espero que isso signifique que você ficará em Charleston.”

Suas bochechas ficam vermelhas.

“Eu também espero isso. Eu ainda preciso resolver alguns detalhes. Mas estou tentando, Eli.”

“Apenas me diga como eu posso ajudar.”

Olivia sorri. Uma coisa sexy e atrevida.

“Continue me dando ideias para cenas de sexo.” Diz ela.
“Se eu vou escrever um romance para viver um dia, vou trabalhar em muitas delas.”

Eu ri.

“Feito. Falando em... você ainda está vindo hoje à noite, certo?”

Olivia sacode as sobrancelhas provocativamente.

“Que tal você vir para minha casa? Eu gostaria de *te* dar uma surpresa.”

“Eu gosto do som disso.” Eu digo, sorrindo.

Ela sorri de volta.

“Vou deixar uma chave...”

“Não debaixo do tapete.”

“Não sonharia com isso. Que tal no vaso de flores no pé da escada?”

Minha vez de sorrir.

“Isso vai funcionar.”

Capítulo Trinta

Olivia

Eu ando na minha rota habitual através do College of Charleston a caminho de Holy City Roasters mais tarde naquele dia. Não há nada como estar no campus em uma tarde ensolarada e ensolarada de outono. Eu passo por um par de estudantes, jovens, talvez no segundo ano, que estão profundamente conversando sobre a ética envolvida na robótica. Um nó de garotas permanece em volta de um banco, fazendo alguma trituração de última hora para um exame de química orgânica. O cara na minha frente está no telefone com a mãe dele.

“Sim, mãe, eu prometo, estou bem.” Diz ele, claramente exasperado. “É apenas um resfriado. Não, não, realmente mãe, por favor, não tente enviar sopa. Certeza de que isso terminará mal para todos. Eu aprecio o pensamento, no entanto.”

Eu sorrio

Não sinto falta do meu trabalho. O ambiente da panela de pressão. A terrível política do escritório. Eu nunca penso no trabalho em si. Eu só penso em como vou deixar isso. Entre todo

o sexo fictício que estou escrevendo e o sexo muito real e excelente que estou tendo, não tenho tempo para pensar em mais nada. Minha nova vida em Charleston me engoliu inteira.

Eu não poderia estar mais feliz com isso.

Mas eu *sinto* falta de ensinar. Interagindo com jovens brilhantes. Escrever pode ser um show bastante impressionante. Mas fica solitário. Fazer parte de uma cultura do campus era uma das minhas coisas favoritas em ser professora.

Paro em frente ao Departamento de Inglês. Está alojado em um lindo single amarelo de Charleston que parece um pouco pior para o desgaste. Pelas velhas janelas de vidro ondulado, vejo pessoas se movendo por dentro.

Meu coração trabalha em dobro. Estou um pouco adiantada para a minha consulta com o chefe do departamento. Mas quero causar uma boa impressão.

Não posso viver sozinha escrevendo. A princípio não. Não quero gastar todas as minhas economias. Ter um emprego de meio período seria uma boa e pequena ponte entre minha vida antiga e minha nova. Sei que não há vagas no momento, mas posso pelo menos jogar meu chapéu no ringue. Sentir o Departamento Chefe de aberturas no futuro.

Seria muito, muito legal ensinar algo diferente. Algo pelo qual sou realmente apaixonada. Sem mais Byron temperamental (graças a Deus). Sem mais Dickens. Eu quero ensinar Nora Roberts. Beverly Jenkins. E, claro, Jane Austen.

Eu estou nervosa.

Um sentimento meio que bem-vindo. Eu experimentei a gama de emoções aqui. Isso me fez perceber como estou entorpecida em casa. Ou talvez o quanto tentei varrer o que sentia debaixo do tapete, porque atrapalhava a minha vida 'perfeita'.

De pé aqui na frente de uma casa em ruínas, vestindo jeans e meu coração na manga, estou quase o mais perfeita possível.

Também estou tão perto do meu verdadeiro eu, escritora-romancista, como sempre estive.

Respirando fundo, subo os degraus e entro.

Eli está trabalhando especialmente no final desta semana. Eu tenho tentado tirar uma soneca na hora do jantar para que eu possa acordar quando ele chegar em casa. Eu tenho que admitir

que eu meio que amo o fato de que ele vem direto para mim depois de passar pela porta. Ele não pousa as chaves. Não pega comida, nem um copo de água. Ele sempre faz uma linha reta para mim, arrancando suas roupas enquanto ele vem rasgar as minhas também. Então vamos até *tarde*. Fodendo, depois conversando. Então, fodendo de novo.

Hoje à noite, porém, estou muito ligada para tirar uma soneca. Estou repleta de boas notícias. Exatamente o tipo de surpresa que eu queria dar a Eli.

Termino alguns e-mails para alguns autores independentes com quem estive em contato. Depois disso, li alguns dos meus blogs de romance favoritos.

Eu vou para o banho em seguida. Quero me dedicar um tempo extra para poder depilar tudo. Eu nunca estive nua por Eli antes. Eu acho que pode ser bom tentar algo novo.

O que quer que ele pense, isso definitivamente me excita. Minha pele está formigando lá em baixo. Suave.

Então eu vesti a camisa dele, a que roubei da cabana que cheira a ele, e a tanga vermelha rendada que eu sei que ele gosta tanto.

Sem sutiã.

Estou na cama lendo o capítulo que escrevi anteriormente quando ouço um *clique* lá em baixo.

A chave sendo inserida na fechadura.

Um batimento cardíaco depois, ouço a porta se abrir.

“Olá.” Eli chama.

O som de sua voz rouca faz meus mamilos se arrepiarem. Eu o vejo na minha cabeça. Segurando o cabelo para trás com uma mão enorme, enquanto tira os tênis. Ele cheira a forno de lenha e suor. Pele.

“Você está aqui, baby?” Ele diz. Eu o ouço colocar algo no balcão. Abrir uma gaveta.

Eu pulo da cama, as páginas caindo do meu colo no chão. Eu não me incomodo em pegá-las.

Não suporto pensar em perder mais um segundo sem ele.

“Estou aqui.” Eu digo, despenteando meu cabelo uma última vez no espelho do escritório antes de sair para a cozinha.

Pela fração de segundo antes de me ver, Eli tem uma expressão sombria. Me mostra o quão *cansado* ele parece. Há

anéis escuros ao redor dos olhos e sua pele está pálida. Alguns cabelos grisalhos pontilham sua barba.

Mas então seus olhos encontram os meus e seu rosto se ilumina em um sorriso. Ele está no meio da abertura de uma garrafa gelada de vinho branco, mas ele solta o abridor e segue em minha direção. Seus olhos brilham de fome quando pegam meus mamilos.

“Ei.” Eu digo, mordendo um sorriso quando ele descaradamente ajusta seu pau duro.

“Essa é minha camisa?” Ele pergunta.

“Sim.” Eu digo. “Eu meio que roubei. Cheirava muito bem para resistir. Cheirava como *você*.”

“Por mais sexy que você pareça, querida, tenho que admitir que quero arrancá-la de você. Você entrou no meu clube sem camisa, lembra?”

Eu ri.

“Claro.”

Ele dá a volta no balcão e me puxa para seus braços. Nós somos realmente bons nisso agora. Eu fico na ponta dos pés, me

pressionando contra ele. Suas mãos vão para minha bunda. Guio minha virilha na dele.

Ele está sempre duro para mim.

Sempre.

E meu corpo está sempre ansioso para subir para a ocasião.

Um zumbido baixo de eletricidade acende no meu núcleo quando ele massageia minhas bochechas, dando-lhes um aperto possessivo.

Ele enterra o rosto no meu pescoço. Inala, depois grunhe. Um som carente e primitivo.

“Você cheira bem.” Ele murmura contra a minha pele. Sinto a pontada de arrepios. “Você acabou de sair do banho?”

“Eu fiz.” Eu respondo.

“Ah? Isso tem algo a ver com a sua surpresa?”

“Parte disso. Sim.” Eu me afasto, pressionando minha palma contra seu peito. “Eu tenho algumas notícias.”

Um lado de sua boca se curva em um meio sorriso tão bonito e tão alegremente familiar que me deixa fraca nos joelhos.

“Ah, sim?” Seus dedos brincam com a barra da camisa na parte superior das minhas coxas. “Estou morrendo de vontade de ouvir isso.”

“Falei com o chefe do departamento de inglês da faculdade de Charleston hoje à tarde. Eles não estão contratando para este semestre. Mas sou a primeira na fila para todas as vagas para o próximo semestre, e ele está me deixando fazer uma proposta para uma aula de ficção comercial que eu gostaria de dar.”

Os olhos dele se arregalam.

“Seriamente? Você entrou hoje? Que notícia incrível! Parabéns, querida.”

“Ele ficou impressionado com o meu currículo e ainda mais impressionado com o meu conhecimento do mercado de romances. Aparentemente, eles estão tentando tornar o departamento um pouco mais focado na carreira, então minha especialidade se alinha muito bem com isso.”

Eli me puxa para outro abraço, apertando meu corpo todo desta vez.

“Não posso te dizer o quanto estou feliz por você, Olivia. Isso soa como algo que é para você. Você gosta de escrever e

adora ensinar. Agora, esperamos que você faça as duas coisas. E na minha cidade, não menos.”

Estou sorrindo tanto que me preocupo que meu rosto esteja rachado.

“Charleston também é minha cidade agora.”

Sua vez de recuar. Ele procura meus olhos.

“Você quer dizer isso?”

Eu mordo meu lábio. Aceno com a cabeça.

“Eu quero.”

Em resposta, ele abaixa a cabeça e belisca a minha orelha. Minha respiração pega. O mesmo acontece com um golpe de luxúria entre minhas pernas. Parece um pouco diferente no meu sexo nu. Mais formigante. O que me deixa muito mais ligada.

“Devemos comemorar.” Ele respira.

“Deveríamos. Eu tenho outra surpresa.” Eu digo. “Mas primeiro, esse vinho que você trouxe parece bom.”

Eli geme, enganchando o primeiro dedo no botão de cima que fiz na minha camisa.

“Você realmente vai me fazer esperar?”

“Atraso na gratificação.” Respondo com um sorriso. “Isso tornará a recompensa muito melhor. Eu prometo.”

Revirando os olhos, Eli relutantemente tira as mãos de mim e volta para a cozinha.

Eu assisto os músculos de seu antebraço estalarem enquanto ele abre a garrafa.

“Armário acima do fogão.” Digo quando ele procura copos.

Ele sorri.

“Estou aprendendo, querida.”

Eu me junto a ele na cozinha, pegando o copo que ele pressiona na minha mão.

Seu olhar brilha apreciativamente sobre mim novamente. Suas narinas se abrem.

Sou atingida pela onda mais suculenta desse sentimento, o sentimento de que não há lugar no mundo que eu prefira estar agora a nesta cozinha com Eli. Bebendo vinho.

Bebendo um ao outro como adolescentes excitados.

Ele acena para a minha camisa.

“Então você vai tirá-la ou o quê?”

Tomo um gole de vinho. Sancerre. Está perfeitamente frio, fresco, apenas uma pitada de fruta. Eu fecho meus olhos, permitindo-me um segundo para apreciar a sensação na minha língua.

“O que você vai me dar para tirá-la?” Eu provoco, abrindo meus olhos.

Estendendo a mão, ele coloca meu cabelo selvagem atrás da minha orelha. Toma um gole de vinho antes de colocá-lo de volta no balcão.

“Você sabe o que eu quero lhe dar, baby.” Diz ele, sua voz mais baixa, mais suave e mais áspera, tudo de uma vez.

Uma nova onda de calor na minha boceta me faz apertar minhas pernas juntas.

Estou um pouco dolorida. Nada de novo aí. Ele é muito maior do que eu estou acostumada.

Ele me fode mais e melhor do que eu estou acostumada.

Abro os olhos para vê-lo olhando intensamente para mim.
Seus olhos são suaves.

Com fome.

Meu coração torce.

Jesus, estou me *afogando* neste homem. Apenas quando eu tomo ar, ele me puxa para baixo novamente. Um olhar, um som, um toque, é tudo o que preciso para me enviar cambaleando. Ele nunca me dá um momento para recuperar o fôlego.

Ele se aproxima, me rodeia e começa a desabotoar a camisa. Caso em questão.

“Como você está se sentindo?” Ele diz, os olhos não deixando os meus. Sua preocupação é tão doce que me faz doer. Desde que eu sangrei naquela primeira noite, ele tem sido extremamente cuidadoso comigo.

Para não dizer que ele não foi ardente em suas atenções. Ele apenas conhece meu corpo melhor agora. Sabe quando empurrar e quando recuar.

Sua habilidade é intoxicante.

“Como se estivesse bêbada.” Respondo honestamente.
“Por você.”

Ele ri.

“Eu posso relacionar.”

Os botões superiores estão desfeitos agora. Ele alcança o interior e gentilmente segura meu seio.

Executa um polegar calejado sobre o mamilo, persuadindo-o a um ponto duro.

Eu arqueio em seu toque, minha respiração pegando.

“Eli.” Eu imploro.

Sua mão volta para os botões.

“Continue bebendo o vinho.”

Eu pisco.

“O vinho?”

“Você está gostando.” A camisa está totalmente desabotoada agora. Ele separa, colocando as mãos na minha cintura. “Então continue bebendo.”

Ele beija minha boca. Eu subo nele, beijando-o de volta.

Ele prende o dedo na tira da minha calcinha.

“Você não tem ideia do quanto eu amo essas suas calcinhas.”

“Eu faço, na verdade.” Murmuro. “Mas essa não é a surpresa.”

Eli se afasta para me olhar nos olhos.

“Eu gosto deste jogo.” Diz ele.

Então ele está arrastando a boca pela encosta do meu queixo. Ele beija minha clavícula, meu peito. Para, para tomar um mamilo, depois o outro, na boca, chupando suavemente a princípio, depois com mais força.

Mais forte.

Meu clitóris pulsa. Agonia.

Ele se agacha mais ao sul, segue até ficar de joelhos.

Deslizando as mãos pelas minhas coxas, ele junta meus quadris nas mãos e se inclina para frente. Enterra o nariz na minha virilha e respira.

“Você cheira tão bem aqui também.” Diz ele, pressionando os lábios na renda vermelha. “Eu posso dizer que você já está molhada.”

Seus dedos estão nas tiras ao meu lado agora. Estou cheia de antecipação.

Minha mão treme quando trago o vinho aos meus lábios. Fecho os olhos e tomo um gole no mesmo momento em que Eli puxa minha calcinha.

Suas mãos ainda ficam nas minhas pernas. Silêncio.

Meu coração dá um pulo. Eu bebo o vinho, deixando-o deslizar pela minha garganta. Sinto o início de um zumbido feliz dentro da minha pele.

“Você deve estar brincando comigo.” Ele rosna finalmente.

Abro meus olhos para vê-lo olhando reverentemente para minha boceta nua.

“Você fez isso?” Seus olhos se voltam para os meus.

Meu coração bate de novo.

“Eu gosto.” Eu respondo. “Talvez nem sempre. Mas é divertido tentar algo novo.”

Ele balança a cabeça, deixando escapar um gemido dolorido.

“*Diversão.* Jesus Cristo, Olivia, às vezes acho que você está tentando me fazer ter um derrame.”

“Então?” Eu lanço um olhar para ele. “Você vai se divertir comigo? Ou você vai ter esse derrame?”

Em resposta, ele prende uma das minhas pernas por cima do ombro, me espalhando. Então ele torce minha calcinha nos dedos e dá um puxão sólido e selvagem, quebrando-a ao meio. Ele joga para trás.

Volta sua atenção para o meu sexo.

Ele usa os polegares para gentilmente me cutucar. Ele sente a pele macia nos meus lábios. Esfrega. Mordo o lábio para não gritar.

Observando seus olhos escurecerem com necessidade, enquanto ele olha para mim, *olhar*, me excita tanto que dói.

Seus polegares abrem meus lábios. Agora eu estou espalhada bem na frente do seu rosto.

Ele ainda está me olhando com tanta intensidade que eu quero gritar.

Ele bate no meu clitóris, de trás para frente, com a ponta do polegar. Só uma vez.

Um tremor bate em mim. Fazendo minhas pernas tremerem.

“Sim.” Eu assobio. “Querido Deus, *sim*.”

Ele me lança um olhar sombrio e atrevido antes de deslizar o polegar questionador ao longo de mim. Frente para trás desta vez. Sou esperta o suficiente para que ele vá com facilidade. Suavemente.

Meus quadris rolam em seu toque.

Seu dedo do meio me encontra. Afunda dentro de mim no mesmo momento em que Eli se inclina para a frente e me beija.

Ele me beija logo acima de onde meus lábios se encontram.

Eu enfio uma mão em seu cabelo e dou uma puxada.

“Eu gosto disso.” Eu digo.

Os olhos de Eli se erguem para encontrar os meus.

“Não esqueça o seu vinho. Continue bebendo, Olivia.”

“Como posso...”

“Faça. Caso contrário, você não está tendo isso. - diz ele. Seu dedo médio desliza para fora de mim, e ele dá um forte puxão no meu clitóris entre as juntas dos seus primeiro e segundo dedos. Eu gemo.”

Eu tomo meu vinho de volta e tomo um *longo* gole.

“Essa é minha garota. Bom, certo?”

Isso é bom. Meu zumbido está crescendo em conjunto com a pulsação no meu sexo. Os dois juntos são uma sobrecarga sensorial.

Eu amo isso.

E então Eli está deslizando a mão na minha bunda, seus dedos brincando com o vinco. Ele beija meu clitóris em seguida, e minha necessidade de liberação aperta. Torna-se quase insuportável.

Ele inclina a cabeça um pouco e depois enche de beijos franceses. Pega toda a minha boceta, tudo o que eu posso ver, de qualquer maneira, em sua boca, lavando-me com a língua. Os dentes dele. Seus lábios.

Lentamente. Oh, tão devagar.

Eu não posso evitar. Eu grito o nome dele. Eu me sinto ficando fraca. Perdendo o pé.

Mas Eli me segura. Uma mão no meu quadril, a outra ainda na minha bunda. Seus dedos estão deslizando mais baixo dentro da minha boceta.

Mais baixo.

Eu aperto contra sua boca quando ele pressiona um dedo no meu cu.

Ele não o insere. Ele apenas brinca com meu buraco, me provocando enquanto chupa *forte* meu clitóris.

Eu gemo novamente.

Eu sinto a onda chegando. Já é enorme e avassalador.

“Por quê.” Eu suspiro, puxando seus cabelos. “Por que você tem que ser tão bom em me amar?”

Me amar. Luzes de pânico se instalam na minha barriga com as palavras.

Eu não quis dizer isso. Eu queria dizer essas palavras quando não estávamos, bem, fazendo isso. É importante para

mim dizer que o amo não no calor do momento, mas em um momento que escolho intencionalmente.

Merda.

“Porque.” Ele dá à minha boceta uma longa e lenta lambida antes de prender os olhos comigo. Os dele são claros, livres de luxúria. “Eu amo você, Olivia.”

São os olhos dele que fazem isso. Sim, estamos no calor do momento agora. Mas ele ainda está de alguma forma de *olhos claros*.

É tudo o que preciso para me mandar para o outro lado.

Eu gozo. O orgasmo para acabar com todos os orgasmos.

Lágrimas brotam dos meus olhos com a mordida de sua intensidade. Ajoelho-me contra Eli quando meus membros endurecem, depois afrouxam. Batida após batida de doçura atravessa minha boceta. Meu sangue.

Meu coração parece uma ferida aberta dentro do meu peito. Está estourando. Está macio. É *vulnerável*, impotente contra o ataque de tudo, tudo por Elijah.

Eu fecho meus olhos.

Eu me rendo.

Eli dá um último beijo no meu clitóris. Eu o sinto levantando, seu corpo roçando no meu. Ele pega meu vinho. Coloca no balcão. Me agarra e me levanta no balcão também, passando um braço em volta da minha cintura para me segurar na vertical enquanto ele se instala entre as minhas pernas. Eu estou desamparada. Eu me agarro a ele, sobrecarregada demais para me mover.

Acima do furioso trabalho do meu coração, ouço o rasgo de um pacote de papel alumínio. Ele se afasta por um minuto.

Então ele está cutucando minha entrada. Ele está usando o braço para me guiar até o pau dele. Ele afunda lentamente em mim, soltando um assobio entre os dentes cerrados.

Ele se sente tão bem que não posso olhar para ele. Estou preocupada que vou entrar em combustão. Ser deixada em pedaços mutilados no chão.

Capturando minha boca em um beijo, ele começa a rolar seus quadris. Deus, eu amo o jeito que ele se move dentro de mim. Profundamente, forte e devagar. Ótimas jogadas atléticas. Ele leva o seu tempo.

Ele está sempre me dando tempo. Tempo e espaço para ser quem eu sou.

Enrolo meus braços em volta do pescoço dele.

“Eu também te amo, Elijah.” Digo em seu ouvido.

Ele ainda está no meio do impulso.

Ele me puxa um pouco mais para perto, abaixando a cabeça.

“Isso é tudo que eu sempre quis ouvir de você.” Diz ele. Sua respiração está irregular. “Você é tudo que eu quero.”

Finalmente sou capaz de rolar meus quadris, precisando dele. Ele rola de volta, precisando de mim.

Juntos, nós o levamos ao orgasmo. Eu o sinto pulsando dentro de mim, vindo com um uivo.

“Eu não sei como isso continua melhorando.” Digo a ele quando finalmente recupero o fôlego. “Mas continua.”

“Eu sou um chef.” Diz ele, pressionando os lábios no meu pescoço. “Você sabia que eu teria que fazer amor com você em uma cozinha, certo?”

Eu rio, puxando-o para mais perto.

The background of the image is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and magenta. The bokeh is most concentrated at the top and bottom edges, creating a frame-like effect around the central text.

Eu nunca consigo chegar perto do meu encantador sulista.

Capítulo Trinta e um

Eli

Acordo na manhã seguinte na cama de Olivia com um grande sorriso estúpido no rosto.

Ela disse de volta.

Ela me disse que me amava.

Eu sei há algum tempo que estou apaixonado por ela. Desde então...

Bem. Sinceramente, não consegui dizer o momento exato em que me apaixonei por Olivia. Poderia ter sido naquela noite que dançamos para Bruce Springsteen na chuva. Ou quando ela derretia em mim quando nos beijamos pela primeira vez.

Poderia ter sido naquela primeira manhã que ela apareceu na minha cozinha. Aquele fogo nos olhos dela. O jeito que ela sorriu depois de devorar o café da manhã que eu fiz.

Eu nunca tive uma chance, tive?

Olivia sussurra ao meu lado. Ela está do lado dela, de costas para mim. Os lençóis caem, revelando seu ombro nu.

Chegando ao meu lado, tomo na minha boca. Ela geme.
Sem rolar, ela mexe os quadris, colocando sua bunda na minha virilha.

Agarrando sua perna superior, eu a puxo sobre a minha, abrindo-a. Estendo a mão para deslizar minha mão pelo plano de seu estômago e a encontro.

A luxúria me atravessa diante de sua nudez. Como se eu não tivesse acordado com força suficiente.

Ela está inchada. Tão lisa que sua excitação reveste meus dedos.

Eu gemo minha aprovação, dando a seu clitóris uma massagem suave e lenta com as pontas dos dedos.

“Bom dia, baby.” Murmuro em seu pescoço.

Ela pressiona sua bunda no meu pau.

“Por favor.” Ela respira.

“Não está muito dolorida?”

“Baby, *por favor.*”

Eu sorrio mais. Primeira vez que ela me chama de baby.

Eu amo isso, porra.

Pego um preservativo da mesa de cabeceira e o enrolo.

Sua perna ainda descansando sobre a minha, eu me guio até sua fenda. Pego o quadril dela na minha mão. Então deslizo dentro dela, rápido e silenciosamente, mordendo o tendão que liga o pescoço ao ombro.

“Oh.” Ela geme, a voz ainda rouca com o sono. “Isto se sente... Elijah, isto é tão bom.”

Eu adoro como ela me diz o que gosta. O que ela quer.

Olivia se abaixa e começa a brincar consigo mesma enquanto eu empurro suavemente dentro e fora dela.

Ela goza cinco segundos depois, apertando meu pau como um torno. Então eu gozo também.

Todo esse sexo me fez sentir tão conectado a ela. Ela se tornou uma parte essencial de mim. Quando ela não está comigo, sinto que algo está faltando. Sinto-me *dolorido*, como se a ausência dela fosse um machucado literal.

“Eu amo você.” Eu digo.

Olivia olha para mim por cima do ombro. Ela sorri, aqueles olhos azuis brilhando de felicidade.

“Eu também te amo.”

Meu coração dispara.

Ela se senta, deixando os lençóis caírem até a cintura. Seus seios são bonitos e pesados, mamilos inchados e um pouco vermelhos pela atenção que lhes dei no meio da noite.

Estendo a mão e pego seu peito esquerdo na minha mão, acariciando-o distraidamente enquanto ela verifica seu telefone.

“Eu tenho muito o que escrever hoje.” Diz ela, virando-se para passar a mão pelo meu cabelo. “Você estaria bem em sair? Por mais que eu gostaria de ficar e fazer isso...” Ela faz um gesto para a nossa nudez “...a manhã toda, eu provavelmente deveria tomar um banho e ter uma vantagem. Cate e Gunnar estão prestes a ter seu momento sombrio, o que significa que estou muito perto de terminar o livro.”

Dou um aperto suave no ceio dela antes de deixá-la ir.

“Estou orgulhoso de você, Olivia.” Eu digo. “Apenas me prometa que não torturará muito Gunnar e Cate, certo? Eles são muito reais para mim, e eu odeio vê-los machucados.”

Ela sorri, batendo o primeiro dedo na ponta do meu nariz.

“Desculpe, Elijah, mas você sabe como eu amo torturá-los.”

“Você é uma sádica.”

“Isso é uma acusação séria.” Ela mexe as sobrancelhas.

“Quer descobrir se é verdade?”

Eu gemo com uma nova pulsação de desejo na virilha.

“Vá para o chuveiro. Agora.” Eu moo. “Caso contrário, você não escreverá nada hoje.”

Rindo, Olivia sai da cama e fecha a porta do banheiro atrás dela. Eu sempre quero me juntar a ela no chuveiro, e já o fiz muitas vezes, mas ela não me convidou hoje. E há tanto sexo que um homem pode fazer. Meu pau está realmente dolorido. A garota é apertada. Significa que se ela não estava dolorida antes, provavelmente está agora.

É melhor tirar um pouco de folga, para que um de nós não sofra uma lesão infeliz relacionada ao sexo que me impede de colocar minhas mãos nela por dias, em vez de horas.

Billy também está me esperando em casa. Eu preciso deixá-lo sair.

Saio da cama e visto minha cueca e jeans. Pego meu telefone na mesa de cabeceira. Carteira. Chaves. Deixo o punhado de preservativos que trouxe comigo. Já existe um estoque que eu deixei aqui na outra noite, mas você nunca pode ter muitas dessas coisas por aí.

Eu ouço Olivia ligar o chuveiro.

Meu olhar pega a camisa no chão ao pé da cama.

Minha camisa.

A que Olivia roubou porque tinha o meu cheiro.

Eu sorrio, lançando meu olhar para a cômoda na parede oposta.

Dois podem jogar este jogo.

Enfiando a carteira e as chaves no bolso de trás, coloco o telefone na parte superior da cômoda e abro a primeira gaveta.

Está cheio até a borda com pedaços de renda.

“Porra. *Sim.*” Murmuro, enfiando a mão dentro.

Todo tipo de bondade pega nos meus dedos. Eu reconheço o sutiã de maçã vermelha. A tanga nua. Um espartilho travesso

que ela usava na outra noite com xícaras e cadarços que eu não conseguia desfazer rápido o suficiente.

Estou mais interessado em roupas íntimas, no entanto.

Eu quero uma daquelas tiras vermelhas. Do tipo que ela usa quando quer que eu note.

Eu continuo cavando. Ela tem muita lingerie. Muito disso parece novo. Eu sorrio quando penso nela comprando apenas para mim.

Minhas juntas se encontram com o fundo da gaveta. Apenas espere. Não é a gaveta. É algum tipo de caixa.

Uma caixa de veludo.

Meu coração pula quando vejo que é pequeno. Quadrado. Familiar. Uma caixa de joias.

Uma caixa de *anel*.

Eu sinto uma sensação estranha nos meus ouvidos. O rugido crescente de uma onda se aproximando.

O veludo está subitamente úmido na minha palma. Ou talvez seja a palma da minha mão úmida.

Esta caixa pertence a Olivia. Ela colocou em uma gaveta por um motivo. Não tenho o direito de abri-la. Eu não tinha o direito de vasculhar suas gavetas em primeiro lugar.

Eu não posso evitar, no entanto. Culpe que eu seja louco por essa garota. Sobre querer saber tudo e qualquer coisa sobre Olivia Wilson.

Culpe que eu seja um idiota apaixonado e ansioso.

Seja qual for o motivo, abro a caixa.

Meu estômago cai.

Um anel está aninhado entre as minúsculas almofadas brancas dentro.

Não é brincadeira, o diamante é do tamanho de uma porra de noz. É enorme. Brilhante e perfeito, definido em uma configuração simples de platina. É algo direto de um anúncio da Tiffany.

Quando (brevemente) pensei em propor uma ex-namorada anos atrás, fui procurar anéis. Os diamantes de um quarto desse tamanho custam mais do que eu tenho na minha conta poupança no momento. Imagino que um diamante *desse*

tamanho custa tanto quanto o que um dos meus subchefes ganham em um ano.

Ganhava. Ganhava em um ano. Eu tive que deixar todos os meus subchefes do The Jam irem porque *meu restaurante faliu.*

Não posso me dar ao luxo de comprar um anel tão bom para Olivia. Um ano atrás? Sim. Mas depois de sofrer um grande golpe financeiro quando fechei o The Jam, não havia como balançar algo assim. Muito menos um casamento. O tipo de casamento grande e bonito que Olivia provavelmente quer.

Todo o pânico, a dúvida e a insegurança que tentei deixar de lado vêm correndo de uma só vez. É como uma onda que me bate de frente, me deixando cambaleando. Estou respirando, estou piscando, mas sinto que minha mente se separou do meu corpo e estou observando de cima enquanto a onda me puxa para baixo.

Olivia me disse que seu ex havia proposto a ela. Mas ela não me disse que guardava o anel dele.

Quem foi esse cara que pediu a Olivia um anel de cinco dígitos?

E por que diabos ela manteve a maldita coisa e trouxe de Nova York?

Eu me pergunto se ela não poderia deixar passar, porque ela queria tanto. Se ela *ainda* quer tanto. O que me mata, porque não sei se alguma vez poderei dar a ela algo tão bom quanto isso.

Uma onda de ciúme quente e branco como se eu nunca soubesse me atingiu. Estou realmente me afogando agora.

Olivia namorou esse cara por um motivo. Ele é claramente bem sucedido. Provavelmente tem um emprego corporativo confortável e estável.

Basicamente, o oposto de mim.

E se ela começar a sentir falta das coisas que ele lhe deu que eu não posso? Quando a excitação diminuir e ela fica cansada das horas em que trabalho, minha pequena casa, minha conta bancária menor?

Você é um amigo divertido, imagino ela dizendo depois que ela se apaixonar por ele novamente quando ela voltar para Ithaca para deixar o emprego. Mas você claramente não é um material de longo prazo. Ted é.

Em algum canto distante da minha mente, eu sei que preciso respirar. Acalmar-me e elaborar um plano para que eu possa ter uma conversa produtiva com Olivia sobre como esse

anel está alimentando o sentimento de inadequação de que não falei muito, mas tenho discutido o mês inteiro.

Eu sei que preciso manter a calma até conhecer os fatos. Talvez ele a tenha feito ficar com o anel. Talvez ele realmente pertença à família dela. Uma herança passou de sua avó ou algo assim.

Olho para o anel. É tão brilhante e ardente que preciso olhar de soslaio sem ficar cego.

Foda-se isso.

Atravesso a sala em dois passos e abro a porta do banheiro, sem me preocupar em bater. Bate contra a parede.

Uma voz na minha cabeça me adverte para me acalmar. *Isso é estúpido, isso é estúpido, você está sendo tão estúpido agora.*

Eu o ignoro e entro no banheiro como um louco. Porque é isso que essa garota me transformou.

Capítulo Trinta e dois

Eli

Pelo nevoeiro do box, vejo Olivia girando, seu cabelo molhado enviando um spray de gotas voando contra o vidro.

“Jesus, Eli, você me assustou.”

Eu seguro a caixa aberta.

“O que diabos é isso?”

Olivia pisca. Então ela fica quieta.

O pânico agarra meu coração e aperta.

O som da água corrente é enorme entre nós.

“Você estava vasculhando minhas gavetas?” Diz ela finalmente.

“Eu queria levar um par de suas malditas calcinhas. Devolver a você por roubar minha camisa. Eu estava sendo fofo.”

“Eu não sabia que passar por coisas de outras pessoas era fofo.”

Meu coração está realmente batendo agora.

“Olivia, me diga o que diabos é esse anel.”

Ela hesita. Só por um segundo. Só por um suspiro.

Mas ela hesita.

Que significa...

Cristo.

“É o anel que Ted propôs.” Diz ela.

Não sei se é o ar quente e úmido do banheiro, ou a enormidade do que estou sentindo, ou o que, mas de repente me sinto tonto.

“Mas eu pensei que você tinha dito que o recusou.”

Olivia desliga a água e sai do chuveiro, passando uma toalha em volta do torso.

“Eu recusei.” Ela responde. “Eli, eu não vou me casar com Ted.”

“Então por que você guardou o anel dele?”

Ela engole. Parece longe.

“Porque ele me disse para usá-lo quando voltasse para ele.” Ela olha para mim. “É por isso. Mas eu não vou voltar para ele. Vou devolver o anel e depois vou estar com *você*, Eli.”

Eu procuro seus olhos.

“E se eu não acreditar em você?”

Um olhar de surpresa cruza seu rosto. Surpresa que se transforma em ferida.

Merda. Estou deixando meu ciúme, minha insegurança tomar conta de mim. Mas eu não posso parar. Me sinto desamparado. O que me deixa com *raiva*.

Fico impressionado com a ideia selvagem de que talvez ela esteja me usando esse tempo todo. Talvez eu tenha sido apenas um rebote para ela. Sim, as coisas ficaram intensas entre nós. Ela me disse que me amava. Mas isso não significa que ela não vai acordar um dia e gostaria que eu fosse o cara que ela deixou. Não sou o Ted.

Ted, que propôs a ela com a porra do anel, é um lembrete de todas as maneiras pelas quais estou ficando aquém nos dias de hoje.

“Por que você não acredita em mim?” Ela diz, os olhos cheios de lágrimas. “Eu não tenho sido nada além de honesta com você esse tempo todo. Eu deixei você ver partes de mim que ninguém mais viu. Fui íntima de você de um jeito que nunca estive com mais ninguém. Estou apaixonada por você, Elijah. Não por Ted. *Você.*”

“Eu também estou apaixonado por você.” Eu digo. Então eu seguro o anel. “É por isso que isso me incomoda tanto.”

Olivia pisca.

“Espere. Você está com *ciúmes* do meu ex?”

“Talvez eu esteja.”

“Você não deveria estar.” Ela dá um passo à frente. “Ted é um cara legal, mas acho que deixei bem claro para você que ele não é o cara para mim. Você é. Eu terminei com o Ted.”

Eu dou um passo à frente também.

“Então prove isso. Venha morar comigo.”

Olivia

Meu coração bate forte. Não sei o que fazer disso. Um minuto, Eli e eu estamos fazendo sexo lento, preguiçoso e quieto pela manhã, e no próximo ele está carregando no banheiro, com o rosto vermelho e pronto para uma briga.

“Morar com você? De onde veio essa ideia?” Digo genuinamente perturbada. “Eli, eu sei que estamos apaixonados. E sei que passamos muito tempo juntos no mês passado. Mas ainda não descobri qual será minha situação. E se meu departamento em Ithaca não encontrar um substituto e eu tiver que ficar lá até depois das férias? E se esse novo emprego no College of Charleston não der certo? Preciso de tempo para colocar meus patos em uma fileira.”

Seus olhos são duros quando encontram os meus.

“E eu preciso de uma resposta.”

“Eli.” Eu digo, confusa. “Você está sendo ridículo. Temos tempo de sobra para conversar sobre a mudança juntos. Vamos revisité-lo quando souber mais sobre o meu futuro.”

“Eu não quero revisité-lo.” Ele fala. “Eu quero falar sobre isso agora.”

Eu pisco, forte.

“Mas eu não entendo. Você nunca falou sobre isso antes.”

“Estou pensando nisso há um tempo.” Seu olhar procura o meu. “Eu gosto de ter você por perto. Eu *preciso* de você por perto, Olivia.”

Eu pisco. Ele nunca esteve tão carente antes. Tão... inseguro.

Este não é o namorado confiante, quase convencido, que eu adoro.

“Isso não é como você, Eli.”

“Sinto muito.” Diz ele, seus olhos suavizando. “Mas eu quero saber que você está nisso de verdade. Eu preciso saber que você realmente está ficando. Vamos, Olivia, pense em como seria perfeito. Você pode escrever. Eu posso cozinhar. Billy ficará feliz. E você não terá que se preocupar em pagar aluguel. Deixe-me dar isso para você. Por favor. Vai lhe dar um tempo para respirar para se recuperar.”

Vamos, Olivia. Eli diz exatamente como Ted costumava fazer.

E engraçado Eli menciona o tempo de respiração quando, na verdade, ele está me dando um ultimato. O oposto dessa suposta liberdade que eu teria vivendo com ele.

Eu conheço essa sensação. Senti quando Ted se ajoelhou e me pediu em casamento.

Um laço apertando meu pescoço.

“A única coisa que eu quero é *você*.” Eu sussurro, meu pulso começando a acelerar. “Por favor, não faça isso, Eli. Por favor, não me diga que você quer me amarrar depois que acabei de ganhar minha liberdade.”

Seus olhos castanhos se arregalam.

“Eu não estou tentando te amarrar. Estou tentando lhe dar a liberdade de escrever sem se preocupar com dinheiro.”

“Não. Você está tentando me prender, forçando-me a tomar uma decisão antes que eu esteja pronta.”

“Eu não entendo.” Ele dobra o pescoço. Nossos rostos estão a centímetros de distância. “Por que você não está pronta? Você me disse que me amava.”

“Porque eu sou nova nisso!” Eu explodo. “Esta cidade, esta carreira, esta *vida*. Eu quero mais tempo para explorá-la. Preciso

experimentalizar coisas diferentes antes de me comprometer a morar com alguém. Inferno, Eli, terminei um relacionamento de três anos menos de um mês atrás.”

Ele pisca rapidamente, recuando. Como se eu bati nele.

“Então você quer experimentalizar pessoas diferentes?”

“Não.” Eu mordo. Puxando uma mão pelo meu cabelo, suspiro. “Você está perdendo o objetivo, Elijah. Eu estou te implorando. Por favor, não me dê esse ultimato. Eu quero estar com você, mas preciso levar as coisas devagar. Por que nos apressar quando temos o resto de nossas vidas para explorar essa coisa linda que acabamos de começar?”

Ele olha para mim por um segundo. Então ele levanta as mãos e balança a cabeça.

“Eu sinto muito, querida. Mas preciso saber que você é minha. Com tudo acontecendo no trabalho, apenas...” Sua voz se interrompe. Ele limpa a garganta. “Estar com você é a única coisa que me faz sentir melhor, certo?”

Meu pulso pula uma batida, minha cabeça lateja, quando a realização me atinge.

“Oh meu Deus.” Eu digo, inclinando-me contra a penteadeira para me firmar.

“O que?”

“Você não está me pedindo para morar porque me ama. Você está me pedindo porque não quer ficar sozinho.” Lágrimas inundam meus olhos. “Jesus, Eli, isso não tem nada a ver comigo, tem?”

Um rubor vermelho rasteja pelo pescoço de Eli e se espalha por suas bochechas. Os olhos dele brilham de raiva.

“Isso não é verdade.” Diz ele. “Você não pode me dizer que eu não te adoro.”

Minha garganta está tão apertada que faz minha cabeça inteira doer.

“Claro que você me adora. Mas eu pedi muitas vezes para você falar sobre o que aconteceu no The Jam. Você sempre me impressiona e começa a falar sobre meus livros, ou começa a me tocar, e nós... bem. Você sabe. O que me faz sentir que talvez você esteja me usando como uma distração ou algo assim.”

“Não.” Diz ele, a voz trêmula, claramente voltando atrás. “Você é muito mais do que isso, Olivia.”

Uma tristeza pesada se instala em mim enquanto eu procuro seus olhos. Ele tem o olhar de pânico de um animal encurralado.

“Você está certo.” Minha voz treme. “Eu quis dizer mais para você do que isso. Mas agora você está me fazendo sentir usada. Você está me fazendo sentir *barata*. Eu acho que você sabe que o que está fazendo agora está errado. Você está fazendo isso de qualquer maneira, porque você não acredita em mim quando digo que vou ficar. Por que você não confia em mim?”

Eli olha para mim por um longo minuto.

“Eu não confio em você porque percebi que quase não sei nada sobre sua vida em Nova York.” Ele responde. Ele coloca o anel no balcão ao lado da pia. Estendo a mão e fecho a caixa. “Me fez pensar que o cara que comprou essa coisa para você é o negócio real, enquanto eu sou apenas um idiota que você queria transar.”

Suas palavras são como um soco no estômago. Eu luto para respirar. Não acredito que Eli está dizendo essas coisas. O homem cuja bondade e fé em mim mudaram minha vida para melhor de muitas maneiras.

“Isso não é de *tudo* o que eu penso de você.” Eu gerencio.
“O que você quer saber sobre a minha vida em Nova York? Vou
lhe contar qualquer coisa.”

Ele encontra meus olhos.

“A única coisa que eu quero saber é se você vai morar
comigo.”

Eu apenas olho para ele. Ele está falando sério?

“Sinto muito.” Eu digo. Minha resposta é não. Não posso
morar com você. *Ainda não*. Mas se você me der tempo...”

“Você está sempre dizendo que precisa de mais tempo.”
Ele cruza os braços, fazendo os músculos de seus braços
incharem. “Talvez você precise de mais tempo porque planeja
voltar para ele. Talvez você queira usar um anel assim. Estar com
um homem assim, alguém que possa pagar algo tão grande.
Sinto muito também, mas acabei de esperar por você. Não tenho
sido nada além de paciente, Olivia. Mas você nem consegue ser
honesta comigo. Por que você não me disse que ficou com o anel
dele?”

Meu olhar passa para a caixa de joias no balcão entre nós.

“Pela centésima vez, não voltarei a Ted. Sinto muito pelo anel.” Digo, sentindo uma pontada de raiva. “Se eu soubesse que isso iria incomodá-lo tanto, eu teria jogado a maldita coisa pela janela. Esse anel faz parte da minha vida anterior. Uma vida que vou deixar no passado. Não achei que você precisasse saber por que faz parte do meu futuro. Um futuro que eu escolhi. Realmente, Eli, você é melhor que isso e sabe disso.”

“Eu sou melhor com você.”

Eu sinto outra facada. Este é um golpe de mágoa.

Ninguém diz o quanto é difícil *escolher* a si mesmo... magoa as vezes.

“Eu preciso de tempo.”

Ele engole, fazendo o pomo de adão estremecer. Uma lágrima desliza pelo canto do meu olho. Eu limpo isso.

“Então é realmente um não.” Diz ele.

Concordo, revirando os lábios entre os dentes.

Ele respira fundo, fazendo seu grande peito estourar. Então ele empurra para fora do balcão, arrastando a mão pela nuca.

“Tudo bem.” Diz ele. “Eu acho que é isso. Eu devo ir.”

Eu aceno de novo, lágrimas derramando dos meus olhos com abandono agora.

Ele sai do banheiro. O som de seus passos tem uma terrível finalidade.

Minha mente dispara para me acalmar enquanto eu o sigo.
Você está se mantendo firme. Você está sendo fiel a si mesma.
Você está fazendo a coisa certa.

Mas assistir Eli apertar a maçaneta da mão pela última vez ainda parece errado.

Seus olhos, claros e molhados, varrem para encontrar os meus.

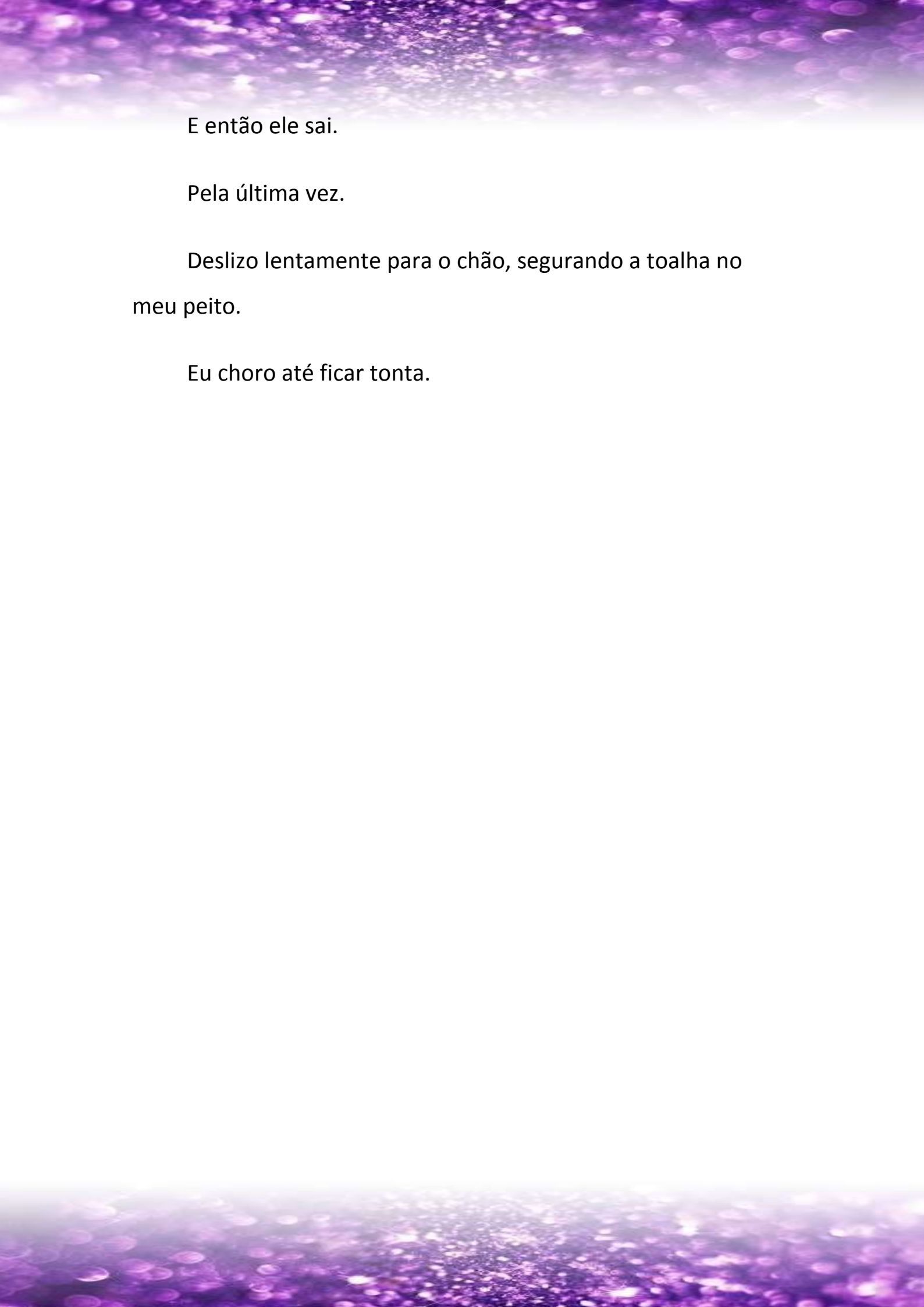
“Eles dizem que o momento é tudo. O nosso claramente foi péssimo.” Diz ele. “Talvez não fomos feitos para ficar juntos, afinal.”

Eu não discordo disso. Mas ainda *mata* ao ouvi-lo dizer isso em voz alta.

“Sinto muito pelo anel.” Eu administro.

Os olhos dele endurecem.

“Eu também sinto muito.”

The background of the entire page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and white, creating a dreamy, ethereal atmosphere.

E então ele sai.

Pela última vez.

Deslizo lentamente para o chão, segurando a toalha no meu peito.

Eu choro até ficar tonta.

Capítulo Trinta e três

Eli

Eu me movo através dos dias em um nevoeiro. Eu sei que estou trabalhando demais. Bebendo demais.

Ouvindo muito Post Malone.

Eu odeio tudo agora. Cheguei em casa do The Pearl na outra noite e vi que o carro de Olivia não estava em seu lugar habitual na garagem.

Eu não o vi isso desde então.

Mesmo se eu não tivesse notado o carro dela desaparecido, eu ainda saberia que ela voltou para Nova York mais cedo. O ar está diferente. De repente, Charleston foi sugada de todas as cores. Todo prazer. Até o céu mudou. O sol do início de outubro deu lugar a uma cobertura de nuvens oleosas que cobre a cidade.

Olivia literalmente levou a luz com ela. Porque levar meu coração e meu orgulho já não era suficiente.

A raiva que sinto por essa mulher queima noite e dia no meu peito. Um forno alimentado por vergonha, arrependimento e auto aversão.

Mas o que eu deveria fazer? Eu deveria apenas deitar e rolar depois de encontrar o anel de outro homem na gaveta? Reconheço que as coisas mudaram rapidamente entre Olivia e eu. Mas quando você sabe, você sabe.

Eu sei que Olivia é a única. Ela não sentia o mesmo.

Fim da história.

Eu preciso deixá-la ir. É estúpido, queimando assim por uma garota que não quer se comprometer comigo. Eu só...

Eu não suporto ficar voltando para casa, para uma casa vazia. Billy está melancólico. Eu estou com insônia. Passo minhas noites fumando e bebendo. Assistindo a shows de merda na minha fila cada vez menor da Netflix. Estou no estúdio de yoga todos os dias, às vezes duas vezes, grunhindo durante a aula. Estou constantemente trabalhando, indo, *fazendo*. Qualquer coisa para me impedir de pensar nela.

Para me fazer pensar nas coisas que ela disse. *Eu sou apenas uma distração para você. Você me usou.*

Eu bebo um pouco mais. Fico longe do meu telefone e da internet. Os papéis também.

Minhas mãos começaram a tremer quando estou trabalhando na cozinha do The Pearl. Meus cozinheiros são prudentes o suficiente para não mencionar isso. Mas vejo como eles me olham. Pena nos olhos deles. Eu pego Naomi e Maria conversando em voz baixa no vestiário mais de uma vez, parando abruptamente quando eu apareço.

Mas somente quando Luke chega para deixar uma caixa de abóboras de torta é que alguém me confronta cara a cara.

É uma tarde de sexta-feira. Um pouco depois das duas, mas a cozinha já está movimentada enquanto nos preparamos para a correria do fim de semana.

Estou afastado da porta, então não consigo vê-lo entrar. Mas eu sei que é ele pelo assobio baixo e crítico que ele solta.

“Droga.” Diz Luke. “Ele realmente está ouvindo Post Malone?”

Eu posso *ouvir* o olho revirar na voz de Maria quando ela responde.

“Ele toca 'I Fall Apart' repetidamente há uma semana.” Ela sussurra. “Eu não aguento mais! Pelo amor de Deus, ajude-nos, antes de começar a sonhar com homens brancos pastosos com tatuagens no rosto.”

Luke coloca sua caixa de produtos no balcão ao meu lado, me fazendo pular e aperta o botão liga / desliga no meu alto-falante portátil.

“Ei!” Eu estalo, olhando para cima a partir do peixe que estou olhando. “Coloque isso de volta.”

Meu estômago afunda com o olhar em seus olhos azuis. Ele está tentando esconder sua surpresa, mas falhando miseravelmente nisso.

Devo parecer bem perto da morte para assustar Luke. Ele me viu no meu pior.

Merda, talvez este *seja* o meu pior.

“Chega de Post Malone.” Luke diz com firmeza. “Você parece um inferno e cheira ainda pior. Vá para casa, E.”

Prefiro arrancar meu próprio braço do que ir para casa. O silêncio, o vazio, me faz pensar em todas as maneiras pelas quais eu estraguei tudo. Perdendo o controle. Perdendo Olivia.

Trabalho é a única coisa que me mantém são.

“Eu estou bem.” Eu rosno, voltando-me para o peixe.

“Teremos uma casa cheia hoje à noite. A cozinha precisa de mim.”

Luke dá um passo à frente para que ele esteja na minha visão. Não há como fugir dele agora.

“Isso é mentira, e você sabe disso. Vamos, eu quero falar com você lá fora.”

Sem esperar por uma resposta, ele agarra meu braço e me arrasta pela cozinha e pela porta dos fundos. Eu pisco com o ataque de luz natural, mesmo que seja bastante sombrio para duas da tarde. Minha cabeça lateja.

Luke pega algumas caixas ao lado da lixeira e as coloca contra o prédio. Ele tira dois charutos do bolso.

Cohibas. Meu favorito.

Ele oferece um para mim, junto com um cortador e um isqueiro de aço inoxidável.

Foda-se esse cara. Ele sabe exatamente como me fazer ouvir.

“Sente-se.” Diz ele, acenando para uma das caixas.

Pego as coisas que ele está oferecendo e, com um grunhido, faço como me disse.

Ele se senta ao meu lado. Ficamos em silêncio por alguns minutos enquanto acendemos nossos charutos.

Eu tomo sopros gigantes. Minha boca formiga e fica agradavelmente entorpecida.

Se ao menos todas as minhas outras merdas, coração, cabeça, pau, fizessem o mesmo.

“Eu estava certo?” Luke diz finalmente, arrancando o charuto da boca.

Eu limpo minha garganta.

“Certo sobre o que?”

“Sobre o que conversamos naquela noite no The Spotted Wolf. Foi por isso que você e Olivia terminaram? Por que você está se sentindo uma merda e você a estava usando para se sentir melhor?”

Dando de ombros, intencionalmente solto uma nuvem de fumaça entre nós, para que Luke não possa ver meu rosto.

“Uma das razões, sim. Mas não é assim, não é como se eu não a amasse, Luke. Porque eu a amo. Eu estou tão apaixonado por ela. As coisas estavam ótimas entre nós. Mas então eu encontrei esse anel de noivado que o ex dela havia lhe dado. Este lindo anel que poderia pertencer à porra da rainha da Inglaterra por quão grande era a coisa.”

As sobrancelhas de Luke saltam.

“Sim.” Eu digo. “A questão é que ela disse que terminou com esse cara, ela recusou a proposta dele. Mas eu não acreditei nela. *Por que* ela *não* voltaria para um cara que lhe deu um anel assim? Então eu pedi que ela se mudasse comigo. Sabe, eu fiz esse gesto grandioso e romântico, porque é isso que você faz quando está apaixonado.”

As sobrancelhas de Luke saltam ainda mais. Eles estão praticamente na parte de trás da cabeça dele agora.

“Eu sei o que você está pensando. E você não estaria errado. Vendo aquele anel, isso me fez sentir tão mal comigo mesmo. Se Olivia quer um anel assim, eu quero comprar para ela. Mas não posso agora. Não sei se poderei comprar algo assim novamente. O ex dela? Ele pode. E isso... isso realmente me mata, Luke.”

Ele me dá um tapinha nas costas.

“Você perguntou se ela queria um anel do tamanho de uma rainha? Ela *recusou* o pedido do cara.”

“Não.” Eu digo. “Mas não consigo imaginar que ela odiasse a coisa.”

“Então você pediu que ela fosse morar com você, porque se você não pudesse lhe dar um anel assim, ainda queria lhe dar *algo*. Você queria saber se ela realmente escolheria você, um homem louco, talentoso, honesto e trabalhador que a tratou tão bem que ela disse que o amava depois de conhecê-lo por três semanas, sobre os pequenos idiotas que precisavam fazer uma proposta, um toque berrante para fazê-la dizer que sim. E mesmo *assim* ela disse que não.”

Eu rio, balançando a cabeça.

“Droga. Quando você diz, parece meio idiota.”

“Isso é porque é idiota. Acho que quem olha de fora vê o que eu vejo. Vocês tiveram esse mês intenso e louco juntos, onde você se escondeu do mundo, e ela também... *ficaram* muito tempo juntos. Não duvido que as coisas que vocês compartilharam e sentiram juntos fossem reais. Não duvido que elas tenham quebrado a terra.”

“Eu odeio eufemismos.” Digo tristemente, batendo cinzas no asfalto.

“Eu te odeio.” Luke retruca. “Pelo menos eu faço quando você está sendo um idiota como você está agora. Ouça. Vocês tiveram este mês incrível, mas ainda era apenas um mês. Trinta e um dias. Pedir a alguém que se comprometa com você depois de um tempo tão curto é uma loucura, cara. Até para você. Você tem que dar tempo a essa garota. Você precisa ter certeza de que a quer pelas razões certas, E. Honestamente? Acho que nós dois sabemos que você claramente ainda está lutando com as consequências do fechamento do The Jam.” Quando abro minha boca para protestar, ele levanta a mão. “Não tente me enganar. Nós somos melhores amigos. Eu sei que você está sofrendo. Você simplesmente não admite.”

Sinto uma onda de emoção. Ela sobe pela minha garganta e cai nos meus olhos.

Eu os fecho, puxando-os com o polegar e o dedo. Estou começando a ficar tonto com o charuto. Quando foi a última vez que eu comi? Não me lembro.

“O que devo fazer?” Eu digo baixinho.

Luke coloca a mão no meu ombro.

“Quero que você enfrente isso. Está na hora, E. Estamos todos aqui para ajudá-lo. E quando você estiver pronto, quando tiver aprendido a se recuperar sozinho, sem usar outras pessoas como muleta, é quando você vai atrás da sua garota. Nem um segundo maldito antes, você me ouviu? Porque então você não precisará dela para morar com você para se sentir bem consigo mesmo. Você vai se sentir bem sozinho. E isso aí é a base de um relacionamento saudável.”

Lágrimas estão derramando dos meus olhos agora. Estou cansado demais para me importar. Deixo Luke vê-las, limpando-as na jaqueta de chef branco amassada.

Luke está certo. Geralmente está. Você não pensaria que um jogador de beisebol-homem-jardineiro teria muita autoconsciência. Mas meu garoto está com espadas.

Eu penso no que ele está dizendo. Eu perguntei, praticamente implorei, para Olivia se deixar vulnerável comigo. Mas não me permiti retribuir o favor. Ser vulnerável com ela. E isso, mais do que qualquer outra coisa, é o que prejudicou nosso relacionamento.

Eu me odeio por deixá-lo ir tão longe.

“Eu vou tentar.” Eu digo. Então eu zombo. “Porque eu não estou machucando o suficiente como estou.”

Ele aperta meu ombro.

“Você é mais forte do que pensa, chef. Vai valer a pena no final. Eu prometo. Pense assim: você vai se tornar o homem que Olivia merece.”

Eu aceno, piscando. Eu quero perguntar a ele *como* eu faço isso. Como começo o processo de enfrentar meu fracasso e aprender a aceitá-lo. Mas eu conheço Luke. Ele vai me dizer que preciso descobrir por conta própria.

O que eu faço. Eu sei disso.

Mas estou apavorado.

Olho para o som de pneus estalando na calçada. Um Jetta vermelho familiar e brilhante aproxima-se, parando a alguns metros à nossa frente.

“É Gracie?” Eu digo, olhando através da escuridão.

Luke se levanta, quase *me* fazendo pular. Pela primeira vez, noto que ele está meio vestido.

Bem. Vestido para Luke, de qualquer maneira. Ele geralmente usa jeans surrados e uma camiseta manchada de sujeira. A menos que estejamos em um bar, e então ele esteja de camiseta *limpa*. Hoje ele está vestindo um jeans bonito, jeans escuro, justo, e um botão branco imaculado. Uma etiqueta sai da gola.

Ele se move nervosamente em pé enquanto apaga o charuto na lateral do prédio.

Olho de Luke para Grace. Grace para Luke.

“É Grace.” Luke responde, alisando a cauda da camisa.
“Estamos nos encontrando para um café.”

Eu o prendo com um olhar.

“Pelo amor de Deus, por favor, diga-me que não é outro eufemismo.”

“Não, de jeito nenhum. Estou falando sério, E.” Ele levanta as mãos. “Ela me pediu para experimentar uma nova mistura colombiana em que ela está trabalhando.”

“Mas você não bebe café.”

Luke olha para Grace e sorri. Eu olho para cima para vê-la acenando de volta.

“Agora eu bebo.”

Senhor tenha piedade.

Luke é um bom homem. Mas ele é definitivamente o tipo de ame-as e deixe-as. A ideia dele fazendo isso com minha irmãzinha...

Bem. Eu não gosto disso nem um pouquinho. Se Grace gosta desse tipo de coisa, tudo bem. Bem, não está bem. Não quero que ela se machuque. Mas ela faz as regras. Ela é uma mulher independente e crescida. Ela é esperta. Muito mais esperta do que eu já fui. Ela pode fazer o que quiser.

Só que a Grace *que* conheço é monogâmica em série. A última vez que verifiquei, ela ainda estava namorando Nicholas.

Então, o que diabos ela está fazendo convidando Luke para tomar um café?

Grace abaixa a janela, franzindo a testa com preocupação.

“Como você está, E?”

“Estive melhor.” Eu respondo, dando um forte puxão no meu charuto.

Eu ouço as engrenagens do carro dela tilintarem quando ela o estaciona.

“Precisa que eu leve você para casa?”

“Não.” Eu aceno para ela. “Vocês vão. Eu ficarei bem.”

“Você tem certeza?” Luke pergunta.

“Tenho certeza.”

Eu encontro os olhos de Luke. Digo a ele, da melhor maneira possível, sem dizer uma palavra, para *mantê-lo na porra da calça*.

Eu já vi a coisa. Tornou-se uma espécie de lenda urbana. Eu ouço garotas sussurrando sobre isso em bares enquanto passamos. *O Luke Adaga de mulheres*, como elas chamam.

Uma adaga que deixa para trás um rastro de destruição e desgosto por onde passa.

Luke enfia as mãos nos bolsos.

“Claro. Pense no que eu disse, sim? E me ligue se precisar de mim, E. Nós vamos superar isso.”

Mais fácil falar do que fazer, penso comigo mesmo,
enquanto vejo minha irmã e meu melhor amigo irem embora.
Juntos. Para 'tomar café'.

Seramente. O mundo virou de cabeça para baixo na
semana passada? Ou é só comigo?

Eu vou para casa. Pulo meus quatro dedos habituais de
bourbon e tomo um banho quente e escaldante.

E eu tento parar.

Parar de lutar contra meus sentimentos. Parar de mentir
para mim mesmo.

Parar de segurar tudo.

Ceder não é fácil. Eu construí minhas paredes agradáveis e
altas. Sinto o dilúvio chegando, pressionando contra minhas
defesas. Levantando, enchendo meus pulmões.

Até que finalmente, enquanto eu estou embaixo do
chuveiro, a gigantesca onda de todas as coisas que eu engarrafei
por tanto tempo cai sobre minhas paredes. O impacto é imediato
e devastador. Eu sinto *tudo*.

Desapontamento.

Frustração.

Arrependimento.

Pânico.

Solidão.

Foda-se isso é uma merda. Dói tanto que não posso ficar parado.

Eu bati a parte externa dos meus punhos contra o azulejo até sentir uma rachadura no meu dedo mindinho esquerdo. Já sofri bastante lesões nas mãos ao longo da minha carreira, queimaduras, cortes, amputações acidentais das pontas dos dedos, para saber que está quebrado.

Foda-se, foda-se.

Meu primeiro impulso é aliviar a dor com uma garrafa de Jack Daniels. Mas quando saio do chuveiro, sinto-me atormentado. Exausto demais para ficar bêbado, ou até mesmo descer as escadas.

Eu atingi um novo nível baixo.

Tudo o que posso fazer é cair na cama. Eu adormeço meio sonolento, acordando com um sobressalto sempre que meu cérebro evoca uma nova rodada de pensamentos de pânico para me torturar. Isso acontece repetidamente. A noite toda.

Eu me preocupo que o Pearl falhe em seguida. Preocupo-me com os cozinheiros e penso em funcionários e garçons que tive que deixar ir. Eu me preocupo com o futuro deles e o meu.

Eu não tinha percebido o quanto minha autoestima está ligada ao sucesso. Aqui estava eu, pregando a importância da realização e paixão de Olivia, dizendo-lhe eu valorizava minhas convicções sobre o dinheiro e fama, quando parte de mim, obviamente, *faz* o valor dessas coisas.

Na manhã seguinte, ligo para minha irmã e depois ligo para um terapeuta. Jogo fora todo o meu bourbon. Vou ao yoga.

Não sei se algum dia serei o tipo de homem que Olivia merece. Mas se eu precisar, vou morrer tentando.

Capítulo Trinta e quatro

Olivia

O caminho de volta para Ithaca passa rápido demais.

Eu não quero que acabe. Porque quando isso acontece, tenho que queimar minha vida antiga para poder começar uma nova.

Estou assustada. Principalmente porque sei que vou machucar as pessoas de quem me preocupo. Durante toda a minha vida, tentei muito *agradar* a todos. Era quem eu era, o povo mais agradável. Recebi muitos elogios por ser fácil. Por não balançar o barco, causar problemas ou ser difícil.

Estou prestes a ser muito difícil. E apesar de me sentir confiante de que, no final, ficarei feliz por ter escolhido priorizar minha felicidade, mas ainda será uma droga esmagar outras pessoas.

Ligo para Ted para que ele saiba que estou a caminho, pretendo passar e pegar algumas coisas antes de ficar na casa

dos meus pais. Apenas ouvir a voz dele no telefone foi suficiente para me levar a uma queda de dúvida e culpa.

Eu dirijo e choro e não como nada porque meu interior está em nós. Eu sinto que vou ficar doente o tempo todo. Uma voz dentro de mim pergunta *se você está fazendo a escolha certa, por que dói tanto?*

Não ajuda que eu não consigo parar de pensar em Eli. A discussão que tivemos foi horrível. Eu repito repetidamente dentro da minha cabeça. Lamento não contar a ele sobre a porra do anel. Começo a pensar que também era covarde por esconder esse pedaço da minha história dele.

Não sei se chegarei a um acordo com os erros que cometi. É uma coisa tão difícil, me perdoar por não querer a bela vida que tive em Nova York.

Perdoar-me por querer *mais*.

Eu também quero Eli. Sinto falta dele. Seriadamente. Mas ele quer compromisso. Ele quer *o fim*. E eu estou apenas no começo da minha história.

Eu esqueci o quão tranquilo é na pequena cidade de Nova York. Sinto que estou a um milhão de milhas da energia e agitação de Charleston.

Ted está me esperando na porta quando chego.

Ele está sorrindo. Como se eu vim aqui para implorar para ele me levar de volta. Para não devolver o anel.

Claramente algo estranho está acontecendo.

Ele desce os degraus da frente da nossa casa, é mais bonita do que eu me lembro, muito na Nova Inglaterra com tapume de cedro e telhado de duas águas, e abre a porta do meu carro, segurando-a enquanto eu desço.

“Eu senti sua falta.” Diz ele, beijando minha bochecha. O cheiro cítrico de sua colônia enche minha cabeça. Tão diferente do perfume forte e esfumaçado da pele de Eli. “Vamos lá dentro. Acabei de decantar uma boa garrafa de Bordeaux.”

Eu pisco.

“Ted. Eu te disse que só estou indo pegar minhas coisas. Eu não vou ficar.”

Ele encontra meus olhos. Desliza as mãos nos bolsos.

“Você tem certeza?”

“Eu tenho certeza.” Eu respondo. Quando ele não se mexe, pergunto. “O que está acontecendo?”

Ted se mexe desconfortavelmente.

“Eu pensei que você estava voltando porque mudou de ideia. Claramente você não vai ficar em Charleston, então...”

Eu apenas o encaro, com muita raiva, muito confusa, para falar por várias batidas.

“Ted.” Eu começo devagar. “Voltei para pegar minhas coisas. Como eu te disse. Tenho planos de voltar a Charleston no final do semestre. Eu não vou ficar.”

“Eu sei que você disse isso.” Diz ele, um rubor vermelho subindo pelo pescoço em seu rosto. “Mas eu não achei que você estivesse falando sério. Vamos, Olivia. Você fugiu para escrever um romance, pelo amor de Deus. Que tipo de futuro isso oferece a você? Nem se compara ao futuro que temos aqui. O futuro que temos *juntos*. Eu ainda quero me casar com você. E acho que você quer se casar comigo também. Por favor diga sim. Uma palavra. É fácil.”

Por várias batidas, eu apenas o encaro, a realização me atingindo como uma tonelada de tijolos. Então é por isso que Ted estava bem comigo vendo outras pessoas durante o nosso intervalo. É por isso que ele foi tão legal quando eu terminei com ele para sempre.

Ele pensou que *eu não estava falando sério*.

Ele assumiu que eu ficaria com muito medo, que sentiria muita falta dele, estar com outra pessoa ou ficar em Charleston para sempre.

Ele não achou que eu teria coragem de fazer isso.

Estou tomada por uma repentina onda de raiva. Como é incrivelmente condescendente da parte dele assumir uma coisa dessas sobre mim. Ted sempre esteve confiante em si mesmo. Mas nunca pensei que ele fosse tão arrogante comigo.

Talvez eu estivesse com medo antes. Mas não estou com medo agora. Eu não vim até aqui para *facilitar*.

“Não voltei até aqui apenas para terminar onde comecei.”

Desviando o olhar, volto para o carro e tiro a caixa do anel da minha bolsa. Eu seguro para ele e encontro seu olhar.

“Minha resposta é não.” Eu digo com firmeza. “E confie em mim quando digo que estou falando sério sobre não ficar. Agora, se você me der licença, preciso pegar algumas coisas lá dentro.”

Passo a noite na casa dos meus pais. Eles são atingidos quando ouvem as notícias.

“Você devolveu?” Minha mãe engasga. “Esse anel de diamante impecável e lindo de quatro quilates? Você é louca?”

Meu pai balança a cabeça, pegando outra cerveja na geladeira.

“Você vai se arrepender disso, Olivia. Você está fazendo uma bagunça na sua vida. Eu não entendo.”

Apenas espere até ouvirem que estou deixando meu emprego e me mudando para a Carolina do Sul para ensinar e escrever um romance cheio de vapor. Eles ficarão horrorizados com o ridículo. E eu vou sorrir para a grandiosidade.

Depois que fui ver Ted, parei no meu escritório para entregar minha demissão. Como meus pais, meu chefe estava espantado de eu desistir da posse que eu trabalhei quase uma

década para chegar ao *possivelmente* ensinar escrita criativa do outro lado do país.

“Que tal você terminar o semestre aqui?” Ela disse. “Se você ainda tiver certeza de que deseja sair em dezembro, aceitarei essa renúncia. Combinado?”

Concordei, mas já sei que entregarei a mesma carta de demissão no dia em que meus alunos terminarem os exames finais. Talvez não tenha Eli para voltar em Charleston. Mas tenho uma vida totalmente nova me esperando lá sempre que decidir voltar. Uma vida que estou muito animada para começar.

Mais tarde naquela noite, pego meu laptop na minha bolsa e procuro no Google ‘aluguel de apartamentos em Charleston SC’. Meu orçamento, e os lugares dentro dessa faixa de preço, são pequenos. Mas admito que estou um pouco emocionada com a ideia de ter um lugar próprio. Eu fico pensando alto sobre como será minha nova vida morando lá.

Então eu bato com força quando penso que Eli não faz parte disso. Olho para o meu telefone, meio que esperando ver uma mensagem dele. Uma chamada perdida. Dói que ele não tenha estendido a mão, especialmente depois das coisas que disse. Estou passando por muita coisa no momento, cancelando compromissos, desistindo de empregos, quebrando o coração

dos meus pais, e eu realmente podia usar um pouco de apoio moral agora. Eli se sentiu como minha estrela do norte quando eu estava em Charleston. Um lembrete de que eu sempre estava indo na direção certa.

Mas talvez eu precise passar por isso sozinha.

Talvez eu precise aprender a ser minha própria Estrela do Norte.

Por mais que seja péssimo, quero saber que estou tomando essa decisão, porque é o que quero. Não é o que Eli quer. Não é o que meus sentimentos de calças vigorosas querem.

O que *eu* quero verdadeiramente. Lá no fundo.

Fazer isso sozinha vai doer. Será solitário e difícil.

Mas gostaria de pensar que valerá a pena.

Também não tenho certeza se estou pronta para perdoá-lo pelo modo como ele se comportou. Meus olhos ainda brilham quando me lembro da expressão em seu rosto quando ele disse que *eu acabei de esperar por você*. Isso foi cruel. Injusto também.

Talvez Eli não seja o cara que eu pensava que era.

Suspirando, fecho a internet e abro o *Meu inimigo, o Duque*. Eu senti falta desses personagens nos últimos dias, com tudo acontecendo, não fui capaz de trabalhar neles.

Este foi um livro difícil de escrever. Quem disse ‘faça algo que você ama e não trabalhará um dia na sua vida’ estava cheio de merda. Escrever sempre parece um trabalho para mim. Requer foco extremo. Muitas vezes é chato. Mas, quando acordo e leio o que escrevi no dia anterior, sou surpreendida por uma sensação de alegria e satisfação que sinto até os dedos dos pés.

Eu escrevi isso. *Eu* criei esses personagens. Essa história. Estou tão orgulhosa disso e tão assustada ao mesmo tempo. Reconheço que escrever um livro e vendê-lo requerem dois conjuntos de habilidades distintas. Mas espero ter uma boa noção de ambos.

Faço uma anotação no meu calendário digital para enviar um e-mail para Kathryn Score, a professora-romancista que Julia me apresentou em Charleston. Então eu começo a trabalhar em Gunnar e Cate.

Cate aproveitou ao máximo o que lhe foi dado. Ela pensou que sua família era tudo o que precisava. Eles encheram seus dias e seu coração. Mas recentemente, desde que ela beijou Gunnar sob as estrelas em Castle West, algo mudou. Algo dentro

The background of the entire page is a soft, out-of-focus purple bokeh, with numerous small, glowing circles of varying sizes and shades of purple and white, creating a dreamy, ethereal atmosphere.

dela mudou, estava diferente. Como uma luz brilhando dentro das cavidades escuras de seu coração, revelando uma severidade, um sangramento, que ela não tinha notado antes.

E agora esse sangramento a consumiu.

Capítulo Trinta e cinco

Eli

Não consigo sair da cama.

Uma semana se passa. Outra.

Eu nunca estive tão para baixo assim antes.

Então, novamente, eu nunca falhei assim antes também. Perder um restaurante, um sonho, e uma garota dos sonhos ao mesmo tempo não é para os fracos de coração.

Mas eu não me afasto de sentir isso. A dor. Eu deixei me prender no colchão. Eu deixei isso me manter lá, suando e orando. Palavrões e esperança.

Os amigos vão e vêm em um fluxo constante e silencioso, deixando para trás caçarolas e garrafas de ibuprofeno e livros. Grace tenta pegar Billy, mas ele se recusa a sair do meu lado.

Agradeço o apoio moral. Eu fico tão perdido dentro da minha cabeça, tão distorcido, mas Billy está sempre lá para me trazer de volta ao presente. Os pequenos gritos que ele faz quando tenho pesadelos. O jeito que ele lambe meu rosto pela

manhã. Como ele devora qualquer pedaço de caçarola que eu não possa terminar.

Ele é minha salvação para o mundo real. Sem ele e meu terapeuta, eu estaria perdido.

É estranho não estar no trabalho. Nunca tirei mais do que alguns dias de folga. Quero fazer o check-in. Quero *entrar*. Me perder na agitação da cozinha em um sábado à noite. Seria tão fácil.

Mas isso derrotaria todo o propósito desse pequeno período sabático que estou tomando. Estou lidando com minhas merdas por conta própria. Então deixo instruções com Maria para me ligar em caso de emergência. Caso contrário, ela está no comando.

Ela não ligou uma vez. Saber que minha cozinha está em mãos tão capazes é um alívio e uma decepção. Não sou tão essencial quanto pensei que era.

Não sou tão importante.

O que levanta a questão: quem diabos eu sou além do chef Elijah Jackson?

Olho para a pilha de páginas na minha mesa de cabeceira. *Meu inimigo, o Duque*. Todas as duzentas páginas ímpares, marcadas com minhas anotações. Olivia deixou aqui a última vez que passou a noite. Eu reli inúmeras vezes desde então. Fiz mais anotações. Pensei em possíveis finais. Possíveis sequências.

Ler as belas palavras de Olivia me faz sentir tanto a falta dela que fico completamente furioso com isso. E duro. Estou com raiva de mim mesmo por tirar uma pessoa tão apaixonada e bonita da minha vida.

Por ser tão idiota. Sinto-me horrível pelas coisas que lhe disse. Coisas que eu nunca conseguirei pegar de volta.

Eu quero ligar para ela. Quero me desculpar e fazer o meu melhor para reconquistá-la. Mas estou tendo vislumbres de um novo entendimento. E eu entendo que qualquer encontro que tenhamos deve ser nos termos dela. Estou me aprimorando por ela da melhor maneira possível. Enfrentar meus medos em vez de me distrair deles. Se ela ainda não está pronta para mim sempre que nossos caminhos se cruzarem novamente, no entanto...

Bem.

Eu vou lidar com isso. Assim como estou lidando com meu fracasso agora.

Mas essa edição é um dos poucos pontos brilhantes na minha escuridão. Quem sabe se eu sou realmente bom nisso ou não. Mas isso poderia ser um pouco alegre e divertido. Talvez eu pudesse editar livros de receitas ou coisas assim. Não tenho interesse em escrever minhas próprias. Prefiro cozinhar a *escrever* sobre culinária. Mas gosto do ritual de me sentar com um manuscrito, distorcer minha caneta e concentrar minha mente em palavras, frases, ideias.

Ou talvez eu apenas goste de focar em Olivia e em como ela vai sair totalmente do parque se, quando, ela publicar este livro.

Jesus, estou morrendo de vontade de ligar para ela. Sinto falta de ouvir a voz dela. Quero saber onde ela está e o que está fazendo e se ela realmente devolveu o anel para o ex.

Mas estou seguindo o conselho de Luke. Eu preciso descobrir minha própria merda antes de dar uma chance à minha humilhação.

Olivia ainda não escreveu essa parte em seu livro. Eu adoraria saber o que Gunnar faz para reconquistar Cate. Pode

me dar algumas pistas de como eu posso reconquistar a Olivia também.

Apenas outra coisa que tenho que descobrir por conta própria.

Olivia

Termino o semestre em Ithaca. Como planejei, entrego minha demissão no mesmo dia em que meus alunos fazem os exames finais. Desta vez, meu chefe aceita.

No dia seguinte ao Natal, arrumo meu carro, digo adeus aos meus pais e volto para Charleston.

Minha lista de tarefas quando chego à cidade é esmagadora.

Mas atendo um item de cada vez na cama da casa de viagem de Julia, onde nós duas estamos ficando enquanto eu descubro tudo. Ela está em êxtase. Vou morar permanentemente em Charleston.

Primeiras coisas, primeiro: minha situação de emprego. Marquei uma reunião com o chefe do Departamento de Inglês do The College of Charleston. Quando descobro que há uma lista de espera dos alunos para suas aulas de redação criativa, convencendo-o a não apenas criar uma aula excedente, mas também deixar que eu a ensine. Eu também o aplico um pouco na minha ideia de aula de ficção comercial. Ele diz que vai considerar a programação do semestre do outono.

Ensinar a classe não paga quase nada. Eu sabia que não seria muito, mas ainda estou chocada com o quão baixo é o número. Também ensinarei como professora adjunta, o que significa ausência de mandato e praticamente zero benefícios. Mas o chefe do departamento parecia esperançoso em expandir meu papel no programa de MFA para redação criativa daqui para frente. E é claro que tenho os livros que consigo escrever e publicar.

Enquanto isso, tenho minhas economias para recorrer. É um pedaço decente de mudança. O suficiente para me comprar pelo menos seis meses de escrita sólida e tempo de ensino complementar.

O dinheiro me faz ver meu antigo emprego sob uma nova luz. Talvez por isso, trabalhei em um emprego pelo qual não

estava louca por tanto tempo. Para economizar, sair e trabalhar em um emprego que eu amo.

A coisa toda ainda parece muito incerta. A maníaca por controle em mim levanta a cabeça no meio da noite de vez em quando, me impedindo de dormir. Eu me sinto vulnerável. Como se a minha pele está sendo descascada, revelando todas as veias, todos os órgãos. Todo desejo e desejo sombrio. Alguns dias, apenas passear pela cidade é torturante.

Mas, por mais que eu me preocupo, também sinto esse sentimento de excitação cada vez maior.

Eu estou fazendo isto.

Na verdade, estou tomando medidas para honrar quem sou e tornar meu sonho realidade.

Embora fosse bom realizar esse sonho com Elijah ao meu lado.

Estou com medo de encontrar com ele. Eu não estou pronta ainda. Eu quero descobrir meu novo normal aqui sozinha. Parece importante fazer isso. Eu me apaixonei por minha vida nesta cidade antes de me apaixonar por Eli. Estou determinada a *permanecer* apaixonada por ele, se é ou não incluído um lindo, tatuado homem que lê romance.

Encontro um adorável apartamento no segundo andar de uma casa de Charleston, por volta de 1880, na Queen Street. É bem na extremidade do bairro francês. É pequeno e peculiar e recebe uma luz natural incrível no final da tarde, minha hora favorita para escrever. A varanda inclinada enfrenta a Igreja de São Filipe. Você pode apenas vislumbrar sua torre de estuque sobre o telhado da casa ao lado.

Julia e eu encontramos uma elegante escrivaninha com uma perna quebrada em uma loja em Mount Pleasant um dia enquanto estamos antiquando. O proprietário me vendeu por uma pechincha. Julia fixou a perna e eu coloquei a mesa embaixo da janela de vidro ondulado no meu quarto do tamanho de uma caixa de sapatos. Escrevo lá nos dias em que não tenho vontade de sair.

Eu vendo meu carro e compro uma bicicleta verde menta.

Toda sexta-feira, eu caminho até a casa de Kathryn, nos limites do campus da faculdade de Charleston. Ela organiza a reunião semanal do Charleston Writers 'Club. Sobre coquetéis de gim e canudos de queijo, aprendo tudo que posso sobre agentes, contratos, publicações tradicionais versus publicações independentes. Algumas das pessoas pertencentes aos cérebros que escolho tornam-se amigos. Eles me convidam para suas

casas, e fico continuamente impressionada com sua calorosa hospitalidade. Também por quanto eles podem *beber*.

Charleston é definitivamente uma cidade embriagada. E eu não me importo nem um pouco.

Eu começo a dar aula. Eu amo meus alunos e meu assunto logo de cara. A vibração no departamento aqui é muito mais descontraída do que em Ithaca.

Visito Louise na Rainbow Row Books frequentemente. Montamos algumas contratações com alguns grandes nomes do romance, amigos de outros escritores, e preparamos as bases para o clube de romances sobre o qual conversamos.

Quando não estou escrevendo ou ensinando, estou andando. Quando não estou andando, encontro-me com amigos ou professores da faculdade. Quando as árvores começam a florescer e o inverno explode na primavera com o céu azul e cristalino por dias, eu me instalo na minha nova vida.

É maravilhoso. Imperfeito. Choro no caminho de escrever os últimos capítulos da história de Gunnar e Cate. Choro novamente quando recebo cotações de seguro de saúde.

Mas a vida aqui ainda é sonhadora de muitas maneiras. Ainda *melhor* e mais eu. Não sei se é o ar da primavera ou o fato

de que finalmente terminei *Meu Inimigo, o Duque*, mas todas as manhãs acordo e sinto essa sensação dolorosa de liberdade. São janelas abertas e café acabado de fazer e nada além de *escrever todas as palavras e ensinar todas as palavras* da minha lista de tarefas para esse dia.

Alguns dias, quase me sinto culpada. Como se eu estivesse fugindo de algo por gostar da pessoa que estou me tornando.

Mas então eu penso, *espere um segundo*. Se eu não mereço me sentir assim, quem o faz? Ninguém?

Eu lutei tanto para chegar a esse lugar. Eu sei que ainda tenho muito o que lutar. Mas eu não tenho medo de trabalhar duro, se isso significa sentir *isso* na maioria das manhãs.

Minhas noites, no entanto, são uma história diferente.

É quando o desejo me atinge. Eu pensei que, meses depois, eu pararia de sentir tanta falta de Eli. Especialmente depois da última conversa que tivemos. Ele foi tão horrível. Tão *mau*.

Mas eu só sinto mais a falta dele. Sento-me na varanda com um copo de vinho e olho a cidade, imaginando onde ele está. O Pearl, provavelmente. Mantendo a quadra na cozinha, bonito como o inferno na jaqueta de chef e penteado para trás.

Ele aparece nas notícias locais de vez em quando. Não suporto olhar para a foto dele nos artigos. Aquele sorriso, a barba e aqueles *olhos*.

Me faz querer vê-lo novamente, apesar de quão horrível ele foi da última vez que conversamos. Mas e se ele ainda não perdeu o Jam? E se ele *está* acima de mim? Tem que haver uma razão pela qual ele não entrou em contato comigo. Eli não é do tipo que brinca. Se ele quisesse me ver, ele tentaria.

E ele não fez.

Eu bebo meu vinho e assisto o pôr do sol. Meus pensamentos são uma confusão. Meu pescoço e ombros doem por outro longo dia curvada sobre o meu laptop.

As aulas de ioga não estão exatamente no meu orçamento no momento. Mas talvez eu pudesse pegar apenas uma. Só para clarear a cabeça e tirar esses nós do pescoço.

Gostaria de saber se Eli ainda tem aulas no Yoga First.

Afasto o pensamento da minha cabeça. Estou praticando por mim mesma. E se ele estiver lá?

Acho que vou descobrir se realmente quero vê-lo ou não.

Capítulo Trinta e seis

Eli

Estou de volta na cozinha. Pior para o desgaste. Mas eu sou semi-funcional e não toco mais Post Malone repetidamente. Isso tem que contar para alguma coisa.

Também estou vendo vislumbres do meu antigo eu. O homem que não estava com medo. Quem tinha caráter e convicção e um jeito malditamente mau com gordura de bacon.

Ele aparece cada vez mais com o passar dos meses. No aniversário de Gracie, no final de fevereiro, estou rindo novamente. A perda do The Jam ainda arde. Eu luto para não cair em um poço negro de depressão sempre que penso nisso. Mas o tempo está ajudando. Eu acordo todas as manhãs um pouco mais firme em meus pés. Um pouco mais confiante. Sinto minhas feridas cicatrizando.

Cada ferida, exceto a que Olivia deixou.

Essa maldita coisa dobra, sangra e dói sem parar.

“Então, você vai ligar para ela ou o quê?” Grace pergunta uma manhã quando ela traz uma libra de sua última mistura etíope para minha casa.

Não levanto os olhos da panela em que estou trabalhando.

“Não posso.”

“Por que não?” Grace diz, colocando o primeiro dedo na ponte de seus óculos *muito* altos e empurrando-os sobre o nariz. Ela se senta em um banquinho na ilha. “Estamos orgulhosos de você por reservar um tempo...”

“Nós?” Desta vez eu olho para cima.

Minha irmã cora. Percebo que seus olhos parecem... mais felizes. Iluminados.

“Sim. Luke e eu.”

“Eu não sabia que havia um ‘Luke e você’.”

“Não há. Nós somos apenas... hum. Amigos. Bons amigos.” Ela limpa a garganta. “De qualquer forma. Como eu estava dizendo, estamos orgulhosos de você por dedicar um tempo para trabalhar em suas próprias coisas. Mas já faz *meses*, E. Você ainda está claramente empolgado com a Olivia. Nós...”

“Você e Luke?” Eu provoco, levantando uma sobrancelha.

“Jesus, você deixaria isso ir? Sim, *Luke e eu* acho que você fez o trabalho por conta própria e agora está pronto para estar com ela pelas razões certas. Quero dizer, vamos lá E. Você estava me dizendo outro dia como está bebendo menos, dormindo mais e realmente aceitando tudo o que aconteceu nos últimos seis meses. Só o fato de você estar *falando* sobre essas coisas me diz que você mudou.”

Mexo os grãos e depois coloco uma tampa na panela.

“Isso pode ser verdade. Mas a bola está na quadra de Olivia. Eu a empurrei muito forte. Ela não estava pronta para o que eu queria, e ela recusou. Compreensível. Não posso empurrá-la novamente. Ela tem que ser a pessoa que vem até mim porque *está* pronta. Não o contrário.”

Grace franze a testa.

“Entendi. E eu gosto do quão cauteloso você está sendo. É definitivamente importante levar seus sentimentos em consideração. Mas e se ela estiver esperando você entrar em contato? Como você disse, *você* foi quem *a* afastou. Eu sei que você é o especialista em romances hoje em dia. Mas isso não torna a atitude sua responsabilidade nesse cenário?”

Eu passo uma mão pelo meu cabelo, gemendo.

“Sim e não.” Eu digo. “Eu só... meu instinto está me dizendo para ir gentilmente. Sinto falta da Olivia. E eu quero estar com ela. O que significa que meu movimento deve ser perfeitamente cronometrado e perfeitamente executado. Tenho que sair do maldito parque, Gracie. O momento tem que ser perfeito. Somente quando ela estiver pronta.”

Ela franze os lábios e assente.

“Tudo certo. Isso é justo. Mas como você vai saber que ela está pronta se não falar com ela?”

Essa é a pergunta de um milhão de dólares. Eu ouvi de amigos que eles viram Olivia pela cidade. O que significa que ela *fez*, devolveu a seu ex o anel. Assim como ela disse que faria.

Cristo, eu sou um pedaço de merda. Um pedaço de merda sem fé e estúpido.

Aparentemente, ela está ensinando redação criativa na faculdade. Uma parte pequena e mesquinha de mim queria perseguir seus lugares habituais para que eu pudesse ‘acidentalmente’ esbarrar nela. Mas isso está errado. Nunca joguei jogos como esse e não pretendo começar agora. Então, eu

apenas segui a minha rotina habitual na esperança de encontrar caminhos dessa maneira.

“Eu não sei.” Eu digo, dando de ombros. “Acho que se é para ser, será.”

“Eu meio que odeio essa ideia.” Responde Grace. “Eu sou uma mulher de ação.”

Eu sorrio. Isso não é verdade? Juro que minha irmã saiu do útero com um planejador em uma mão e uma xícara de café na outra.

“Eu também odeio isso. Mas estou meio que perdido agora. Se houver tempo suficiente, bem. Eu vou reavaliar. Enquanto isso, eu vou devagar.”

“Tão lento quanto você está tomando este café da manhã?” Grace se senta em seu banquinho. “Estou faminta.”

Eu levanto uma sobrancelha.

“Você nunca foi uma pessoa grande para o café da manhã.”

Aí está de novo, aquele rubor.

Algo está acontecendo.

Não que isso seja da minha conta. Mas me pego esperando que *algo* não esteja dormindo com Luke.

“Eu tenho... me exercitado muito ultimamente. Meu apetite ficou enorme.”

Oh senhor.

Eu olho para ela.

“Existe algo que você quer me dizer, maninha?”

“Eu não sou um bebê.”

“Nem eu. Diga-me por que você tem estrelas nos seus olhos.”

Grace recua, disfarçando seu constrangimento como indignação.

“O trabalho está indo muito bem. Algumas oportunidades impressionantes estão chegando. Estou apenas empolgada, só isso.”

“Nuh-uh.” Eu aponto meu batedor para ela. “Não use essa frase em mim. Você sempre tem oportunidades incríveis chegando. Você sabe que só está me deixando mais desconfiado ao me tirar do sério, certo?”

“Eu não estou... oh, espere, Eli, seus grãos estão fervendo.”

Eu me viro e amaldiçoo quando vejo grãos cremosos escorrendo pelos lados da panela e aterrissando no queimador com um *assobio*. Eu abaixo o fogo e levanto a tampa, mexendo os grãos com calma. Pelo menos eles cheiram bem. Vou acrescentar um pouco de queijo, cebolinha e tudo estará certo no mundo novamente.

Risca isso. Tudo ficará bem quando Olivia estiver sentada em um banquinho ao lado de Grace, me cortando olhares famintos enquanto as duas zombam de mim.

Mal posso esperar por esse dia. Embora a verdade seja dita, estou começando a sentir uma pontada de dúvida de que alguma vez chegará. Talvez eu tenha estragado demais tudo.

Talvez Olivia nunca esteja pronta.

A fé cega de que estou errado é a única coisa que me mantém nesse ponto.

Agora, a fé é tudo que tenho.

Normalmente não estou atrasado para a aula. O yoga tem sido uma grande parte do meu processo de cura, estou no estúdio três vezes por semana, no mínimo, desde que Olivia foi embora, e gosto de chegar cedo. Dá-me tempo para pousar no meu tapete antes do treino começar.

Mas passei a manhã consertando uma crise na cozinha. Nosso vendedor de peixes sumiu com zero explicação. É um grande negócio, considerando que estamos fazendo uma degustação de frutos do mar esta semana. Eu tive que chamar a cavalaria. Com a ajuda de Maria, conseguimos reunir o que precisávamos de uma equipe heterogênea de pescadores locais, donos generosos de restaurantes e chefs sorrateiros.

Crise evitada. Pelo menos até amanhã.

Quando chego ao estacionamento do Yoga First, minha aula habitual das 11 da manhã está apenas começando. Felizmente, não está lotado, e sou capaz de pegar um lugar perto da porta na parte de trás do estúdio.

Mesmo que todo mundo já esteja fazendo saudações ao sol, levo um tempo para me aquecer. Pose de criança. Cão voltado para baixo. Derreto meus calcanhares no chão e levanto minha barriga para o céu, dando um bom alongamento aos meus tendões. Senhor, eles são apertados.

Entro na minha primeira saudação ao sol.

Fico de pé, afundando na primeira guerreira, e é aí que a vejo.

Ela.

Olivia.

Sinto uma pulsação repentina e aguda dentro do meu peito.

Definitivamente é ela. Eu conheceria aquele cabelo escuro e selvagem em qualquer lugar. Aquelas pernas longas e musculosas. Eles brilham com um fino brilho de suor.

Eu apenas fico lá como uma idiota, preso em uma guerreira enquanto a vejo se mover através de suas poses. Totalmente inconsciente da minha presença atrás dela.

Ela está mais magra do que era. Seus braços tremem quando ela paira na prancha baixa. Eu não a vejo no estúdio desde que ela voltou em outubro. Ela não tem praticado? Ou ela simplesmente não está praticando aqui?

Meu pulso lateja dentro da minha pele. É muito quente aqui. Eu estou muito perto dela.

Muito longe.

A saudade me atinge como um trem de carga.

Jesus, sinto falta dela.

Não sei que ela me pegou olhando até que seja tarde demais. Ela está no cachorro virado para baixo, olhando para mim entre as pernas. Os olhos dela são tão azuis.

Tão fodidamente azul.

Meu coração se agarra quando eles se alargam. Eu posso ouvir a força de sua expiração do outro lado da sala. Ela cai de joelhos e o instrutor vai até ela, balançando suavemente os quadris enquanto Olivia se põe em pose de criança.

Pernas tremendo, eu faço o mesmo. Não há como eu praticar com ela na mesma sala. Estou emocionado com a ideia selvagem de enrolar meu tapete, agarrar Olivia e sair daqui para que possamos conversar.

Eu quero tanto falar com ela.

Mas falar é um grande não durante o treino. E é importante não ultrapassar meus limites com ela. Eu, sem palavras, arrancá-la de uma aula de ioga que ela pode realmente precisar, realmente é ultrapassar os limites.

Eu tento não a encarar pelo resto da aula. Estou preocupado que eu vá queimar e / ou desmaiar, por um lado. Por outro lado, não quero estragar sua prática. Sei em primeira mão como uma ótima turma pode mudar um dia de merda.

Foda-se, é apenas difícil manter os olhos no meu próprio tapete. Sinto que é algum tipo de teste elaborado pelo próprio Satanás. Eu *sinto* a presença dela. Como se ela fosse o centro do universo, e tudo, o chão, meus sentimentos e meu coração, é puxado pela força de sua gravidade.

Eu me pergunto se ela sente isso também. Ou se ela seguiu em frente de uma maneira que eu não fiz.

Estou começando a pensar que nunca vou seguir em frente.

Aproximadamente cem anos depois, a aula finalmente termina. Eu tenho sessenta minutos para pensar sobre isso, mas ainda não tenho ideia do que vou dizer a Olivia quando me aproximar dela. Ou se eu deveria me aproximar dela.

Eu quero esperar que ela venha até mim. É assim que deve acontecer, porque não vou empurrá-la novamente, lembra? Mas eu também não quero ser rude. E se esta for a última vez que a vejo por mais quatro meses? Eu não posso suportar esse pensamento.

Com as mãos trêmulas, enrolo minha esteira e pego minha garrafa de água. O suor escorre pelas minhas têmporas para o meu peito enquanto me levanto.

“Ei.”

Eu quase pulo com o som da voz de Olivia. Eu me viro e imediatamente meu coração derrete. Ela é uma bagunça. Cabelo arrepiado. Rosto vermelho.

Ela está *sorrindo*.

Eu nunca vi uma mulher mais bonita em toda a minha vida.

Fique calmo, fique legal, fique legal.

“Olivia.” Eu digo, pulsando batendo um tambor dentro dos meus ouvidos. “Eu estou... uau. Estou realmente feliz em vê-la.”

Ela olha para mim por um longo momento. Eu olho para trás. Algo se move entre nós. Algo de *bom*.

Soltando um suspiro, ela coloca a esteira enrolada debaixo do braço.

“Como você tem passado?” Ela diz. Sua voz treme um pouco.

Ela também está nervosa. Bom sinal? Mau?

“Eu estou bem.” Eu respondo. “E se você?”

Ela assente.

“Estou bem.”

Estamos nos olhando novamente. Depois de um silêncio desconfortável, nós dois rimos ao mesmo tempo.

“Desculpe.” Diz ela. “Faz apenas... faz um tempo desde que eu te vi, Eli.”

Quatro meses, treze dias e um mês e cinco horas. Não que eu esteja contando.

“Como está indo o livro?” Eu digo.

“Está feito.” Ela responde, animando-se. “Gunnar e Cate quase me mataram no final. Mas eu abri caminho através da história. Na verdade, acabei de enviar para minha equipe do ARC esta manhã.”

Eu arqueio uma sobrancelha.

“Equipe ARC? Não sei o que é isso, mas se tem algo a ver com o *meu inimigo, o Duque*, então quero entrar.”

Olivia ri de novo, e eu me preocupo em derreter em uma poça literal de gosma aos pés dela. Eu amo o som da risada dela. Amo o jeito que ela toca em seus olhos.

“É uma equipe de revisores para quem você envia ARCs, cópias avançadas de leitores. O pensamento é que blogueiros e revisores que gostam do livro publicarão resenhas brilhantes e ajudarão a espalhar a notícia antes da publicação.”

Eu aceno impressionado.

“O boca a boca é o melhor tipo de marketing que existe.”

“Exatamente.”

“Você decidiu passar por uma editora? Ou você está publicando você mesma?”

“Eu sou indie por todo o caminho.” Diz ela com orgulho.
“Eu fiz muita pesquisa. A publicação tradicional e indie têm seus prós e contras. Mas gosto da liberdade que tenho com a auto publicação. Além disso, me dá uma boa desculpa para aprimorar minhas habilidades de marketing.”

Como se essa mulher pudesse ficar mais sexy.

“Porque você é a chefe.”

“Sim.”

Eu mudo de pé. Eu resisto ao desejo de convidá-la para tomar uma xícara de café ou algo assim. Ela deve ser a única a fazer essa ligação.

Encontro-me rezando para que ela faça.

“Bem.” Eu digo. “Parabéns. Estou feliz por você. Mal posso esperar para descobrir como a história termina, você sabe que sou fã de Gunnar e Cate desde o início.”

Olivia morde o lábio, os olhos se movendo sobre o meu rosto. Sinto que ela também está pesando as balanças na cabeça. Pensando no que dizer a seguir.

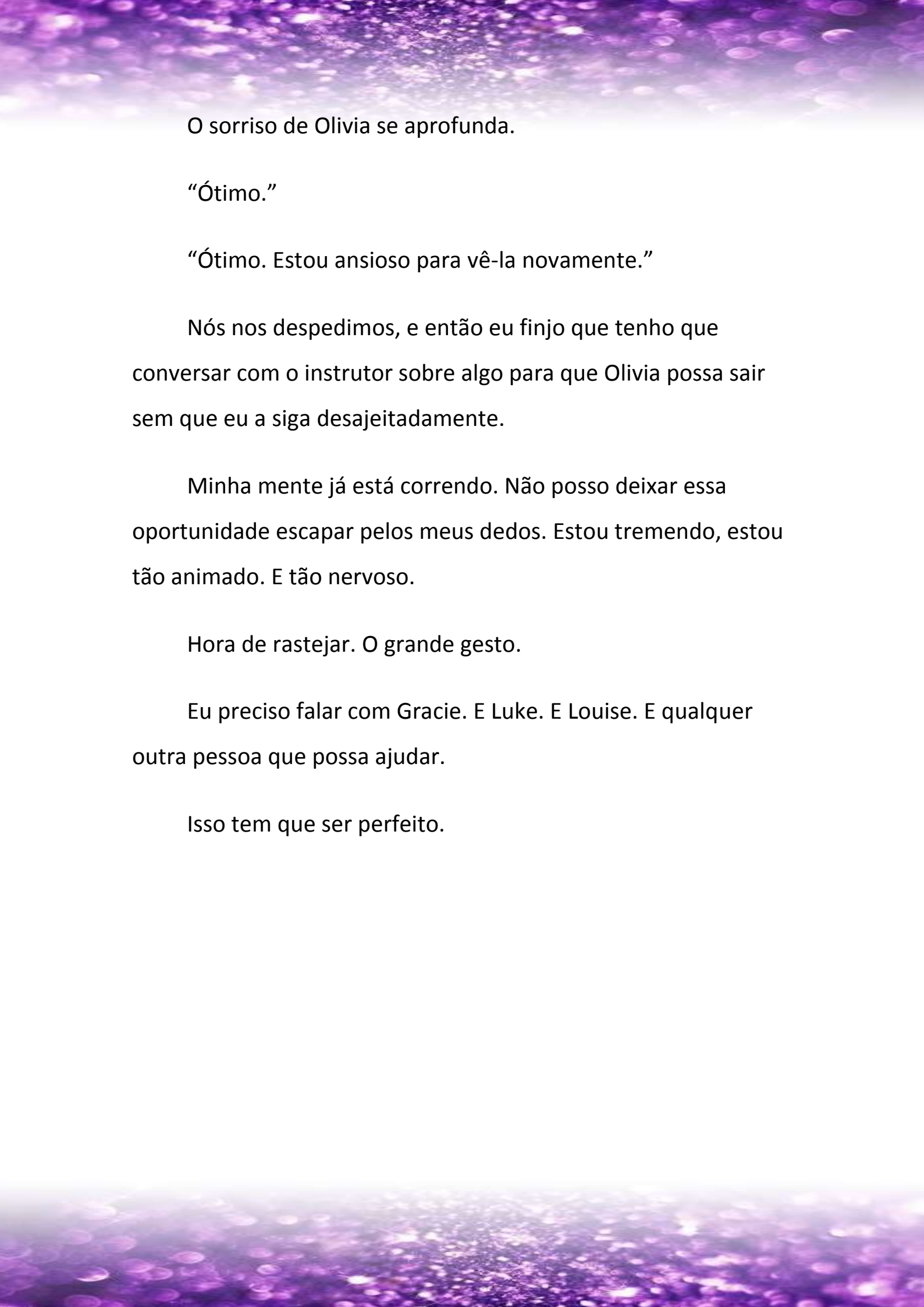
“O dia do lançamento é na próxima quinta-feira.” Diz ela finalmente. “Estou fazendo uma assinatura na Rainbow Row Books para comemorar. Você deveria vir.”

Meu coração dispara dentro do meu peito.

Eu não quero supor muito...

Foda-se. Vou supor muito no convite dela, se devo ou não.

“Eu adoraria.” eu respondo. “Vou buscar os detalhes de Louise.”

The background of the page is a soft-focus purple bokeh, with numerous out-of-focus light spots in various shades of purple and white, creating a dreamy, ethereal atmosphere.

O sorriso de Olivia se aprofunda.

“Ótimo.”

“Ótimo. Estou ansioso para vê-la novamente.”

Nós nos despedimos, e então eu finjo que tenho que conversar com o instrutor sobre algo para que Olivia possa sair sem que eu a siga desajeitadamente.

Minha mente já está correndo. Não posso deixar essa oportunidade escapar pelos meus dedos. Estou tremendo, estou tão animado. E tão nervoso.

Hora de rastejar. O grande gesto.

Eu preciso falar com Gracie. E Luke. E Louise. E qualquer outra pessoa que possa ajudar.

Isso tem que ser perfeito.

Capítulo Trinta e sete

Olivia

Endireito a pilha de livros sobre a mesa na Rainbow Row Books pela milionésima vez. Eu não consigo superar como eles são lindos. Eu me empolguei e contratei uma conhecida artista de capa para *Meu Inimigo, o Duque*. Ela fez um trabalho fantástico. A capa é apenas colorida e diferente o suficiente para se destacar, mas os leitores de romance histórico reconhecerão alguns elementos familiares: casal lindo, com pouca roupa, roteiro cursivo e um fundo iluminado pelo sol.

Também não consigo esquecer que esse livro *existe*. Tocar no meu livro, todas as trezentas e dezoito páginas dele, na carne, é uma experiência tão surreal e alegre quanto imaginei que seria. Estou tão orgulhosa disso.

O que significa que também estou terrivelmente, terrivelmente nervosa em enviá-lo ao mundo.

“Você acha que eu trouxe livros demais?” Pergunto a Louise.

Ela olha para o prato de queijo que está desembulhando e sorri.

“Eu acho que você trouxe apenas o suficiente.”

“Desculpe.” Eu digo, alisando minhas mãos suadas na frente do meu vestido. “Estou apenas preocupada. E se ninguém vier?”

Louise joga o plástico no lixo e começa a trabalhar desarrolhando uma garrafa do meu Pinot Grigio do Trader Joe, de US \$ 4,49.

“Você vai se sair bem.” Ela arranca a rolha com um grunhido. “E eu acho que você não precisa se preocupar com a vinda de pessoas.”

Eu resisto ao desejo de pegar a garrafa das mãos de Louise e levá-la para o rosto. Aposto que poderia terminar a coisa em menos de sessenta segundos.

Eu folheio uma brochura.

“Mas sou nova em folha. Ninguém sabe quem eu sou.”

“Todas as pessoas certas nesta cidade sabem quem você é.” Louise responde facilmente. “Como eu tenho certeza de que

você descobriu, a palavra se espalha rapidamente aqui. Eu prometo que você não precisa se preocupar com as presenças.”

Ela derrama vinho em um copo de plástico e entrega para mim. Percebo que ela está usando um pequeno sorriso de conhecimento.

“Louise.” Eu pego o vinho. “Você sabe algo que eu não sei?”

Abanando as sobrancelhas, ela passa os dedos pelos lábios.

“Não sei de nada. Sou apenas sua assistente hoje à noite.”

Meu interior dá uma cambalhota, de uma só vez. Eu bebo meu vinho.

Porque a ideia de que Elijah poderia vir não era estressante o suficiente. Agora, muitas pessoas aparentemente estão chegando à minha humilde assinatura.

Salve minha alma.

Falando em Eli. Eu quase tive um ataque cardíaco quando o vi na semana passada na sala de aula. Ele parecia bem. Tão, tão bom. E cansado.

Eu queria que ele me convidasse para algum lugar. A cama dele, de preferência. Eu queria subir na caminhonete dele e voltar para a casa dele e fazer sexo duro e sujo uma e outra vez até que estivéssemos gastos demais para continuar. Então nós nos deitaríamos lá e conversaríamos. Descobrir como podemos fazer um relacionamento funcionar.

Porque eu realmente quero muito estar com ele. Eu tive muito tempo para pensar sobre isso. Muito tempo para ficar sozinha. E por mais que eu ame minha vida como ela é, e eu amo, realmente amo, eu amaria ainda mais se ele estivesse nela. Sinto falta da maneira como sua mente funciona. Sinto falta das mãos dele. A comida dele.

Seu apoio inabalável aos meus sonhos.

As pessoas começam a aparecer. Uma a uma. Então em pares.

Então, de repente, parece que as comportas se abrem e as pessoas entram na livraria, enchendo-a de calor, barulho e pedidos de cópias autografadas do meu livro.

Eu não posso acreditar quantas pessoas vêm. Sento-me à minha mesa e assino cópia após cópia de *Meu Inimigo, o Duque*. Eu tiro fotos com os leitores e converso com um blogueiro local.

Não demora muito para que meu estoque de livros comece a ficar perigosamente baixo.

Mas então Louise aparece com uma caixa nova deles, que ela abre na mesa.

“De um fã anônimo.” Ela explica com aquele sorriso de conhecimento. “Aqui, deixe-me pegar mais vinho.”

Me sento e assino, confusa demais, sobrecarregada demais, para realmente processar o que está acontecendo. Um fã anônimo? Mas quem? Meu primeiro pensamento são meus pais. Mas enquanto eles estão se aproximando lentamente da ideia de me tornar uma autora, sei que eles nunca me encorajariam assim.

Louise então? Um dos meus amigos do clube dos roteiristas ou da universidade?

Paro para trocar marcadores quando o primeiro seca. Pelo canto do olho, vejo alguém se aproximar da mesa.

“Olá!” Eu digo, destampando o marcador e pegando um livro. “Para quem eu posso entender isso?”

“Elijah Jackson, se você quiser.” diz um homem.

Meu coração gagueja. Meu estômago afunda.

Essa voz grossa. Aquele sotaque aveludado.

Esse nome ridiculamente perfeito.

Olho para cima e vejo Eli olhando para mim.

Eu sei que o convidei para vir. Mas ainda estou tão desprevenida por sua imensidão, seu sorriso e seus olhos ardentes que largo o marcador, minhas mãos atingidas por um tremor violento. Por um segundo, eu me preocupo que vou ficar doente.

Ele parece delicioso. Bom o suficiente para comer, porra. Ele cortou o cabelo desde que o vi na semana passada. Ainda está molhado e as extremidades estão enroladas de menino na umidade. (Somente em Charleston seria úmido no final de março.)

Eu posso sentir o cheiro dele. Eu tenho uma reação de corpo inteiro a esse cheiro esfumado de sândalo. Minha pele se ilumina e meu sexo aperta, e eu estou sobrecarregada por uma onda de desejo tão poderoso que bate o vento fora de mim.

Ele está aqui.

Putá merda, ele está aqui, e ele quer que eu assine uma cópia do livro que ele me ajudou a escrever.

O livro que mudou minha vida de tantas maneiras insanamente gratificantes.

- Você veio. - eu respiro.

Os olhos dele esquentam. Suave.

- Claro que vim. Não perderia sua estreia por nada no mundo.

Minha boca ficou seca.

“É bom que você chegou aqui.” Diz ele, olhando ao redor da loja. “Parece que eu não sou o único fã de Cate e Gunnar.”

“Mas você foi o primeiro.” Eu respondo, e de repente sinto que vou chorar. “Que é o fã mais importante.”

Ele olha para mim e sorri.

Eu tenho que desviar o olhar.

Assinar o livro. Certo. Ele está aqui para o livro.

Minha mão treme tanto que mal consigo escrever. *Para Elijah, obrigada. Por tudo. Este livro aconteceu por sua causa. Xx, Olivia.*

“Obrigado.” Diz ele quando eu entrego a ele, encontrando meus olhos. “Estou orgulhoso de você, garota ianque.”

Suas palavras envolvem meu coração e apertam.

Eu consigo dar um sorriso tenso.

“Eu nunca teria continuado escrevendo se não fosse por você, Eli. Quero dizer, obrigada por tudo. Obrigada por ser *você*.”

Ele bate o livro na palma da mão, uma vez. Duas vezes. Ele quer dizer alguma coisa, eu sei que ele faz. Percebo pelo brilho em seus olhos castanhos.

Olhos que estão trancados no meu rosto.

Quero que ele *diga*.

Mas então ele respira e se endireita.

“Não quero te afastar de seus fãs.” Ele olha por cima do ombro. “Eu vou sair com Louise se você precisar respirar. Embora isso não pareça provável. Há um monte de gente aqui.”

“Eu sei.” Eu digo. “Eu não tenho ideia de onde eles vieram, mas...”

Eli olha para mim e fico impressionada com uma ideia.

De jeito nenhum.

Ele não fez.

Ele fez?

Antes que eu possa perguntar, ele está se afastando.

“Vou esperar pela a história de Max e Jane a seguir.” Diz ele, referindo-se a personagens secundários em *Meu Inimigo, o Duque*, que claramente queriam sugar o rosto um do outro.

E então ele desaparece na multidão.

Uma jovem se aproxima da mesa e sorri, segurando meu livro nas mãos.

Eu gerencio um sorriso.

“Muito obrigada por ter vindo. Eu sou a Olivia. Qual o seu nome?”

Capítulo Trinta e oito

Olivia

Já passou da hora de fechar quando assino o último dos livros.

Minha mão está rígida. Minha boca está pegajosa por falar tanto com tantas pessoas. E exausta.

E feliz além da crença.

Minha primeira assinatura no meu primeiro livro foi um sucesso. Eu perdi a conta de quantos leitores me disseram que ouviram ‘coisas incríveis’ sobre *Meu Inimigo, o Duque*. Não sei como eles souberam disso.

Mas tenho uma boa ideia.

Eu faço uma rápida viagem ao banheiro. Quando saio, olho em volta da sala para as poucas pessoas restantes. Eu vejo Louise, colocando o último queijo na boca dela. A irmã de Eli, Grace, ficando muito confortável com Luke na seção Não-ficção.

Mas eu não vejo Eli.

“Eu não sei para onde ele foi.” Grace diz quando pergunto, olhando para cima do livro sobre jardinagem que Luke segura. Então ela me dá um olhar aguçado. “Mas você definitivamente deveria encontrá-lo. Ele quer falar com você.”

Luke lhe dá um cutucão gentil.

“Tudo bem.” Ela revira os olhos. “*Talvez* meu irmão *possivelmente* queira ter uma conversa em *potencial* com você. Mas só se você quiser também.”

Olho de Luke para Grace e de volta. Eles me olham com expectativa, como se eu soubesse o que diabos eles estão me pedindo para fazer.

“Certo.” Eu digo finalmente. “Eu vou encontrá-lo.”

Sou parada por algumas pessoas quando saem da loja.

Elas abrem a porta. E vislumbro uma figura de ombros largos no estacionamento. Eu vejo o fim de um charuto acender. Uma brasa na escuridão. Uma batida depois, sou atingida pelo cheiro de terra do tabaco.

Eu quase caio de alívio. Eu não o perdi. Eli ainda está aqui.

“Louise.” Eu chamo por cima do ombro. “Eu volto já.”

“Não se apresse!” Ela responde.

Eu posso ouvir o sorriso em sua voz.

Saio na varanda e silenciosamente desço os degraus da frente. O estacionamento está escuro. Leva um segundo para meus olhos se ajustarem.

E então ele está lá. Homem enorme parado ao lado de uma caminhonete igualmente enorme. A fumaça de seu charuto cria uma névoa entre nós.

Eu sinto seus olhos em mim. Meus mamilos ganham vida.

Cruzando os braços, eu me movo em direção a ele, o cascalho triturando sob minhas botas. Paro a alguns metros de distância, com medo de alcançá-lo se me aproximar. E não tenho ideia de onde estamos. Ou se ele ainda sente por mim o que eu sinto por ele.

“Foi você, não foi?” Eu digo. “Você é o fã anônimo que contou a todos sobre o meu livro e comprou cópias extras para eu assinar.”

A ponta do charuto acende novamente quando ele o puxa. Seus olhos são poças verdes. Tão translúcidos que parecem brilhar.

Meu *Deus*, ele parece tão bonito. Parado ao lado de sua caminhonete. Cabelo escuro, camisa xadrez. Lábios suculentos, barba e olhos inteligentes.

Meus joelhos começam a tremer com uma fraqueza familiar.

“Não forcei ninguém a vir.” Diz ele. “As pessoas confiam no meu gosto. Eles sabem que eu leio muito. Então, quando me perguntaram que grandes livros eu li ultimamente, mencionei o seu.”

Eu mordo meu lábio.

“Você também mencionou a noite de autógrafos.”

Seus lábios se curvam em um sorriso.

“Bem, sim. Eu tive que mencionar a noite de autógrafos. Seu livro é tão bom que eu disse que eles quereriam uma cópia assinada. Eu disse que tive o prazer de ler um primeiro rascunho e que esse foi um dos melhores romances que li. E eu li *muitos* romances.”

Seus olhos passam rapidamente pelo meu corpo, uma vez.

O espaço entre nós vibra.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando uma risada escapa dos meus lábios.

“Claro que você leu.”

“Olivia.”

Eli coloca o charuto na beira da caminhonete e dá um passo em minha direção. Meu corpo pula com a determinação organizada de seus movimentos. Eu tenho que olhar quando ele se aproxima, lágrimas derramando dos meus olhos.

Seus tênis pegam o cascalho.

“Por favor, não chore.”

Ele procura meus olhos. Ele está tão perto. Tão, *tão* perto. Estou impressionada com a necessidade de tocá-lo. De ser tocada por ele.

“Sinto sua falta.” Diz ele, palavras cheias de emoção. “Eu senti tanto a sua falta. Não parei de pensar em você, Olivia. Nem por um minuto. Eu ainda estou tão apaixonado por você que dói. Sinto muito se não é isso que você quer ouvir, mas é a verdade. Estou ainda mais triste com a maneira como me comportei naquele dia no banheiro. Você estava certa. Eu estava me sentindo inseguro depois de foder com o The Jam. Eu estava

usando você para acalmar aquela picada, e isso não era justo, e definitivamente não estava certo. Sinto muito por não confiar em você. Empurrei você quando deveria ter respeitado seu desejo por mais tempo. Não tenho desculpa...”

Ele não termina.

Ele não termina, porque eu estou entrando em Elijah. Estou pegando o rosto dele em minhas mãos e colocando sua boca na minha. Faminta, quente e salgada com as lágrimas.

Ele me beija. Com toda essa paixão reprimida, eu adoro. Essa luz e intenção.

E oh, essa língua.

Meus joelhos cederam. Ele me pega, enrolando um braço em volta da minha cintura e me puxando para perto. E então o beijo se torna dele. Ele me beija tão forte e tão bem que vejo fogos de artifício atrás das minhas pálpebras fechadas.

Eu aperto o tecido da camisa dele em minhas mãos. A alegria de tocá-lo novamente depois de não saber se eu faria é requintada. Minha mente limpa e meu corpo palpita.

Sinto-me fraca de alívio.

“Oh, querida.” Diz ele, quebrando o beijo. Ele enxuga minhas lágrimas com os polegares. “Obrigado. *Obrigado.*”

“Obrigada por suas desculpas.” Eu digo. “Significa muito.”

Ele concorda.

“Aprendi que também precisava de tempo. Era hora de processar toda a merda que aconteceu no meu restaurante. Então, eu passei os últimos quatro meses tentando o meu melhor para enfrentar minhas falhas sozinho.”

Eu apenas olho para ele.

“Isso deve ter sido ruim.” Eu digo, sem fôlego.

Ele ri.

“Foi o pior momento da minha vida. Por muitas razões. Mas você sabe o que? Era suposto ser. O fato de doer tanto é uma prova do quanto eu amo o que estou fazendo com a minha vida. O fracasso é horrível. Mas também me ensinou muito. Principalmente que não dura para sempre. E que isso não vai me matar. Embora isso me transforme em um fã de Post Malone encharcado de bourbon.”

“Post Malone?” Eu digo, sorrindo.

Eli lambe os lábios, balançando a cabeça.

“Longa história. O que quero dizer é que estou trabalhando para ser um homem melhor e quero ser esse homem melhor para você. Eu amo você, Olivia Wilson. Eu quero ser o parceiro que você merece. Quero fazer seu café da manhã, editar seus livros e estender meu tapete ao lado do seu pelo resto da minha vida.”

“Elijah.” Eu sussurro.

“Não estou pedindo para você morar comigo.” Continua ele. “Quero dizer, é claro que ainda estou aberto a essa ideia. Sempre estarei. Mas se você não estiver pronta ainda, eu estou totalmente bem com isso. Eu só quero estar com você. Seja lá o que isso parecer. Sempre que você estiver pronta para ficar comigo, eu estarei pronto, querida. Estou pronto para viver nossa própria versão de felizes para sempre.”

Meu coração está tropeçando no meu peito. Batendo bêbado de amor. Eu levanto na ponta dos pés e beijo a mandíbula de Eli, seu queixo. A boca dele. Ainda perplexa que eu esteja nos braços dele novamente.

Eu inspiro seu perfume. Eu inspiro o conhecimento de que ele mudou. Não apenas para mim. Mas para si também.

Não preciso pensar na minha resposta. Tenho certeza. Tão certa sobre este homem e esta nova vida, como eu *não* tinha certeza sobre minha vida anterior em Nova York. Meu instinto está gritando que *sim*. Minha cabeça está gritando que *sim*.

Então está o meu coração.

“Estou pronta.” Eu digo.

Ele sorri, um flash devastadoramente bonito de dentes brancos.

“Estava esperando que você dissesse isso.”

“Eu pensei muito. Muita escrita. Todo pensamento que tive é sobre você, verdadeiramente. Todo herói que escrevo... Eli, quero que ele seja exatamente como você.”

“Egoísta e desalinhado?” Ele diz, uma sombra de um sorriso brincando em seus lábios.

“Inteligente e sexy.” Eu respondo. Eles gostam de cozinhar e têm cães com nomes humanos. Como está Billy, a propósito?”

“Miserável sem você.” Ele se abaixa para beijar meu pescoço. Sua barba pega na minha pele. “Ele vai perder a cabeça

quando vir que você está de volta. Embora eu planeje mantê-la para mim um pouco aqui.”

Uma batida de calor familiar se desenrola baixo na minha barriga. Eu aperto minhas pernas juntas. Eu já estou me molhando.

Muito, muito molhada.

Acho que é isso que quatro meses de saudade desse homem farão. Eu sinto que vou pegar fogo a qualquer momento. Eu preciso de alívio.

Deslizo meus dedos nos cabelos na nuca dele.

“Você tem que trabalhar hoje à noite?” Eu murmuro.

As mãos de Eli deslizam para minha bunda, e ele gentilmente me pressiona em sua virilha.

Meu clitóris palpita. Ele está duro como uma árvore de merda.

“Não.”

Viro minha cabeça para olhar para sua caminhonete. Ele aproveita a oportunidade para beliscar meu lóbulo da orelha.

“Vamos dar uma volta.” Eu digo.

A traseira estriada da caminhonete de Eli cava nas minhas costas. O ar está frio; Eu mal posso ver minha respiração.

Mas eu não poderia me importar menos. Estamos estacionados no meio do nada. Está quieto. O céu está aberto, repleto de estrelas e uma lua grande e pesada. O cheiro limpo e fresco de pinheiros enche minha cabeça.

E Eli está pegando meu vestido e puxando minha calcinha. Ele o guia sobre as minhas pernas, beijando o interior das minhas coxas, joelhos, canelas.

Eu me contorço, o ar frio calmante contra o meu sexo latejante.

Eu estou *morrendo* por ele.

Ele joga seu velho truque e prende uma das minhas pernas por cima do ombro, me espalhando. Então ele olha para mim por entre as minhas pernas.

“Eu posso sentir seu cheiro.” Diz ele, a voz apenas acima de um rosnado. “Você cheira tão doce, baby. Tão fodidamente doce.”

Ele abaixa a cabeça e me lambe. Separa minhas dobras com a língua. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Ele geme. Eu choro.

Ele pega meu clitóris em seus lábios e suga, beliscando-me, e eu aperto contra ele, enfiando minha mão em seus cabelos.

“Estou perto.” Eu administro. “Eu quero você dentro de mim quando eu gozar.”

Seus olhos encontram os meus.

“E eu quero estar dentro de você nu. Isso vai ser um problema?”

Meu coração amolece, assim como meu desejo dispara.

“Estou limpa.” Eu digo. “E eu estou tomando pílula.”

Aqueles olhos brilham. Escurecem. Eu estou confiando nele. Ele está confiando em mim.

Estamos tão vulneráveis quanto jamais estaremos agora.

“Bom.” Ele se ajoelha e desabotoa a calça. “Eu também estou limpo. Não quero mais nada entre nós.”

Meus lábios se separam quando ele se pega na mão. Eli se dá um puxão preguiçoso, enrolando a palma da mão na cabeça.

Ele é enorme. Maior do que eu me lembro.

Inclinando-se, ele coloca minha cabeça entre os antebraços. Me beija. Então se abaixa e encosta na minha entrada.

“Eu sou seu.” Diz ele.

E então afunda dentro de mim. Um impulso lento e *profundo* que o enterra ao máximo.

É tão bom ser preenchida por ele assim. Tão bom ser cru, aberto e tremendo assim, no precipício de algo enorme e bonito.

“Oh, querida.” Ele geme. “Você sente...”

Mas sua voz engrossa. Ele se perde no momento. A confiança. A integridade de tudo isso.

Abro a mão e basta um rápido movimento do meu dedo contra o meu clitóris. Eu gozo, lágrimas escorrendo dos meus olhos, e Eli as beija. Cada uma delas.

Ele se move sobre mim com sua habitual sensualidade atlética e rolante. Eu amo isso.

“Eu amo você.” Eu digo.

“Sempre.” Diz ele. “Eu sempre vou te amar, Olivia.”

Ele goza um segundo depois.

Enrolada no calor do corpo de Eli, pressiono um beijo em sua bochecha.

Ele vira a cabeça. Estende a mão para prender meu cabelo atrás da orelha.

Beija minha boca. Um longo e preguiçoso beijo pós-coito.

Eu me afasto para rir.

“O que é isso?” Ele pergunta.

“Nada.” Eu balanço minha cabeça contra a bola do ombro dele. “Quando eu estava dirigindo para Charleston em setembro passado, ouvi essa música, era sobre um cara saindo com a namorada na traseira de sua caminhonete. Lembro-me de pensar como isso seria bom. E agora estou aqui, saindo com você na traseira de sua caminhonete.”

Eli me olha atentamente.

“Você gosta disso?”

Eu sorrio.

“Odeio. Totalmente o pior.”

Ele me puxa para mais perto.

“Bom. Eu acho que você é oficialmente uma sulista agora. Você come grãos. Você conhece os locais. E agora você fica nua em caminhonetes. Eu te ensinei bem.”

“Eu quase não me reconheço mais.” Eu digo, rindo novamente.

“Eu reconheço você.” Eli ainda está olhando para mim. Olhos procurando os meus. “*A verdadeira* você. Essa mulher está satisfeita e feliz. Esperançosa também. Tenho sorte, pois todos saem para ser seu amigo.”

“Mais que isso.”

Ele sorri.

“Muito mais do que isso, menina ianque.”

Uma batida de silêncio contente passa. Meu coração está tão cheio que está prestes a explodir.

“Mas então eu não sou mais uma garota ianque, sou?”

“Acho que você não é. Como você gostaria que eu te chamasse?”

Eu penso nisso por um segundo.

“Apenas Olivia.” Eu respondo. “Quando você diz, parece novo. Apenas como eu. Assim como nós.”

“Assim como nós.” Ele sorri. “Tudo bem, Olivia. Você vai me deixar fazer alguns biscoitos amanhã ou o quê?”

Mordo o lábio, depois me inclino para beijá-lo.

“Eu gostaria disso.” Eu digo. “Falando em biscoitos...”

Eu alcanço e belisco sua bunda. Ele ri.

Então ele rola em cima de mim.

A partir de então, é apenas a boca dele, as estrelas e a sensação selvagem de estar *livre*.

Não é uma maneira ruim de começar de novo.

Epilogo

Eli

Seis meses depois

Três partes de bourbon, duas partes de suco de limão e uma parte de xarope simples de batata doce.

Meço os ingredientes e despejo em uma coqueteleira. Fechando a tampa, dou uma boa sacudida sobre o gelo. O coquetel é um pouquinho espumoso quando o coloco em um copo de vidro.

“O que você está fazendo?” Luke diz, aproximando-se do bar.

“Minha própria versão de um uísque.” Tomo um gole. Porra, isso é bom. “Pensei em fazer um coquetel de assinatura para a festa hoje. Estou chamando de Olivia.”

Luke sorri.

“Um pouco óbvio, você não acha?”

“E o aniversário *dela*. Aqui, prove.”

Eu entrego a ele o copo. Enquanto ele bebe, olho ao redor do The Pearl. Fechamos o restaurante para a festa e, embora apenas sirvamos uma fração da comida que costumamos fazer, o local ainda é movimentado. A cozinha é um ramo de atividade enquanto meus cozinheiros preparam a refeição de cinco pratos. Meu sommelier está na adega, cheirando uma taça do que suponho ser o nosso melhor Malbec, o favorito de Olivia. Os garçons estão ocupados arrumando a enorme mesa de estilo familiar que montamos no meio do restaurante. Esperamos alguns convidados hoje à noite. No curto período em que estive na cidade, Olivia conseguiu fazer muitos amigos. Outros escritores, outros professores, vizinhos, chefs, todos estarão aqui. Eu até convenci seus pais a voarem de surpresa.

Este é o primeiro aniversário de Olivia em Charleston. Eu quero acertar.

Temos muito o que comemorar. O aniversário dela, claramente. Mas depois há o sucesso não apenas de *Meu Inimigo, o Duque*, mas também do segundo livro da série, *Meu Acordo Com o Duque*. Olivia está trabalhando duro para construir sua plataforma, e isso aparece. Os leitores já estão clamando pelo terceiro livro, que ela está se divertindo muito escrevendo. Sua agenda de ensino também está aumentando. Ela é tão

popular entre os alunos que o chefe do departamento aprovou sua aula de ficção comercial, que ela dará aulas no outono.

“Droga.” Diz Luke, tomando outro gole antes de devolver o copo para mim. “Isso é bom. Eu estava em dúvida sobre o xarope de batata doce...”

“Ei.” Eu atiro de volta. “Eu fiz isso com suas batatas.”

“Provavelmente é o porquê tem um gosto tão bom.”

“Mais como minhas habilidades superiores em drinques exclusivos que tornam este coquetel tão mortal.” Digo, segurando o copo.

“Continue dizendo a si mesmo.” Luke chega atrás do balcão e pega uma Bud Light, que ele abre na beira do balcão. “Nós dois sabemos que são minhas batatas.”

Ele está sorrindo de novo.

Um grande sorriso de merda que não vejo em seu rosto há anos. Ele quase parece criança de novo. Menos a barba e a cerveja.

“Ei.” Eu digo. “O que está acontecendo com você? Você parece diferente.”

Luke toma um longo gole de cerveja e desvia o olhar.

“Nada.”

Ele está olhando para a porta agora. Como se estivesse esperando alguém passar por ela.

Eu estreito meus olhos para ele.

“Você está esperando alguém?”

“Não.” Ele diz um pouco rápido demais. “Quando Olivia vai chegar?”

Eu verifico meu relógio.

“Sete. Disse a todos que chegassem um pouco mais cedo para que ela entrasse em uma casa cheia.”

“Eu pensei que isso não era uma surpresa.”

“Não é.” Eu disse. “Parece certo que ela entre para ver toda essa comunidade nova que ela construiu, sabia?”

Luke me prende com um olhar.

“A comunidade que vocês *dois* construíram. Você também faz parte disso, Eli.”

Concordo, tomando um gole da minha Olivia. É tão delicioso quanto a garota que recebeu o nome.

“Eu aprecio isso.” eu digo. “Olivia e eu fomos muito bons nisso, encorajando um ao outro. Incluindo um ao outro no que estamos fazendo. Sei que me alimento da paixão dela e gostaria de pensar que ela faz o mesmo comigo.”

Os olhos de Luke ainda estão em mim. Embora exista um olhar distante neles agora. Seu sorriso se contrai.

“Vocês realmente estão fazendo funcionar.” Diz ele.

“Tentando, sim.” Eu respondo. “Ela é o que eu estava procurando esse tempo todo. Não vou cometer o erro de deixá-la ir novamente.”

“Bom.” Ele me oferece um sorriso tenso. “Estou feliz por vocês.”

“Quando vou ser feliz por você?” Pergunto.

Luke balança a cabeça.

“Eu não sei, cara.”

Ele faz uma pausa, como se fosse dizer mais. Mas então a porta se abre e nós dois olhamos para cima e os pais de Olivia

estão parados lá, olhando ao redor do restaurante com admiração mal escondida.

Empurrando o bar, eu sorrio. Eu posso ter perdido o Jam. Mas estamos matando no The Pearl, se é que digo. Estamos lotados todas as noites. Há uma lista de espera de dois meses para reservas. Ser capaz de me concentrar exclusivamente na minha comida aqui me deu tempo e espaço para experimentar de maneiras que nunca tive antes. Também me permitiu passar mais tempo com Olivia, estamos indo muito para a cabana hoje em dia. É uma benção.

Não vou mentir, a perda do The Jam ainda pica de vez em quando. Mas saber que as pessoas estão gostando da minha comida e voltando para mais é o suficiente para me fazer feliz agora. Difícil dizer se algum dia vou sentir vontade de abrir outro restaurante novamente. Eu acho que vou lidar com o que vier no meu caminho. Enquanto Olivia estiver ao meu lado, eu posso passar por qualquer coisa.

Podemos superar qualquer coisa juntos.

Dou a volta no bar e estendo a mão para a mãe de Olivia. Eu não conhecia os pais dela, mas os reconheço de fotos que Olivia me mostrou no Facebook.

“Elijah Jackson.” Eu digo. “Estou tão feliz que vocês conseguiram. Bem-vindo a Charleston.”

Todos nós apertamos as mãos. O Sr. Wilson limpa a garganta e alisa as mãos sobre as calças cáqui recém-pressionadas. A sra. Wilson se mexe desajeitadamente em seu vestido de verão discretamente elegante.

Olho para a jaqueta e o avental do meu chef. Minhas mangas estão arregaçadas, como sempre, expondo várias tatuagens nos meus antebraços. Eu pego a mãe de Olivia olhando para elas.

Mordo um sorriso. Aposto que é algo que ela não vê todos os dias.

“Então você é o Eli sobre a qual ouvimos falar muito.” Diz a sra. Wilson, os olhos passando rapidamente para o meu rosto.

“Eu também ouvi muito sobre vocês. Olivia estava dizendo que vocês nunca estiveram no Sul antes.”

O Sr. Wilson limpa a garganta.

“Nós não estivemos.”

“Vocês irão gostar.” Bato palmas e aceno para o bar. “Que tal um coquetel?”

Os ombros da sra. Wilson caem quando ela solta um suspiro.

“Eu adoraria um. Por favor.”

Luke se apresenta enquanto eu agito mais duas Olívias. Ele é encantador como o inferno, e flerta descaradamente com a mãe de Olivia. Quando eu lhe entrego um coquetel, seu rosto está vermelho e seus olhos estão dançando.

“As pessoas com certeza são amigáveis aqui, não são?” Ela diz antes de tomar um gole. Ela bate nos lábios. “Uau. Isso é...”

“*Forte.*” diz Wilson.

“Delicioso.” Acrescenta ela, sorrindo enquanto toma outro gole.

“Vocês tenham cuidado.” Luke avisa de brincadeira. “O chef Elijah Jackson é famoso por seus coquetéis mortais.”

“Entre outras coisas.” Eu digo com um sorriso malicioso.

Outros convidados começam a aparecer. Há Julia, a amiga de Olivia da pós-graduação e minha vizinha. Ela me envolve em um abraço apertado e dá um beijo na minha bochecha.

“Obrigada.” Diz ela. “Por fazer nossa garota tão feliz.”

“Obrigado por ser uma boa amiga para ela.” Eu respondo.
“Ela ama você.”

“Ela *te* ama.”

Eu sorrio, apertando Julia antes que ela dê um passo para trás.

“Eu sou um sortudo, eu sei.”

Ela me olha com um olhar fixo.

“Você a machuca, e eu machucarei você. Entendeu?”

“Entendi.” Eu digo com um aceno rápido. “Aprendi minha lição da primeira vez.”

“É o que eu gosto de ouvir.” diz ela, dando um tapinha no meu peito. Seu olhar corta por cima do meu ombro para o bar.
“O que vocês estão fazendo aí atrás?”

“Bourbon.” Eu digo.

Julia assente.

“Não se importe se eu fizer.”

Louise e sua namorada Mabel chegam em seguida,
seguidas por Kathryn Score, uma das amigas mais próximas de

Olivia. Todo o Charleston Writer's Club chega junto, cheirando a gim. Aproximadamente metade dos professores do College of Charleston vem a seguir. Naomi entra com Sergio. Maria sai da cozinha para dizer olá.

Está começando a ficar barulhento dentro do restaurante. Música está tocando. Cheiros bons estão saindo da cozinha. Agitadores estão indo para o bar.

Quando Olivia finalmente passa pela porta de braços dados com minha irmã, acho que meu coração vai explodir de muita felicidade. Seu rosto se ilumina e Gracie ri quando Olivia a puxa para perto, claramente impressionada com a participação.

Seus olhos prendem nos meus. Ela sorri.

“Ei, querido.” Diz ela.

Eu vou até ela e a tomo em meus braços. Eu sei que toda a sala está nos observando, mas eu não dou a mínima. Inclino-me e planto um beijo gordo e suculento em seus lábios. Nossos amigos explodem em aplausos e assobios altos e lascivos. Olivia ri contra a minha boca, passando os braços em volta do meu pescoço. Eu me afasto para ver que seus olhos estão molhados.

“Lágrimas felizes.” Ela explica. “Você me faz tão feliz, Eli.”

“Eu te amo.” Eu digo, afastando uma lágrima. “Feliz aniversário, docinho.”

Olivia sorri para mim. Meu pulso soluça. Mesmo agora, quase um ano desde que nos conhecemos, eu ainda sinto borboletas quando ela entra em uma sala. Essa garota abriu meu mundo. Acho que sempre ficarei admirado por ter tido a sorte de encontrá-la.

Que tivemos a sorte de nos encontrar.

“Você não precisava fazer tudo isso.” Diz ela, olhando ao redor da sala. “Está espetacular.”

“Eu queria fazer isso.” Eu respondo. “Eu não sei se você já ouviu falar, mas eu meio que gosto de cozinhar, e eu realmente gosto dos seus amigos, então... sim. Achei que eu combinaria os dois e faria uma pequena festinha.”

Olivia arqueia uma sobrancelha.

“Pequena? Eli, tem umas trinta pessoas aqui.”

“Trinta e seis para ser exato.” Dou de ombros quando seus olhos se arregalam. “Não me culpe. Você é a borboleta social.”

Seus olhos procuram os meus.

“Obrigada. Eu quero dizer isso.”

“Não me agradeça ainda.” Eu digo. “Convidei seus pais.”

Os olhos de Olivia ficam arregalados.

“Você fez o que?”

“Eles estão no bar.” Eu agarro sua mão. “Vamos dizer olá.”

Ela falou muito sobre como seus pais estão lentamente voltando ao fato de que ela se mudou para o outro lado do país para escrever romance. Ela também falou sobre querer convidá-los para que ela possa mostrá-los pela cidade pela qual se apaixonou. Ela chegou a ir a alguns encontros com eles. Eu nunca os teria convidado se soubesse que ela não estava pronta para visitá-los. Imaginei, que melhor hora do que o aniversário da Olivia? Eu sei que ela sente falta deles.

Caso em questão: ela começa a chorar de novo quando a mãe a abraça e a mantém lá.

“Não sei o *que* eles colocam nessas bebidas.” Diz a Sra. Wilson. “Mas eu amo isto. *Amo*, Olivia. Eu já tive três. Eu te amo. E eu amo essa cidade! E o que quer que esteja neste coquetel, eu também amo isso. Mas eu te amo mais.”

Eu olho para o Sr. Wilson. Ele encolhe os ombros em concordância, depois levanta a mão para pedir outro coquetel.

Há um puxão na minha manga. Eu me viro para ver Gracie no meu cotovelo, coquetel na mão, um sorriso nos lábios. Minha irmã sempre foi uma garota bonita, mas hoje à noite ela está radiante. Ela também está bem vestida. Nada incomum para Gracie. Mas combinado com o sorriso e o brilho, isso me faz tomar nota.

O que me faz pensar que alguém está anotando. Alguém nesta sala.

“Você está linda.” Eu digo, dando-lhe um abraço.

Ela está sem fôlego quando responde.

“Obrigada.”

Eu vejo algo saindo da gola do vestido dela. Quando olho um pouco mais para perto, pisco de surpresa.

“Gracie.” Eu digo, acenando com a cabeça para o pescoço dela. “Isso é um *chupão*?”

A mão dela bate no local ofensivo.

“Talvez seja. E daí?”

Eu levanto minhas mãos em falsa rendição.

“Não é grande coisa. Eu nunca vi Nicholas... er, fazer algo assim.”

Grace toma um gole de sua bebida e desvia o olhar. Assim como Luke fez quando perguntei sobre sua vida amorosa.

Hã.

“Não foi Nicholas.”

“O quê?” Eu pisco. “Então quem te deu?”

“Deu a ela o que?”

Começo com a aparição repentina de Luke. Ele está parado em frente a Gracie, cerveja na mão, a outra enfiada no bolso da frente da calça jeans escura.

“Não é da sua conta.” Eu digo.

“Ei, Luke.” Diz Gracie. Há quase algo um pouco... tímido em sua saudação.

Tímido e conhecedor.

Os olhos de Luke escurecem quando caem em seu rosto.

“Ei, Gracie. Você parece maravilhosa, como sempre.”

“Você não parece tão ruim assim, bonito.” Diz ela, e dá um passo à frente para abraçá-lo.

Eu assisto a coisa toda acontecer, congelado no local: Gracie subindo na ponta dos pés. Os braços de Luke envolvendo sua cintura e puxando-a contra ele. Guiando o corpo dela para o dele como ele fez antes. Por meio segundo, o nariz dele roça o pescoço dela, exatamente onde está o chupão, e ele respira, fechando os olhos.

Gracie o segura por um tempo demais. Quando ela se afasta, ela tem aquelas estrelas nos olhos novamente. Luke parece que quer arrancar as roupas dela. O rosto dele é macio e duro ao mesmo tempo quando a mão dela desce pelo lado dele para descansar no quadril dele.

Ah não.

Não, não, não, *não*.

Eu conheço esse olhar. Aquele que Gracie e Luke estão atualmente trocando.

Eu sei, porque é o tipo de olhar que eu só dei a uma garota. Minha eterna garota. Olivia.

A garota pela qual estou desesperadamente apaixonado.

Gracie e Luke estão apaixonados.

Ou, pelo menos, eles estão interessados.

Que porra é essa? Eu pensei que Gracie estava feliz namorando Nicholas. E Luke está namorando, bem, todo mundo. Eu disse a ele para ficar longe dela.

Mas antes que eu possa descobrir o que diabos está acontecendo, Kip me dá um tapinha no ombro e me diz que é hora de fazer um brinde. Os garçons estão entregando taças de champanhe aos convidados. Pego uma e faço o meu caminho para ficar em frente à cozinha. As pessoas se aglomeram ao meu redor. Olivia passa pela multidão, seus pais logo atrás dela. Eles estão não muito longe de mim.

Tirando um pedaço de papel dobrado do bolso, limpo a garganta. A sala fica quieta.

“Obrigado por terem vindo.” Eu começo. “Olivia e eu consideramos cada um de vocês parte de nossa família, e agradecemos todo o apoio e amor que vocês nos mostraram ao longo do ano passado. Como muitos de vocês sabem, eu estava em um lugar muito ruim quando Olivia entrou na minha vida. Meu restaurante estava fechando e eu estava me sentindo realmente perdido. Mal sabia eu que conhecê-la, conversar com

ela, ler seu trabalho, tornando-nos amigos, foi o começo do meu felizes para sempre. Passar pelas coisas ruins foi... Jesus, foi realmente uma merda.” Com isso a multidão ri.

“Mas passar por isso me fez um homem melhor. O tipo de homem que espero que mereça uma garota como Olivia.” Olho para ela. “Consegui passar pelas coisas ruins porque você estava esperando por mim do outro lado, querida. Eu estava perdido, mas você me amou de qualquer maneira. Eu fui um idiota, mas você me aceitou de volta de qualquer maneira. Obrigado por me amar como eu sou. Espero fazer um trabalho tão bom quanto amar você.”

Olivia vem me dar um abraço. As pessoas estão aplaudindo. Algumas pessoas estão chorando. Eu também estou.

Desdobro o papel.

“Eu queria compartilhar uma das minhas passagens favoritas do *Meu Inimigo, o Duque* com todos vocês. Eu acho que realmente capta meus sentimentos sobre histórias de amor e felizes para sempre. E é claro que eu sempre adoro mostrar o talento da minha garota.” Limpo a garganta.

-Eu posso ser chamado Gunnar. - Os olhos dele se encontraram com os dela. - E eu posso andar em um cavalo preto

sinistro. Mas não tenho medo de admitir que gosto de uma boa história de amor, assim como você, Cate.

Ela estava olhando para baixo novamente, seus cabelos caindo ao redor do rosto.

-É fácil descartar histórias assim. - respondeu Cate. - Histórias de amor. As pessoas dizem que são bobas. Que são fantasias. Mas acho que as fantasias melhoram a realidade. Torna-a mais suportável, de qualquer maneira. É bom ver como os finais mais felizes surgem dos lugares mais desesperados.

“Olivia, eu estava em um lugar sem esperança quando nos conhecemos. Mas com você, encontrei meu final feliz. Eu te amo muito. Feliz aniversário baby.”

A sala explode em aplausos estrondosos. Olivia está nos meus braços novamente, pressionando beijos desarrumados nos meus lábios, meu queixo, meu nariz.

“Melhor. Discurso. Sempre.” Ela respira no meu ouvido.

“A citação de Gunnar foi demais?” Pergunto.

“Estar pedindo uma rapidinha no banheiro agora é muito?” Ela responde, se afastando para me dar um sorriso malicioso.

Envolvo um braço em volta da cintura dela e começo a puxá-la pelo restaurante.

“De jeito nenhum. Vamos.”

Fim

